A COBERTURA JORNALÍSTICA DA HECATOMBE DE GARANHUNS 1917

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Diagramação
Laysa Souza

Capa
Espedito Dias

Revisão
Do Autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica

Guimarães, Arthur Porto Reis
G963c A cobertura jornalística da hecatombe de Garanhuns 1917. / Arthur Porto Reis Guimarães. – Olinda: Livro Rápido, 2017.

418 p. : il.

Contém bibliografia p. 413 – 417 (bibliografia localizada)
ISBN
978-5707-503-0

1. Hecatombe de Garanhuns – 1917. 2. Hecatombe de Garanhuns - História. 3. Garanhuns (PE). 4. Forças políticas – Garanhuns. I. Título.

908(81) CDU (2007)

Fabiana Belo - CRB-4/1463

Livro Rápido Editora – Elógica
Coordenadora editorial: *Maria Oliveira*

Rua Dr. João Tavares de Moura, 57/99 Peixinhos
Olinda – PE CEP: 53230-290
Fone: (81) 2121.5307/ (81) 2121.5313
livrorapido@webelogica.com
www.livrorapido.com

A Glosa

Lendo os jornaes de tres dias, eu e o leitor amigo entabolâmos o seguinte dialogo:

__Felix, que fim levaste, __ Estive doente

E incapaz de escrever e de glosar. __ Sabes o que há de novo? – Certamente:

Assassinios, disturbios... a fartar!

__ Dizem que em Garanhuns... – Ouço falar

Que para ali seguiu um contingente

De tropa de polícia. __ Vi o embarcar,

Hontem, sob o commando de um tenente.

__ Há desordens por lá? – Desordens graves.

__O Enéas embarcou? – Sim, em Belém

No Minas. E o sorteio? __ Encontra entraves

Por parte dos sorteados. __Que mais tem de novo?

__ Meu amigo, é bom que traves a linguagem... Sou discreto. __ fazes bem.

FELIX

Publicado em 16 de janeiro de 1917 no Jornal Pequeno.

Agradecimentos

Primeiramente agradecer a Deus pela inspiração para concluir este trabalho.

Ao amigo e escritor Geraldo Ferraz pelas belíssimas palavras referentes ao livro e seu autor.

Ao amigo Carlos Alberto Lima Fonseca, extraordinário pesquisador, que colaborou com algumas informações preciosas para esse trabalho.

Ao artista plástico Espedito Dias que mais uma vez expressou a sua magnifica arte ao produzir a capa.

A todos os entrevistados que colaboraram para que este livro torna-se uma realidade. Sem a participação deles isso seria impossível.

Aos confrades do Instituto Histórico, Geográfico e Cultural de Garanhuns, parceiros na luta pela memória histórica da nossa Terra de Simôa.

Aos membros da Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe.

A minha família que me apoiou e me incentivou durante todos esses anos de pesquisas.

A quem dedico:

Aos meus avós que partiram deixando imensa saudade.
Aos meus pais José Obede de Lima e Cléa Gonçalves de Lima
A minha irmã Ana Cláudia Gonçalves de Lima.
A todos os meus familiares e amigos.
As vítimas, viúvas e orfãos da Hecatombe de Garanhuns.

Apresentação

O CENTENÁRIO DA HECATOMBE DE GARANHUNS

Ao receber o convite para fazer a apresentação do livro "**A Cobertura Jornalística da Hecatombe de Garanhuns – 1917"** entendi a importância histórica deste momento que antecede a passagem do primeiro centenário daqueles fatídicos acontecimentos, e da necessidade de se fazer uma reflexão crítica, mas necessária, servindo para que as novas gerações possam ter conhecimento do contexto da vida política, social e econômica de Garanhuns e Pernambuco no período estudado.

O autor desta obra historiográfica e sociológica, o Professor Cláudio Gonçalves, além de atuante funcionário da municipalidade, coordenador do nosso Arquivo público Municipal, foi o primeiro presidente e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, instituição contemporânea a nossa gestão, e a qual tenho oferecido todo o apoio possível para realização dos seus nobres objetivos, quais sejam de resgatar e preservar a memória material e imaterial da "Terra de Simôa Gomes".

Lembro ainda, da importante contribuição dada pelo IHGG e pelo Professor Claúdio Gonçalves, quando da recente redescoberta de documentos comprobatórios da data oficial da criação do município, a Carta Régia de 1811, resgatando-se os fundamentos já demonstrados no passado pelo inesquecível Alfredo Leite Cavalcanti, alicerce da pesquisa histórica neste município que em 10 de março passado completou seus 206 anos de criação jurídica, sabendo-se dos seus antecedentes mais antigos ainda e que realçam a grande miscigenação de índios Cariris, negros quilombolas e brancos portugueses e holandeses.

Em relação ao centenário da Hecatombe (1917-2017), percebe-se a meritória iniciativa do IHGG, que junto com a Prefeitura de Garanhuns, Câmara Municipal, Diocese de Garanhuns, Igreja Presbiteriana Central, Câmara de Diregentes Lojistas, PMPE, e famílias das vítimas, formaram a Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe, instituída através do Decreto 095/2015 e da Portaria 472/2016, e que teve o relevante propósito de entender e refletir os fatos que antecederam a Hecatombe, buscando nas causas e consequências daquele trágico evento o entendimento para se buscar na História os fundamentos para se construir a cultura da Paz.

É sob esta ótica que o Professor Claúdio Gonçalves sintetiza de forma eficiente e sensível, todos os fatos publicados nos jornais pernambucanos da época, sem deixar de acrescentar sua vasta pesquisa, e muitas informações ainda inéditas na historiografia dos acontecimentos. **"A Cobertura Jornalística da Hecatombe de Garanhuns – 1917"**, longe de ser apenas mais um livro de memórias, é uma obra que colaborará de maneira marcante, para que as cicatrizes e marcas dolorosas que ficaram em nossa sociedade, sejam definitivamente saradas.

Mais do que uma briga política, advinda das forças políticas então dominantes no Estado, onde ex-deputados estaduais, ex-prefeitos, conselheiros municipais e até o prefeito eleito, foram barbaramente mortos, a Hecatombe constitui-se em um grande trauma social, que impactou a vida do Município nas décadas seguintes, provocando êxodo de famílias inteiras, determinando até o afastamento de muitas lideranças do meio político-partidário. Esta obra colabora de forma inequívoca para delinear-se o que aconteceu e que não deve jamais acontecer em lugar nenhum do nosso País.

Consciente da responsabilidade de apresentar esta obra, ao mesmo tempo em que exerço o honroso cargo de Prefeito de Garanhuns, me uno aos que faziram a Comissão do Memorial do

Centenário da Hecatombe, e aos determinados membros do Instituto Histórico e Geográfico, para que os garanhuenses possam ter a oportunidade de saber o que aconteceu há cem anos, sem acusações e setenças, mas com respeito e sensibilidade.

Faço referência a um recente artigo que li na Revista de História Muncipal (nº 11/Dezembro de 2015), que transcreve um trecho do Diário de Garanhuns de 18/08/1935: "A Hecatombe de Garanhuns foi o epílogo de uma longa crise política... Assinalou, também, o início de um período de prosperidade para a cidade... de sorte que o povo, quando quer referir-se a este período áureo que temos vivido, costuma dizer: Depois da Hecatombe... os garanhuenses souberam superar o trauma da violência acontecida, e seguir o seu caminho de Ad Altiora Tendere, tender ás alturas".

Izaías Régis Neto

Nascido em Terezinha–PE é Cidadão Honorário de Garanhuns.
Prefeito do Município de Garanhuns (2013-2016/ 2017-2020),
Deputado Estadual (legislaturas 2003-2006, 2007-2010 e 2011-2012).
Comerciante, foi Presidente da Câmara de Diretores Lojistas – CDL e da
Associação Comercial e Industrial de Garanhuns.

Prefácio

PROFESSOR CLÁUDIO GONÇALVES E O "SUCESSOS DE GARANHUNS"! ...

... Este seria um título justo a esta profícua e instigadora obra historiográfica, a quem tenho a honra de prefaciar. Conheci o autor durante a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, o tão querido IHGG, do qual veio a ser o primeiro presidente. A preocupação pelo patrimônio histórico, material e imaterial, da nossa pátria "mochileira", nos unia como a amálgama dos que acreditam na história como fonte enriquecedora da cultura e da vida das nações e das pessoas que as constroem.

Neste período fértil de pesquisas, debates e colóquios, ricos de descobertas, vimos o faro apurado de pesquisador fazer o Prof. Cláudio Gonçalves resgatar a importante Carta Régia de 10 de março de 1811, instrumento criador do município de Garanhuns. Resgatando-a da Torre do Tombo de Lisboa, ele fazia justiça ao historiador-mor: Alfredo Leite Cavalcante, e corrigia a distorção na data magna da "Terra de Simoa", erro reparado graças ao empenho do IHGG e das autoridades municipais contemporâneas.

Antes de discorrer sobre "**A Cobertura Jornalística da Hecatombe de Garanhuns - 1917**" me reporto aos livros iniciais de Cláudio Gonçalves, obras de leitura prazerosa: "Os Sitiados – A Hecatombe de Garanhuns" de 2009, romance histórico fascinante; e "República", de 2012, obra ficcional, mas com os fundamentos do coronelismo típico do Nordeste agrário do início do século XX.

No autor encontramos a característica crítica e analítica, inerente aos discípulos da escola dos Annales, que influencia até hoje a historiografia, nesse contexto, um dos seus fundadores, Marc Bloch, afirma: "A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente" (Apologia da História, Marc Bloch, p.65).

Diante da aproximação do centenário dos fatídicos acontecimentos de janeiro de 1917, nós, os seus confrades do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, passamos a cobrar, quase que sistematicamente, a realização de uma obra estritamente historiográfica, para fixar como memorial de toda pesquisa por ele realizada nos últimos 17 anos, para que as dúvidas, e mitos daqueles (in) sucessos, usando a linguagem jornalística da época, sejam finalmente entendidos à luz da ciência histórica.

E justamente nas fontes da imprensa do início do século XX, que Cláudio Gonçalves realiza com perícia a sua pesquisa, através do Jornal Pequeno, Diário de Pernambuco, Jornal do Recife e A Província, que forneceram as ricas informações desde o assassinato do Coronel Júlio Brasileiro até o julgamento dos imputados como réus naquele complexo processo judicial, e ainda trazendo notícias inéditas das suas entrevistas e obtenção de documentos históricos ainda desconhecidos.

Entre estes fatos inéditos, ou ao menos esquecidos ou subentendidos, surpreendeu-me a lista, informada por Sales Vila Nova, das pessoas marcadas para serem, agredidas por serem "Jardinistas", nela encontrei o nome do meu trisavô, o português Albino Costa, cafeicultor em Brejão de Santa Cruz, onde chegara em 1901, amigo do Capitão Américo Ferreira de Melo, inimigo ferrenho do Cel. Júlio Brasileiro.

A minha ignorância dessa informação tem tudo a ver com o silêncio inexorável que as famílias garanhuenses mantiveram

por todo este tempo. **Hecatombe** era assunto tabu, daí nunca ter escutado do meu bisavô Antônio Moreira da Costa, e do meu avô Manoel Moreira da Costa, desta ameaça quase material do nosso ancestral comum, escape pela "lista" ter sido executada só até o primeiro nome: o falante e polêmico Sales Vila Nova.

Em um dos seus livros, "O Meu Pequeno Mundo", uma autobiografia de sua infância, nosso conterrâneo e membro da Academia Brasileira de Letras, Luís Jardim, filho e sobrinho de vítimas da hecatombe, mostra o seu sentimento, que o levou a um silêncio traumático... "É pena. Aquele menino finou. À meia-noite do dia 14 de janeiro de 1917 (era domingo), aquele menino finou, com a idade de quinze anos, um mês e seis dias...não posso contar a história, nem mesmo lembranças esparsas. Acabaram-se. Houve dois fins".

É nesse universo de segredos, mitos, mistérios, fofocas, mas ainda de rancores, mágoas e ressentimentos, que está assentado este tema doloroso e incômodo de certa forma. E o autor ajuda-nos a enfrentar o incômodo do tema. As mágoas embutidas, o disse me disse de décadas enigmáticas, sobre esse momento falou também o Mons. Adelmar da Mota Valença, testemunha dos fatos, em programa radiofônico na Difusora de Garanhuns, em 1974, quando na sua crônica lembra que àquela data "traz triste recordação, nunca pude apagar aquela impressão que me ficou n`alma da criança que eu era, do barulho dos tiros, da agitação e do clamor daquele dia".

Vem à tona, portanto, a sensibilidade do Prof. Cláudio Gonçalves, de caminhar mais uma vez pelos trilhos da dita hecatombe, já romanceada por ele, e já historiada pelo Prof. Mário Márcio de A. Santos, em "Anatomia de uma Tragédia - A Hecatombe de Garanhuns", obra com base no processo judicial, e fonte importante para todos pesquisadores. Agora, com este novo livro, Cláudio Gonçalves sintetiza os fatos, corrige as distorções e incoerências, nos oferecendo um texto riquíssimo de

informações, levando-nos a uma sensação quase "déjà-vu" de estarmos acompanhando a tragédia em tempo real.

Quanto ao termo **hecatombe**, palavra de origem grega que etimologicamente significa sacrifício de muitas vidas, é usado logo nos primeiros relatos dos acontecimentos de janeiro de 1917, especialmente pelo jornalista Oscar Mello, único representante da imprensa recifense em Garanhuns, seguindo ainda no dia 15 no trem que levou o primeiro reforço policial.

Navegando pela rede social criada pelo autor a partir das narrativas jornalísticas e depoimentos de testemunhas, deparamos com pérolas de expressões que sintetizam por demais àquele momento tão violento e cruel de nossa história. Leia-se o que o Jornal do Recife (17/01/1917) descreve: "**Nada mais triste, nada mais trágico do que Garanhuns, o prospero município de Pernambuco, a arder nos estampidos dos rifles, e a se barbarizar nas cannibalescas scenas que ali se desenrolaram**".

De tudo que se comentou nestes cem anos, ficam dirimidas as dúvidas sobre a inocência do Cônego Benigno Lyra, homem caridoso e desprendido, que como inocente útil não foi ouvido no seu clamoroso apelo por paz, como se deduz no relato da testemunha dos fatos, o Sr. José Leal, que afirma que o mesmo queria trazer os presos para casa paroquial, sem obter o apoio do Tenente Meira Lima, já premeditando o inditoso crime prestes a ocorrer.

À medida que percorre-se o texto, diminui-se a coragem em continuar a leitura, pois mesmo sendo uma narrativa histórica, científica portanto, ainda há toda proximidade com as famílias, com os locais. Basta andar pelas ruas e praças da nossa Garanhuns, para encontrarmos descendentes dos protagonistas daquela tragédia.

Na descrição fria do Juiz Abreu e Lima, chegando ao Recife: "Nada, não houve nada, apenas um barulhozinho sem

importância. A cidade agora está calma", vemos a que ponto pode chegar o cinismo humano. Prof. Cláudio Gonçalves sem dúvidas, transforma o seu livro em uma obra de estudo da psique humana, das fraquezas e virtudes dos personagens.

Outro aspecto forte em "**A Cobertura Jornalística da Hecatombe de Garanhuns - 1917**" é o de resgatar nomes esquecidos e injustiçados até, como o do Tenente Teóphanes Torres, que chegando no momento mais crítico, infelizmente logo após a chacina (meia-hora depois!), conseguiu colocar ordem na cidade e agir como verdadeiro representante da Lei e do Governo. Evitando ainda a reação que poderia vir de Brejão (Capitão Américo) ou de Águas Belas (Coronel José Lourenço). Outra personagem é o Sargento Pedro Malta, corajoso e denodado, foi para Cadeia defender os encurralados reféns do ardil insidioso, mesmo sem ter obrigação direta.

A sensibilidade e intuição do autor nos dá o privilégio de sabermos que mesmo ferido e preso, o Dr. Borba Júnior atende a uma criança na Cadeia, naquela que seria sua última consulta. O conflito entre o humanismo e o zelo profissional de um jovem médico, e a angústia profunda pelo qual passava como um condenado a morte, sendo inocente, emerge das páginas como um triste final de uma ópera, ou com a dramaticidade de "Crônica de uma Morte Anunciada" de Gabriel García Márquez.

Outros fatos, alguns pitorescos, são resgatados: o abandono dos telégrafos da Great Western e da Nacional, pois os telegrafistas acreditavam que centenas de jagunços estavam vindo de Águas Belas para vingar Sátiro Ivo! A presença determinante do vírus da Influenza, a Gripe Espanhola, no período do julgamento dois imputados pelos crimes da hecatombe de Garanhuns.

Uma das revelações surpreendentes da obra e que demonstra a insistência de Cláudio Gonçalves em suas pesquisas é o achado de documentos históricos de Ana Duperron Brasileiro,

sua descendência, seu casamento com Júlio Brasileiro e o local do seu falecimento, descobertas até então não publicadas por outros pesquisadores e escritores.

A metodologia adotada pelo autor, fazendo a transcrição dos jornais da época, mas associando a sua interpretação e dados obtidos da sua pesquisa extensa, oferece o interessante "**Por trás do Mundo das Notícias**", síntese e reflexão dos bastidores, fatos e mitos, dos autos do processo, e do que ele conseguiu junto às famílias dos personagens daquela página centenária da Terra dos Garanhus.

Resta aos que se detiveram neste prefácio correrem os olhos para mergulharem na instigante leitura deste livro que aumenta a dívida de todos os garanhuenses com esse intelectual coerente e honesto, que é o prof. Cláudio Gonçalves de Lima, que soube extrair das notícias e documentos aquilo que precisamos saber desse momento histórico, pois segundo M. Bloch o mais claro dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo, e isso foi realizado com muita competência e discernimento pelo nosso historiador. Finalizo, lembrando o grande medievalista Jacques Le Goff, quando refere-se à outra obra – este livro é um ato completo de história.

Audálio Ramos Machado Filho
Garanhuense, Economista, Pós-graduado em Gestão Pública, Pesquisador. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns. Vereador à Câmara Municipal de Garanhuns.

Sumário:

CAPITULO I

A Cobertura Jornalista da Hecatombe de Garanhuns

Jardinismo X Julismo

O assassinato do Coronel Júlio Brasileiro no Café Chile na Praça da Independência em Recife em 14 de janeiro de 1917 estampou as primeiras páginas dos principais jornais da Capital Pernambucana, fato que em seus desdobramentos culminou com uma das maiores tragédias por questões políticas que se teve notícia no país, e que foi noticiada como os sucessos de Garanhuns, mas que ficou conhecida historicamente como a Hecatombe de Garanhuns ou popularmente chamada de a Hecatombe de dezessete.

Júlio Eutímio da Silva Brasileiro, personagem que ocupará as primeiras páginas dos jornais do Recife em 1917, nasceu em Garanhuns em 30 de outubro de 1867, era o nono filho do casal de Antônio Cesário da Silva Brasileiro e Maria Pinheiro da Silva Brasileiro, sendo seus irmãos: Antônio Cesário, Leopoldina, Maria Leonila, Guilhermina, faleceu com dois anos de idade, Manoel, César, Jacinta, Emília, Idalina, Olindina e Hermínia.

Antônio Cesário Brasileiro era um próspero comerciante, herdara a profissão do pai Manoel Joaquim da Silva Brasileiro, os quais de acordo com o Jornal A Província de 20 de julho de 1861 em nota da Secretaria do Tribunal do Comércio de Pernambuco eram sócios de estabelecimento no município de Garanhuns. Antônio Cesário Brasileiro em 1860 foi eleito vereador da Freguesia de Garanhuns, em 10 de março de 1862 é nomeado pelo presidente da Província subdelegado do 1º distrito da Freguesia de Garanhuns, na epóca Correntes. Ocupou a partir de

12 de janeiro de 1887 interinamente o comando Superior da Comarca de Garanhuns.

Após a morte de sua esposa em 1885, Antônio Cesário Brasileiro casou-se com Mariana da Silva Brasileiro, resultando a seguinte prole: Eutíquio, Jesualdo, Dumouriez, Maria Palmeirina e Leopoldina.

Antônio Cesário da Silva Brasileiro em meados 1888 vai residir em Palmares, onde faleceu aos 80 anos em 01 de junho de 1909, ocupando o cargo de tesoureiro do município.

Enquanto Antônio Cesário Brasileiro se dedicou a atividade comercial e ocupou cargos públicos e oficiais, o filho Júlio Brasileiro continuou atuando na atividade comercial, mas foram seus investimentos no plantio de café nas terras de Brejão onde era proprietário das fazendas Brasileiro e Água Branca, que o projetou com um dos maiores cafeicultores de Pernambuco.

A Ascenção econômica o aproximou da ala política dominante de Garanhuns, os Jardins, por um breve período, sendo eleito em 1895 com 209 votos para o Conselho Municipal, depois passando a ala dissidente liderada pelo Coronel Antônio de Morais Campelo. Em 24 de dezembro de 1902 tomou posse e recebeu a patente de Tenente-Coronel do 112º Batalhão pertencente a 38ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional do município de Garanhuns.

Em 01 de setembro de 1904, em plena campanha para o cargo de prefeito, o Coronel Júlio Brasileiro agora oposicionista a política Jardim, sofreu um atentado, conseguindo escapar de um tiro quando estava à noite no quintal de sua residência, os companheiros de partido, Belarmino Dourado e Ventura Correia, acusaram como mandante da emboscada o Juíz Luiz Afonso de Oliveira Jardim, motivada pelas inúmeras publicações nos jornais da Capital pelos seus opositores. Belarmino Dourado e Ventura Correia recorreram ao Chefe de Polícia e ao Governador Sigismundo Gonçalves, pedindo garantias de vida. Sem provas

contundentes contra o Chefe Político Jardinista, o caso foi perdendo força, e a situação explorou o fato para acusar a oposição de ter promovido uma farça.

Foi no final do governo do Major Antônio da Silva Souto, 1895, que a ala politica dominante passou ao comando do Dr. Luiz Afonso de Oliveira Jardim, juiz de direito do município, tendo início o Jardinismo em Garanhuns, período que será marcado pela sucessão de prefeitos desse grupo politico, entre eles: Manuel Antônio de Azevedo Jardim, prefeito no período de 1895 a 1898 e 1901 a 1904, Capitão Júlio Tavares de Miranda , Conselheiro Municipal em 1895, Francisco Veloso da Silveira prefeito também em dois mandatos, 1898 a 1901 e 1904 a 1907, Antônio Isaac de Macedo eleito em 1910, mais que renunciou ao cargo pouco depois de ter assumido, havendo eleições em 22 de março de 1911, sendo eleito Argemiro Tavares de Miranda que governou de 1911 á 10 de fevereiro de 1912, data da sua renúncia.

Com a morte do Dr. Luiz Afonso de Oliveira Jardim, em 12 de junho de 1905, o seu irmão Manuel Antônio de Azevedo Jardim torna-se o herdeiro politico e chefe do município, sofrendo uma derrota política nas eleições de 1907 quando o Coronel Antônio de Morais Campelo consegue eleger para prefeito Manoel Clemente da Costa Santos, mas o domínio Jardinista é retomado com o triunfo nas eleições de 1910.

O Jardinismo em Garanhuns ilustra um período da historiografia brasileira, a República das Oligarquias Agrárias, onde o domínio politico concentrava-se nas mãos dos cafeicultores, essas oligarquias se fortaleciam com a aliança entre governo federal, estadual e municipal, numa troca de favores e controle dos chamados currais eleitorais. O coronelismo em Garanhuns não se caracterizou por um coronelismo extritamente ruralista, os seus representantes estavam economicamente ligados ao plantio de café e algodão, mas também a atividade comercial. Eram apreciadores e partícipes de agremiações

literárias e musicais, jornais, teatro e cinema. Consumidores da cultura inglesa e francesa, em plena opulência da Belle Époque.

Mas, como fora análogo durante a República Velha, os grupos políticos que disputavam o poder, à proporção que uma oligarquia se fortalecia e assumia o domínio politico na esfera federal ou estadual, os partidários daquela oligarquia reinante, tornavam-se os mandatários ou chefes políticos dos municípios, poder mantindo pela força da aliança politica e das armas, representadas nas figuras dos homens de confiança, ou simplesmente os jangunços e capangas.

A vitória de Hermes da Fonseca para presidente da República tendo como marca do seu governo a Política das Salvações, que objetivava destituir as oligarquias locais, em Pernambuco provoca através de um golpe a queda do Senador Rosa e Silva e a ascensão do General Dantas Barreto, sobrevindo à queda do domínio político dos Jardins em Garanhuns, partidários do Rosismo, e consequentemente ascensão do Coronel Júlio Brasileiro, o mandioqueiro, partidário do Dantismo, que assume a chefia política de Garanhuns, após vencer as eleições para o preenchimento do cargo de prefeito em 30 de março de 1912, após a renúncia de Argemiro Miranda, tomando posse em 22 de maio de 1912. Júlio Brasileiro na disputa contra o oposicionista Coronel Hemetério Pinto da Silva Souto é apoiado pelo General Dantas Barreto, Antônio Souto Filho, figura de destaque na politica estadual e então Chefe de Gabinete do Governador do Estado e Antônio Isaac de Macedo que havia traído os Jardinistas em carta publicada em 04 de novembro de 1911 no Jornal A Província declarando voto para o General Dantas Barreto para Governador do Estado. Divulgados os resultados da eleição Coronel Júlio Brasileiro obtém 1.128 votos contra 331 votos do seu adversário. Começava o domínio politico de uma nova ala política em Garanhuns, o Julismo. Muito se deve a renúncia de Argemiro Miranda em fevereiro de 1912 a

manobras e perseguições políticas de bastidores do governo Dantistas. Um fato que ilustra a perseguição aos Rosistas, ocorre na vitória de Dantas Barreto, quando os seus partidiários iniciam uma perseguição aos Rosistas na Capital, provocando o abandono da Assembleia Legislativa por vários deputados aliados a Rosa e Silva, entre eles o Coronel Manoel Jardim.

Em seus mandatos de Prefeito e Deputado Estadual, o Coronel Júlio Brasileiro, deu início à arborização da cidade, o processo de eletrificação e água encanada, inaugurou duas estradas de rodagem partindo de Garanhuns, terminando uma em Correntes e a outra em Águas Belas, com o apoio federal criou o Campo de Lavoura Seca e implantou o segundo telégrafo de Garanhuns, localizado na Avenida Santo Antônio. Ao tomar posse do cargo de prefeito em 1912, renunciou os ordenados.

Nesse novo cenário da política de Garanhuns, os Julistas elegem Antônio Souto Filho Deputado Estadual para o triênio 1913 á 1915. Coronel Júlio Brasileiro Conselheiro Municipal em 1913 e Deputado do Congresso Legislativo do Estado em 15 de dezembro de 1915 com 11.223 votos.

Em 1916 Pernambuco apresentava um novo cenário político, o Governador Manuel Antônio Pereira Borba havia rompido com Dantas Barreto, existindo uma divisão no Partido Republicano Democrata.

Em Garanhuns também havia uma cisão do situacionismo, o Coronel Francisco Vieira dos Santos, prefeito eleito em 1913 com o apoio do Coronel Júlio Brasileiro se afastara da ala Julista fazendo oposição ao chefe político.

As eleições para o governo municipal estavam marcadas para 10 de julho de 1916 e nesse momento de rompimento político estadual e municipal, a oposição representada pelos Jardins decidem apoiar na disputa local para prefeito os doutores José da Rocha Carvalho, natural de Piassabissú, Alagoas, e o Baiano Antônio Borba Junior para subprefeito. Júlio Brasileiro,

então deputado estadual, na eminência de uma derrota eleitoral, resolve se lançar candidato a prefeito, tendo como subprefeito o Capitão Tomaz da Silva Maia.

A campanha para prefeito ganha um personagem, o Capitão Francisco Sales Vila Nova, natural de Bonito, á época com 45 anos. Através de notas pagas nos jornais da Capital ele denunciava os excessos de violências e ameaças por parte de Eutíquio Brasileiro, irmão de Júlio Brasileiro, dos sobrinhos Álvaro Viana, Alfredo Viana, Antônio Rosa Filho, também subdelegado, Fausto Galo, secretário da prefeitura e jagunços ligados à família Brasileiro. Sales Vila Nova costumava usa o pseudônimo "uma Testemunha" e se referia a Júlio Brasileiro e familiares com os títulos de Rei da Terra, a família Imperial e o sultão do Brejão.

Eutíquio Brasileiro, após a morte do seu pai Antônio Cesário Brasileiro, ficou morando com o seu cunhado Leopoldo Lins e sua irmã Hermínia Brasileiro, devido às várias confussões que se envolveu em Palmares foi trazido para Garanhuns para ficar sob os cuidados do irmão Júlio Brasileiro, que o nomeou para o cargo de subdelegado.

As denúncias do Capitão Sales Vila Nova provocava a ira dos parentes de Júlio Brasileiro, principalmente ao revelar que cruzes negras seriam colocadas nas casas dos adversários políticos e que uma lista negra estava sendo preparada com os nomes dos adversários políticos que após a vitória de Júlio Brasileiro seriam surrados a cipó-de-boi numa sessão de três carrascos para cada um.

A campanha eleitoral transcorria nesse clima e algumas casas dos adversários políticos dos Julistas são emporcalhadas com fezes humanas, entre elas, a do Conselheiro Municipal eleito em 1913, Major Sátiro Ivo, como ocorrerá com Coronel Hemetério Souto na campanha de 1912.

Os adversários do Coronel Júlio Brasileiro em plena campanha passaram a cobrar seu posicionamento em relação ao governo estadual, visto que, havia um rompimento entre Manoel Borba e Dantas Barreto, e o chefe político não se pronunciava de que lado estava. Coronel Júlio Brasileiro conseguiu agradar a Borbistas e Dantistas, mantendo o apoio das duas forças políticas.

Em 10 de julho de 1916 ocorrem às eleições, e o resultado das urnas deu a vitória ao P.R.D. do Coronel Júlio Brasileiro, que obteve 1.114 votos, enquanto o P.R.C. do Doutor Rocha Carvalho obteve 428 votos. No dia da eleição, chegaram a Garanhuns os eleitores dos povoados de Brejão e São João, todos a cavalo, formando um cortejo de aproximadamente 500 eleitores, empunhando um deles o pavilhão nacional. Os cavaleiros percorreram as principais ruas da cidade dando vivas a Júlio Brasileiro. Antes e depois da apuração, a ala Jardinista era provocada com músicas cantantas pelos correligionários do Coronel Júlio Brasileiro: "Que diabo é isso! Coronel Júlio é mesmo invencível". Capitão Sales Vila Nova não foi poupado dos insultos, além de agredido verbalmente, músicas com palavras de baixo calão criadas pelos partidários de Júlio Brasileiro eram cantadas para denegrir a sua imagem.

Apesar das comemorações que ocorreram á noite na residência do Coronel Júlio Brasileiro, onde o chefe político, rodeado pela elite social, comemorou a vitória até ao amanhecer, dias depois a eleição foi anulada, pois de acordo com a lei eleitoral o Coronel Júlio Brasileiro era inelegível, pois o seu mandato de deputado estadual só terminaria em novembro de 1917. O que lhe impediria de concorrer ao cargo de prefeito. As denuncias de títulos eleitorais duplicados, atas e mapas eleitorais alterados também contribuíram para a anulação do pleito. Mediante os protestos dos Tubibas, como era chamada a oposição, o Governador Manuel Antônio Pereira Borba acabou encontrando um estratagema politico para agradar os antagônicos, marcar

uma nova eleição para prefeito em sete de janeiro de 1917 e transparecer aos opositores uma posição de imparcialidade. Doutor Rocha Carvalho diante da resolução governamental absteve-se de disputar as novas eleições. Como a eleição para prefeito foi anulada, o Capitão Thomaz da Silva Maia que havia sido eleito subprefeito na eleição de julho de 1916, é nomeado para assumir o cargo de Prefeito em Exercício de Garanhuns em 15 de novembro de 1916, cargo que permaneceria até a posse do novo chefe do Poder Executivo que aconteceria em fevereiro de 1917. O resultado para Conselheiro Municipal é mantida, e o Jardinista Capitão Júlio Tavares de Miranda foi um dos conselheiros eleitos.

Enquanto o Coronel Manuel Antônio de Azevedo Jardim, o Tenente-Coronel Francisco Veloso da Silveira, o Major Sátiro Ivo, os coronéis Júlio e Argemiro Miranda e os doutores Rocha Carvalho e Borba Junior voltaram as suas atividades cotidianas, o Capitão Sales Vila Nova continuou com a campanha jornalística e sua oposição ao abuso de poder de Eutíquio Brasileiro e seus sobrinhos, mesmo sendo compadre de Júlio Brasileiro prossegue ferrenho ao denunciar as arbitrariedades e injustiças, o que lhe rendeu a proibição de exercer a função de rábula e nenhum habeas corpus era aceito pelo juiz de direito Dr. José Pedro de Abreu e Lima e o Tenente-Delegado Antônio de Paula Pimentel Meira Lima.

No dia 16 de dezembro de 1916 o Capitão Sales Vila Nova estava conversando com alguns amigos na Rua do Comércio sobre irregularidades na nova eleição que aconteceria no início de janeiro de 1917, quando o Coronel Júlio Brasileiro passava pelo local e ouviu os comentários, bruscamente o interrompeu segurando-o pelo braço e vociferou:

__ Você é um bandido.

__ Bandido é o senhor. Respondeu o Capitão Sales sem temor.

__ Se você continuar com essas infâmias, eu mando arrebentá-lo de pau. Ameaçou Júlio Brasileiro.

__ Se o senhor fizer isso eu lhe mato.

Os amigos do Capitão Sales Vila Nova conteram os ânimos, evitando que os dois chegassem às vias de fato.

No domingo dia 07 de janeiro de 1917 é realizada a nova eleição, havendo manifestações nas seções eleitorais lideradas pelo Capitão Sales Vila Nova e Francisco Grossi. Os protestos eram contra a validade das eleições e Francisco Grossi com um abaixo assinado tomado por termo em cartório, entregou as mesas eleitorais para que fosse inserido nas atas de eleição, mas os mesários se recusaram a aceitar o documento. Na eleição de 10 de julho funcionaram 10 seções, mas no dia 07 de janeiro foram abertas apenas três seções eleitorais. O abaixo assinado alegava que em virtude da nova Lei Federal Eleitoral nº 3139 instituída em 02 de agosto de 1916, foi estabelecido um novo alistamento, e que quatro meses depois de regulamentada essa lei, ficariam sem vigor os alistamentos eleitorais anteriores, portando, o regulamento só foi aprovado em 06 de setembro de 1916, estando aptos a votar apenas as pessoas que haviam se alistados a partir desta data, havendo também irregularidades quanto à composição das mesas, pois eram compostas pelos mesmos membros da eleição anterior, contrariando a lei, pois as antigas mesas eleitorais haviam sido derrogadas e os eleitores que não haviam se alistados estavam votando com os títulos antigos.

Os partidarios de Júlio Brasileiro incomodados com as manifestações afrontaram os lideres dos protestos com ameaças e xingamentos. Apesar de todo o tumulto a eleição prosseguiu sem mais contestações. Apesar de vitorioso o Coronel Júlio Brasileiro não chegou a tomar posse, por ter sido feita a apuração dos votos em sete de fevereiro, depois dos fatos ocorridos no Café Chile em Recife.

Passados alguns dias da eleição, no dia 12 de janeiro, uma sexta-feira, logo após o encerramento da última sessão do Cine Grossi no qual o Capitão Sales Vila Nova era operador, por volta das 22 horas, quando retornava para sua casa na travessa da Independência, hoje Rua Cabo Cobrinha, Capitão Sales Vila Nova é agarrado e dominado por seis indivíduos mascarados, com as golas das capas levantadas e chapéus com as abas caídas. Impiedosamente foi surrado a bengaladas e cipó-de-boi. Cambaleando e bastante machucado chegou à sua residência, sendo socorrido pela esposa Francisca Primitiva Azevedo, chamada de Prima e sua genitora dona Ana Hortência, carinhosamente chamada de Sianinha que cuidaram dos seus ferimentos.

No dia seguinte, acontecia a feira e o Capitão Sales Vila Nova a percorreu mostrando aos amigos e curiosos às equimoses provocadas pela surra, responsabilizando o Coronel Júlio Brasileiro pela emboscada e Eutíquio, seus sobrinhos e Fausto Galo por terem cumprido as suas ordens.

No domingo, dia 14 de janeiro, Capitão Sales Vila Nova embarcou no primeiro trem com destino a Recife, não prestara queixa ao Tenente Meira Lima, narrando ao Coronel Pedro Paranhos os fatos delituosos ocorridos, depois pediu para que ele lesse os jornais da segunda-feira, para ver o que iria acontecer ao Coronel Júlio Brasileiro, pois iria denunciá-lo ao Dr. Antônio Guimarães, Chefe de Polícia.

Os fatos que aconteceriam na noite de 14 de janeiro no terrasse do Café Chile e as consequências dessa tragédia em plena Praça da Independência estampariam as principais epígrafes dos mais concorridos jornais da Capital Pernambucana e do Brasil, a destacar o Jornal do Commercio do Amazonas, Gazeta de São Paulo e os Jornais do Brasil e Correio da Manhã do Rio de Janeiro, e que numa ordem cronológica apresentaremos a versão jornalística dos fatos, somando aos acontecimentos informações

do relatório dos autos do inquérito sobre a Hecatombe de Garanhuns do Juiz José Francisco Ribeiro Pessoa e do relatório apresentado pelo Desembargador Abdias de Oliveira ao Superior Tribunal de Justiça.

CAPITULO II

Publicações Jornalísticas de 1917

Segunda-feira, 15 de janeiro de 1917.

Jornal Pequeno Jornal do Recife


JORNAL PEQUENO

O assassinato do deputado Julio Brazileiro

Telles Junior


FITANDO O MAR

Sangrenta tragedia

O crime de hontem na praça da Independencia

MODAS

CASA LOUVRE

CORAÇÃO QUE ANCEIA

CASA RIBAS

Jornal Diário de Pernambuco Jornal A Província


TELLES JUNIOR

Assassinato do deputado Julio Brasileiro

ULTIMA HORA


Lamentavel scena de sangue

Barbaro assassinato do deputado Julio Brasileiro

NOTAS SOCIAES

Jornal Pequeno

Por questões politicas o capitão Villa Nova, mata, com quatro tiros o prefeito de Garanhuns.

Como se desenrolou a scena em plena praça da Independencia.

Repercurtiu dolorosamente hontem na sociedade recifense, o assassinato do ilustre coronel Julio Brasileiro, deputado estadual, o prefeito eleito de Garanhuns, onde era chefe politico.

A dolorosa scena de sangue causou a mais profunda impressão a todos quanto tiveram a desdita de assistil-a pelo imprevisto com que occorreu o mais pelas circunstancias de que se revestiu.

Ás 8 e 1/2 da noite de hontem o coronel Julio Brazileiro chegou ao Café Chile, á praça da Independencia, áquella hora com numerosa frequezia.

Ao lado de uma das baquinhas collocadas por aquelle café na praça da Independecia sentou-se o coronel Julio Brazileiro, que pedio ao garçom um sorvete. Nessa occasião aproxima-se delle um cavalheiro, trajando terno de brim, imitação de Kaki, e que parecia bastante alterado.

Chegando em frente ao deputado Julio Brazileiro, o refererido cidadão puxa de um revolver e sem proferir palavra desfecha cinco tiros contra o congressista. Attingido por quatro projectis, sendo que dois na bocca, outro no peito esquerdo e o ultimo no abdomen. O coronel Julio Brazileiro procurou defender valentemente a vida. E assim que se levantou e deu alguns passos, puxando do bolço da calça uma pistola Mauser da qual ainda movimentou o pente. Combalido, porém, pelos ferimentos cada qual mais grave, o infeliz congressista não poude mais agir e cahio pesadamente perto á calçada do Hotel Luzitano para onde seguira em perseguição do seu aggressor.

Banhado em sangue, o coronel Julio Brazileiro poucos momentos teve de vida. Uma alma piedosa collocou-lhe aos ultimos momentos, uma vela na mão.

O assassino perseguido por numerosas pessôas foi preso no Hotel Luzitano pelos agentes Muniz de Almeida, Hermogenes Cordeiro e o sr. dr. Leite Bastos. Apparentava alguma calma. Quando viu, porém, o rumor da multidão que se fizera no local, protestando todos contra a brutalidade do attendado teve receio e pediu garantias de vida. Em seu poder foram apprehendidos o revolver de que se utilisara para o crime e uma faca de ponta.

Quem é o assassino

O assassino é o sr. capitão Francisco Salles Villa Nova e Mello, residente em Garanhuns ha muitos annos. Exercendo diversas profissões, e ultimamente agente geral da Loteria Federal naquela cidade, vivendo maritalmente com uma senhora tem duas filhas moças, immiscuido na politica local, tornara-se adversário politico do coronel Julio Brazileiro.

Na secção paga da imprensa, por varias vezes, escreveu artigos contra a potitica do coronel Julio Brazileiro, em Garanhuns. Apparenta ter mais de 40 annos de idade e é de compleição regular.

Quem era a victima

A victima, conforme se lê acima, foi o coronel Julio Euthymio da Silva Brazileiro, residente ha longos annos em Garanhuns, ali constiuira familia e se dedicava com denodo á cultura do café, possuia talvez a melhor fazenda daquella região, denomina Agua Branca, situada no districto de Brejão. O seu importante cafezal é calculado em um milhão de pés. Maior de 40 annos de idade, casado com a excma. sra. Anna Duperron, deixa uma filha, esposa do seu sobrinho capitão José Vianna. Chefe

politico de Garanhuns desde 1911, o coronel Julio Brazileiro foi eleito deputado estadoal e logo depois prefeito.

Na eleição municipal de 10 de julho do anno findo, foi eleito prefeito num pleito disputadissimo, tendo como competidor o dr. Rocha Carvalho. Havendo recurso do pleito, o exmo. sr. governador do Estado julgou o coronel Julio Brazileiro inelegivel anullando a sua eleição para prefeito e marcando novo dia para outro pleito. Este teve logar no domingo ultimo, sete de janeiro, tendo sido o coronel Julio Brazileiro já desincompatibilizdo eleito novamente, d´esta vez sem competidor.

Ha dias no Recife pretendia voltar hontem para o seu municipio, o que não fez a pedido do seu amigo Eutropio Silva, que necessitando demorar ainda aqui, desejava ir em companhia da victima para Garanhuns e d´alli para Correntes.

Hospedara-se no Hotel Universo e, na occasião em que foi assassinado aguardava o dr. Eutropio Silva para irem, juntos, esperar na Central o general Dantas Barreto, que vinha de Jaboatão.

Politico de prestigio incontestavel, rico, era um cavalheiro sympathico, muito insinuante, de tratos cavalheiresco e maneiras distinctas.

As Providencias da Policia

Preso o criminoso, como ficou dito acima, foi conduzido ao quartel de Santo Antonio, onde o dr. Arnulpho Silva, 1º delegado, que chegara ao local do crime logo em seguida a este consummado, fez lavrar o auto do flagrante delicto. Depois de interrogado, o capitão Salles Villa Nova exhibio a sua patente de official da Guarda Nacional, sendo conduzido por isso, para o estado maior do 1º batalhão, onde se achava preso.

Comparecendo tambem ao local o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, providenciou logo no sentido de ser o corpo transportado para o Hotel Universo, onde foi collocado numa cama de lona. Em poder da victima o dr. Arnulpho Silva Apprehendeu os seguintes objetos: 2 lenços, 2 cartas, relogio de ouro e chantelaine, 1 pincinez de ouro,1 par de botões de punho de metal amarello, 1 annel de aliança de ouro, 1 punhal de cabo de metal branco, 55$000 em dinheiro, 1 lettra do London Bank no valor de um conto quatrocentos e cincoenta reis. 2 cartas, uma do dr. Abreu e Lima e outra a si pertencente, 1 factura da Companhia Industrial no valor de 1:456$000, 1 capa de livro com signaes cabalísticos, uma oração, 1 volta de 1ª de Cinco Pontas a Garanhuns, 1 medalha de Maria Concebida Sem Peccado, 1 bilhete inteiro da Loteria do Natal, n. 25185, um bilhete de 5 tiras de Novembro numero 28326 e 1 carteira chagrin.

Em seguida a activa autoridade fez sellar o quarto onde se achava hospedada a victima que é o de nº 8 do citado hotel.

O Movel do Crime

Segundo declarações do criminoso a policia o movel do crime foi questão politica. Adversário rancoroso da victima, o criminoso se dizia perseguido pela mesma e seus parentes. Allegou mais que, na sexta-feira ultima, ao sahir do cinema, em Garanhuns, fôra aggredido e espancado a cipó de boi pelo sr. Eutychio Brasileiro, irmão da victima, e mais um sobrinho desta. Resolvera então vir apresentar queixa ao dr. chefe de policia e tomar uma satisfação ao coronel Julio Brasileiro.

Assim embarcou hontem ali para esta capital onde chegou ás 7 horas e pouco. Tomando um bond no largo das Cinco Pontas, tratou logo de procurar o deputado Julio Brasileiro e que só conseguiu ás 8 1/2, no Café Chile, quando e onde praticou o crime.

A remoção do corpo

Por determinação do deputado Eutropio Silva, grande amigo do morto, o corpo do coronel Julio Brazileiro foi transportado em coche funebre da Casa Agra para o necroterio publico.

Acompanharam o corpo até ali diversos amigos, deputados, autoridades, inclusive o desembargador Antonio Guimarães chefe de policia.

No necroterio, innumeras pessoas foram prestar derradeiras homenagem ao illustre morto. Entre ellas, ali esteve depois das 10 horas da noite, o exmo. sr. general Dantas Barreto, que se fez acompanhar do capitão Gastão da Silveira.

A autopsia e conservação do cadaver

Hoje, pela manhã, o cadaver do deputado foi autopsiado pelos medicos legistas da policia. Em seguida foram applicadas no mesmo fortes injecções para a sua conservação.

As determinações da familia da victima

Por determinação da familia da victima, o corpo do coronel Julio Brazileiro seguiu hoje, pouco depois de 11 horas para Garanhuns, onde terá sepultura. Ás 10 horas da manhã sahiu o corpo em coche de 1ª do necroterio com destino a Cinco Pontas. Ali havia um trem especial, de ida e volta, posto á disposição dos amigos do morto. Em camara ardente armada n´um (...) foi collocado o caixão, ficando rodeado de amigos. O acompanhamento de carros do cemiterio a Cinco Pontas foi extraordinario.

Notas

O coronel Julio Brazileiro na occasião de ser assassinado trajava frak preto, calça de lista, chapéo duro e botinas de polimento.

A Assistencia publica compareceu ao local minutos depois do crime, não mais sendo precisos, infelizmente, os seu serviços.

O criminoso tinha sympathias em Garanhuns. Muito prestavel, fundara ali diversas sociedades de caridade, ultimamente muito trabalhava em favor dos famintos. Calmo, nada deixava provê que fosse capaz de praticar semelhante crime.

O criminoso é irmão do sr. tenente Felix Cantalice Villa Nova e Mello, ex delegado de Canhotinho, e ali pronunciado como um dos mandantes do assassinato do sr. Torres Galindo. O coronel Julio Brazileiro muito trabalhou em favor do irmão do seu assassino.

O coronel Julio Brazileiro pretendia seguir, hoje, em companhia do dr. Eutropio Silva para Garanhuns.

Ás 9 e 20 de hoje, no quartel do 1º batalhão, onde está recolhido o criminoso, capitão Villa Nova e Mello pousou para nossa objetiva.

Estava calmo. Referia-se um nosso companheiro, ao sr. Felix Cantalice, irmão do criminoso, quando este pronunciou a seguinte phase: É verdade. Elle desgraçado por um lado e eu por outro!

Sobre uma banca vimos uma medalha de ouro que o criminoso disse ter adquirido em exposição de productos seus, como sejam cereaes e plantas medicinaes. Teve duas menções honrosas e uma medalha de ouro na exposição de Turim, e uma menção honrosa e medalha de ouro na exposição de Bruxellas. A que vimos sobre a mesa era a de Turim.

Affirmou-nos que viajara em companhia do sr. Felix Dourado, collector estadual em Garanhuns e que, aqui, antes do crime estivera em casa do sr. Valpassos fiscal da “Great Western” á rua Augusta nº 290, onde se hospedava sempre.

Disse-nos mais não queria propositalmente encontrar o coronel Julio Brazileiro, mas, casualmente, avistou-o no Café Chile e não se conteve praticando o crime.

Accrescentou-nos que nunca tivera inimisade pessoal com a victima, mais uma grey (sic!) ali existente tratava de intriga-lo com as

autoridades policiaes tanto assim que, ultimamente, o tenente Meira Lima actual delegado, lhe prohibira de requerer habeas-corpus, pois como rabula era do que tambem vivia.

Que a sua inimisade politica com o coronel Julio Brazileiro data da campanha de 1911. Sempre foi politico, tendo militado nas fileiras Martinistas. Depois do rompimento de Martins Junior com Barbosa Lima ficou fôra, alliando-se, mais tarde, a chamado, ao partido chefiado em Garanhuns pelo dr. Luiz Jardim.

Sempre ficou ao lado desse partido, tendo agora como seus chefes os drs. Estacio Coimbra e Julio de Mello.

Até 1905 sempre esteve á frente dos movimentos políticos, retrahindo-se depois. Ultimamente, embora opposicionista prestou auxilio á politica do dr. Rocha Carvalho contra a do coronel Julio Brazileiro, o que provocou maior odiosidade contra a sua pessôa de parte dos seus adversarios da situação ali dominante.

Terminou pedindo-nos, depois de saber que eramos da imprensa, que solicitassemos do dr. chefe de policia providencias no sentido de ser mandado fazer exame medico-legal na sua pessôa uma vez que apresenta echymoses resultantes da surra de que foi victima, pois as mesmas echymoses poderão desapparecer, desejando que o corpo de delicto seja junto ao seu processo.

Somos gratos á deferencia com que nos trataram no quartel do 1º batalhão, os srs. Major Estevam Camara, capitão Manoel Pimentel e o tenente Themistocles Cordeiro.

Na vespera do seu assassinato, o coronel Julio Brazileiro, em palestra animada, no gabinete do governador tratava do facto do sr. Villa Nova em Garanhuns, estando presentes os srs. Dr. Luiz Gonzaga, Antonio Vicente, coronel José Novaes, capitão Martiniano Correia e o nosso collega dr. Oscar Pereira.

A infeliz victima, satisfeita com a sua nova eleição, palestrava animadamente.

O coronel Julio Brasileiro era cunhado do illustre dr. Leopoldo Lins, ex deputado estadual.

Em trem especial seguiu hoje, aos 25 minutos da tarde para Garanhuns o corpo do infortunado coronel Julio Brazileiro. O cadaver veio do cemiterio de Santo Amaro, onde se achava para a estação de Cinco Pontas, em carro de 1ª ordem. Em seguida ao feretro, desfilavam

32 carros e 14 automoveis levando convidados e pessoas amigas do morto. Na estação vimos, entre outras, as seguintes pessoas: capitão Martiniano Correia, representando o exmo. sr. dr. Manoel Borba, governador do Estado, general Dantas Barreto, desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, coronel José Novaes, commandante da policia, tenente Eulino Medonça, deputados federaes Rodolpho de Araujo, Fabio da Silveira Barros e dr. Netto Campello e deputados estaduais Feliciano André Gomes Turiano Campello, Souza Filho, Antonio Loyo Amorim, Eutropio Silva, desembargador Henrique Wanderley, capitão Gastão da Silveira, dr. Leopoldo de Araujo, major João Montarroyos, pelo commando superior da Guarda Nacional, coronel Pedro Paranhos, Davino Pontual, capitão Pedro Manta e outras muitas pessoas que não conseguimos annotar. Para aquella cidade acompanhando o enterro seguiram as seguintes pessoas: capitão Martiniano Correia, representando o dr. Manoel Borba, governador do Estado, deputado Eutropio Silva, pelo general Dantas Barreto, pharmaceutico Joaquim da Rocha, Oscar Bandeira, Armando Victor, Joaquim Augusto da Silva, Augusto Alves Pimentel, capitão Avelino Americo da Silva, dr. Nylo Bezerra, José Dumouriez Brazileiro e José Vianna Brasileiro.

O feretro foi collocado num carro de 2ª classe, vendo-se sobre o mesmo as seguintes capellas: - "Lembrança de Herminia e Leopoldo" – "Ao querido irmão e cunhado" – "Saudades de sua esposa, filha, genro e netto" – "Ao bom amigo, recordações de Fernandes Silva & Cia".

O trem era composto de tres vagons, um de 1ª classe, um de 2ª e um carro de bagagem. Seguiu como chefe do trem o sr. José Laurindo. Guiava a locomotiva que tem o n. 209, o machinista Cecilio Lyra. Ás 12 horas e 35 minutos deixou a gare da estação o comboio funebre.

O exmo. sr. dr. Manoel Borba governador do Estado, recebeu, hoje pela manhã um telegramma de Gamelleira dizendo que todo commercio d´ali havia fechado, em signal de pezar pela morte do coronel Julio Brazileiro.

São testemunhas do crime: José Muniz de Almeida, Hermogenes Martins Cordeiro, José Irineu de Souza, dr. José Lima, João Carlos Camboim, Benjamim Leite, Mario Diniz, dr. José Antonio de Almeida Pernambuco, Manoel Leite Bastos e Ignacio Souto Maior. As sete primeiras e a ultima são de vista e as demais informantes.

As delligencias procedidas na subdelegacia de Santo Antonio sobre o crime foram hoje remettidas ao dr. Arnulpho Silva, delegado do 1º districto.

Hoje, esta autoridade enviou as citadas delligencias ao dr. juiz municipal da 1ª vara criminal, para os devidos fins.

Jornal do Recife

Sangrenta tragedia
O crime de hontem na Praça da Independencia

Foi hontem, à noite, a nota sensacional, que todos abalou profundamente, o crime de morte occorrido à praça da Independencia e de que foi victima o sr. Coronel Julio Eutymio da Silva Brazileiro, chefe político de Garanhuns, prefeito desse mesmo município e deputado estadual.

O facto, como era de presumir teve logo uma grande circulação pela cidade e foi commentado com o maior pesar.

Pelas contradições, principalmente pelo modo porque se desenrolou a sangrenta tragédia, foi a maior impressão causada.

É o autor do crime o sr. capitão Francisco de Salles Villa Nova e Mello, residente ha longos anos no município de Garanhuns e politico opposicionista a administração de sua victima. Tamos a assignalar essa dolorosa noticia mais uma vez causticando essa politicagem de perseguições e espancamentos, censuráveis a todo ponto, que se observa no Interior do Estado, em diversos logares

Temos dito diversas vezes que essa pratica é de péssimos resultados e ahi está um exemplo frisante do que não cançamos de verberar.

Nas cidades do Interior a política damninha e sem limites ha feito diversas victimas e esse crime de hontem é mais uma cousequencia flagrante de tal pratica.

O momento politico de Garanhuns havia de ter forçosamente, um acontecimento e esse foi desgraçadamente sobremodo lamentavel.

Passemos sem mais delongas, a descripção da sangrenta tragedia.

Na occasião em que se achava hontem, na Praça da Independencia às 20 horas e 1/2, o sr. coronel Julio Brazileiro, sentado a uma banca do <Café Chile>, em companhia de tres amigos, entre os quaes o sr. João Camboim, foi de subito alvejado por uma bala detonada por um rewolver que empunhava o sr. capitão Francisco de Salles Villa Nova e Mello

Levantando-se da cadeira em que estava sentado, foi o aggredido alvejado, ainda por tres balas, quando procurava se defender.

A victima saccando de uma pistola, adiantou-se em perseguição do criminoso até a calçada do <Hotel Luzitando>, onde cahiu por terra, morrendo quasi instantaneamente.

Seu corpo foi conduzido para o Hotel Universo, emquanto os agentes de polícia José Muniz de Almeida e Hermogenes Cordeiro davam voz de prisão ao assassino, que nenhuma resistência oppoz, entregado as armas.

Alguns populares exaltados com o facto, tiveram palavras de indignação contra elle que apresentava calma, sendo conduzido para o quartel de Santo Antonio.

Ahi o escrivão Mâcedo França lavrou o respectivo auto de prisão em flagrante delicto, perante o capitão Alvaro de Almeida, subdelegado do districto.

O capitão Francisco Salles contou ahi o movel do crime.

Disse que sendo politico opposicionista à administração de sua victima, diversas vezes foi aggredido em Garanhuns, pelo que responsabilizou o coronel Julio Brasileiro por tudo que soffresse.

Sabia que tinham 24 pessoas marcadas para apanhar, das quaes era elle um. E efetivamente, o foi e o primeiro até. Na noite da quinta para sexta-feira o sr. Eutichio Brasileiro e subdelegado de Garanhuns, acompanhado de um seu filho, espancou-o barbaramente.

Desabotoando o palitot e abrindo a camisa o criminoso mostrou diversas echimoses e escoriações pelo corpo.

Resolveu vir ao Recife queixar-se às autoridades, como o fez, mas chegando hontem de Garanhuns e encontrando o coronel Julio Brasileiro na Praça da Independencia, não se conteve e alvejou a bala o seu perseguidor.

O cadaver do coronel Julio Brasileiro apresentava tres ferimentos. Foi conduzido para o Hotel Universo, onde ficou sempre muito visitado.

Apresentava uma ferida penetrante na face esquerda, outra no peito esquerdo e outro no fígado.

O coronel Julio Brasileiro era casado com a exmª sra. d Anna Duperron Brasileiro, de cujo consorcio deixa uma filha a exmª sra. d. Maria Luisa Duperron Brasileiro Viana e esposa do sr. José Brazileiro Vianna.

Maior de 50 annos o morto era abastado proprietario em Garanhuns.

No Hotel Universo quando estivemos às 21 horas, se achavam o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, drs. Fabio da Silveira Barros, Rodolpho de Araujo e João Elysio, deputados federaes, dr. Eutropio Silva, deputado estadual, major Antonio Baptista, alferes Eulino de Mendonça e muitas outras pessôas.

No salão de refeições do Hotel encontrava-se o cadaver do coronel Julio Brasileiro, que repousava num ataúde de velludo preto com ornamentos dourados e alças de prata.

Na bocca do assassinado via-se uma pasta de algodão cheia de sangue coagulado.

O aspecto do salão era triste. Todas as pêssoas que ali se encontravam commentavam o crime.

Entre ellas annotamos o sr. João Camboim, filho do deputado estadual dr. João Camboim, testemunha occular do crime e que narrava ao desembargador chefe de Policia, como o mesmo havia occurrido.

A's 21 horas e 45 minutos teve lugar o transporte do cadaver para Santo Amaro.

Num coche de 2ª classe foi colocado o ataúde.

Acompanharam o referido coche dois carros e dois automoveis nos quaes alem de outras pessoas, iam o desembargador Antonio Guimarães chefe de Policia, dr. Eutropio Silva deputado estadual, Mario Diniz, tenente Eulino Medonça, major José de Mello, major Gaspar Cavalcante e outras pessoas.

Hoje será o cadaver autopsiado pelos médicos legistas da policia.

Em seguida em trem especial para Garanhuns, onde será inumado.

No Hotel ouvimos um sr. que foi passageiro do comboio de Alagoas dizer que durante o almoço em Glycerio, ouvira dois srs. Conversando.

Um delles narrava ao outro um caso de espancamento havido em Garanhuns dizendo que o espancado viajava no mesmo comboio, a fim de se queixar ao chefe de Policia.

O referido passageiro ainda dizia ao seu companheiro que em Garanhuns haviam de ser espancadas 24 pessoas, sendo que a primeira era a que viajava no comboio.

O capitão Francisco Salles Villa Nova e Mello é irmão do capitão Felix Cantalice, que foi delegado de policia de Canhotinho.

O dr. Arnulpho Lins e Silva, delegado do 1º districto, fez arrolamento dos seguintes objectos encontrados nos bolsos da roupa do coronel Julio Brazileiro:

2 lenços, 2 cartas, relogio de ouro e chantelaine, 1 pincinez de ouro,1 par de botões de punho de metal amarello, 1 annel de aliança de ouro, 1 punhal de cabo de metal branco, 55$000 em dinheiro, 1 lettra do London Bank no valor de um conto quatrocentos e cincoenta reis. 2 cartas, uma do dr. Abreu e Lima e outra a si pertencente, 1 factura da Companhia Industrial no valor de 1:456$000, 1 capa de livro com signaes cabalísticos, uma oração, 1 volta de 1ª de Cinco Pontas a Garanhuns, 1 medalha de Maria Concebida Sem Peccado, 1 bilhete inteiro da Loteria do Natal, n. 25185, um bilhete de 5 tiras de Novembro numero 28326 e 1 carteira chagrin.

O coronel Julio Brasileiro, na occasião de ser assassinado, envergava um frack preto, collete preto, calça de fantasia, gravata preta, chapéo coco preto e botinas amarellas.

O criminoso Francisco de Salle Villa Nova Mello, vive maritalmente ha 20 annos, tendo dessa união 6 filhos, tres dos quaes são casados, estando um delles aqui no Recife.

Residindo ha muitos annos em Garanhuns, o sr. o capitão Francisco de Salles é muito bemquisto naquella cidade.

Fundador da sociedade mortuaria ali existente o capitão Francisco de Salles tem ali amigos na pobreza, a quem socorria na altura de suas posses.

Possuindo algum cultivo intellectual colaborou em diversos jornaes, sendo ainda advogado naquella cidade.

A fazenda onde residia o coronel Julio Brazileiro fica situada no logar denominado Brejão em Garanhuns.

No quartel de Santo Antonio entraram muitas pessôas, entre as quaes annotamos os drs. Fabio da Silveira Barros e Rodolpho Araujo, deputados federaes, coronel José Novaes commandante da Força Publica, capitão Camara Pimentel, capitão Carlos Affonso, dr Nilo Bezerra e muitas outras pessoas.

Foram condutores do criminoso os agentes da policia Muniz de Almeida e Hermogenes Cordeiro.

Testemunharam o facto os sr. Benjamin Leite, dr. José Lima, Irineu de Souza, Manoel Bastos Leite e o dr. José Antonio de Almeida Pernambuco

Hontem pela manhã, o coronel Julio Brasileiro estivera na chefatura onde mostrara ao desembargador Antonio Guimarães dois telegrammas que recebera de Garanhuns dizendo que o capitão Francisco de Salles viria hontem se queixar à s.exc. de ter sido espancado.

Foram feitos censuraveis commentarios à attitude do delegado de policia de Garanhuns, tenente Pimentel, que nenhuma providencia tomou sobre o espancamento que diz ter soffrido o assassino precisando de vir este queixar-se nesta cidade.

No quartel de Santo Antonio, o sr. capitão Francisco de Salles Villa Nova e Mello, de olhar baixo disse: “Somente perante a justiça de Deus me peza a consciencia. Salvei a minha honra. Nunca na minha vida votei pela absolvição de um assassino e hoje sou obrigado a seio-o. Os homens podem fazer o quizerem de mim”. E escondendo o rosto nas mãos, soluçou profundamente.

A Assistencia publica logo que se deu o facto, sendo chamada compareceu, não sendo porem, mais necessarios os seus serviços.

O assassino, às 24 horas, depois de ultimadas as delligencias no quartel de S. Antonio, foi conduzido para o quartel do 1 batalhão da Força Publica onde ficou recluso.

O rewolver homicida é marca <Safety Police> e tinha quatro capsulas detonadas, sendo tambem apprehendido em poder do criminoso um punhal

O capitão Francisco de Salles Villa Nova e Mello trajava uma roupa de brim kaki e botinas pretas

Durante a noite o facto foi muito commentado com sentida magoa, uma vez que nelle se achavam envolvidas duas pessoas de conceito social.

Diário de Pernambuco

Assassinato do Deputado Julio Brasileiro

A Praça da independencia foi hontem à noite theatro de lamentabilíssima scena de sangue, que consumada em alguns segundos a todos quanto a presenciaram deixou a maior sorpresa, quasi sem comprehender o que viam, dando mais tarde logar, quando perfeitamente conhecida e largamente divulgada, a geral sentimento de magua e desolação.

Fora um crime, um assassinato e aquelle sentimento juntou-se no local, viva indignação contra o criminoso.

Relatemos porem, o deploravel facto:

Cerca de 20 1/2 horas, o deputado estadual cel. Julio Euthymio da Silva Brasileiro, chefe político em Garanhuns, ex-prefeito daquelle município e recentemente eleito, de novo para o mesmo cargo, estava conforme lhe era habitual sempre que se encontrava no Recife sentado à terrasse do Café Chile, na referida praça.

Occupava elle uma banca quasi fronteira á barbearia denominada Salão Elite, quando foi inopinadamente enfrentado pelo sr. capitão Francisco Salles Villa Nova e Melo, que sem nenhuma palavra, lhe disparou quatro tiros de revolver, a queima roupa.

Attingido gravemente por trez dos projectis, indo o outro atingir ligeiramente o dr. Olympio Freire de Carvalho e o jornaleiro Luiz Marques de Oliveira, o coronel conseguio ainda tirar da algibeira uma pistola e a despeito da grande e tumultuosa movimentação então reinante na praça, curiosidade de uns, panico de outros, conseguiu da alguns passos em perseguição do criminoso que se dirigia para o “Hotel Luzitano”, sito á referida praça. Junto à calçada d´aquelle estabelecimento, porém, cahio

banhado em sangue, a victima, que momentos depois era cadaver. Piedoso cavalheiro lhe puzera uma vela nas mãos

Cercado pela multidão que se apinhava no local da tragedia e que começavam invadir o mesmo hotel, partiam gritos de pega o extrangeiro, lyncha o extrangeiro.

Um pouco mais tarde, chegava um auto ambulancia da Assistencia Publica, trazendo o dr. Alfredo Costa, que verificou o obito.

O corpo foi transportado, ás 20:50, em maca da Assistencia, para o Hotel Universo; a rua Duque de Caxias nº 29, onde a victima costumava hospedar-se e ainda hontem se achava hospedado, occupando o quarto nº 8 do 2º andar.

No citado hotel vimos entre outras pessoas, em delligencia ou em visita ao cadaver, os srs. Dr. chefe de policia, seu ajudante de ordens, alferes Eulino de Mendonça, capitão de policia Manoel Pimentel, tenente Theophanes Ferraz, dr. Arnulpho Lins e Silva, delegado de policia, subdelegado de S. Antonio, major Alvaro de Almeida, agente José Muniz de Almeida e Hermogenes Cordeiro, dr. Romulo Lima e Silva, Oscar Brasileiro, sobrinho da victima, deputados drs. Rodolpho Araujo e Fabio da Silveira Barros, representantes de jornaes, coronel Alfredo Brito de Carvalho, dr. Ramos Leal, dr. Paulo Silva, dr. Souza Filho, dr. Nilo Bezerra, alferes Graciliano Carneiro, ex-delegado do município de Garanhuns, deputado João Benigno.

Após a chegada do cadaver, o delegado de policia fez postar cinco praças no interior do hotel e cinco outras a sua porta.

O dr. Arnulpho Lins mandou sellar o quarto do Hotel Universo, que era occupado pelo coronel Julio Brasileiro e ficou a disposição da policia.

Quando foi preso pelo agente Muniz de Almeida, o capitão Villa Nova, que trajava roupa kaki, tinha a mão direita o seu revolver Systema Policiman. Ao mesmo agente entregou elle, além daquella arma, uma faca de ponta que trazia á cinta.

O capitão Muniz de Almeida interrogou:

__ Para que você matou o homem?

O criminoso respondeu:

__ Eu vi para isso Sr. capitão, garanta-me.

O preso foi conduzido para subdelegacia de Santo Antonio, com acompanhamento numerosos de curiosos.

Dalli, depois de autoado em flagrante delicto pelo escrivão Macedo França, foi recolhido ao estado maior do quartel do 1º corpo de polícia.

A prisão foi auxiliada pelo agente Hermogenes e pelo proprietario do Hotel Luzitano, sr. M. Leite Bastos.

Em poder da victima o dr. Arnulpho Lins e Silva, 1º delegado, em companhia do respectivo escrivão, apprehendeu e fez arrolar os seguintes objectos:

2 lenços, 1 bengala com castão de ouro e chantelaine do mesmo metal, 1 pice-nez de ouro, 1 par de botões de metal amarello para punho, 1 botão do metal para camisa, 1 punhal com cabo de metal branco, 43$000 em dinheiro, 1 lettra do London River Plate bank de 1.450$000, 1 enveloppe endereçado a Abelardo Fonzeca com 130$000, duas cartas dirigidas ao dr. Abreu e Lima, juiz de direito de Garanhuns e outra para a victima, 1 factura da Companhia Industrial, na importancia de 1:456$000, 1 capa de livro com signaes cabalísticos e uma oração, 1 bilhete de volta da "Great Western" de Cinco Pontas a Garanhuns, 1 medalha de N.S. da Conceição, 1 bilhete da loteria de Natal nº 35183 e mais 5 tiras da mesma loteria federal sob nº 28326 e uma carteira de "changrin".

O coronel Julio trajava quando foi assassinado, terno de frack preto, calça cinzenta e botinas de polimento.

Quando a victima agonizava na calçada do Hotel Luzitano, piedoso cavalheiro lhe poz uma vella na mão.

Ao chegar ao terrasse do Café Chile, pedira o coronel Brasileiro um sorvete ao "garçom" Alfredo Xavier. Foi, porém, victimado antes de servido.

O assassino é natural de Bonito, mas reside em Garanhuns há muitos annos. Ultimamente era agente da loteria federal ali, tem 45 annos de idade e vive maritalmente com uma senhora e três filhas.

No quartel de Santo Antonio, onde estava recolhido, fomos encontral-o conversando animadamente sobre os crimes e os motivos que o levaram a pratical-o.

Das suas declarações apanhamos em resumo, o seguinte:

__ Inimigo politico do coronel Julio Brasileiro, vinha sendo tenazmente perseguido por partidarios deste Debalde reclamava providencias a autoridade local, que não ligava importancia as suas queixas. Por occasião a ultima manifestação politica ali realizada por motivo da reeleição do morto à Prefeitura local, fora insultado por partidarios daquelle em frente a sua casa foram proferidos improperios, sendo o seu nome acompanhado de apellidos indecorosos. Accrescentou que a tensão politica em Garanhuns se aggravava após a eleição do coronel Brazileiro, no dia 7 do corrente; que elle Salles soubera por pessoas de responsabilidade, ter sido organizada pelo situacionistas uma lista de 25 adversarios que deveriam apanhar, sendo seu nome o primeiro dessa lista; que na sexta-feira ultima ao sahir do "Cinema Grossi", às 10 e 20 da noite, quando se dirigia para sua residencia foi enfrentado por um grupo composto do subdelegado local, sr. Eutychio Brasileiro, do sr. Alvaro Vianna, respectivamente irmão e sobrinho do cel. Julio, e Fausto Galo, secretario da prefeitura, que nesta occasião apanhou violenta surra a cacete e cipó-de-boi, ficando seriamente molestado, no sabado deliberou vir ao Recife queixar-se ao chefe de policia e tomar uma desafronta pessoal do coronel Julio Brasileiro, a quem attribuia a responsabilidade do acontecido, que hontem pela

manhã ao tomar o trem, em Garanhuns para o Recife, recebeu intimação do delegado local tenente Meira Lima, afim de prestar o seu depoimento, como estava resolvido a vir a esta capital entender-se com o dr. Guimarães, não attendeu.

O assassino continuando a sua narrativa disse-nos que saltou na estação de Cinco Pontas às 7 e 40, tomando logo um bonde e saltando na praça da Independencia. Dirigiu-se então ao Hotel Universo em procura do cel. Julio, de quem intencionava se desafrontar. Não o encontrou. Foi até a rua Nova, onde fallou com o sr. Seve, irmão do proprietário da casa Vendome, indagando do mesmo se vira o cel. Julio. Recebendo resposta negativa, voltou a praça da Independencia. Ahi, deparando a sua victima que se achava sentado a "terrasse" do Café Chile, detonou-lhe a queima-roupa o seu revolver. Em seguida sahiu em direcção ao Hotel Luzitano, para se entregar a policia.

Tais foram as principaes declarações do criminoso.

O coronel Julio Brasileiro havia recebido hontem às 16 horas o seguinte telegramma do seu sobrinho Alvaro Brasileiro Vianna, de Garanhuns:

Salles seguiu queixar-se policia. Negou-se grosseiramente dar esclarecimentos ao delegado que procede inquérito ordem chefe.

Tambem recebeu este outro do sr. José Brasileiro Vianna, igualmente seu sobrinho e residente em Garanhuns:

Desconhecidos espancaram Salles. Attribue-se infamias publicadas Prego, atassalhando honra familias, do que se gabou.

A policia arrolou as seguintes testemunhas de vista: srs. Irineu de Souza, Benjamin Leite, dr. José Antonio de Almeida Pernambuco, Manoel Leite Bastos e dr. José Lima.

As 10 e meia horas, em ataúde da casa Agra, sahio o feretro do Hotel Universo para o necroterio em carro funebre de 1ª classe, encommendado pelo deputado Eutropio Silva, amigo da victima, na ausencia do representante da familia.

Acompanharam o coche funebre até o Necroterio publico desembargador chefe de policia, dr. Antonio Guimarães, coronel Alfredo de Britto Carvalho, commandante da Guarda Nacional, tenente Eulino de Mendonça, academico Arnaldo Guimarães, dr. Eutropio Silva, academico Elpidio Branco, capitão Antonio Leite, proprietario do Hotel Universo, capitão Gaspar Florentino, administrador do cemiterio de Santo Amaro, e numerosas outras pessoas.

Na occasião da sahida ainda desde a frente do hotel até a praça da Independencia, numerosa multidão de curiosos, que commentavam animadamente o lutuoso facto.

Ouvimos que o cadaver do coronel Julio Brasileiro seria embalsamado e transportado hoje em trem especial para Garanhuns.

As 23 horas visitou o cadaver no necroterio publico. O exmo. Sr. general Dantas Barreto, acompanhado do sr. capitão Gastão da Silveira.

O criminoso foi fundador da Sociedade mortuaria de Garanhuns, tendo organizado e dirigido um centro de soccorro aos famintos da secca, em 1915.

Da familia do saudoso morto vimos, junto ao cadaver, o sr. Oscar Brasileiro, seu sobrinho socio do Salão Globo, à rua Nova. O referido moço providenciava, na occasião, para communicar o triste acontecimento à familia Leopoldo Lins, em sua residencia à estrada da João de Barros. O dr. Leopoldo Lins é cunhado da victima.

O coronel Julio Brasileiro era natural de Garanhus, fazendo parte de distincta e respeitavel família.

Estava com 50 annos e casado com a exma. Sra. Anna Duperron. Deixa também uma filha, casada com o capitão José Vianna, seu sobrinho.

Abastado agricultor, era proprietario da importante fazenda Agua Branca, no districto de Brejão, considerada a zona mais fertil de Garanhuns.

Nessa fazenda estabelecera o coronel Brasileiro um dos mais importantes cafezaes do Estado, calculando em 1 milhão de pés da preciosa rubiácea.

O infortunado extincto, cidadão probo e respeitavel, assumira desde alguns annos a direcção politica de Garanhuns, na qual se mantivera até agora, tendo sido eleito prefeito do municipio, pela segunda vez, a 7 do corrente.

Era tambem deputado estadual pelo 3º districto, na actual legislatura.

O seu tragico desapparecimento deixa profundamente consternados a todos que o conheceram, e especialmente a sua digna familia, a quem, lamentando sinceramente a tristissima ocurrencia, apresentamos a expressão dos nossos sentidos pezames.

Jornal A Província

Lamentavel Scena de Sangue

Barbaro assassinato do deputado Julio Brasileiro

Precisamente ás 20:40 de hontem occorreu uma lamentabillissima scena de sangue na praça da Independencia, da qual foi victima o nosso prezado amigo coronel Julio Euthymio da Silva Brasileiro, deputado no Congresso do Estado, e prefeito de Garanhuns, onde residia e era prestigioso chefe politico e abastado proprietario.

Encontrava-se aquella hora no Café Chile, sentado numa de suas bancas, afim de servir-se de uma cerveja que havia pedido, quando foi covarde e inopinadamente enffrentado pelo capitão Francisco Salles Villa Nova de Mello, que lhe desfechou 4 tiros de pistola, tres dos quaes attigiram-lhe, alojando-se os respectivos projectis a bocca, na região peitoral e no abdomen e o outro no dr. Olympio Freire de Carvalho, juiz municipal de Iguarassú, e a Luiz Marques de Oliveira, jornaleiro, no ante braço, tambem direito, os quaes se encontravam no theatro do crime.

O coronel Julio Brasileiro, não obstante ficar mortalmente ferido, ainda deu alguns passos perseguindo ao seu offensor de pistola em punho, cahindo na porta do hotel Luzitano, onde falleceu poucos momentos depois.

O assassino que foi perseguido pelo clamor publico aos gritos de: pega este estrangeiro, lyncha este estrangeiro, entrou no mencionado hotel, sendo ahi preso por um popular, e levado em seguida para o quartel policial de Santo Antonio, acompanhado de grande multidão.

A esse tempo chegaram ao local do facto delictuoso o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, com seu ajudante de ordens alferes Eulino Mendonça e o dr. Arnulpho Lins

e Silva, que providenciaram no sentido de ser removido o cadaver para o hotel Universo, onde a victima achava-se hospedada.

Ahi permaneceu o corpo, em uma cama de lona, até às 23 horas, saindo o mesmo em coche funebre para a capella do cemiterio de Santo Amaro, o qual deverá ser conduzido hoje para o necroterio publico, onde será autopsiado pelo dr. Frederico Curió, medico da policia.

O cadaver do coronel Julio Brasileiro foi acompanhado pelo desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, dr. Arnulpho Lins e Silva, 1 delegado, deputados estaduaes e outros amigos, inclusive o dr. Eutropio Silva, que foi quem se encarregou daquelle transporte funebre.

O enterramento do infortunado congressista realisar-se-á hoje, sendo possivel que o cadaver seja conduzido em trem especial para Garanhuns, conforme desejo dos seus amigos e parentes que se encontram nessa capital.

O deputado Julio Brasileiro era casado com a exma. sra. d. Anna Duperron Brasileiro e contava com 50 annos de idade, deixando de seu consorcio uma filha casada como sr. josé Vianna, negociante em Garanhuns.

Deplorando o tragico acontecimento, transmitimos a expressão de nosso profundissimo pezar a toda a familia do inditoso morto, notadamente a sua desolada esposa, exma. sra. d. Anna Duperron Brasileiro, e seu genro, sr. José Vianna.

O assassino sendo ouvido pela nossa reportagem, no quartel de Santo Antonio, declarou que havia chegado hontem á noite a esta cidade pelo comboio da “Great Western” , com o proposito de tomar uma satisfação com o coronel Julio Brasileiro, affirmando que sua resolução fora determinada pelo facto de haver sido espancado, ás 22 1/2 de sexta-feira passada, após haver sahido de um cinema , detraz da cadeia publica de Garanhuns, pelo sr. Eutychio Brasileiro, subdelegado local, irmão do coronel Julio Brasileiro, e mais um sobrinho deste, de nome

Alvaro, os quaes agiram, conforme asseverou o criminoso, a mandado da victima.

Estas suas declarações constam do auto de flagrante delicto lavrado naquele posto policial pelo tenente Eustaquio de Macedo França, escrivão da policia.

Notas

Em poder do coronel Julio Brasileiro, o dr. Arnulpho Lins e Silva, delegado da capital, encontrou os seguintes objectos: 2 cartas, sendo uma dirigida ao dr. Abreu e Lima e outra a victima, 1 factura da Companhia Industrial no valor de 1.456$000, 1 medalha de Maria Concebida sem peccados, 1 bilhete inteiro da loteria federal de Natal n. 25185, 1 carteira de chagrin, 2 lenços, 2 cartas fechadas, 1 relogio de ouro e chantelaine, 1 pince-nez do mesmo metal, 1 par de botões de punho de metal amarello, 1 botão de colarinho do mesmo metal, 1 alliança de ouro, 1 punhal de metal, 45$000 em dinheiro, 1 lettra do London Banck no valor de 1:650$000, 1 enveloppe dirigida a Abelardo Fonseca, contendo 180$000, 5 tiras de bilhete da loteria federal de novembro ultimo

O inditoso coronel Julio Brasileiro na ocasião em que foi assassinado trajava frack preto, colete tambem preto, calça listrada, botinas de polimento pretas e chapéo côco.

A Mauser que era empunhada pela victima, no momento em que foi ferido desapareceu, o que é de lamentar.

O hotel Universo durante o tempo em que o corpo esteve alli, conservou-se fechado, somente sendo permittido no mesmo a entrada das autoridades, amigos e collegas da victima e dos representantes da imprensa.

Até o momento de sahir o corpo do hotel Universo, estacionou em frente do mesmo compacta multidão, que commentava o triste facto.

O exmo. sr. senador Dantas Barreto que teve conhecimento da luctuosa occorrencia veio à cidade e, sabedor de que o cadaver fora transportado para a capella do cemiterio de Santo Amaro, para alli se dirigiu ás 24 horas em companhia do sr. dr. Gastão da Silveira. Visitando o corpo.

A Assistencia compareceu ao local, não sendo, infelizmente, mais necessarios os seus serviços por já ter encontrado morto o inditoso coronel Julio Brasileiro.

A ultima hora, fomos informados que o corpo da desventurada victima, seguirá hoje, pelas 11 horas, em trem especial para Garanhuns.

A pistola que se achava em poder da victima, foi apprehedida pelo dr. José Lima, o qual declarou á policia haver entregue a um soldado que o subjugou para della se apoderar.

O coronel Julio Brasileiro quando foi ferido achava-se em companhia do estudante João Carlos Camboim Filho.

São testemunhas do crime: dr. José Lima, Mario Diniz, João Carlos Camboim Filho, dr. Antonio José de Almeida Pernambuco, capitão José Muniz de Almeida, Hermogenes de Almeida, Benjamim Leite, coronel Manoel Leite Bastos, José Irineu de Souza e outros.

O criminoso foi recolhido ao estado maior do 1º batalhão policial ás 24 horas, visto ter exhibido a patente de capitão da Guarda Nacional.

Conduzio-o até alli o capitão Alvaro de Almeida, subdelegado de Santo Antonio.

No hotel Universo onde esteve o cadaver do mallogrado coronel Julio Brasileiro por algumas horas, vimos entre outras pessoas, as seguintes: dr. Rodolpho Araujo, Fabio da Silveira Barros, deputados federaes, coronel João Benigno e Eutropio Silva, deputados estaduaes, drs. Paulo Silva, Souza Filho, Romulo Lins e Silva, Ramos Leal, coronel Alfredo de Carvalho, dr. Nilo

Bezerra, tenente José Caetano, desembargador Antonio Guimarães, dr. Arnulpho Lins e Silva, alferes Eulino de Mendonça.

Na subdelegacia de Santo Antonio, na occasião que era autoado o criminoso, estiveram os srs. desembargador chefe de policia, dr. Arnulpho Lins e Silva, 1º delegado, os congressistas acima nomeados, coronel José Novaes, commandante da força publica, coronel Alfredo de Britto Carvalho, capitães Manoel Pimentel, Carlos Affonso e outras pessoas amigas da victima.

Por Trás do Mundo da Notícia I

Através dos depoimentos das testemunhas oculares do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro que foram arroladas no processo crime, em relatório apresentado pelo Desembargador Abdias de Oliveira ao Superior Tribunal de Justiça, por meio dos depoentes: José Irineu de Souza, proprietário do Jornal A Província, Manoel Leite Bastos, proprietário do Hotel Universo, João Carlos Camboim e Mario Diniz, podemos remontar parcialmente os últimos momentos de vida do Coronel Júlio Brasileiro.

No dia 08 de janeiro de 1917, após a vitória nas eleições, Coronel Júlio Brasileiro viajou ao Recife, onde participaria das festividades em homenagem a visita a Pernambuco do General Dantas Barreto. Na manhã do dia 09 de janeiro, ás 8 horas da manhã, com outras personalidades da política pernambucana recepciona o desembargue no Paquete Pará do General Dantas Barreto, acompanhando a comitiva pelas principais ruas do Recife, encerrando o préstito no Hotel do Parque onde foi servido um almoço pela comissão promotora dos festejos. Após o almoço com os deputados Antônio Loyo de Amorim e Antônio Souto Filho acompanhou em automóvel a comitiva de Dantas Barreto até a Pensão Landy onde o general ficaria hospedado.

Naqueles dias de estada em Recife o Coronel Júlio Brasileiro ficou hospedado no Hotel Universo, localizado a Rua Duque de Caxias número 39, ocupou o quarto oito no segundo andar, um luxuoso e confortável aposento. Durante esse período visitou amigos, familiares e participou de encontros políticos.

No dia 14 de janeiro de 1917, após a refeição matinal, Coronel Júlio Brasileiro deixou o hotel e caminhou pela cidade, palestrando com os amigos, observando os filmes anunciados nas salas de cinemas e os cartazes de algumas peças das companhias que se apresentariam no Teatro do Parque e Santa Isabel.

Caminhando pela Rua da Imperatriz, em frente à pastelaria Helvética, casualmente encontra José Irineu de Souza, proprietário do Jornal A Província, convidando-o para juntos tomarem uma cerveja.

Coronel Júlio Brasileiro estava desconfortável com as notícias vindas de Garanhuns, confidenciou a José Irineu que estivera na chefatura de policia e que havia comunicado os fatos, e pediu ao amigo que publicasse dois telegramas que foram remetidos pelos seus sobrinhos Álvaro e José Viana, que informavam sobre as acusações feitas pelo Capitão Sales Vila Nova na cidade.

Ás 15h30 Coronel Júlio Brasileiro ao aproximar-se da Matriz da Boa Vista, João Carlos Camboim, estudante de Direito, descendo de um bonde correu em sua direção. O jovem o convidou para fazerem uma visita ao General Dantas Barreto, que se encontrava hospedado na Pensão Landy. Coronel Júlio sugeriu irem à noite, pois naquele momento estava indo visitar o seu irmão José Dumouriez que acabara de chegar de Manaus. João Carlos Camboim combinou que o encontraria ao final da tarde no Hotel Universo.

Às 17 horas Júlio Brasileiro retornou ao hotel, Carlos Camboim chegou quando o coronel estava jantando, sendo convidado a acompanhá-lo a refeição, um prato da cozinha

portuguesa, acompanhado de um vinho da mesma nacionalidade. O Hotel Universo tinha uma orquestra de violinos e um piano mecânico que tocava durante as refeições.

Terminado o jantar João Carlos Camboim refez o convite da visita a Dantas Barreto, mas o Coronel Júlio Brasileiro explicou que fora avisado pelo Capitão Gastão de Oliveira que o general estava em Jaboatão e que só retornaria as oito ou nove horas, horário que eles poderiam fazer aquela cortesia.

Coronel Júlio Brasileiro acompanhou Carlos Camboim até próximo a Rua do Imperador. As portas do Café Continental encontrou o Doutor Abelardo de Oliveira Lima. Carlos Camboim se despediu apanhando um bonde que seguia para Olinda, combinando que os dois se encontrariam às 20 h30 no Café Chile, á Praça da Independência, onde também estaria aguardando a chegada do Coronel Júlio Brasileiro, o deputado Eutrópio Silva.

O Café Chile foi inaugurado em 10 de agosto de 1915, passando a funcionar no prédio do antigo botequim La Puerta del Sol, adquirido pelo senhor José Gyrão. O Café Chile passou a ser espaço frequentado por uma clientela de maior poder aquisitivo, funcionava até às duas horas da manhã, suas noites eram animadas por uma orquestra que se apresentava diariamente. Era iluminada a luz elétrica, ventiladores e tinha copa à vista do freguês, podendo ser inspecionada pela clientela. Em seu interior possuia uma tabacaria que dispunha de cigarros, charutos e fumos de diversas procedências e uma adega com bebidas de todas as qualidades, que incluíam grogs, cervejas, champanhe, whisks e vinhos. O cardápio sugeria que sua freguesia era formada pelos indivíduos mais abastados, sendo frequentado por atrizes, dançarinas e mulheres da sociedade, que se apresentavam bem vestidas, com suas jóias e chapéus, habitualmente portando luvas e sobrinhas, além das disputadas cortesãs.

Às 20h20, Coronel Júlio Brasileiro assoma a Praça da Independência. A pracinha tinha um pitoresco, havia próximo a ela o deposito da Caxias, com azulejos vermelho-verde, o Hotel Luzitano já desembocando no Pátio do Paraíso e no outro lado a Chapelaria Colombo que fazia oitão com a Matriz de Santo Antônio, compondo o cenário o Diário de Pernambuco e o famoso Café Chile.

Com um aspecto alegre e descontraído, Coronel Júlio Brasileiro chega ao Café Chile, estava acompanhado pelos amigos João Carlos Camboim e Mario Diniz, sendo solidarizado por alguns amigos e admiradores, alguns que retiravam os chapéus em sinal de respeito, com polidez contemplava a todos sem distinção repetindo o gesto.

Sentaram-se numa banquinha no terrasse, que ficava quase defronte a barbearia Salão Elite. Conversando com os companheiros, o coronel é interrompido por uma criança aleijada que lhe pede esmola, cheio de compaixão, Júlio Brasileiro, dá uma moeda, fazendo um afago no cabelo da criança, que agradece, rogando-lhe a proteção de Deus, em seguida saindo em busca de caridade em outras mesas. O garçom Alfredo Xavier vem até a mesa com uma bandeja para atendê-los e Júlio Brasileiro pede que lhe trouxesse um sorvete. Nesse momento surge repentinamente o Capitão Francisco Sales Vila Nova e o desfecho fatídico que se seguiu foi notavelmente narrado e publicado pelos principais jornais do Recife.

Terça-feira, 16 de janeiro de 1917.

Jornal do Recife Jornal
A pronvíncia


Jornal do Recife

PERSPECTIVA RUBRA

Garanhuns está transformado em uma praça de guerra


O assassinato do deputado Julio Brasileiro

A autopsia—A remoção do cadaver para Garanhuns—Outras notas

NOTAS SOCIAES

Jornal do Diário de Pernambuco
Jornal Pequeno


O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUENCIAS

ULTIMA HORA


JORNAL PEQUENO

PROPRIEDADE DE THOMÉ GIBSON & COMP.

A crise politica de Pernambuco

OS ACONTECIMENTOS DE GARANHUNS

O assassinato do deputado Julio Brazileiro provoca grande hecatombe

Uma carta do autor do crime, capitão Salles Villa Nova, dirigida ao «Jornal Pequeno».

Jornal do Recife

Garanhuns está se transformado em uma praça de guerra

Desordens, depredações – As providencias do chefe de polícia.

Mortos e ferimentos

Espalhou-se hontem pela cidade, às 13 horas, a notícia que Garanhuns ardia em chammas, notícia que teve logo largos commentarios e alteral-a e fazel-a mais excitadora.

O assassinato do coronel Julio Brazileiro conflagrava a cidade e os telegrammas vinham plantar o terror e o panico.

Procuramos apurar a verdade das narrativas e, effectivamente, soubemos serem verdadeiros os boatos correntes.

Afixamos os seguintes telegrammas recebidos pelo exm. sr. desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, e pelo exm. sr. dr. Manoel Borba, governador do Estado, os quaes colhemos na Repartição Central da Policia:

“Desembargador Antonio Guimarães. Amigos coronel Brazileiro percorrem cidade armados riffles, procurando assassinar adversarios. Minha casa foi corrida e peço garantias urgentes. (a) Manoel Jardim”.

“Massa popular tenta agressão diversos cidadãos. Resolvi medida garantil-os recolher todos salla cadeia, accordo eles. Grupo trouxe-me Presciliano Josué, preso, declarando responsavel assassinato Brazileiro. Conservo-o detido. Encareço v.exc. communicar Great Western, visto Josué chefe Estação Glycerio – (a) tenente Meira Lima, delegado”.

“ Indignação causada assassinato coronel Julio Brazileiro conflagrou cidade. Povo alarmado procura vingar. Commercio fechado. Força impotente conter ânimos. Peço providenciar urgente, augmento forças antes chegada trem especial conduz cadaver. Mandei pôr exercício todos supplentes melhor garantir ordem. Miranda, Jardim, indicados povo responsaveis assassinato ameaçam minha vida. (a)Abreu e Lima, juiz de direito”.

“Agora mesmo pedimos chefe do trafego um trem especial, pondo disposição v.exc. afim mesmo trem vir garantido policia para retirarmos nossas familias, uma vez policia aqui ser impotente. Apesar das providencias que o delegado está tomando pedimos urgencia. (a) Julio de Miranda, Satyro Ivo e outros commerciantes”.

“Dr. Governador Estado. Recife – Noticias assassinato ahi Julio Brasileiro exaltaram familia armada riffles causando vexames adversarios. Propalam carnificina. Commercio fechado. População alarmada. Peço garantias. (a) Satyro Ivo”.

Logo que o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, teve sciencia dos acontecimentos de Garanhuns, providenciou no sentido de seguirem para ali 50 Praças da Força Publica, que tomaram o trem de 16 horas e vinte minutos.

A força foi sob o commando do alferes Alberto Pinto, official do segundo batalhão.

Na estação de Cinco Pontas, estiveram o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, o coronel José Novaes, commandante da Força Publica e outros officiaes, assistindo o embarque.

Essas forças ficaram em Garanhuns à disposição do tenente Theophanes Torres, nomeado delegado em commissão daquelle municipio e que para ali seguiu pela manhã, acompanhado de 10 praças.

O dr. Fabricio de Barros, delegado fiscal, recebeu um telegramma do colletor federal em Garanhuns e proprietario do hotel Motta, Vicente Dantas Filho, pedindo garantias, visto ter a morte do coronel Julio Brazileiro confflagrado o municipio estando o delegado de policia com serias difficuldades em vista da exaltação de animos.

O dr. Fabricio de Barros solicitou providencias por officio ao desembargador Antonio Guimarães, providencias que foram tomadas com a partida de forças.

Foi este o officio do delegado fiscal ao desembargador chefe de policia:

Exm. sr. dr. Antonio da Silva Guimarães m. d. chefe policia. Tendo o collector das Rendas Federaes em Garanhuns me communicado em telegramma de hoje que se acha a collectoria a seu cargo sem garantias, em vista das desordens que naquelle municipio se estão dando, provocadas pela morte do coronel Julio Brazileiro rogo a v.exc. que se digne de providenciar no sentido de ser garantido o funccionamento da referida collectoria.

Aproveito a opportunidade para reiteirar a v.exc. os meus protestos de consideração e estima. Saude e fraternidade. Fabricio de Barros.

O cadaver do coronel Julio Brazileiro, que se achava depositado no Necroterio Publico de Santo Amaro, depois de autopsiado pelos medicos legistas da policia, foi conduzido num coche de primeira para Estação de Cinco Pontas, onde devia ser collocado num trem especial.

Acompanhavam o feretro 22 carros e 14 automoveis, nos quaes seguiam convidados e amigos do morto.

O desfilar dos carros realisou-se pouco após as 12 horas.

Na gare de Cinco Pontas vimos as seguintes pessoas:

Capitão Martiniano Correia, representando o dr. Manoel Borba, governador do Estado, general Dantas Barreto, desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, coronel José

Novaes, commandante da policia, tenente Eulino Mendonça, deputados federaes, Rodolpho de Araujo, Fabio da Silveira Barros, , dr. Netto Campello, e deputados estaduaes Feliciano André Gomes, Souto Filho, Antonio Loyo Amorim, Eutropio Silva, desembargador Mauricio Wanderley, capitão Gastão da Silveira, dr. Leopoldo de Araujo, major João Montarroyos, pelo commando superior da guarda nacional, coronel Pedro Paranhos, dr. Davino Pontual, capitão Pedro Manta e outras muitas pessoas.

Para aquella cidade acompanharam o enterro, seguiram as seguintes pessoas:

Capitão Martiniano Correia, representando o dr. Manoel Borba, governador do Estado, deputado Eutropio Silva, pelo general Dantas Barreto, pharmaceutico Raphael Joaquim da Rocha, Oscar Bandeira, Armando Victor, Joaquim Augusto da Silva, Augusto Alves Pimentel, capitão Avelino Americo da Silva, dr. Nilo Bezerra, José Dumouriez Brasileiro e José Vianna Brasileiro. (1)

Num carro de segunda classe foi collocado o feretro, sobre o qual se achavam as seguintes capellas: "Lembranças de Herminia e Leopoldo. Ao querido irmão e cunhado".

"Ao idolatrado Pae, sogro e avô, saudades de sua filha, genro e neto. Recordação de Fernandes Silva & Companhia".

Compunha-se o trem de tres vagons, um de primeira classe, outro de segunda e ainda um outro de bagagem.

Era chefe do trem o sr. José Laurindo. (2)

O trem partiu às 12 horas e 25 minutos.

As delligencias procedidas contra o capitão Francisco de Salles Villa Nova Mello, na subdelegacia de S. Antonio foram remettidas ao dr Arnulpho Lins e Silva, 1º delegado da capital, que aguarda o laudo medico afim de envial-as para juízo.

O Francisco de Salles, tem sido muito visitado no quartel do 1º Batalhão da Força Publica, onde está prezo.

Às 22 horas estivemos com exm. sr. desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, a sua residencia, afim de colhermosos detalhes.

S. exc. havia recebido os seguintes despachos:

(Expedido às 17 horas e 15 minutos).

"Cadaver franca decomposição. Pedimos permmissão avançar Garanhuns, que está calmo. Espero ordem Catende urgente. a) Euthropio Silva".

"Peço v. exc. garantias vida meu genro Satyro Ivo, Garanhuns. José Lourenço, presidente do concelho". (3)

"Constando alterações ordem Garanhuns, onde reside Satyro Ivo, genro um amigo meu peço v. exc. garantia vida delle. Saudações. (a) Salustiano Siqueira, prefeito".

Telegramma particular de fonte fidedigna, recebido de Garanhuns, informa terem sido assassinados, naquella cidade, às 18 horas, os srs. Manoel Jardim, Julio e Argemiro Miranda, dr. Borba Junior, Satyro Ivo e muito outros. (4)

Em toda a cidade havia um panico terrível. Mais de 300 homens armados percorriam as ruas.

Á noite correu insistentemente pela cidade a noticia affirmando-se ter chegado em telegramma particular, de ter sido assassinada a senhora com quem vivia maritalmente o capitão Francisco de Salles Villa Nova e Mello, noticia que, entretando, não tem confirmação official.

O desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, de posse do telegramma do deputado Eutropio Silva, publicado acima, respondeu-o immediatamente, prohibindo, em absoluto, a partida do trem que conduz o cadaver, da estação de Quipapá, antes da passagem do trem, onde segue a força de 50 praças.

Ao tenente Theophanes Torres, que seguiu no trem da manhã para Garanhuns, o desembargador chefe da policia telegraphou declarando-o delegado e ordenando ao mesmo

tempo que assumisse o comando da força de 50 praças que seguiu às 16 horas e vinte.

Até às 23 horas o desembargador chefe de policia nenhum telegramma havia recebido do tenente Theophanes Torres.

S. exc. esteve, à noite, em Olinda, conferenciando com o dr. Manoel Borba, sahindo depois para o telegrapho, na Great Western.

Como se vê, os vandalescos acontecimentos de Garanhuns augmentam de intensidade, sendo de esperar que com a chegada das forças volte o prospero municipio a ser dominado pela ordem, de que tanto necessita.

O desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, recebeu às 23 horas de hontem um telegramma do tenente Theophanes Torres, pedindo remetter com a maxima urgencia um reforço de 150 praças para Garanhuns, visto serem impotentes os soldados que ali se acham para conter os animos.

(1) José Brasileiro Viana, sobrinho e genro de Júlio Brasileiro, estava em Garanhuns no dia 15 de janeiro, e foi um dos principais responsáveis pela Hecatombe de Garanhuns.

(2) Guiava a locomotiva que tinha o número 209, o senhor Cecílio Lyra.

(3) José Lourenço, presidente do Conselho Municipal de Águas Belas, era o pai de Clotilde Ivo, esposa de Sátiro Ivo.

(4) O ataque à cadeia foi realizado por volta das 15 horas.

Jornal A Província

O assassinato do deputado Júlio Brasileiro

A autopsia- A remoção do cadáver para Garanhuns – Outras notas

Perdura ainda no espirito publico recifense a dolorosa sensação determinada pelo tragico assassinato do coronel Julio Brasileiro, faccto occorrido ante-hontem na praça da Independencia.

Verificou-se às 10 horas de hontem no Necroterio Publico a autopsia do coronel Julio Brasileiro, feito pelos medicos legistas da policia.

Do respectivo exame procedido, ficaram constatados dois ferimentos e não trez como se affirmavam, sendo um na parede abdominal interessando toda a massa intestinal, e outro na arteria sub-clavia esquerda, que produzio hemorrhagia interna determinando a causa-mortis. Foram também applicadas injecções ao corpo, a fim de ser obtida a conservação deste.

Entre as pessoas que assistiram as autópsias, notamos o exm. sr. senador Dantas Barreto, desembargador Mauricio Wanderley e os deputados Loyo de Amorim e João Benigno.

Cerca de 12:25 de hontem, seguio em trem especial para Garanhuns o cadaver do infortunado congressista.

O corpo que veio em carro de 1ª classe do cemiterio publico de Santo Amaro, onde se encontrava, para a estação de Cinco Pontas, foi acompanhado por 32 carros e 14 automoveis, que conduziam amigos do ilustre extincto.

Das diversas pessoas, destacamos as seguintes: capitão Martiniano Correia, representando o dr. Manoel Borba governador do estado, general Dantas Barreto, desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, coronel José Novaes,

commandante do regimento policial, tenente Eulino de Mendonça, drs. Netto Camppelo, Rodolpho Araujo e Fabio da Silveira Barros, deputados federaes, drs. Souto Filho, Turiano Campello, André Gomes, Gastão da Silveira, coronel Loyo de Amorim e capitão Pedro Manta, deputados estaduaes, dr. Leopoldo de Araujo, desembargador Mauricio Wanderley, major João Montarroyos representado o commando superior da guarda nacional, dr. Davino Pontual e o coronel Pedro Paranhos.

Tomaram o alludido comboio, destinados a Garanhuns, os srs. capitão Martiniano Correia, ajudante de ordens do governador do estado, deputado Eutropio Silva, representando o general Dantas Barreto, Oscar Bandeira, pharmaceutico Raphael Rocha, Armando Victor, Joaquim Augusto da Silva, Augusto Alves Pimentel, capitão Avelino da Silva, dr. Nylo Bezerra, José Dumouriez Brasileiro e José Vianna Brasileiro.

Viam se sobre o feretro as seguintes cappelas: "Lembranças de Herminia e Leolpodo" – Ao querido irmão e cunhado" - "Saudades de sua esposa, filha, genro e neto". – "Ao idolatrado pae, sogro e avô" – "Ao bom amigo, recordações de Fernandes & Cia".

Corriam hontem nesta capital alarmantes versões de que, em consequencia do assassinato do coronel Julio Brasileiro, se desenrolaram gravissimos acontecimentos em Garanhuns, onde residia, era prefeito e chefe politico, esse inditoso congressista.

Effectivamente não eram infudadas aquelles boatos.

Às 16 e 20 partio da estação Cinco Pontas, um trem especial conduzindo uma força de 50 praças de policia, embaladas, que veio do respectivo quartel commandada pelo 1º tenente Candido de Souza, que passou o respectivo commando na estação alludida ao 2º tenente Alberto Pinto, nomeado para seguir com a mesma, tendo como ajudante o 2º sargento Leonidas Augusto de Barros.

Estiveram na estação assistido ao embarque da força, o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, o coronel José Novaes, commandante do regimento policial, o major Antonio Baptista de Oliveira e o tenente Eulino de Mendonça, ajudante de ordens do chefe de policia.

Acompanhou a força que se destinou a Garanhuns o nosso companheiro Oscar Mello, o unico representante da imprensa nesta capital, que para alli seguio, e que nos dará informes telegraphos sobre a hecatombe daquella cidade.

Na estação era grande o numero de populares que, anciocos de pormenores, cercavam as autoridades.

Seguio tambem no comboio alludido o coronel José Rufino da Silva Mello, chefe politico de Panellas.

O trem que conduz o corpo do inditoso coronel Julio Brasileiro, por ordem superior, acha-se detido em Quipapá, aguardando a chegada da força, que daqui partio commandada pelo tenente Alberto Pinto.

Relativamente nos acontecimentos de Garanhuns, o desembargado Antonio Guimarães, chefe de policia, recebeu hontem os seguintes despachos telegraphicos:

"Águas Belas – constando alterações ordem Garanhuns, onde reside Satyro Ivo, genro e amigo meu, peço v.exc. garantias vida delle. Saudações – Salustiano Siqueira, prefeito".

"Garanhuns – Peço v.exc. garantias vida meu genro Satyro Ivo – José Lourenço, presidente do conselho".

"Catende – cadaver franca decomposição pedimos permissão avançar Garanhuns, que está calmo espero ordem Catende urgente, - Eutropio Silva".

"Lembro conveniencia fazer enterro estação qualquer anterior Garanhuns, capitão Martiniano".

"Previna amigos noticias alarmantes Garanhuns mortes ferimentos grande numeros individuos armados recommendam precaução chegada do trem – Capitão Martiniano".

“Garanhuns – Assassinato coronel Julio perturbam ordem, força insufficiente garantia animos. Encareço força. - tenente Meira Lima, delegado”.

Sabemos que o dr. Fabricio de Barros, delegado fiscal foi transmitido hontem, enviado pelo sr. Vicente Dantas Filho, collector federal de Garanhuns, o telegramma abaixo:

“Garanhuns, - Acabam de ser assassinados Manoel Jardim, Julio e Argemiro Miranda, dr. Borba Junior, Satyro Ivo e muitos outros, impossivel descriminar panico existente cidade. Mais de 300 homens percorrem as ruas. Peço garantias urgentes, vinte praças, apenas garantia ordem é impossivel. – Saudações – Dantas Filho, collector”.

Outras Notas

O desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, como medida preventiva, nomeou hontem delegado em commissão de Garanhuns, o tenente Theophanes Torres, que para alli seguio com dez praças embaladas no trem ordinario que partio da estação de Cinco Pontas às 6:50.

A força de 50 praças, que seguio hontem para Garanhuns sob o commando do alferes Alberto Pinto, passará a disposição do tenente Theophanes Torres, delegado em commissão.

Sabemos que o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, recebeu ás 23 horas de hontem, um telegramma do tenente Theophanes Torres, que chegou a Garanhuns ás 16:40, o qual communicava achar-se aquella cidade completamente conflagrada, estando infestada por mais de duzentos cangaceiros.

Affirma, ainda, o alludido despacho telegraphico que ha alli grande numero de mortos e feridos.

O tenente Theophanes Torres solicitou do desembargador chefe de policia um trem expresso com 150 praças

Jornal Diário de Pernambuco

O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUÊNCIAS

Em todas as rodas da sociedade pernambucana a que chegou noticia de lastimabilíssima scena de sangue e morte de ante-hontem, à praça da Independencia, foi esse, hontem, o assumpto principal das preoccupações e das conversas.

É fácil de comprehender que a apreciação e os commentarios se tivessem norteado em sentidos diversos, havendo duas correntes bem distinctas: a dos que reputam moralmente justificavel o crime e a dos que lhe admittem justificativa alguma, mesmo fóra do rigor das leis penaes. Não apuraremos que d´essas correntes é a mais volumosa.

Facilmente se comprehende tambem, sendo, por outro lado, muito para lamentar, que o infausto acontecimento houvesse tido funda e nefasta repercussão em Garanhuns, onde a victima, coronel Julio Brasileiro, residia ha largos annos, tinha numerosa familia e desde bastante tempo era prestigioso chefe politico.

Essa repercussão tomou, entretanto, proporções excepcionaes de horror, n´um innominável morticionio que, ás ultimas informações recebidas do citado município, victimara 11 pessôas, de maior ou menor destaque alli.

Narramos a seguir o que hontem se deu n´esta capital em relação ao deploravel successo e quanto chegou ao nosso conhecimento das suas horrorosas consequencias no referido municipio.

Pelas 11 horas, perante numerosa assistencia de amigos e correligionarios do coronel Julio Brasileiro, em o necroterio de

Santo Amaro, o dr. Frederico Curió, medico legista da policia, procedeu á autopsia no cadaver do assassinado.

O mesmo facultativo registrou a existencia dos seguintes ferimentos: Um na região clavicular esquerda, com lesão da arteria sub-clavea respectiva, interessando ligeiramente o pulmão; outro no ventre, na região lateral direita que produzio lesão nas ansias intestinaes. Do primeiro ferimento, em virtude da ruptura da arteria sub-clavea, resultou copiosa hemorrhagia.

No exame verificou o dr. Frederico Curio que os projectis que produziram aquelles ferimentos penetraram no corpo da victima pela frente.

Findo o trabalho medico-legal e reparada a vestimenta, foi collocado o cadaver no respectivo ataude, que era luxuoso e coberto de velludo preto.

Entre as pessôas que compareceram ao necroterio e assistiram a necropsia, notavam-se as seguintes: drs. Arthur Gonçalves, Felinto Wanderley e deputado Fabio da Silveira Barros, desembargador Mauricio Wanderley, general Dantas Barreto, dr. José Manoel do Rego Barros, deputados Loyo Amorim, Arnaldo Bastos, Souto Filho, João Benigno, Netto Campello, Rodolpho Araujo, dr. Leopoldo Lins, tenente Eulino Mendonça e representantes da imprensa.

Pelas 12 horas, realisou-se o sahimento do feretro do necroterio para a estação de Cinco Pontas, onde um trem especial aguardava a chegada do corpo do desventurado cel. Julio Brasileiro.

Acompanharam o carro funebre varios automoveis e carros conduzindo, entre outras, as seguintes pessôas: senador Dantas Barreto, drs. Fabio da Silveira Barros, deputado federal, desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, dr. Alfredo Vaz de O. Ferraz, representante do prefeito da capital, coronel José Novaes, commandante da força publica estadual, capitão Martiniano de Barros, representante do governo de Estado, dr.

Fortunato Guimarães, dr. Feliciano Gomes, deputado estadual, desembargador Mauricio Wanderley, dr. Eutropio Silva, deputado estadual, dr. Souto Filho, deputado estadual, Arnaldo Bastos, deputado estadual, dr. Felinto Wanderley, dr. J. Manoel do Rego Barros, coronel José da Silva Loyo, deputado estadual, Gastão da Silveira, deputado estadual, dr. Netto Campello, deputado federal, dr. Davino Pontual, senador estadual dr. Rodolpho Araujo, deputado federal, coronel Loyo Amorim, deputado estadual, capitão Pedro Manta, deputado estadual dr. Turiano Campello, deputado estadual, dr. Heraclito Vaz, dr. Manoel Henrique Wanderley, dr. Leopoldo Lins, dr. Leopoldo de Araujo, dr. Virginio Campello, dr. Rodolpho Santa Cruz, capitão Libanio Machado, coronel Alfredo Rolim, dr. Nylo Bezerra, commendador José da Silva Moreira.

A chegada do prestito funebre encontrava-se na estação avultado inumero de pessôas, entre ellas representantes da imprensa.

O esquife, retirado do coche funebre, foi collocado n´um carro-bagagem, que estava atrelado ao trem especial, sendo na occasião depositado sobre aquelle numerosas corôas.

Membros da familia do morto não consentiram que o caixão seguisse no carro-bagagem. Por isso foi esse substituído por um carro de passageiros de 2ª classe, em que ficou o ataude.

Assim, o trem, constituído por dois carros, puxado pela locomotiva nº 29, partio às 12 horas e 25 minutos.

Para Garanhuns, acompanhando o cadaver, seguiram os srs. capitão Martiniano de Barros, representando o governador do Estado, deputado estadual Eutropio Silva, Dumouriez Brasileiro, José Vianna, Oscar Bandeira e outras pessôas.

O cadaver do inditoso coronel Julio Brasileiro deixou de ser embalsamado e de receber injecções de formol por julgar isto desnecessario o medico legista dr. Frederico Curio.

Assim procedeu o dr. Curio, attendendo a que o corpo podia resistir por mais de 24 horas, indo para Garanhuns.

Pela manhã de hontem circularam boatos de graves acontecimentos em Garanhuns.

O sr. Alfredo Wanderley, proprietario do "Restaurant Macahyba", á rua Larga do Rosario, 15, logo cêdo procurou o desembargador chefe de policia e mostrou-lhe o seguinte telegramma que recebera de sua familia:

"Cidade invadida cangaceiros. Está havendo tiroteio. Espera-se hecatombe. Impossivel seguir. Providencie garantias. – (a) Josephina".

Por outro lado, o desembargador Antonio Guimarães havia recebido esse despacho:

"Cidade invadida cangaceiros. Grande tiroteio. Mortos e feridos. Peço urgente providencia. Acho insufficiente destacamento. – (a) Meira Lima, delegado".

"Peço activar providencias pedidas governador. – (a) Padre Benigno Lyra".

"Peço providencias favor meu irmão dr. Abreu e Lima. Juiz de direito, ameaçado Julio de Miranda. – (a) Carlos Abreu e Lima.

O governador do Estado tambem recebeu diversos telegrammas de pedidos de garantias.

Mais telegrammas recebidos pelo desembargador chefe de policia:

"Agora mesmo pedimos chefe trafego um trem especial, pondo disposição v. excia. afim mesmo trem vir garantindo policia para retirada nossas famílias, uma vez que a policia aqui é impotente. Apezar das providencias que o delegado está tomando pedimos urgência. – (a) Julio de Miranda – Satyro Ivo e outros commerciantes".

"Indignação causada assassinato Julio Brazileiro conflagrou cidade. O povo alarmado, procura vingar-se.

Commercio fechado. Força impotente conter animos. Peço providencias urgentes augmento força antes chegada trem conduz cadaver. Mandei assumir exercicio todos os supplentes melhor garantir ordem. Mirandas, Jardins indicados povo responsaveis assassinato; ameaças tambem minha vida. – (a) Abreu e Lima, juiz de direito".

"Amigos coronel Julio Brasileiro percorrem cidade armados rifles procurando assassinar adversarios. Minha casa foi corrida e peço garantias urgentes. – Manoel Jardim".

"Massa popular tenta agressão diversos cidadãos. Resolvi mehor garantil-os recolher todos sala cadeia, accordo elles. Grupo homens trouxe-me Graciliano Joel (5), preso, declarando responsavel assassinato Julio Brasileiro, correndo perigo vida o detido. Encareço v. excia. comunicação "Great Western", visto Joel ser chefe Glycerio. (a) Vicente Meira Lima, delegado". (6)

Recebido pelo governador do Estado:

"Noticia assassinato Julio Brasileiro exaltou familia, armada rifles causando vexames adversarios. Propalam carnificina. Commercio fechado. População alarmada. Peço garantias. – (a) Satyro Ivo".

Os telegrammas acima foram recebidos até ás 16 horas.

Depois, o chefe de policia recebeu estes outros despachos:

"Águas Belas, 15 (às 17 horas) – Constando alteração ordem Garanhuns, onde reside Satyro Ivo, genro um amigo meu, peço v. excia. garantia vida d´elle. Saudações. – (a) Salustiano, prefeito".

"Garanhuns. – Peço v. excia. garantias vida meu genro Satyro Ivo. – (a) José Lourenço, presidente do concelho".

Um telegramma alarmante endereçado a importante firma commercial:

“Foram assassinados Manoel Jardim, Julio e Argemiro Miranda, dr. Borba Junior, Satyro Ivo e muitas outras pessôas. Panico extraordinario 300 pessôas percorreram a cidade”.

Às 22 1/2 horas o dr. chefe de policia recebeu communicação da chegada de um trem commum em Garanhuns, sem novidade.

O dr. Guimarães ás 22 1/2 horas, recebeu este telegramma procedente de Catende:

“Cadaver franca decomposição, pedimos permissão avançar Garanhuns, que está calmo. Espero ordem Catende urgente. (a) Eutropio Silva”.

De posse desse telegramma, o dr. chefe telegraphou ao dr. Eutropio Silva dizendo que proseguisse viagem até Quipapá, onde aguardaria trem força. Caso cadaver se deteriorasse muito, o sepultasse cidade, pois exaltação animo Garanhuns não permittia chegada trem cadaver sem força embalada.

O dr. Guimarães esteve no telegrapho da “Great Western”, à rua do Brum, desde 19 até 21 1/2, recebendo e enviando telegrammas.

Ainda telegrammas recebidos pelo desembargador chefe de policia:

“Grupo superior cem homens ataque cadeia nove mortos, numerosos feridos. Peço remessa trem especial cincoenta praças garantir ameaças grupos esperados esta noite. Delegado reage quanto pode. – Abreu e Lima, juiz de direito”.

“Grupo armado, superior cem homens, atacou a cadeia. Policia reagio quanto poude. Diversos mortos ferimentos. Urge força manter ordem evitar provavel reacção. – Abreu e Lima, juiz de direito; Pacifico dos Santos, promotor; Meira Lima, delegado”.

Noticiou telegramma aqui recebido por firma commercial hontem á noite que foram assassinados em Garanhuns os srs. Manoel Jardim, ex-deputado estadual, dr. Borba Junior e os commerciantes Julio Miranda, Argemiro

Miranda e Satyro Ivo, além de outras pessoas conceituadas; que o grupo invasor é de 300 homens.

O desembargador A. Guimarães esteve hontem á noite no telegrapho nacional, á procura de noticias. Alli recebeu um telegramma do vigario de Garanhuns confirmando a invasão e dizendo que acabava de prestar os ultimos soccorros da Egreja a cinco paisanos e dois soldados moribundos. O despacho accrescentava que o tiroteio proseguia.

No escriptorio telegraphico da “Great Western” recebeu o dr. chefe de policia confirmação da morte de varias pessoas referida n´outra nota.

O desembargador Guimarães fôra certificar-se da macha dos trens. Soube que o commum havia chegado na hora de costume. O expresso que conduzia o cadaver estava parado ainda em Catende, por ordem da policia, aguardando o que conduzia a força para lhe ceder a frente. Este já havia partido de Palmares. Deveriam ambos chegar hoje às 2 horas. O dr. chefe de policia deu ordens para que o trem com o reforço desenvolvesse pouca marcha entre São João e Garanhuns, porque poderiam perversamente ter arrancado trilhos ou n´elles posto obstaculos.

A familia de Julio Brasileiro telegraphou á “Great Western” protestando contra a demora do trem que conduzia o cadaver de seu chefe. A direcção da companhia respondeu que o fizera por ordem das autoridades do Estado e como medida garantidora talvez da segurança dos reclamantes.

O tenente Theophanes Torres, commandante da força que seguira para Garanhuns hontem pelo trem do horario, telegraphou ao dr. chefe de policia communicando haver encontrado muitos mortos e feridos e calculando em 200 os cangaceiros distribuidos pela cidade. Pedio o referido official que fossem enviadas com urgencia mais 150 praças e tambem medicos. Communicou ainda ser alli esperada nova hecatombe.

Do nosso correspondente em Garanhuns recebemos pela madrugada de hoje:

Garanhuns, 15 – Cangaceiro armados atacaram á tarde a cadeia publica, onde se achavam recolhidos algumas das pessoas ameaçadas. A guarda resistio, travando-se tiroteio durante meia hora. Foram mortos entre outros, o major Satyro Ivo, coronel Manoel Jardim, J. Velloso, Julio e Argemiro Miranda, Presciliano Josué, Gonzaga e o medico dr. Borba Junior. Há ainda dois soldados mortos, quatro populares moribundos e diversos feridos. (7)

Reina verdadeiro panico e incalculavel desolação entre as familias das victimas. A situação é dolorosissima, devido ao imprevisto dos acontecimentos e a demora dos soccorros. O tenente Theophanes Torres chegou pelo trem do horario com 10 praças.

Aguarda-se anciosamente a chegada dos reforços extraordinarios solicitados ao governo. Todos os esforços empregados no sentido de acalmar os animos têm sido inuteis e improficuos, nada tendo conseguido o delegado junto aos parentes e amigos do mallogrado coronel Brasileiro. É incalculavel já agora a tensão entre os politicos das duas facções em conflito.

Ás 16 horas e 10 minutos partio da estação Cinco Pontas um trem especial levando para Garanhuns 50 praças de policia, commandadas pelo alferes Alberto Pinto, força que passará n´aquelle municipio ao commando do tenente Theophanes Torres Ferraz, que para alli seguira de manhã, no trem ordinario, nomeado delegado e levado 10 praças. O mesmo trem foi puxado pela locomotiva nº 32, tendo como machinista o sr. Antonio Christovão e conductor o sr. João Lyra.

A partida do comboio especial assistiram o chefe de policia, o seu secretario dr. Mendonça Simões, o coronel José Novaes, o dr. Arthur Moura, o dr. Manoel Porto, o major Baptista,

o tenente Eulino Mendonça, representantes da imprensa e muitas outras pessoas. A força levava carabinas, Mauser e bastante munição.

Consta que hoje seguirão para Garanhuns, mais 50 praças, sob o commando de um official.

Afim de proceder a inquerito e formação de culpa quanto aos atrozes successos de Garanhuns vae ser nomeado um juiz de direito de outro municipio.

O trem especial que conduzio a força partio de Catende ás 21 horas e 40 minutos, seguido do comboio em que ia o cadaver.

No quartel do 1º corpo de policia permanece calmo o cap. Francisco Salles Villa Nova e Mello. Alimenta-se pouco. Constantemente pensativo, fica horas inteiras abstracto.

Soube do boato de que haviam morto sua companheira e de que seus filhos estavam ameaçados. Recebeu essa noticia com resignação, para depois proromper em copioso pranto.

Lamenta a desgraça que se desencadeia sobre Garanhuns, terra que muito ama.

Pede que o dr. chefe de policia o mande vistoriar, que ao chegarem noticias positivas a respeito da sorte de sua familia lhe mandem communicar.

__ Uma desgraça! Um dia, porém, hei de ser solto! __ rematou o detido.

As deligencias aqui procedidas pela policia serão remettidas ao dr. juiz municipal da 1ª vara.

N´ellas depuzeram 12 testemunhas.

De acordo com as providencias tomadas hontem pelo governo devem achar-se hoje em Garanhuns cerca de cem praças com tres officaes sob o commando do delegado Theophanes Torres. Além destes, achar-se lá o sr. capitão Martiniano Correia, ajudante de ordens do governador, que alli o foi representar os funeraes do infortunado coronel Julio Brasileiro.

(5) O telegrama apresentava o nome Graciliano Joel, mas o chefe da estação em Glicério chamava-se Presciliano Josué.

(6) Vicente Meira Lima. O nome completo do delegado era Antônio de Paula Pimentel Meira Lima.

(7) O correspondente do Diário de Pernambuco na lista preliminar dos mortos na cadeia cita os nomes de J. Veloso e Presciliano Josué, o primeiro era irmão de Francisco Veloso da Silveira, mas este não se encontrava na cadeia no momento do ataque, e Presciliano Josué conseguiu escapar ao tiroteio, ferido por uma bala em uma das mãos. Presciliano Josué estava visitando em Garanhuns o seu cunhado Antônio Jandaia, que estava adoentado. Também conseguiram escapar durante a invasão o guarda sanitário Arthur Pereira, o eletricista do cinema Moderno Jesuíno Veras, o operador do cinema Moderno Zuza, o ex-sargento Araújo e os presos comuns João Isidoro da Silveira, Tiburcio Izídio da Silva e Antônio Isidoro de Vasconcelos.

Jornal Pequeno

OS ACONTECIMENTOS DE GARANHUNS

O assassinato do deputado Julio Brazileiro provoca grande Hecatombe

A dolorosa tragedia de Garanhuns já repercute profundamente na sociedade pernambucana. Não conhecemos revanche mais brutal e mais cega, ferindo desapiedadamente do que já era desenrolada na grande cidade serrana. O assassinato do coronel Julio Brazileiro trouxe consequencias horrivelmente tragicas, já mais esperadas tão odiosas e impiedosas.

Chegada a Garanhuns a noticia do assassinato daquelle deputado, os seus amigos, correligionarios indignados, armaram-se e declararam-se dispostos a vingar seu chefe.

Os pedidos de providencias começaram a chegar desde cedo. A distancia, porém, que vae desta capital a Garanhuns não permittia que esses pedidos de garantias fossem immediatamente atendidos.

E antes que as forças enviadas para ali chegassem ao seu destino a hecatombe mais seria e mais pungente desaba sobre a prospera cidade do nosso Estado.

Conforme noticiamos hontem, em a nossa 2ª edição, diversas pessoas de responsabilidade em Garanhuns sentindo-se sem garantias, procuraram abrigo na cadeia protegidos pelo pequeno destacamento local.

Á tarde, porém, um grupo superior a 100 homens compostos todos de amigos do coronel Julio Brazileiro, armado a rifle, atacou a cadeia, travando forte tiroteio com a guarda da mesma que infelizmente não poude resistir por muito tempo.

Então a cadeia foi invadida e assassinados os seguintes adversarios do infortunado deputado Julio Brasileiro:

MAJOR SATYRO IVO, do partido dissidente. Era grande capitalista e negociava em alta escala. Casado deixa de 6 a 8 filhos.

CORONEL MANOEL JARDIM, ex-deputado estadual e chefe politico opposicionista Maior de 50 annos de idade, casado, deixa filhos.

FRANCISCO VELLOSO, antigo negociante, estabelecido ali com uma grande pharmacia gozava de muita estima. Sendo compadre do capitão Salles Villa Nova, assassino do coronel Julio Brasileiro.

DR. BORBA JUNIOR, medico residente ali, candidato da chapa Rocha Carvalho ao logar de sub-prefeito. É natural da Bahia.

JULIO TAVARES DE MIRANDA, negociante, proprietario e fazendeiro, possuindo fortuna superior a 600 contos de réis. Casado, deixa filhos.

ARGEMIRO TAVARES DE MIRANDA, irmão de Julio de Miranda e socio deste. Tambem proprietario, gosava, com o seu irmão, de reputado credito na praça do Recife. Era um desenhista.

Os irmãos Julio e Argemiro Miranda eram sócios com o senhor Laudelino Prudencio Pio de Azevedo da firma Prudencio Pio & Cia na Capital Pernambucana.

LUIZ GONZAGA JARDIM, sobrinho e filho de criação do coronel Manoel Jardim, menor de 21 anos, solteiro.

Houve outros mortos, inclusive duas praças e 4 populares. Os feridos são em grande numero.

O major Satyro Ivo, um dos assassinados, é genro do coronel José Lourenço, presidente do Conselho Muncipal de Aguas Bellas e parente do coronel Salustiano Siqueira, prefeito desse municipio. O coronel José Lourenço é homem de grande prestigio, possue homens armados á sua disposição, pelo que se receia tome uma vingança.

Uma carta do Capitão Salles Villa Nova dirigida ao "Jornal Pequeno".

O capitão Salles Villa Nova escreve-nos do quartel do 1º batalhão, 16 de janeiro de 1917 – Sr. redator do Jornal Pequeno.

Surrado a cacete e a cipó de boi, este instrumento aviltante, me considerando um homem desmoralisado no meio dos meus camaradas, num momento de colera, que desde a noite da affronta me perturbava o cerebro deu em resultado o caso funesto que todos conhecem. São unicos responsaveis por esta hecatombe: 1º o dr. Abreu e Lima, juiz de direito, 2º o delegado tenente Meira Lima. O coronel Brasileiro, antes de tomar conselhos e se deixar guiar exclusivamente pelos conselhos satanicos do dr. Abreu não era homem para offender physicamente seus adversarios. Porém os conselhos que só o pao faria recuar os adversarios foi acceito e principiado a levar a effeito, por sua pessoa, dando effeito contrario ao esperado. A lista negra a ser executada era a seguinte:

Francisco Salles (já espancado), Sátyro Ivo (assassinado), dr. José Rocha Carvalho, coronel Jardim (assassinado), Julio Miranda (assassinado), Argemiro Miranda (assassinado), dr. Borba Junior (assassinado), João Velloso, Francisco Velloso (assassinado), José Guerreiro, Francisco Vieira, João Francisco da Silva, João Tenorio, Thomaz Neves, Linduarte Tenorio, Manoel Azevedo, Candido Laurentino, André de Moura, Luiz de França, Vespasiano Peixoto, Antonio Vicente de Andrade, Francisco Americo, Antonio Penante, Albino Costa, João Paixão, Francisco Taveira e Joaquim Fausto.

Foi esta a lista fatal, engendrada pelo dr. Abreu e Lima, de combinação com o morto e seus atrabilliarios sobrinhos. Surras, e no caso de reacção, morrer. Agora, sr. dr. Abreu e Lima, homem pequeno no tamanho e nas acções, hypocrita, mira-te no espelho da tua obra, e, se existe um pingo de brio no teu cerebro do mal,

mata-te, porque do contrario os phantasmas de tuas victimas não te darão socego.

Eu pretendia expôr tudo isto ao publico, se a sorte me não tivesse arrastado ao assassinato. Minha honra está desaffrontada, compete agora á justiça da terra me castigar e a de Deus. Aos jornaes desta capital, um misero e infeliz assassino pede a transcripção desta – Francisco Salles Villa Nova e Mello.

Pela manhã estivemos com o capitão Salles Villa Nova assassino do coronel Julio Brazileiro, no quartel do 1º batalhão. O seu estado de exaltação era grande. As ultimas noticias chegadas de Garanhuns abalaram-no profundamente.

Todos os assassinados de hontem, disse-nos o capitão Villa Nova, são innocentes, nenhuma responsabilidade têm no seu crime.

Falou nos de algumas qualidades apreciáveis de sua victima para concluir que o único responsavel por toda essa grande desgraça é o dr. Abreu e Lima, juiz de direito local. As vinganças pequeninas ali exercidas pela politica do coronel Julio Brazileiro, contra os seus adversarios, eram fomentadas e instigadas pelo mesmo magistrado.

Nada sahia de positivo quanto ao assassinato de sua mulher.

E nervoso, chorando copiosamente, o capitão Villa Nova pedia a um seu filho, junto a elle no momento, que fosse digno de si mesmo e agisse como homem si certas vinganças se realizassem, apontando o unico homem a quem cabia a responsabilidade exclusiva de tamanha desgraça.

O exmo. sr. dr. Manoel Borba, honrado governador do Estado, recebeu um telegramma do padre Benigno Lyra communicando que tem prestado serviços aos moribundos e que há grande exodo de familias da cidade.

Por Trás do Mundo da Notícia II

Os jornais da capital pernambucana que circularam na terça-feira, dia 16 de janeiro de 1917, destacariam em seus noticiários os acontecimentos do dia 15 de janeiro, entre elas a autopsia e remoção do corpo do Coronel Júlio Brasileiro para Garanhuns, todavia, as notícias aterradoras chegadas pela manhã dos graves acontecimentos em Garanhuns, mudou o rumo das reportagens.

Telegramas enviados ao Chefe de Polícia, Antônio Guimarães e ao Governador Manuel Borba, vindos de Garanhuns por parte de correligionários de Júlio Brasileiro, delegado, moradores da cidade e adversários políticos ameaçados, dando notícias de homens armados circulando na cidade, invadindo as casas de políticos da oposição e contingente policial insuficiente para garantir a ordem, deixam alarmados a imprensa e autoridades policiais. Antônio Guimarães, Chefe da Polícia, providencia pela manhã o envio de dez praças sob o comando do Delegado em Comissão, Tenente Theophanes Torres, mais antes da chegada do reforço, notícias dos assassinatos dos oposicionistas na cadeia pública de Garanhuns chegam ao chefe de Polícia e da imprensa, através de telegramas das autoridades locais, populares e repórteres correspondentes.

Os noticiários dos crimes cometidos em Garanhuns publicados no dia 16 de janeiro se baseiam em telegramas e não dão a dimensão dos fatos que realmente aconteciam em Garanhuns na manhã de 15 de janeiro de 1917, posteriormente os repórteres correspondentes e a apuração dos assassinatos cometidos na cadeia pública de Garanhuns, serão revelados a sociedade. Como os telegramas são enviados em sua maioria pelo delegado local, Tenente Meira Lima e o Juiz de Direito, José Pedro de Abreu e Lima, temos a impressão de um levante popular, em que o assassinato de Júlio Brasileiro fora atribuído a ala

oposicionista, liderada pelos Jardins e Mirandas, sendo eles o alvo da vingança.

O relatório dos autos do inquérito e formação de culpa dos responsáveis pela Hecatombe de Garanhuns, apresentado pelo juiz José Francisco Ribeiro Pessoa ao Superior Tribunal de Pernambuco, é um dos documentos que elucida as veracidades dos fatos ocorridos no dia 15 de janeiro de 1917 em Garanhuns. A narrativa do documento é um relato singular e histórico, e nos ajuda a elucidar os trágicos acontecimentos da hecatombe de Garanhuns, embora, com a investigação dos crimes pelas autoridades polícias, testemunhas e repórteres correspondentes, muitas revelações serão noticiadas pelos jornais do Recife.

No dia 15 de janeiro, quando os moradores despertavam para a labuta, ás 6h30, o telegrafista Raimundo de Araújo Lima tem um telegrama urgente endereçado a Anna Duperron Brasileiro, esposa do Coronel Júlio Brasileiro, ao ler a correspondência, fica surpreso e incrédulo com o seu teor:

“Faleceu assassinado Coronel Júlio Brasileiro às dezenove horas a Praça da Independência. Capitão Francisco de Sales Vila Nova - preso Estado Maior do 1º batalhão”. Deputado Eutrópio Silva.

Raimundo de Araújo se encarregou de entregar o telegrama, que é recebido por Maria Luisa Duperron Brasileiro Viana, filha de Júlio Brasileiro. Anna Duperron Brasileiro, chamada de Dona Menininha, ao ler o conteúdo do telegrama, entra em desespero, mãe e filha rompem num choro inconsolado, sendo acalentadas por José Brasileiro Viana, esposo de Maria Luisa, que respirava cuidados devido o seu estado de gravidez.

A notícia não demorou a se espalhar por todos os cantos da cidade. Começando a formar grupos em diversos locais, geralmente de pessoas curiosas que procuravam certificarem-se sobre a veracidade do assassinato, outros de parentes, amigos e correligionários que nas ruas já se achavam protestando e

estarrecidos diante da notícia que não conseguiam acreditar, estes se dirigiam à casa da viúva dando-lhes os pêsames e oferecendo-lhes apoio.

Na fachada da casa da viúva foi se aglomerando um grande número de pessoas, inclusive muitos garotos de ruas que eram incumbidos de comunicar o falecimento do coronel aos amigos da família, o Juiz Abreu e Lima, Cônego Benigno Lira, Fausto Galo e ao irmão do coronel, Eutíquio Brasileiro e seus sobrinhos Álvaro Viana, Antônio e José Rosa.

Avisado da morte do irmão Júlio Brasileiro, Eutíquio Brasileiro, em estado de perturbação, chega à casa da cunhada, aos gritos pergunta se havia confirmação do crime, o Cônego Benigno Lira atesta o fato lendo o telegrama do Deputado Eutrópio Silva. Eutíquio Brasileiro, enfurecido saca uma pistola e fazendo menção de sair para a rua discordava do autor do crime em altos brados:

__ Qual Sales, qual nada!

Cônego Benigno Lira segurou-lhe pelo braço, chamando-o a parte ofereceu-lhe uma cadeira. Atendendo ao pedido do cônego, Eutíquio extremamente nervoso ouve as palavras do religioso que o aconselha que ele deveria se conter, pois não podia atribuir a quem quer que fosse a coparticipação no assassinato de Júlio Brasileiro.

Eutíquio Brasileiro guardou a pistola e sem nada responder, atendeu aos conselhos do cônego.

Dez minutos depois assomou a casa da viúva, o suplente de delegado e sobrinho de Júlio Brasileiro Antônio Rosa Filho, estava empunhando um rifle, procurava saber se havia confirmação da morte do tio, respondendo Cônego Lira que sim.

Em vista desta resposta, Antônio Rosa Filho, deixou a casa em direção à rua dizendo que a sua desgraça estava feita.

Vendo o perigo e as pretensões de Antônio Rosa, Cônego Lira pediu para os curiosos que estavam na calçada para que o

prendessem, mas Maria Luisa de uma das janelas da casa ordenou para que o soltassem e deixassem Antônio Rosa seguir, sendo o caminho aberto para sua passagem.

Antônio Rosa seguiu em direção á Rua do Recife, onde morava o seu pai, o septuagenário Antônio Paes da Silva Rosa. Chegando a residência encontrou o pai, seu irmão José Rosa e seu sobrinho Manuel Rosa. Antônio Rosa confirmou a família o assassinato de Júlio Brasileiro pelo Capitão Francisco Sales Vila Nova, mas o ancião Antônio Paes da Silva Rosa, não acreditou que Sales Vila Nova cometeria o crime sem apoio de alguém, julgava que tudo fazia parte de um complô dos adversários políticos de Júlio Brasileiro.

Antônio Rosa e José Rosa deixaram a casa, tendo como objetivo arregimentar alguns homens de confiança.

As reações ao assassinato do Coronel Júlio Brasileiro despertavam em seus partidários surpresa e concomitante as mais diversas explicações para o crime, prevalecendo à conspiração por parte dos adversários políticos.

José Viana se encarregou de enviar um mensageiro à residência do Juiz de Direito, Dr. Abreu e Lima, para comunicá-lo da morte de Júlio Brasileiro. A residência ficava um pouco afastada do centro da cidade, paralela e pelos fundos da casa do Capitão Thomaz Maia, chamada a época de Vila Maria. (8)

O magistrado após saber da notícia ficou incrédulo, mesmos diante dos rogos de sua esposa Angelina Abreu e Lima para que mantesse a calma seguiu para a casa do falecido, revoltado dizia pelas ruas que aquilo não tinha lugar, só uma vingança. Algumas pessoas que o viram antes de sua chegada a residência da viúva, afirmaram nos depoimentos ao Juiz José Francisco Ribeiro, que o Dr. Abreu e Lima carregava uma arma escondida na cintura.

Ao chegar à residência da família Brasileiro, Dr. Abreu e Lima vinha acompanhado do Tenente Meira Lima, sendo o delegado chamado a parte por José Brasileiro Viana.

O magistrado cumprimentou os familiares e amigos, e algumas testemunhas presentes neste momento, o Presidente do Conselho Municipal Francisco de Assis Barbosa, o Promotor João Pacífico dos Santos, Prefeito Capitão Thomaz Maia, proprietário do Cinema Moderno, Marciolino Ferreira, comerciante e amigo íntimo da família, Francisco de Siqueira Cavalcante, cobrador de vários estabelecimentos bancários do Recife, e que estava em Garanhuns para tratamento da saúde, todos escutaram o juiz ao pedir os pêsames à viúva falar que haviam matado o seu compadre e que a vingança seria terrível e cruel e se realizaria ainda naquele dia, sendo secundado pelo secretário da prefeitura, Fausto Galo, que disse que a represália era natural e significavam as lágrimas de uma viúva. Discordando, Thomaz Maia considerava que não podia se apontar autores intelectuais de um crime sem provas, cabendo à Justiça apurar os fatos. Fausto Galo, convencido de um complô, assevera dizendo que se ousaram matar Júlio Brasileiro, com certeza fariam o mesmo com os seus correligionários.

O Capitão Thomaz Maia não pactuou com os argumentos do secretário, alegando que seria melhor esperar, pois não havia visto pela cidade nada que preocupasse ou ameaçasse a vida de alguém, concluindo suas impressões dizendo que era apenas o que pensava. Depois cumprimentou a todos e retornou a sua casa, um solar localizado na Vila Maria, Rua do Açude, atualmente chamada de Rua Capitão Thomaz Maia. O nome Vila Maria, foi uma homenagem que o Capitão Thomaz Maia fez a sua esposa Maria Campelo da Silva.

O Promotor João Pacifico dos Santos, o Conselheiro Francisco de Assis Barbosa e o banqueiro Francisco de Siqueira estavam próximos à viúva quando esta recebia as condolências

dos irmãos João e Lourenço Souto, empregados da Intendência e primos de Mirandolina Souto de Miranda, esposa de Argemiro Miranda. A viúva surpreendeu os irmãos perguntando se eles pegariam em rifles, respondendo eles que não. Diante da resposta negativa, Ana Duperron soltou bruscamente a mão de João Souto e encarando-os disse-lhes: __ Pois fiquem sabendo que a família Souto botará luto, e as cabeças de Souto Filho, Rocha Carvalho e Luiz Farias serão arrancadas ainda hoje no Recife, não aceito mais pêsames, a família Souto vai botar luto também. Hoje não ficará vivo nenhum adversário do meu marido Júlio e prometo que só tomarei luto quando as outras o fizerem e só vou chorar quando as outras chorarem (9).

João e Lourenço Souto diante das ameaças da viúva deixaram a casa sem proferir uma palavra.

Passado esse momento, os sobrinhos de Júlio Brasileiro, os irmãos José Viana, Álvaro Viana e Fausto Galo, conversavam em um dos quartos da casa com o Tenente Meira Lima, o delegado sugeria a convocação dos suplentes de delegados e inspetores de quarteirão para assumirem com as autoridades efetivas o exercício para manutenção da ordem. O bancário Francisco de Siqueira Cavalcante ouviu o que confabulavam, e escutou quando José Viana disse ao oficial que ele não se importasse que batata, feijão e café tinham muito em Brejão. Entrementes, a pedido de Álvaro Viana, Fausto Galo redige um telegrama endereçado ao seu irmão Alfredo Viana, que se encontrava na fazenda Água Branca em Brejão, tendo o comunicado o seguinte teor:

__ "Mataram Júlio Brasileiro, venha com Vicentão, Severino Duda e outros".

Álvaro Viana pediu para que José Viana despachasse o telegrama, se recusando o irmão, que acabou sendo enviado e assinado por Álvaro Viana.

A convocação dos suplentes, inspetores de quarteirão e de homens de confiança da família Brasileiro era temerário, pois

em sua maioria estavam ligados aos Brasileiros por laços de parentescos ou subordinação.

Uma testemunha arrolada no inquérito e formação de culpa, João Tenório de Albuquerque, relata que meia hora depois da saída do delegado, os ânimos já estavam bastante exaltados entre os correligionários de Júlio Brasileiro, nesse tempo chegou armado de um rifle o inspetor de quarteirão José Olimpo, amigo de muito anos. João Tenório perguntou pelo delegado Meira Lima, e esse lhe informou que ele estava na cadeia organizando a guarnição e que o tinha designado a manter sentinela na casa dos Brasileiros. Questionado sobre o quantitativo da força que dispunha o delegado, José Olimpo disse que só havia três, o Cabo Antônio Pedro de Souza, Cabo Cobrinha, os soldados Ezequiel Cabral de Souza e Pedro Antônio Dias, ambos enfermos, estando Pedro Antônio Dias de repouso na cadeia.

Um adendo às informações de José Olimpo. Naquele dia 15 de janeiro de 1917 o Cabo Antônio Pedro de Souza, Cobrinha, estava com 28 anos, Ezequiel Cabral de Souza, 29 anos e Pedro Antônio Dias 32 anos.

Em meio à conversa José Olimpo confidenciou que o delegado havia se encontrado com Leopoldino Barbosa, apelidado de Bolachão, próximo á cadeia portando uma espingarda Comblain, e que Bolachão ao avistar o delegado lhe entregou a arma, dizendo que o Capitão Antônio Rosa Filho lhe incumbiu de buscá-la na casa do comerciante e funcionário da prefeitura Quirino Florentino, sendo a mesma entregue pela sua esposa, mas o subdelegado não lhe explicou porque queria a arma e quando ele voltou ao local onde o Capitão Antônio Rosa estaria aguardando para pegar a arma ele já não estava, disse mais que ao entregar a arma ao delegado esse lhe ordenou que entregasse a Antônio Rosa e com ele se entendesse, depois ordenando que ele ficasse de sentinela na casa da viúva até nova ordem.

Nas proximidades da casa da família Brasileiro aos poucos foram se aglomerando várias pessoas ligadas ao coronel Brasileiro, algumas mencionadas por João Tenório, entre elas: o inspetor de quarteirão Antônio Francisco da Silva, Francisco Telles Furtado subdelegado do distrito de São Pedro, João Perigoso inspetor de quarteirão, homens de confiança da família, empregados, dependentes e protegidos, entre eles, Sebastião Firmino da Silva, Pecó, Martiniano Esteves dos Santos, Antônio Gomes de Oliveira, Furão, Antônio Pedro Francisco, vulgo Molequinho e José Bezerra da Silva, José Flor. Quirino Florentino, funcionário da prefeitura, Abílio Paes de Lira, Pedro Caradura, Ernesto Tavares, João Figueiredo, Joaquim Rodrigues da Silva, Pai D´égua, Antônio de Freitas, Antônio Cotó, Capitão César de Medeiros Cavalcante, Bernardino Oliveira e José Correia Paes da Rocha enfermeiro. Faziam parte de um grupo de curiosos o comerciante local Antônio Vicente de Andrade, Francisco Gomes de Torres Budigo, agricultor, João Cordeiro de Melo, oficial de sapateiro e José Braga, todos moradores da cidade.

Antes de enviar o telegrama a Alfredo Viana, o delegado Meira Lima, José Viana e Álvaro Viana ficaram conversando na calçada da casa da viúva, nesse momento se aproxima o Tenente Reformado do Exército Antônio Padilha, interessado em saber a posição da família, após se apresentar aos familiares de Júlio Brasileiro, maledecente afirma que pelas ruas o povo está bastante indignado com tamanho complô, que só falavam em vingança e pelo que escutara responsabilizavam os Mirandas e Jardins pelo crime, acusando-os de terem fornecido a arma ao Capitão Sales Vila Nova para que ele matasse Júlio Brasileiro. Tenente Meira Lima ponderou dizendo que não havia provas para acusá-los e que a Justiça apuraria os fatos e chegaria à conclusão se o Capitão Sales Vila Nova agiu por motivações pessoais ou a mando de alguém, retrucando o Tenente Padilha perguntando ao oficial de que jeito poderiam conter o povo que já estava falando

em vingança. O delegado Meira Lima explicou que ele e o Juiz Dr. Abreu e Lima já haviam enviados telegramas ao Dr. Antônio Guimarães, Chefe de Polícia, pedindo reforços de praças.

Os telegramas enviados ao desembargador chefe de polícia pelo delegado e juiz de direito Dr. Abreu e Lima, e que foram publicados nos jornais da Capital, os quais reproduzimos, merecem um juízo.

"Garanhuns – Assassinato Coronel Julio perturbam ordem, força insufficiente garantia animos. Encareço força, - tenente Meira Lima, delegado".

"Indignação causada assassinato Coronel Julio Brazileiro conflagrou cidade. Povo alarmado procura vingar. Commercio fechado. Força impotente conter ânimos. Peço providenciar urgente, augmento forças antes chegada trem especial conduz cadaver. Mandei pôr exercício todos supplentes melhor garantir ordem. Miranda, Jardim, indicados povo responsaveis assassinato ameaçam minha vida. (a)Abreu e Lima, juiz de direito".

O telegrama do Juiz de Direito Abreu e Lima, realmente reproduz a atmosfera de vingança que se espalhava pela cidade, mas a exaltação dos ânimos partia dos correligionários e homens de confiança dos Brasileiros. Não havia nenhuma ameaça por parte dos adversários políticos, pois naquele momento Sátiro Ivo estava em seu armazém, os irmãos Júlio e Argemiro Miranda se encontravam na casa do Coronel Vicente Dantas, em companhia de Manuel Vicente Dantas e Antônio de Melo Dantas, este último casado com a sua irmã Maria Augusta, dona Liça. Francisco Veloso permanecia em seu chalé na Rua da Imperatriz (Santos Dumont), em companhia de sua esposa Alexandrina Jardim, Xandu, Manuel Jardim estava em sua casa, localizada a Rua do Jatobá, atual Praça Jardim, convalescendo de problemas estomacais.

Os juízes da formação de culpa analisaram essa conduta do Juiz Abreu e Lima como um álibi para eximi-lo de qualquer acusação e envolvimento nos fatos.

Após Álvaro Viana seguir para o telégrafo, o Tenente Padilha foi convidado por José Viana a acompanhá-lo. Ao retornar ao interior da casa encontraram Ana Duperron cercada por amigos, sendo José Viana chamado por Eutíquio Brasileiro e Fausto Galo que se reuniram a um canto da casa confabulando sobre a vinda do pessoal de Brejão.

O presidente do Conselho Municipal Francisco de Assis Barbosa presenciou a chegada do Tenente Antônio Padilha que se aproximou da viúva ladeado pelo delegado Meira Lima. Diante de Ana Duperron o tenente se ajoelhou e pedindo pêsames disse-lhe: _ Sou o Tenente Reformado do Exército Antônio Padilha. Minha senhora, não sou parente do seu marido, mas conheço os responsáveis pelo seu infortúnio e lhe juro pela minha honra que a morte dele será vingada hoje mesmo.

O Tenente Antônio Padilha após a promessa caminhou até onde estavam Eutíquio Brasileiro, José Viana e Tenente Meira Lima, sugerindo ao delegado que tomasse alguns depoimentos dos oposicionistas para saber a coparticipação na morte do Coronel Júlio, ideia rejeitada pelo delegado que aguardaria o resultado do depoimento do Capitão Sales Vila Nova, porém, o Tenente Antônio Padilha resolveu enviar um telegrama ao comandante da Região, General Joaquim Inácio, sendo despachado por um dos criados da família, o telegrama continha o seguinte texto: __ "Assassinado Cel. Brasileiro produziu profunda impressão, indignado povo e provocando conflagração na cidade. Tomei alvitre auxiliar autoridades locais intervindo oficialmente. Peço aprovar meu procedimento". Tenente Reformado do Exercito Antônio Padilha.

Cerca de uma hora depois um mensageiro entrega ao Tenente Antônio Padilha um telegrama com a resposta do General Joaquim Inácio:

"Sciente vosso telegrama, aprovo vossa conduta, colocando-se lado autoridades constituídas. A missão do soldado em qualquer situação, prestigiar autoridade com garantia da ordem". General Joaquim Ignácio.

Satisfeito com a resposta do comandante de Região, o Tenente Antônio Padilha vai ao encontro de Eutíquio Brasileiro e Álvaro Viana que se encontravam na calçada da casa conversando com Jacome Sampaio de Matos Coelho, farmacêutico, casado com uma sobrinha de Júlio Brasileiro e Ormindo Pires, também farmacêutico, extremamente exaltado grita para as pessoas que passavam na rua ou estavam na calçada, que quem passasse pelos oposicionistas nas ruas podiam queimá-los por conta do governo. Antônio Rosa Filho que retornava a casa da tia afim com um grupo de cinco homens em montaria, todos armados de rifles e dispostos a vingar a morte do chefe político, motivados pelas palavras do Tenente Antônio Paldilha, partem enfurecidos para as casas dos adversários políticos, sendo comandados pelo mais colérico e ameaçador do grupo, Antônio Rosa Filho.

A frente do grupo o sobrinho de Júlio Brasileiro segue para os lados da Intendência, descendo por um beco que dava acesso a casa do Coronel Manuel Jardim. Na residência estava Manuel Jardim, sua esposa Angélica Aurora Miranda Jardim, a filha Maria do Carmo, Carminha, de 17 anos, Luiz Gonzaga Jardim, de 17 anos, e a criada Nanã. Gonzaga Jardim era sobrinho de Manuel Jardim, e que passou a ser criado pelo tio após a morte do seu irmão o Juiz de Direito Luís Afonso de Oliveira Jardim, estando Gonzaga Jardim de férias do colégio Salesiano do Recife. Luís Inácio de Miranda Jardim filho do Coronel Manoel Jardim permaneceu em Recife na residência de uma tia, a outra filha Maria das Dores, Dadô, de 19 anos, no momento da invasão de

Antônio Rosa á casa do Coronel Manoel Jardim, estava com seu esposo Jorge Luís Caldas em sua residência na Rua General Dantas Barreto.

Aos gritos e coronhadas de rifles o grupo tentava invadir a casa, diante da iminente invasão, D. Angélica Jardim decide abri a porta, entrando a frente do grupo Antônio Rosa, seguido por José Rosa, Antônio Francisco da Silva, Álvaro Paes, João Perigoso e Martiniano Esteves. Com impropérios e coices de rifles tentam colocar abaixo a porta dos aposentos em que repousava Manuel Jardim, a muitos rogos dos familiares são convencidos que Manuel Jardim estava adoentado e que acabara de tomar um purgativo. O grupo deixa a casa com a mesma brutalidade que entrou, com ameaças e pontapés.

Livre temporariamente das ameaças dos Julistas, o Professor Manuel Jardim redige um telegrama ao Governador Manuel Borba. Telegrama que já transcrevemos dos jornais da Capital.

Regressando à casa da família, Antônio Rosa acompanhado com os seus capangas encontra a calçada um grupo formado por parentes e correligionários de Júlio Brasileiro, entre eles: Eutíquio Brasileiro, Álvaro Viana, José Correia Paes da Rocha, Capitão César Medeiros, Quirino Florentino, Joaquim Pae d' Égua, Leopoldino Barbosa, Bolachão, Jacome Sampaio, Abílio Paes de Lira e o Tenente Padilha, todos estavam armados, alguns com rifles, outros com pistola Mauser, algumas dessas armas conseguidas por José Rosa e Quirino Florentino.

O grupo estava disposto a capturar todos os oposicionistas a chefia e direção local do Coronel Júlio Brasileiro, fossem eles chefes políticos ou seus correligionários.

Antônio Rosa narrou ao grupo os fatos ocorridos na casa do Coronel Manoel Jardim, partindo sempre do grupo o juramento que naquele dia não ficaria vivo nenhum Tubiba.

Motivados pela invasão a casa de Manuel Jardim, decidiram atacar as casas comerciais dos oposicionistas. Eutíquio Brasileiro, um dos mais exasperado do grupo gritava que quem fosse amigo de Júlio Brasileiro não deixaria que vagabundos ocupassem a sua cadeira na prefeitura.

O bando cercou a Bela Aurora, o Armazém das 12 Portas que pertencia aos irmãos Júlio e Argemiro Miranda. Com coices de rifles o bando tentava colocar abaixo as portas, tudo acompanhado de xingamentos e ameaças ditas em altos gritos contra a vida dos dois irmãos.

Antônio Rosa meio que agachado, em movimentos rápidos e prudentes, seguiu para os fundos do estabelecimento, intimando aos gritos os irmãos Miranda a saírem. Acreditando que os dois estivessem escondidos, Antônio Rosa disparou um tiro em uma das portas, mas percebendo que não havia sinal da presença de alguém no armazém, decidiu juntamente com Eutíquio Brasileiro atacar a casa do comerciante Neves Guimarães, que era casado com uma das primas dos irmãos Mirandas.

Neves Guimarães, a esposa e um filho de menor estavam na varanda, no primeiro pavimento do prédio, o térreo no qual mantinha seu negócio estava fechado em sinal de luto. Os gritos alucinados e ameaçadores contra o comerciante o alertaram do perigo que ascendeu a sua vista quando escutou o disparo de uma arma, o tiro ricocheteou numa chapa de ferro da varanda, quase acertando o seu filho Zezito, correndo todos para dentro de casa. As mulheres recolheram-se à cozinha, enquanto o comerciante apanhou num móvel da sala uma espingarda e munição, encostando-se a uma das janelas da varanda pronto para revidar o ataque, mas a capangagem tinha a intenção de apenas assustar a família.

João Cordeiro de Melo, oficial de sapateiro e amigo de Sátiro Ivo, passava no momento do ataque, quando ouviu Jacome

Sampaio avisar a Eutíquio Brasileiro que o estabelecimento do Major Sátiro Ivo estava aberto. João Cordeiro saiu correndo para prevenir o comerciante do perigo. Ao chegar encontrou no estabelecimento Alfredo Leite Cavalcanti, seu cunhado Lindolfo Marques Cavalcanti, Sátiro Ivo, seu filho de menor Ivo Júnior e alguns empregados.

João Cordeiro contou que um grupo tendo a frente os parentes do Coronel Júlio Brasileiro estavam vindo para o armazém e tinham a intenção de matá-lo e que haviam tentado invadir A Bela Aurora, mas por sorte os irmãos Miranda não estavam no armazém.

Só tiveram tempo suficiente para fechar as portas do estabelecimento, fugindo os demais empregados pelas portas dos fundos, ficando apenas Alfredo Leite, Lindolfo Marques, Major Sátiro Ivo e Ivo Junior, permanecendo todos em silêncio. Os empregados se protegeram atrás do balcão, enquanto o Major Sátiro Ivo o único que estava armado com uma pistola Mauser, entrincheirou-se com o filho atrás de um fardo de algodão, apontando a arma para a porta que os assaltantes tentavam derrubar. Do lado de fora, a coronhadas de rifles nas portas, com epítetos injuriosos e palavras de baixo calão convidavam Sátiro Ivo a sair para a rua.

A situação foi salva por José Lins Cavalcanti, primo legítimo de Álvaro Viana, e guarda-livros da firma comercial de Sátiro Ivo, que ao chegar ao estabelecimento se deparou com o grupo e garantiu ao primo que Sátiro Ivo havia fugido pela porta traseira com os empregados. As palavras de José Lins Cavalcanti não deixaram dúvidas em Álvaro Viana, que se retirou com o grupo para a casa da viúva.

Passado o perigo, Sátiro Ivo incumbiu Alfredo Leite de expedir dois telegramas, um para o Desembargador Antônio Guimarães e outro para seu sogro José Lourenço residente em

Águas Belas, comunicando a situação, e mais um cartão para o delegado Meira Lima, pedindo garantia de vida. (10)

Depois do ataque ao armazém do Major Sátiro Ivo, Álvaro Viana e Antônio Rosa Filho ficaram sabendo por intermédio de um dos capangas que Argemiro e Júlio Miranda se achavam refugiados na casa de Manuel Dantas. Partiram os sobrinhos de Júlio Brasileiro para a residência, ao chegarem, da calçada anunciaram a que ali estavam para retirarem os irmãos Miranda, se opondo o Coronel Vicente Dantas, filho de Manuel Dantas, dizendo que só os entregaria sob a responsabilidade do Tenente Meira Lima. Álvaro Viana enfurecido foi deixando o local, porém, antes de partir ameaçou dizendo que mais tarde se realizariam os seus desejos, pois havia mandado buscar muita gente em Brejão.

Quando Antônio Rosa, Álvaro Viana e o grupo retornaram da casa de Vicente Dantas pararam as portas da Farmácia Confiança de propriedade de Ormindo Pires e contígua a casa da viúva, o farmacêutico estava com Fausto Galo, partindo a pergunta do secretário de prefeitura se Antônio Rosa havia deixado escapar algum deles vivos.

Aproximando-se de Eutíquio Brasileiro e José Rosa, o farmacêutico Ormindo Pires, com sua natural repugnância que o dominava, contou aos familiares que o Doutor Borba Junior ao saber do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro, havia dito que afinal haviam matado um cão danado.

Aquelas palavras de afronta ao chefe político estimularam e reacenderam a fogueira do ódio, principalmente naquele médico que foi candidato a subprefeito na chapa dos adversários políticos de Júlio Brasileiro.

O grupo novamente tomou posição de ataque dividindo-se em duas facções, o alvo agora era a casa do Doutor Borba Junior que ficava na Rua de Terra, atual Avenida Santo Antônio nº 22, confronte a casa da viúva. O médico estava sozinho, pois o seu

companheiro de casa o cirurgião dentista Osório Souto estava na cidade vizinha de Bom Conselho.

Uma parte do grupo seguiu pelo beco que conduzia a rua para a qual ficava o fundo da casa e a outra em direção à calçada da casa, vindo se juntar ao grupo no momento do ataque o septuagenário Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa.

O secretário da prefeitura Fausto Galo e o farmacêutico Ormindo Pires observavam a cena antegozando o prazer de uma vingança há muito tempo desejada, o primeiro em decorrência da cobrança por parte do Doutor Borba de honorários por tratamentos médicos feitos a sua esposa e o segundo porque o doutor não receitava aos seus pacientes remédios de sua farmácia, por não confiar na manipulação dos ingredientes.

Na calçada da casa da viúva estavam o juiz Abreu e Lima, Tenente Meira Lima e Eutíquio Brasileiro que a tudo assistiam impassivos, nenhum gesto, grito ou ato de desaprovação partiram deles.

Como um alucinado, enfurecido, o Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa a coice de rifle coloca abaixo o postigo da porta de entrada, por essa abertura penetra na casa, seguido pelos demais assaltantes. A casa é invadida pela porta da frente, pelo portão e muro lateral dos fundos, cujos assaltantes se depararam no quintal com o indefeso médico, disparando de suas armas três tiros que produziram ruídos estrondosos. O Doutor Borba Júnior ao ouvir os disparos ainda teve tempo de se atirar ao chão. Cercado pelos assaltantes ficou imóvel, com um ar de surpresa em seu rosto. Sem esboçar qualquer reação é covardemente atingido na cabeça por uma caçarola, golpe que partiu do sicário Joaquim Pai d´Égua, provocando um grande ferimento na cabeça, começando a jorrar abundante quantidade de sangue que escorreu pelo paletó e que espanou numa das paredes laterais do corredor da casa e na sala de visitas, para

onde o arrastaram puxado pelos pulsos, quase desmaiado. O médico só pedia que pelo amor de Deus não lhe matassem.

José Leal Sobrinho, agente do correio, amigo e cliente do médico que passava pela rua na hora da invasão, mesmo expondo a sua vida ao perigo, decidiu socorrer o amigo, o agente entrou correndo na casa, quase caindo com a confusão. Quando avistou o Doutor Borba Júnior ele estava descorado e erguido sobre a sua cabeça um enorme facão, segurado pelo Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa. José Leal rogou pela vida do amigo, mas o Tenente-Coronel Antônio Rosa não lhe deu atenção, possesso e fazendo menção de desferir o golpe, ameaçou José Leal respondendo que ninguém se atrevesse a se meter na frente dele, pois abriria a cabeça daquele bandido em duas bandas. (11)

Soerguido pelo colarinho pelo Tenente-Coronel Antônio Rosa, o Doutor Borba foi arrastado até a calçada de sua casa, enquanto a horda gritava que ele estava preso, ao mesmo tempo desembainhando os punhais em atitude de feri-lo ou matá-lo.

José Leal sabendo da autoridade do Tenente Padilha, e que ele poderia evitar o assassinato do amigo, clamou ao oficial para que ele socorresse o médico, fingindo que o pedido não era feito a sua pessoa, o tenente deu de ombros, com a cara fechada, enfurecido e exaltado, andou em direção ao grupo e respondeu sem olhar para traz: _ Há muito tempo já deviam ter matado esse bandido, pois inimigos não se poupam.

O Delegado Meira Lima que agora se encontrava dentro da casa da viúva ao ouvir o barulho de armas sendo engatilhadas, sentindo uma ameaça de tragédia, correu até a calçada onde os ânimos já se exaltavam, percebendo que aqueles homens não poupariam a vida do Doutor Borba Junior, pois alguns já estavam prontos para apertar os gatilhos, enquanto outros desembainhavam os punhais. O delegado atravessou correndo a rua e colocou-se a frente do médico para defendê-lo dos algozes, ordenando que todos deixassem o local.

Diante do risco de vida que correra o Doutor Borba Junior, o Tenente Meira Lima, confessa que não tinha força suficiente para dá proteção ao médico em sua casa, que seria prudente ele recolher-se a cadeia, onde poderia protegê-lo com os praças que dispunha.

Confiante nas palavras do delegado, Doutor Borba Junior amparado pelo Tenente Meira Lima seguiu com ele para a cadeia pública, acompanhado por Antônio Rosa Filho, Francisco Teles Furtado, Quirino Florentino, Joaquim Pai d´Égua, João Perigoso e Martiniano Esteves, enquanto alguns curiosos das janelas de suas casas ou nas esquinas das ruas estavam horrorizados com a cena brutal.

É relevante o relato feito por Alfredo Leite Cavalcanti em seu livro História de Garanhuns, testemunha ocular da Hecatombe de Garanhuns, o historiador narra com detalhes os fatos decorrentes após a sua saída e retorno ao estabelecimento do Major Sátiro Ivo:

“Na ocasião em que estava incumbido dos telegramas, vi juntamente com o telegrafista, pelas frestas de uma das venezianas da casa onde funcionava o telegráfo, na atual Avenida Santo Antônio, um grupo de capangas dirigidos por Antônio Rosa, que conduzia para a cadeia pública o Dr. Borba Júnior, com a cabeça e o paletó ensanguentados, em consequência de uma pancada que lhe havia dado com uma caçarola o capanga apelidado de Joaquim Pai d´Égua, um dos convocados pelos sobrinhos do Coronel Júlio Brasileiro. A cadeia ficava a poucos metros de distância do telégrafo, a Praça da Independência, atual Praça Irmãos Miranda, num terreno baldio e rua cinzenta e estreita, tendo sua fachada para o oitão da Igreja Presbiteriana. Passado os telegramas, entreguei o cartão ao Tenente Meira Lima, que depois que os leu, respondeu não lhe ser possível dá qualquer garantia a Sátiro Ivo, pois era muito reduzido o número de soldados do destacamento, nada podendo fazer contra aquela

cabroeira, julgando aconselhável que ele fugisse ou se escondesse em lugar seguro.

De volta ao estabelecimento encontrei muitos que tinham vindo de uma bolandeira localizada na Rua 7 de setembro, também de propriedade da firma.

Cientificado da atitude do delegado de polícia, ficou Sátiro Ivo apreensivo, e ao mesmo tempo, indeciso sobre como deveria proceder. Os empregados que se encontravam no estabelecimento se prontificaram a defendê-lo até com o sacrifício das próprias vidas, porém para isto seria necessário armamento, que não possuíam e assim foram se retirando, ficando apenas Júlio Ramos, José Lins Cavalcanti e Lindolfo Marques Cavalcanti, que conosco formava quatro, mas somente Sátiro Ivo estava armado com a já mencionada pistola.

Começamos a deliberar sobre o que deveríamos fazer diante de uma situação perigosa para todos. Paredes meias com o estabelecimento havia um prédio pertencente à Dona Maria Ivo, mãe de Sátiro Ivo, cujo oitão ultrapassava a parede traseira daquele, ocupado pelo estabelecimento do filho. A dependência formada por essa saliência tinha comunicação com o prédio do estabelecimento e estava ocupada com silos destinados a guarda de cereais e nessa ocasião estavam cheios de milho.

Por trás dos silos havia um tabuado mais baixo, ótimo esconderijo que também, em último caso, serviria de boa trincheira.

Foi ali que, com a aprovação de todos se escondeu Sátiro Ivo, tendo alcançado o esconderijo por meio de uma escada, logo retirada do estabelecimento.

Após isso, fechamos a porta de comunicação e abandonamos o local, eu e meu cunhado Lindolfo, dirigindo-nos às nossas residências a fim de fazermos ligeira refeição, tendo ficado Júlio Ramos de espreita, em ponto afastado do estabelecimento, até quando um de nós viesse render.

Ao aproximar-me de casa, na Avenida José Leitão, 112, vi passando Alfredo Brasileiro Viana, Doca Viana, que do meio da rua me cumprimentou, vindo de Brejão, acompanhado de quatro homens de rifles, um dos quais o façanhudo cangaceiro Vicentão. (Alfredo Leite Cavalcanti).

Era aproximadamente dez horas quando Alfredo Viana, o Doca, chegou a Garanhuns, vinha acompanhado com cinco homens de confiança armados de rifles, Antônio Chicuca, Manuel Faustino, Severino Duda, José Barbosa da Silva e Vicentão, também chamado Vicente Grande, um negro que se destacava pela sua compleição física avantajada, um rosto largo e feições grosseiras, pistoleiro afamado e bastante temido na região.

Desceram a ladeira em direção a Rua Larga ou Rua do Comércio, sendo avistados pelo soldado Pedro Antônio Dias, que estava de sentinela avançada numa das esquinas e ouviu os gritos de ameaças ditas em coro pelo grupo:

__ Quem for inimigo ou adversário do Coronel Júlio Brasileiro morrerá.

Levantando poeira esses homens comandados por Doca Viana cavalgaram em direção à residência de Antônio Paes da Silva Rosa, localizada a Rua do Recife.

O Tenente Meira Lima, algum tempo depois de receber o cartão de Sátiro Ivo, dirigiu-se a casa dos Brasileiros, onde encontrou o Dr. Abreu e Lima, Eutíquio Brasileiro, José Viana, Álvaro Viana e o Tenente Padilha. O delegado informou que o Dr. Borba Júnior estava no quarto que foi reservado na ocasião para o Estado Maior, e depois de demorada conferência o Tenente Meira Lima decidiu procurar os adversários políticos e oferecer proteção oficial.

Marciolino de Mendonça que estava na residência, atendendo ao pedido de Antônio Padilha, acompanhou o tenente até o seu estabelecimento comercial para lhe vender munição para arma de fogo.

Na casa do português Manuel Bento Dantas estavam Vicente Dantas Filho e Antônio de Melo Dantas, casado com Maria Augusta Miranda, dona Liça, irmã de Júlio e Argemiro Miranda, quando chegou o delegado Meira Lima em companhia do Tenente Antônio Padilha. Após serem recebidos por Manoel Dantas, o delegado lhe explicou que estava preocupado com a segurança da família, pois na cidade estavam responsabilizando os oposicionistas pelo crime do Coronel Júlio Brasileiro, que não dispunha de bastantes soldados para garantir homiziados em casas particulares, mas que os disponíveis eram suficientes para garanti-los na cadeia pública até a chegada do reforço esperado pelo trem do horário, e que na cadeia ninguém penetraria sem passar por cima do seu cadáver, mas que sabendo que os irmãos Miranda estavam em sua residência, os revoltados poderiam atacá-los ali mesmo.

Todos esses argumentos ditos em tom tão convincentes e as ameaças de Álvaro Viana acabaram convencendo o português Manuel Dantas a revelar que os irmãos Miranda continuavam na sua casa, concordando em juntos falarem com Argemiro e Júlio Miranda.

Exposto os argumentos pelo Tenente-Delegado sobre o perigo da casa do cunhado ser atacado pelos Brasileiros, Argemiro discordou da proposta de se refugiar na cadeia, porém, Júlio Miranda assentiu com os argumentos do delegado, e procurou convencer o irmão que a casa de Manuel Dantas poderia ser realmente atacada.

As preocupações do Capitão Júlio Miranda pesaram na consciência de Argemiro, que terminou concordando com o irmão.

Da casa de Manuel Dantas, antiga Rua Rosa e Silva, atual Dantas Barreto, partiram para a cadeia pública. Ao passarem em frente a uma das casas da Rua da Aurora, atual Barão do Rio Branco, foram parados por uma moradora, parente de Dona

Mirandolina Miranda, esposa de Argemiro Miranda, que perguntou o que estava acontecendo e para onde eles estavam indo, ao que lhe respondeu Argemiro Miranda que seguia com o irmão para o matadouro a fim de serem sacrificados.

Sempre argumentando que temia pela segurança dos oposicionistas, o Tenente Meira Lima após deixar na cadeia os irmãos Júlio e Argemiro, seguiu com o Tenente Antônio Padilha para a residência de Francisco Veloso, mas este estava na casa do seu irmão. Chegando à casa de João Veloso, após repetir que a cadeia seria o local mais seguro diante das declarações de ameaças que se ouviam nas ruas, o Tenente-Coronel Francisco Veloso acabou convencido e resolveu aceitar a proteção do delegado. José Veloso, proprietário de açougue na cidade, irmão de Francisco Veloso, não concordava com a decisão, devido as promessas de vingança que se ouviam nas ruas.

Preocupado com as manifestações de revanchismo que proliferavam no interior e adjacências da casa da viúva, o bancário Francisco Siqueira Cavalcante chamando em particular o Cônego Benigno Lira, o alertou que jagunços de Brejão estavam sendo esperados pela família do falecido.

Diante da notícia do bancário, Cônego Lira procurou a viúva Ana Duperron, lembrando-lhe que seu dever como associada da Confraria do Sagrado Coração de Jesus era esquecer os desejos de vingança, sobretudo, porque nada provava que o crime de Sales fazia parte de uma conspiração, fazendo a viúva e os parentes um juramento solene diante de uma imagem da Virgem Entronizada, que havia na casa, prometendo ao sacerdote que aguardariam para tomarem uma vingança quando tivessem a certeza dos mandantes do crime.

Confiante nas palavras de Ana Duperron e parentes, Cônego Benigno Lira decidiu comunicar as pessoas ameaçadas as promessas feitas pela família Brasileiro.

Na calçada da casa dos Brasileiros, veio ao seu encontro o Promotor João Pacífico dos Santos que se ofereceu a acompanhá-lo.

Desceram pela Rua do Cajueiro para encurtar o caminho até a casa de Manuel Jardim, mas seus passos foram interrompidos pelo Major Francisco de Assis Barbosa, que trazia notícias sobre o recolhimento à cadeia dos irmãos Miranda e Francisco Veloso. O Promotor João Pacífico questionou sobre a segurança dos oposicionistas, mas o Cônego Lira acalmou os temores do promotor dizendo que confiava no delegado, pois era sua atribuição manter a ordem e prevenir os crimes.

As palavras do cônego fizeram o Major Francisco de Assis concordar que o delegado estaria com razão, entretanto, o Promotor Pacífico dos Santos não se deixava vencer pelo ato de heroísmo do delegado, um ataque à cadeia custar-lhe-ia a vida, o sacrifício, teria força Meira Lima para realizá-lo?

Nesse hiato entre a saída e a chegada das autoridades locais a casa do Professor Manuel Jardim, estava naquela residência o Capitão Pedro Rodrigues, que fora oferecer um cavalo selado e homens de confiança para proteger a família, proposta não aceita por Manuel Jardim, que preferia continuar na cidade e esperar uma resposta do Cônego Benigno Lira. O Capitão Pedro Rodrigues pediu para ele ficar precavido, pois não estava livre do perigo e que tomasse, por exemplo, os sucessos de Canhotinho de fins de 1915.

Logo que o Capitão Pedro Rodrigues deixou a residência assomaram o cônego, o conselheiro municipal e o promotor.

Encontraram o Coronel Manuel Jardim acamado, com enorme esforço comunicou ao cônego que tomara conhecimento da vinda para cidade de grupos armados, e que estavam se preparando para eliminar todos os oposicionistas. Cônego Lira narrou todos os fatos ocorridos na casa de Ana Duperron, porém Dona Angélica Miranda discordou dizendo que não estava segura

quanto à promessa da viúva, pois sua casa havia sido atacada por Antônio Rosa. O Promotor Pacífico dos Santos, também vacilante diante do juramento dos Brasileiros, aconselhou a família a fugir da cidade, e que aquele seria o momento. Levantada essa hipótese foi iniciado um debate, na tentativa de salvar a vida do Coronel Jardim, conversa logo interrompida pela chegada do Delegado Meira Lima, que com o mesmo discurso que só na cadeia poderia protegê-lo e lá só entrariam depois de passar por cima do seu cadáver tentava convencer Manuel Jardim a se recolher junto com os seus cunhados. Manuel Jardim não se sentia seguro das garantias, acreditava que os jagunços não respeitariam as autoridades, pensamento que comungava a sua esposa Angélica Miranda, que acreditava que tudo aquilo se tratava de um levante com mortes, pois os telegramas enviados a Brejão chamando capangas tinha a pretensão de assassinarem os adversários de Júlio Brasileiro.

Tenente Meira Lima, insistia em assegurar que ninguém seria assassinado, diante do impasse Francisco de Assis Barbosa sugeriu que o Coronel Manuel Jardim fosse recolhido à casa do Cônego Benigno Lira, discordando o delegado e pedindo para que o cônego não fizesse aquilo, alegando que os exaltados amigos e parentes do Coronel Júlio só respeitariam a cadeia, apenas lá a vida dele estava garantida.

Contrariando o pressentimento da esposa e os conselhos dos amigos, Manuel Jardim, mesmo debilitado, decidiu recolher-se a cadeia. Tomada essa decisão os familiares providenciaram sua remoção para a cadeia, sendo o Coronel Jardim transportado em uma cadeira. Antes de partir acalmou os familiares, garantindo que nada de mal poderia lhe acontecer. O Conselheiro Francisco de Assis Barbosa e o Cônego Benigno Lira o acompanharam até a cadeia.

Não sabia o Coronel Manuel Jardim, que a mando de Antônio Rosa, o capanga Martiniano Esteves, se postou de pistola em seu quintal até ele ser conduzido para a cadeia. (12)

Alfredo Leite Cavalcanti também registra como foi procedido o recolhimento do Major Sátiro Ivo á cadeia:

"Feita ligeira refeição e nada encontrando com que me armar, volto assim mesmo para render o companheiro na vigilância do estabelecimento, porém, no meio do caminho, (A Rua Bela, atual D. José) encontrei desapontado, pois Dona Clotilde, esposa do Major Sátiro Ivo, convencida pelo Tenente Meira Lima e o Tenente Padilha de que na cadeia séria fácil garantir a todos, lá encontrando-se os demais ameaçados, mandou-lhe abrir a porta do estabelecimento, ao que Júlio Ramos obedeceu muito a contragosto, tendo ele e o Tenente-Delegado, além de outras pessoas, conduzido Sátiro Ivo a cadeia. Também desapontado, fui à cadeia, onde encontrei todos recolhidos".

Alfredo Leite despediu-se do Major Sátiro Ivo, retornando para casa. Júlio Ramos morava no Porto da Folha.

Sátiro Ivo antes de se refugiar na cadeia retornou a sua casa, completou o tambor da arma e retirou todo o dinheiro que estava no cofre levando consigo para a cadeia.

Enquanto o delegado Meira Lima visitava as casas dos chefes da oposição para mostrá-lhes o perigo que corriam e os convenciam de refugiarem-se na cadeia, às vezes convencendo o Cônego Lira a acompanhá-lo. Os subdelegados e inspetores de quarteirão haviam prendido os oposicionistas do segundo e terceiro escalão, estando estes confinados nos corredores, entre a sala da guarda e as celas dos presos comuns, eram eles: o guarda sanitário Arthur Pereira, o eletricista do Cinema Moderno Jesuíno Veras, o operador do mesmo cinema Zuza ou Zuzu, o agente ferroviário Presciliano Josué e o Ex-Sargento Araújo. Nas celas dos presos comuns estavam João Isidoro da Silveira, Antônio Isidoro de Vasconcelos e Tibúrcio Izídio da Silva, em outro

cárcere estava à figura do cangaço local alcunhado Zé de Naquincha, este preso pelo próprio delegado mantendo escondida uma arma, estando ali disfarçado de preso. Os jornais registram Zé de Nachia, sendo a fonética Naquia.

Sobre Tibúrcio Izídio da Silva brevemente farei algumas considerações por ser um dos entrevistados e testemunha ocular dos fatos que aconteceram na cadeia.

O Cônego Benigno Lira, o Promotor João Pacífico dos Santos e o Conselheiro Municipal Francisco de Assis Barbosa foram visitar os oposicionistas pouco depois de serem recolhidos à cadeia e conversar com o Tenente Meira Lima, mas este não se encontrava na prisão, enquanto as autoridades aguardavam o retorno do delegado no pátio da delegacia, o promotor atentou para um detalhe importante, que o delegado não permitiu que Argemiro e Júlio Miranda se recolhessem armados, e Francisco de Assis Barbosa lembrou que o delegado também não consentiu que o Doutor Borba Júnior fosse para a sua casa para tratar dos ferimentos, dizendo o cônego que também pediu para levar o médico, mas o delegado se opôs a ideia, pois achava arriscada e temia que ele fosse novamente atacado.

Cansados de esperarem pelo retorno do delegado, o Presidente do Conselho Municipal, Francisco de Assis, convidou o cônego e o promotor para almoçar em sua casa. Nas ruas era grande a afluência de jagunços vindos de Brejão, preocupado, o cônego sugeriu que logo após o almoço, os três convidariam o Tenente Meira Lima e o juiz Abreu e Lima para irem ao encontro dos jagunços do Brejão e fazê-los retornarem, proposta que foi aprovada pelas autoridades.

Na Rua Grande (Santo Antônio), o Sargento Pedro Cavalcanti Malta e os soldados Francisco Maciel Pinto do 2º Batalhão e Manuel João de Oliveira do 3º Batalhão do destacamento de Bom Conselho. As autoridades policiais chegam

à cidade escoltando Dona Amélia de Sá Torres esposa do Tenente Theophanes Torres comandante do destacamento.

O soldado Francisco Maciel Pinto tinha 28 anos e Manoel João de Oliveira estava com 25 anos.

O Sargento Pedro Cavalcanti Malta, tinha vindo de Bom Conselho e pernoitara na fazenda Água Branca em Brejão. Pela manhã presenciou a chegada do telegrama para Álvaro Viana. O destino do militar era o Recife. Por coincidência encontrou o Tenente Meira, que o chamando a parte relatou o que estava acontecendo na cidade. O sargento aproveitou para contar que durante o percurso de Brejão a Garanhuns, viu aparecer de todas as veredas grupos e mais grupos de homens armados, uns de rifles, bacamartes, espingardas e garruchas. Procurando acalmá-lo, Meira Lima justificava ao sargento que aqueles bandos armados que estavam vindo para cidade era apenas para garantir a vida dos parentes de Júlio Brasileiro, já que havia comentários que o Major Sátiro Ivo havia telegrafado ao genro, José Lourenço, presidente do Conselho Municipal de Águas Belas e ao seu parente, o Coronel Salustiano Siqueira prefeito daquele município, ambos ricos e poderosos. O mesmo fazendo o Tenente-Coronel Francisco Veloso que escrevera a um amigo pedindo jagunços. O Sargento Pedro Malta não teve dúvidas nas palavras do Tenente Meira Lima, que o convidou para acomodar-se em sua casa juntamente com Dona Amélia Torres. Os dois seguiram palestrando, enquanto o soldado Manuel João de Oliveira vinha um pouco atrás arrastando os animais que traziam a bagagem em grandes caçoais nas cangalhas. (13)

Pelas ruas da cidade, os grupos de jagunços aqui e ali se encontravam e sob as ordens dos parentes do Coronel Júlio Brasileiro circulavam as residências gritando e jurando vingança: __Mata, vamos matar esses miseráveis.

As notícias do dia 16 de janeiro publicadas nos jornais da Capital relatando os fatos ainda preliminares dos acontecimentos

do dia 15 de janeiro de 1917 em Garanhuns seguem agora com mais detalhes nas edições posteriores, publicações que passaremos a transcrever e que noticiaram páginas que entraram para a Histórigrafia de Garanhuns e Pernambuco.

(8) Dr. José Pedro de Abreu e Lima, juiz de direito, foi removido a pedido da Comarca de Taquaritinga para a de Garanhuns em 29 de novembro de 1913. Chegando a cidade se tornou amigo, compadre e correligionário do Coronel Júlio Brasileiro. Jornal A Província de 30 de novembro de 1913, nº 329.
(9) A Hecatombe de Garanhuns, Relatório apresentado pelo Desembargador Abdias de Oliveira ao Superior Tribunal de Justiça.
(10) História de Garanhuns, Alfredo Leite Cavalcanti, páginas 291 e 292.
(11) Autos do inquérito e sumário de culpa dos responsáveis sobre a Hecatombe de Garanhuns, apresentado ao Superior Tribunal do Estado de Pernambuco, pelo magistrado José Francisco Ribeiro Pessoa.
(12) Jornal do Recife de 26/09/1918, A Verdade dos Fatos, nota paga por Joaquim Guerra.
(13) Livro Recife Sangrento de Hélio Batista. Depoimento do Sargento Pedro Cavalcanti Malta.

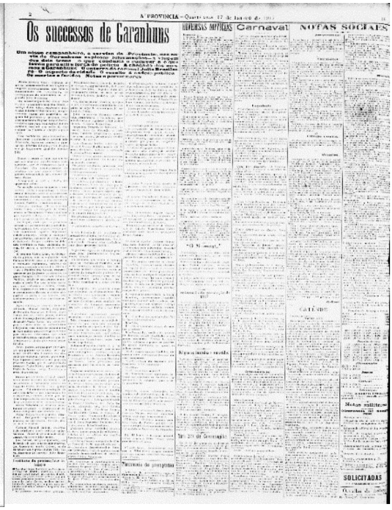
Quarta- feira, 17 de janeiro de 1917.

Jornal do Recife
Jornal A Província


OS SUCCESSOS DE GARANHUNS

ULTIMAS NOTICIAS

PILULAS DO


A PROVINCIA

Os successos de Garanhuns

Carnaval

NOTAS SOCIAES

SOLICITADAS

Jornal Diário de Pernambuco
Jornal Pequeno


DIARIO DE PERNAMBUCO

O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUENCIAS

ULTIMA HORA

PELA POLITICA


JORNAL PEQUENO

PROPRIEDADE DE THOMÉ GIBSON & COMP.

DICTOS

O AUGMENTO DO IMPOSTO DO CONSUMO

Vida feminina

OS ACONTECIMENTOS DE GARANHUNS

De hontem para hoje

Jornal do Recife

Os Successos de Garanhuns

ULTIMAS NOTICIAS

Foram ainda a nota dolorosa do dia de hontem os acontecimentos de Garanhuns, dos quaes nos temos occupado nas suas minudencias maiores e que tão profundamente abalaram o espirito publico.

Doe-nos o rememorar dos factos e a nossa missão de informantes, nos casos agradaveis e nas grandes desgraças, somente ella nos obriga a pegar a penna e tremulamente descrever os successsos sanguinolentos.

Nada mais triste, nada mais tragido do que Garanhuns, o prospero municipio de Pernambuco, a arder nos estampidos dos rifles e a se barbarisar nas cannibalescas scenas que ali se desenrolaram.

Assassinatos hediondos, praticados, perversa e miseravelmente, no interior esconso de uma cadeia, de paes de familias que, de mãos postas, imploravam misericordia.

Essas miserias de Garanhuns dão-nos a impressão de factos que se desenrolam na Barbaria, ou na Roma heroica de Virgillio, sob o dominio dos Vandalos.

Treze mortes inclementes e impiedosas, ferimentos sem conta, ela a resenha dos factos.

Familias doidas pelas ruas, creanças a chorarem tresloucadas, mães de familia desgrenhadas a correr pelos quatro cantos da cidade, vendo os seus esposos banhados em sangue, inertes e frios.

Valha-nos a esperança de uma paz duradoura e, attentas as providencias do exmo. sr. desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, e a bravura desse domador que é o tenente

Theophanes Torres, um heroe esquecido, confiamos que a paz voltará a dominar Garanhuns.

Basta de Sangue!

Procurámos com o maior dos interesses pelos factos officiaes, durante todo o dia de hontem, colher informações completas acerca dos ultimos successos de Garanhuns. Não descuidamos um momento a nossa obrigação e a medida que iamos colhendo esclarecimentos os affixavamos na porta do nosso escriptorio para podermos satisfazer a curiosidade de grande massa popular que aqui se avolumava.

O desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, recebeu ainda hontem os despachos telegraphicos seguintes:

"Cheguei encontrando hecatombe terminada. Cidade verdadeiro panico. Força insufficiente agir. Grande quantidade mortos e feridos. Outra hecatombe se annuncia mais 200 homens armados distribuidos ruas cidade attitude ameaçadora. Peço remessa força 150 praças trem expresso poder evitar conflagração. Soldados feridos encareço vinda medico. a) Tenente Theophanes Torres, delegado policia".

"Resultado cadeia mortas nove pessoas, inclusive cabo Antonio Pedro, sahindo ferido sargento Pedro Cavalcanti Malta e mais outras praças que de prompto não posso informar nome: Situação minha difícil. (a) tenente Meira Lima, delegado".

"Força sob commando do alferes Pinto chegou em paz. Grande quantidade mortos e feridos. Não houve anormalidade chegada cadaver coronel Julio Brasileiro. Saudações. (a) Tenente Theophanes Torres, delegado".

"Scientifico v. exc. capturei individuo Eutychio Brazileiro e Alfredo Brazileiro, vulgo Doca, este responsavel directo hecatombe e aquelle um dos apontados. Faço os seguir Capital devidamente escoltados, trem especial sob ordem capitão Martiniano. Peço v. exc. ouvil-os autos perguntas o que não pude

fazer. Tomei essa resolução melhor garantir ordem uma vez que receiam se represaliar parte familias victimas.

Consta a morte de sete pessoas que se achavam refugiadas cadeia a pedido e mais cinco, sendo duas praças, tres bandidos do grupo assaltante.

Ainda capturei sete bandidos que, gravemente feridos se refugiaram na casa do inditoso coronel Brazileiro, quartel general dos bandidos, chefiados por diversos da mesma familia. Esperam-se novos conflictos, tomei possiveis providencias energicas reacção defesa população cidade.

Governo poderá confiar que sacrificar-me-ei cumprimento deveres commissão melindrosa que me foi confiada. Saudações. (a) Tenente Theophanes Torres, delegado policia".

Às 13 horas, o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, foi ao Telegrapho Nacional, de onde conferenciou com o Tenente Theophanes.

A conferencia foi a seguinte:

P – Ha grupos armados na cidade?

R – Não. Reagiria defendendo a população de qualquer grupo tivesse audacia de invadir a cidade. Correm boatos alarmantes, esperando-se grande grupo à tarde ou à noite. Dizem procedente propriedades das familias de algumas das victimas. Para reagir contra grupo já distribui força diversos pontos da cidade, ficando de promptidão na cadeia, onde se encontram presos diversos cangaceiros.

P – Ha ainda necessidade de força?

R – A força aqui existente é insufficiente para garantir toda cidade, que é grande, mas estou prompto a reagir enquanto existirem soldados e munição. Acho, portanto, necessaria a vinda de mais força.

P – A mulher do capitão Salles Villa Nova foi assassinada?

R – Não

P – Qual o numero exacto de mortes e feridos?

R – Mortos 13 pessôas, sendo sete pessôas de valor e destaque social, 2 soldados e 4 do grupo assaltante e feridos 8, sendo que estes se acham presos. Ainda consta que os bandidos, durante a noite, enterraram ou conduziram diversos dos seus comparsas.

P – Já foi effectuado o enterro de Julio Brazileiro?

R – Sim.

P – E os outros mortos já foram enterrados?

R – Já, faltando apenas serem sepultados os soldados e os cangaceiros aggressores, pelo que já providenciei.

Ainda na mesma conferencia, o desembargador chefe de policia comunicou a partida do trem especial, levando cincoenta praças, sob o commando do alferes Candido Pereira de Souza, conduzindo munições.

O tenente Theophanes Torres pediu ainda a ida de medicos, ao que o chefe respondeu communicando a partida do dr. Ismael Gouveia, de Palmares.

Perguntado de quantas praças necessita ainda, o tenente Theophanes respondeu que somente 20.

O desembargador chefe de policia ordenou ao tenente Theophanes que fizesse corpo de delicto de todos os mortos e feridos, no que foi attendido.

Para Garanhuns seguiu hontem, às 13 horas em trem especial, uma força de 50 praças de policia, sob o commando do alferes Candido Neves, força que ficará ali à disposição do tenente Theophanes Torres, actual delegado.

Às 16 horas e vinte minutos chegou á gare de S. Francisco o trem especial em que foi conduzido o cadaver para Garanhuns. Nelle vieram effetivamente presos Eutychio Brazileiro e Alvaro Vianna, irmão e o genro de Julio Brazileiro. (14)

Foi recebel-os na gare o desembargador chefe de policia, afim de providenciar para a conducção dos mesmos, garatindo-os devido a grande massa popular que se achava na estação.

Eutychio Brazileiro, que é capitão da Guarda Nacional, foi conduzido num automovel em companhia do desembargador chefe de policia, do capitão Martiniano Correia e do tenente Eulino Mendonça para a chefatura de policia.

Noutro auto após vinha Alvaro Vianna, acompanhado de dois amigos e das duas ordenanças do chefe de policia.

Ahi o ultimo declarou-se encommodado, pelo que foi enviado para a enfermaria da Casa de Detenção.

O primeiro seguiu acompanhado do capitão João Nunes para o quartel do 2º batalhão, na soledade.

Ambos ficaram incommunicaveis até amanhã, quando devem ser interrogados.

Ás 22 horas e quarenta minutos telephonámos para a residencia do desembargador chefe de policia, pedindo esclarecimentos sobre os successos de Garanhuns.

S. exc. informou-nos que esteve no Corpo Santo para conferenciar com o tenente Theophanes Torres, o que não poude fazer porque o telegraphista daquella cidade abandonou a estação, em vista de haverem arruaças nas ruas.

Tambem o telegraphista do Nacional abandonou a estação fugindo ambos.

__ Dizia insistentemente que essas arruaças eram provocadas por grupos de amigos das victimas que invadiram a cidade à noite.

DUAS CARTAS DO CAPITÃO FRANCISCO DE SALLES VILLA NOVA E MELLO ASSASSINO DO DEPUTADO JULIO BRAZILEIRO.

Aos nossos collegas do jornal Pequeno o capitão Salles Villa Nova, assassino do coronel Julio Brazileiro, enviou hontem a seguinte carta:

Quartel do 1º batalhão, 16 de janeiro de 1917 – Sr. redactor do Jornal Pequeno.

Dolorosamente li as noticias referentes aos acontecimentos desenrolados em Garanhuns, dos quaes involuntariamente fui a causa.

Surrado a cacete e a cipó de boi, este instrumento aviltante, me considerando um homem desmoralisado no meio dos meus camaradas, num momento de colera, que desde a noite da affronta me perturbava o cerebro deu em resultado o caso funesto que todos conhecem. São unicos responsaveis por esta hecatombe: 1º o dr. Abreu e Lima, juiz de direito, 2º o delegado tenente Meira Lima. O coronel Brasileiro, antes de tomar conselhos e se deixar guiar exclusivamente pelos conselhos satanicos do dr. Abreu não era homem para offender physicamente seus adversarios. Porém os conselhos que só o pao faria recuar os adversarios foi acceito e principiado a levar a effeito, por sua pessoa, dando effeito contrario ao esperado.

A lista negra a ser executada era a seguinte:

Francisco Salles (já espancado), Sátyro Ivo (assassinado), dr. José Rocha Carvalho, coronel Jardim (assassinado), Julio Miranda (assassinado), Argemiro Miranda (assassinado), dr. Borba Junior (assassinado), João Velloso, Francisco Velloso (assassinado), José Guerreiro, Francisco Vieira, João Francisco da Silva, João Tenorio, Thomaz Neves, Linduarte Tenorio, Manoel Azevedo, Candido Laurentino, André de Moura, Luiz de França,

Vespasiano Peixoto, Antonio Vicente de Andrade, Francisco Americo, Antonio Penante, Albino Costa, João Paixão, Francisco Taveira e Joaquim Fausto.

Foi esta a lista fatal, engendrada pelo dr. Abreu e Lima, de combinação com o morto e seus atrabilliarios sobrinhos. Surras, e no caso de reacção, morrer. Agora, sr. dr. Abreu e Lima, homem pequeno no tamanho e nas acções, hypocrita, mira-te no espelho da tua obra, e, se existe um pingo de brio no teu cerebro do mal, mata-te, porque do contrario os phantasmas de tuas victimas não te darão socego.

Eu pretendia expôr tudo isto ao publico, se a sorte me não tivesse arrastado ao assassinato. Minha honra está desaffrontada, compete agora á justiça da terra me castigar e a de Deus. Aos jornaes desta capital, um misero e infeliz assassino pede a transcripção desta – Francisco Salles Villa Nova e Mello.

Á noite o capitão Salles Villa Nova remetteu-nos a seguinte carta:

Quartel do 1º batalhão 16 de janeiro de 1917.

Treme-me a mão, turva-se-me a vista ao traçar estas linhas, porque tive noticias da armadilha pregada aos meus inditosos e innocentes amigos, victimas indefezas, assassinadas e encurraldas, sem poderem fugir á armadilha a dedo concebida por dois monstros humanos. Era o meio mais seguro de eliminação, tomando-se, que algum dia ainda podessem subir ao poder e pedirem contas e restituições de furtos de gados, tomadas de casas e de propriedades alheias, cujos donos aguardam o dia em que surja em Garanhuns á justiça, quando terminasse o dominio do arrocho, que parece terminou agora para sempre.

Com a morte dos innocentes, nada conseguiram, porque algum dia, alguém chamará a estas prestações de contas, nem todos morreram. Fico attonito e pasmo somente em pensar como

meus infelizes amigos acreditaram e cahiram em tão infame cilada!!

Por mais falta de logica que se seja, não se pode comprehender, que 6 homens (soldados) podessem resistir á furia de 100 ou 300 canibaes ha tempos aceitados e sedentos de sangue! Pedir garantias a inimigos rancorosos! que a tempos vinham aplainando o terreno da elliminação! Só o medo poude operar tal confiança.

O dr. Abreu e Lima, de conluio com o celebre delegado da morte, foram os autores deste plano traiçoeiro. Dentro de uma cadeia sem segurança, azilarem-se 11 creaturas para serem fria e cobardemente assassinadas. Que cantigas enfernaes poderam fazer acreditar aos infelizes, segurança naquelle casarão da morte? Bem urdido plano!

Como se explica, o delegado infernal, não ter assumido o commando da defesa e não ter morrido juntamente com os seus commandados, honrado a farda que em má hora lhe foi confiada? É que o tenente Meira Lima tinha certeza do que resultaria naquella ratoeira da morte.

Porque o juiz infernal não deu asylo em sua propria casa, logar seguro e respeitado pela sua cohorte de bandidos? O publico reflicta e estude esta monstruosa perversidade. Meus infelizes amigos, confiantes nas suas innocencias, pois não concorreram para o crime, que num momento de loucura pratiquei. Entregaram-se confiantes nas mãos do algozes crueis.

Os gritos de dores de innocentes creaturas, as lagrimas de sangue derramadas por inditosas viúvas, serão o vosso eterno pesadelo.

Eternamente serei perseguido pelo remorso do crime que pratiquei, mas cinco annos de perseguições de todas as sortes, terminarão meu soffrimento. E vós monstros crueis, que invocareis para suavizar os vossos remorsos?

Dizei, confessae em nome de vossas victimas, que mal os fizeram dr. Borba Junior, Jardim, Velloso, Presciliano, Gonzaga, Julio, Argemiro, Satyro Ivo, e as demais victimas, que, confiantes, se entregaram a vós a guarda?

Vamos, respondei!

Eu, causador involuntario de tanto mal, de joelhos peço perdão ás familias das victimas inoccentes, e que do alem sabem da dor que me martyrisa e das lagrimas de fogo, que derramo, sobre seus tumulos de martyres.

Deus que se amercie de nós.

Um infeliz, que não deve ser amaldiçoado.

Francisco Salles.

No intuito de informarmos aos nossos leitores a respeito dos horripilantes e vergonhosos factos occorridos em Garanhuns, marcando uma pagina negra na nossa historia, destacámos um nosso representante que foi esperar o comboio de Garanhuns na estação de Escada.

Ahi o nosso companheiro aguardou a chegada do comboio que passou na referida estação ás 18 horas. O comboio vinha repleto de familias e cavalheiros que tinham abandonado Garanhuns. Os passageiros diziam que logo que chegou a Garanhuns, ás 7 horas do dia 15, o telegramma annunciando o assassinato do coronel Julio Brazileiro, os membros da familia do mesmo e seus partidarios começaram a se exaltar e gritando diziam que a sua morte seria vingada.

Diante disso a população da cidade ficou alarmada, temendo que a exaltação augmentasse e viesse a occorrer factos desagradabilissimos.

Pouco a pouco foram chegando á cidade, vindos de Brejão e de outros logares, innumeros cangaceiros os quaes em attitude hostil, de armas em punho, percorriam as ruas.

O commercio logo cerrou suas portas, temendo assalto.

Os amigos e a familia do coronel Julio Brazileiro accusavam seus adversarios politicos como mandantes do assassinato do infortunado chefe.

Diante disso, temendo algum desacato ou mesmo morte os ameaçados, entre os quaes os sr. Major Sátyro Ivo, dr. Borba Junior, coronel Julio de Miranda, coronel Argemiro de Miranda, coronel Luiz de Gonzaga Jordão (15), coronel Manoel Jardim, Francisco Velloso da Silveira e outros mandaram pedir garantias ao dr. Abreu e Lima, juiz de direito o qual respondera que não as poderia dar, visto se encontrar ameaçado.

Em vista disso pediram garantias ao Tenente Meira Lima, delegado de policia, que os levou para a cadeia, dizendo que elles estavam plenamente garantidos, não devendo portanto temer cousa alguma.

Antes, porém, o capitão Eutychio Brasileiro, irmão do coronel Julio Brasileiro, acompanhado dos srs. Antonio Rosas, José Rosas e Alvaro Vianna, este seu sobrinho, se dirigiu á residencia do dr. Borba Junior, á Rua do Recife (16), onde chegados todos dispararam, por tres vezes, armas que traziam.

Penetrando na residencia do dr. Borba, aggrediram o mesmo, fracturando-lhe a cabeça.

Alguem que se encontrava na occasião interveio pedindo a Eutychio Brasileiro e aos seus companheiros que poupassem a vida do dr. Borba Junior visto o referido moço ser innocente.

Depois de muito relutarem afinal os aggressores se retiraram blasonando que a morte do coronel Julio Brasileiro seria vingada.

A cidade apresentava um aspecto horrivel.

Grupos e mais grupos de cangaceiros, aqui e ali, se encontravam ás ordens de parentes e empregados do coronel Julio Brasileiro, todos promptos a darem começo a chacina a primeira ordem.

Mais tarde cerca de 13 horas e meia, chegaram á cidade mais dois grupos de cangaceiros vindas da fazenda do Brejão, os quaes eram dirigidos pelos acelerados Jorge Vaz e Doca Vianna.

Assim se encontravam na cidade cerca de 300 cangaceiros.

Nas ruas os membros da familia Brasileiro e amigos gritavam pedindo vingança, ao mesmo tempo que diziam, referindo-se ás pessôas que se achavam garantidas na cadeia, "Mata, mata esses miseraveis".

Acuados dessa forma, os miseraveis bandidos foram se approximando da cadeia, cercado-a.

Todos tinham a impressão que algo extraordinario ia acontecer.

O revdm. padre Benigno de Lyra, vigario da parochia, sahiu á rua pedindo a todos calma, que não matassem ninguem, que tivessem compaixão dos que se achavam na cadeia, mas, as suas palavras não eram ouvidas, os bandidos queriam sangue e os membros da familia Brazileiro e seus amigos e apaniguados ardiam pela chacina vingadora.

Na cadeia se encontrava o delegado de policia, tenente Meira Lima com 5 praças, inclusive um cabo.

Ás 15 horas e 40 minutos Eutychio Brazileiro, Antonio Rosa, José Rosa e Alvaro Vianna, que chefiavam os cangaceiros, chamaram o tenente Meira Lima que se achava na cadeia e com elle palestraram reservadamente.

Após essa palestra o referido tenente, com espanto geral, abandonou a cadeia deixando-a entregue aos soldados.

Aproveitando esse ensejo os bandidos começaram a fazer fogo contra a cadeia, matando logo o sentinella.

As demais praças, em numero de quatro, vendo o succedido e no cumprimento do seu dever fizeram uso de suas carabinas e brava e heroicamente resistiram durante 15 minutos ao fogo dos assaltantes.

O cabo que dirigia a força, conhecido pela alcunha de Cobrinha, á frente de seus companheiros, cheio de denodo, continuava a resistir até que o cangaceiro Vicentão disse: Cobrinha saia dahi, ninguem o quer matar.

O cabo, porem, respondia fazendo fogo, sempre fogo.

Chegando então o bandido Antonio Rosas, este por sua vez, pediu que Cobrinha se retirasse, não sendo attendido, fez fogo, matando a infeliz praça. (17)

O numero de assaltantes era maior e apezar da bravura das praças, dentro de um pouco ellas tiveram de recuar á falta de munição, e então os bandidos, gritando, parecendo verdadeiros féras, entraram na cadeia.

Deu-se então uma secna impossivel de descrever.

Os bandidos agarraram as indefesas pessôas que estavam na cadeia, sob a guarda do tenente Meira Lima, e barbara, estupida e miseravelmente mataram todas ellas, apesar dos insistentes pedidos, dos rogos, que faziam até de joelhos.

Com os corpos quasi mutilados os canibaes então trataram de despojar suas victimas. Assim roubaram tudo quanto ellas possuiam. Para poderem se apoderar dos anneis que se achavam nos dedos do major Satyro Ivo os miseraveis cortaram-lhes os dedos.

Mortos o dr. Borba Junior, coronel Manoel Jardim, Julio de Miranda, Argemiro de Miranda, Luiz de Gonzaga Jordão, Francisco Velloso da Silveira e Satyro Alves da Silva (18), os cangaceiros retiraram-se.

Quatro delles jaziam estendidos mortos no chão entre os quaes o bandido Vicentão.

Outros, em grande numero feridos, recolheram-se a diversas casas.

Ás 17 horas os bandidos sabendo que no comboio vinha uma força de dez praças sob o commando do tenente Theophanes Torres, começaram em sua maioria, a deixar a cidade, em

demanda a Brejão e outros logares. Diversos homens ficaram na cidade, em logares occultos.

Logo que chegou o tenente Theophanes Torres tomou energicas providencias fazendo com que alguma calma retornasse á cidade.

Os cadáveres das victimas, que foram reclamados, o tenente Theophanes fez entregar ás suas familias, emquanto aos outros removeu para o cemiterio.

Durante o tiroteio da cadeia poderam fugir da cadeia, onde tambem se encontravam, os srs. Arthur Pereira da Silva, chefe da turma da policia sanitaria, Presciliano Josué, José de Tal, conhecido por Zuza, empregado no Cinema Moderno e o ex-sargento de policia Araujo.

O trem conduzindo o cadaver do coronel Julio Brazileiro chegou ás 5 horas e meia de hontem, sendo o feretro logo levado para o cemiterio onde foi inhumado.

Em sua maioria os passageiros atacaram fortemente o delegado de policia tenente Meira Lima, chamando-o de cobarde, visto ter abandonado as infelizes victimas.

Os mesmos passageiros são (...) em afirmar que a ida dos malogrados cavalheiros para a cadeia encobriu uma grande farça provocando assim a ida a sahida do tenente Meira Lima da cadeia após ter confabulado com Eutychio Brazileiro e outros.

É portanto criminoso esse official, igualmente accusarão o dr. Abreu e Lima, juiz de direito, a quem imputam ser um dos principaes responsaveis pela hecatombe.

No comboio viajavam entre outras pessôas o coronel Hemeterio Souto e dois filhos, major Thomaz Maia, sub-prefeito, Oscar Paiva e Fausto Bezerra.

O nosso companheiro procurou ouvir o major Thomaz Maia, que disse nada poder adiantar a respeito dos luctuosos acontecimentos. Sabia apenas que seus amigos reunidos tinham

resolvido tomar uma vindicta. Quis demovel-os; não conseguido retirou-se.

Ainda os passageiros descreveram a scena tragica que se passou após o tiroteio.

As familias das infelizes victimas immoladas pelos cangaceiros, como loucas, cabellos em desalinho, pés descalços sahiram pelas ruas a correr e a gritar em demanda á cadeia, onde ao chegar depararam com o quadro estupendamente horroroso, seus chefes cahidos mortos em poças de sangue e com os membros dilacerados pelos canibaes.

O nosso representante soube que hontem, pela manhã, na residencia do coronel Julio Brasileiro, á rua do Commercio, o tenente Theophanes Torres prendeu os cangaceiros que ali se achavam feridos.

O comboio chegou á gare de Cinco Pontas ás 19 horas e 40 minutos. Verdadeira multidão achava-se a gare a espera do comboio.

NOTA

O cadaver do dr. Borba Junior foi transportado para a sua residencia numa carroça de lixo.

Das vestes do coronel Argemiro Miranda os bandidos roubaram objectos avaliados em 800$000.

Os demais cadavares foram transportados para a residencia de suas familias em camas de lonas.

O genitor dos srs. Julio de Miranda e Argemiro de Miranda, Theotonio de Miranda, ao ter conhecimento do desapparecimento tragico de seus filhos, teve uma syncope, morrendo. (19)

Após a chegada do comboio especial ás 16 horas e 20 minutos, na gare de Cinco Pontas, procuramos ouvir o dr. Abreu

e Lima, juiz de direito de Garanhuns e que dali veio fugido em companhia da sua familia.

O representante da justiça lia avidamente uma folha da tarde.

Inquirimos de S.S. o que tinha havido em Garanhuns. O nosso interpellado respondeu: Nada, não houve nada, apenas um barulhosinho sem importancia. A cidade agora está calma.

E nada mais podemos obter do famigerado juiz de direito de Garanhuns, a quem apontam como um dos responsaveis pelo que aconteceu ali.

No mesmo comboio veio a exma. senhora do infortunado coronel Julio Brazileiro e sua filha, ambas se achavam muito chorosas e rodeadas por pessoas amigas. Em automovel se retiraram da gare de Cinco Pontas.

Um senhor, que depois soubemos ser membro da familia Brazileiro, disse-nos: Não ha mais nada em Garanhuns. Tudo está acabado; portanto não ha necessidade de mais praças. Para que?

Na occasião do assalto á cadeia, uma senhora passageira do comboio do horario e que reside perto da mesma ouviu distinctamente o dr Borba Junior gritar supplicando aos seus algozes que não o matassem.

Uma commissão composta dos srs. Mario Pinto, Cicero Mello, Henrique Adour e Miguel Lima todos do Torre Sport Club, esteve na Chefatura de policia onde pediu garantias ao desembargador chefe de policia para os srs. Edgar, José Barroso de Mello, Luiz Aubin e suas exmas. famílias residentes em Garanhuns.

Um passageiro vindo de Bom Conselho nos disse que toda a zona limitrophe de Garanhuns se encontra em pavoroso estado de exaltação, esperando-se por este motivo graves acontecimentos.

Da nossa edição da tarde de hontem, os srs. Joaquim Gonçalves & C. receberam hoje de manhã de Garanhuns, os seguintes telegrammas:

"Garanhuns, 15 – 18 horas - Nossa familia em paz. Victorino Alves Monteiro".

O sr. Victorino Alves Monteiro um dos mais acreditados commerciantes de Garanhuns.

"Garanhuns, 15 – 18 horas – Assassinaram meu pae e Miro. – Carlos Miranda".

Trata-se do coronel Julio de Miranda ambos commerciantes em Garanhuns.

Somente hoje pela manhã os srs. Fonseca Nunes & C. receberam de Garanhuns os seguintes telegrammas:

Expedido ás 12 horas. "Pedimos amigos intervir chefe de policia garantir vida nossa e propriedade seriamente ameaçadas. Julio e Argemiro Miranda".

Expedido ás 18 horas. "Falleceram assassinados papae e Miro. Peço pedir providencias. – Carlos Miranda".

Expedido ás 18 horas. "Assassinaram meu pae e Miro como amigo extincto peço seu amparo nesta horrível situação – Carlos".

Hoje o chefe de policia recebeu o seguinte telegramma expedido de Garanhuns ás 6 horas:

"Garanhuns – Força sob o commando do alferes Pinto chegou em paz. Grande numero de mortos e feridos. Não houve anormalidades chegada cadaver coronel Julio Brasileiro. – (a) Theophanes Torres, delegado de policia.

Os coronéis Julio e Argemiro de Miranda que hontem foram assassinados em Garanhuns eram naturaes do município de Buique, mas residiam alli desde creanças. (20)

Proprietarios de importante estabelecimento commercial A Bella Aurora, os inventurados cavalheiros eram

bastante estimados gozando de vasto conceito não só em Garanhuns como também nesta cidade.

O dr. Borba Junior uma das victimas da hecatombe contava com 28 annos de idade e era natural da Bahia. Muito estimado em Garanhuns o infortunado medico fora candidato a sub-prefeito na chapa do dr. Rocha Carvalho as ultimas eleições.

O coronel Manoel Jardim que tambem foi victima da (...) dos cangaceiros que assaltaram a cadeia onde elle se achava garantido pela policia, durante annos foi deputado estadual e chefe politico de prestigio.

Professor jubilado o coronel Manoel Jardim era natural de Flores (21). S. s. era cunhado dos coroneis Julio e Argemiro Miranda.

(14)O sobrinho preso pelo Tenente Theophanes Torres foi Alfredo Viana, o Doca Viana, conforme o jornal.

(15) O nome da vitima era Luiz Gonzaga Jardim.

(16) O Dr. Borba Junior residia na atual Avenida Santo Antônio, nº 22, a casa que se refere o jornal era a casa de sua tia e de seus primos.

(17) O relatório dos autos de formação de culpa da hecatombe aponta o capanga Vicentão como autor dos disparos contra o Cabo Cobrinha.

(18) O nome da vitima era Satyro Ivo da Silva.

(19) Nos relatos dos enterros das vitímas da Hecatombe, também narrados nos autos de formação de culpa da hecatombe não há referências sobre a morte súbita do senhor Theotonio de Miranda pai de Argemiro e Júlio Miranda, o repórter confundiu com o filho de menor de Argemiro Miranda, também chamado Theotonio Miranda, que estava na cadeia, mas sobreviveu ao ataque. No dia 28 de janeiro de 1917 o Jornal do Recife esclarece que o senhor Theotonio Miranda sofrera uma síncope quando soube do fim trágico dos filhos, mas já se restabelecera, embora continuasse

muito abatido. Theotonio Miranda faleceria no dia 22 de julho de 1920.

(20) A família Miranda é natural do município de Panelas, que se chamava na época em que a família povoou a região Panelas dos Miranda. Os pais de Argemiro e Júlio Miranda eram Theotonio Tavares de Miranda e Maria Laurinda Tavares de Miranda, esta falecida em 29 de dezembro de 1912.

(21) A família Jardim provindos de Flores chegaram a Garanhuns na metade do século XVIII, portanto o Coronel Manoel Antônio de Azevedo Jardim é natural de Garanhuns.

Jornal A Província

Os Successos de Garanhuns

Ainda hontem foram objectos de geraes commentarios nesta capital os tragicos acontecimentos que vêm se desenrolando em Garanhuns, em consequencia do assassinato do deputado Julio Brasileiro.

Do nosso companheiro Oscar Mello, que se encontra naquella cidade, a serviço desta folha, recebemos detalhados informes relativamente aos gravissimos factos alli occorridos, dos quaes foi portador o distincto moço pharmaceutico Raphael Roque Rocha, vindo hontem para esta capital por um comboio especial, que partio de Garanhuns ás 7 horas e chegou aqui ás 16:20.

Esse cavalheiro que acompanhou a Garanhuns o cadaver do coronel Julio Brasileiro, dignou-se tambem a prestar-nos diversas informações a proposito da hecatombe daquelle municipio.

Damos a seguir as notas que nos foram enviadas por aquelle nosso companheiro, que se transportou para o theatro

dos acontecimentos no comboio em que seguio a força da policia, commandada pelo alferes Alberto Pinto.

Chegamos ás 3:50 á cidade, que apparenta calma.

Na estação achava-se apenas o respectivo chefe, e seguiu logo a força para a delegacia, onde se encontravam as familias dos drs. Juiz de direito municipal e a do tenente reformado Antonio Padilha, e muitas outras.

Estavam tambem alli os tenentes Meira Lima, ex-delegado de Garanhuns, e Theophanes Torres, que fora para aquella cidade, a fim de substituir o primeiro destes officiaes.

Ao chegar soube, que as primeiras noticias do assassinato do coronel Julio Brasileiro, teve inicio o panico que vem dominando aquella importante cidade sertaneja. Grupos e mais grupos exaltados, armados de rifles, procedentes de Brejão e outras localidades, invadiam as ruas, enchendo assim, de terror o espirito da população.

O tenente Meira Lima, ex-delegado de policia, não se suppondo com força sufficiente para a reacção que o momento reclamava, resolveu de comum acordo com os drs. Abreu e Lima e Pacifico dos Santos, respectivamente juiz de direito e promotor, vigario Benigno Lira e tenente Antonio Padilha, dirigir-se aos grupos amotinados e pedir-lhe com modos suasorios, que voltassem á calma, e tambem largassem as armas, uma vez que a consequencia de seus sinistros propositos só poderia ser funesta, sob qualquer ponto de vista que fosse encarada.

Nesse interim, os coroneis Julio de Miranda, Manoel Jardim, Argemiro de Miranda, Francisco Velloso, major Satyro Ivo, dr. Borba Junior, medico, e Luiz Gonzaga Jardim pediram ao ex-delegado Meira Lima que mandassem para a cadeia onde se encontravam refugiados, uma força de policia a fim de ficar melhor garantidas as suas vidas pois estavam informados que eram procurados pelos cangaceiros que infestavam a cidade para serem assassinados.

Antes porem, de qualquer providencia que pudesse ser tomada pelo tenente Meira Lima, a cadeia era atacada por numeroso grupo, que encontrou vigorosa resistência por parte da pequena guarda, que se compunha do sargento Pedro Malta, Cabo Antonio Pedro de Souza, vulgo Cobrinha, e mais cinco praças.

Houve grande lucta, da qual resultou a morte do cabo Cobrinha e de um soldado, e ferimentos graves no sargento Pedro Malta e em quatro praças. Foi admiravel a coragem do cabo Cobrinha - a sua resistencia foi tenacissima, e luctou, ainda por algum tempo com os laccinoras, estando já cahido seus companheiros.

Morto Cobrinha, os sicarios penetraram na cadeia e assassinaram todos: os srs. **Major Satyro Ivo**, do partido dissidente. Era grande capitalista e negociava em alta escala, casado, deixa de 6 a 8 filhos. **Coronel Manoel Jardim**, ex-deputado estadual e chefe politico opposicionista. Maior de 50 annos de edade, casado deixa um filho maior. (22) **José Veloso**, antigo negociante, estabelecido ali com uma grande pharmacia. Gosava de muita estima, sendo compadre do capitão Salles Villa Nova, assassino do coronel Julio Brasileiro. (23**) Presciliano Josué**, chefe da estação de Glycerio, opposicionista, da facção Rocha Carvalho. Seguira ali, no domingo ultimo, em visita ao seu cunhado Antonio Jandaya, que está doente. (24**). Dr. Borba Junior**, medico, residente e alli candidato da chapa Rocha Carvalho ao logar de sub-prefeito. É natural da Bahia. **Julio Tavares de Miranda**, negociante, proprietario e fazendeiro, possuindo fortuna superior a 600 contos de reis. Casado deixa filhos. **Argemiro Tavares de Miranda**, irmão de Julio de Miranda, é socio deste. Tambem proprietario, gosava com o seu irmão de reputado credito na praça do Recife. **Luiz Gonzaga Jardim**, sobrinho do coronel Manoel Jardim, menor de 21 annos, solteiro e soffrendo de desequilibrio mental. (25)

Houve outros mortos, inclusive duas praças e 1 popular. Os feridos são em grande numero.

Do grupo assaltante morreram trez cangaceiros e ficaram no campo seis feridos gravemente.

Os presos que se achavam recolhidos à cadeia nada soffreram. (26)

O cadaver que chegou a 1 hora e 45 minutos, ficou no carro que o conduziu, guardado por pessoas da familia. Trinta minutos depois, após a chegada d´outros membros da familia do desventurado congressista, e de crescido numero de amigos, realizou-se o enterramento no cemiterio publico, que fica proximo a estação. O corpo foi encommendado pelo vigario Benigno Lyra.

Em diversas partes da cidade, foram encontrados cadavares e diversos feridos.

O commercio conserva-se fechado.

Tendo deixado de vir à cidade os fornecedores d´agua, em consequencia dos graves acontecimentos – ha o que se pode chamar uma verdadeira crise desse precioso liquido.

O comboio, que levava o feretro, parou na estação de Palmares, onde se via compacta multidão. Em Colonia, uma senhora depositou sobre os despojos do inesquecido politico uma coroa de flores naturaes com os seguintes dizeres: “Ao saudoso coronel Julio Brazileiro, a viuva Avelina Nilo”.

Em Quipapá, um grupo de senhoritas entregou ao pharmaceutico Roque Rocha uma coroa com a seguinte inscripção: “Ao eminente coronel Julio Brasileiro, uma saudade das senhoritas de Quipapá, representadas pela senhorita Maria José Barros”.

Garanhuns apresenta aspecto tristissimo: tudo denota terror.

Não obstante correr nesta cidade a versão de que havia sido assassinada a familia do capitão Salles Villa Nova, autor do

assassinato do coronel Julio Brasileiro, esta nada soffreu como tambem as demais familias residentes em Garanhuns, cujos lares foram respeitados.

Sahimos d´aquella cidade às 7 horas em comboio especial, que trouxe para esta capital o capitão Eutychio Brasileiro e o Sr. Alfredo Brasileiro Vianna, presos pelo tenente Theophanes Torres, como principaes responsaveis pela hecatombe de Garanhuns.

Viajaram também nesse trem o capitão Martiniano Correia, ajudante de ordens do excmo. sr. governador do estado e mais as seguintes pessoas: dr. Abreu e Lima, juiz de direito e familia, dr. Carlos de Abreu e Lima, medico, srs. Fausto Gallo e familia, Ormindo Pires e trez cunhados, Dumouriez Brasileiro, irmão do coronel Julio Brasileiro, J. Leite, proprietario do Hotel Universo, dr. Nylo Bezerra, advogado, srs. José Ribeiro Brasileiro, João Brasileiro Vianna, José Brasileiro Vianna e esposa d. Maria Luiza Duperron Brasileiro e um filho menor (27), Alfredo Pinto Ferreira e d. Anna Duperron Brasileiro, viuva do coronel Julio Brasileiro.

Viajavam nesse comboio guarnecendo-o, quatro praças de policia embaladas, sob as ordens do capitão Martiniano Correia.

O trem chegou à estação de Cinco Pontas ás 16:20, aguardando ahi a sua chegada o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia acompanhado de seu ajudante de ordens, alferes Eulino de Mendonça.

O desembargador Antonio Guimarães ordenou que fosse recolhido ao estado maior do 2º batalhão o sr. Eutychio Brasileiro, por ser official da guarda nacional – e mandado para a casa de detenção o sr. Alfredo Brasileiro Vianna, onde baixou a enfermaria dessa casa penitenciaria.

NOTAS

O chefe de policia teve communicação, procedente da Repartição dos telegraphos, desta capital, de que o telegraphista de Garanhuns abandonou a estação, receiando novo ataque à cidade por parte de cangaceiros vindos de Aguas-Belas, como tambem o sr. Leonardo Bezerra do Nasimento, carteiro dos Correios de Garanhuns.

O desembargador Antonio Guimarães até a alta madrugada nenhum despacho telegraphico havia recebido confirmando os boatos correntes hontem nesta capital, a cerca do novo ataque à Garanhuns.

O nosso companheiro Oscar Mello assistiu ao enterramento do coronel Julio Brasileiro.

O padre Benigno Lyra, vigario de Garanhuns, tem prestado relevante serviços à população desta cidade.

O tenente Theophanes Torres distribuiu convenientemente as forças que chegaram hontem – ficando senhor da situação.

Para Garanhuns seguio hontem nova força da policia, composta de praças sob o commando do alferes Candido Pereira de Souza. Essa força que vae ficar á disposição do tenente Theophanes Torres embarcou às 14 horas na estação de Cinco Pontas.

O desembargador Antonio Guimarães teve, hontem, às 13 horas uma conferencia pelo telegrapho nacional com o tenente Theophanes Ferraz.

Abaixo damos as perguntas e respostas da mencionada conferencia:

P – Ha grupos armados na cidade?

R – Não. Correm boatos alarmantes, esperando-se á tarde ou á noite grande grupo que dizem procedente de onde reside as familias de algumas das victimas. Para reagir contra grupo já

distribui força diversos pontos da cidade, ficando eu de promptidão na cadeia, onde se encontram diversos cangaceiros presos.

P – Ha ainda necessidade de força?

R – Força aqui existente é insufficiente para garantir toda a cidade, que é grande, mas estou disposto a reagir enquanto existirem soldados e munição. Acho conveniente a vinda de mais força.

P – A mulher do capitão Salles Villa Nova foi assassinada?

R – Não

P – Qual o numero exacto de mortes e feridos?

R – Mortos 13, sendo 7 de pessôas de destaque social, 2 soldados e 4 do grupo assaltante. Feridos 8, sendo quatro soldados e 4 quatro cangaceiros. Ainda consta que durante à noite, enterraram diversos dos seus comparsas.

P – O cadaver do deputado Julio Brasileiro já foi sepultado?

R – Sim.

P – E os outros mortos?

R – Tambem foram sepultados, faltando ter sepultura os bandidos agressores e os soldados, para o que já providenciei.

Segundo fomos informados, até hontem o dr. Juiz da 1ª vara criminal desta cidade, não havia recebido as delligencias relativas ao assassinato do coronel Julio Brasileiro.

A turma commercial desta praça, Fonseca Nunes, recebeu ante-hontem os seguintes telegrammas:

“12 horas – Pedimos amigos enteresse chefe de Policia garantir vida nossa e propriedade seriamente ameaçadas. Julio e Argemiro de Miranda.

“15 – 18 horas – Falleceram assassinados papae e Miro. Peço pedir providencia. Carlos.

(22) O Coronel Manuel Jardim tinha três filhos, Maria das Dores, Maria do Carmo e Luiz Inácio de Miranda Jardim, que se tornaria um dos renomados escritores da literatura brasileira.

(23) A vítima era Francisco Veloso da Silveira.

(24) Presciliano Josué sobreviveu ao ataque à cadeia, escapando com um ferimento na mão.

(25) O repórter correspondente informou na nota que Luiz Gonzaga Jardim sofria de desequilíbrio mental, o que não corresponde à verdade dos fatos. Gonzaga Jardim era um rapaz erudito e estudava em Recife.

(26) Alguns dos presos comuns foram feridos, entre eles Tibúrcio Izídio da Silva.

(27) O menor que acompanhou os pais na viagem era Júlio Brasileiro Neto, de apenas 1 ano e 11 meses de idade. Anos depois se tornaria um conceituado médico em Recife, falecendo em 09 de agosto de 1979. Diário de Pernambuco de 09/08/1979. Maria Luisa estava gravida e seu filho nasceria ainda naquele ano de 1917 e se chamaria José Maria Brasileiro Viana que faleceu em 12 de junho de 1986. Ambos foram enterrados no Cemitério Parque das Flores em Recife. Maria Luisa e José Viana teriam ainda um terceiro filho chamado Wilson Brasileiro Viana, mas não não foi possível outras informações sobre ele.

Jornal Diário de Pernambuco

O ASSASSINATO DO DEPUTADO JULIO BRASILEIRO

SUAS CONSEQUENCIAS

Perdura intensa, no espirito publico a emoção, verdadeiro sentimento de horror, causada pela negra tragedia de domingo ultimo a Praça da Independencia desta capital, e attentos o avultado numero de victimas e circunstamcias outras – ainda mais pelas nefandas scenas de trucidamento a que aquella deu logar em Garanhuns.

Enviando sinceros e commovidos pezames ás desditosas familias de todas as victimas alli cahidas, no terrivel morticionio, continuamos a noticiar, tão detalhadamente quanto nos é possivel, tudo que diz respeito aos tetricos acontecimentos que vieram consternar e enlutar Pernambuco esta semana:

Hontem, pelas 13 horas, seguiram em comboio especial para Garanhuns 50 praças de policia commadadas pelo alferes Candido de Souza e bem municiadas.

Entre as pessoas que assistiram á partida, na estação de Cinco Pontas, salientavam-se o desembargador Antonio Guimaraes, chefe de policia, e o coronel José Novaes, commandante da força publica estadual.

De Garanhuns aqui chegou, pelas 15 horas e 20 minutos, um trem especial, em que regressava d´aquelle municipio o ajudante de ordens do sr. dr. governador do Estado, Martiniano Correia, que alli fôra representar s. excia. nos funeraes do saudoso deputado cel. Julio Brasileiro e depois, recebera instrucções telegraphicas para collaborar nos esforços tendentes ao restabelecimento da normalidade na cidade serrana.

O mesmo trem partio de Garanhuns após o ordinario, tendo porém, lhe tomado a deanteira na estação de Canhotinho e,

expresso como era, chegando a esta capital antes delle, na hora indicada pelo capitão Martiniano em telegramma ao dr. chefe de policia e por nós já acima registrada.

Vieram no comboio referido, além de outras pessoas:

O juiz de direito de Garanhuns, dr. Abreu e Lima e familia, a exma sra. d. Maria Duperron Brasileiro, viuva do cel. Julio Brasileiro, sua filha, exma sra. d. Maria Luisa Duperron Brasileiro Viana, esposa do sr. José Vianna, familia Fausto Gallo, familia Francisco Almeida.

Presos e escoltados aqui chegaram ainda no trem especial o capitão Eutychio Brasileiro e o sr Alfredo Brasileiro, vulgo Doca, respectivamente irmão e sobrinho do cel Julio Brasileiro. O primeiro era subdelegado em Garanhuns.

Apresentados na Estação ao chefe de policia, este mandou conduzil-os, em automovel, para a chefatura, onde foram ligeiramente interrogados, sendo depois recolhidos incommunicaveis, o capitão Eutychio ao 2º corpo de policia e o sr. A. Brasileiro á casa de Detenção.

Ambos serão interrogados hoje pelo desembargador Antonio Guimarães.

Antes da chegada do comboio especial, o dr. chefe de policia conferenciara pelo Telegrapho nacional, com o tenente Theophanes Torres:

P – Ha grupos armados na cidade?

R – Não. Reagiria, defendendo a população se qualquer grupo tivesse a audacia de invadir a cidade. Correm boatos alarmantes, esperando-se um numeroso grupo, que deve chegar á tardinha ou á noite. Dizem que são homens procedentes de propriedades de algumas das familias da victimas, para reagir contra invasão, já distribui força por diversos pontos da cidade, ficando de promptidão com reforço na cadeia, onde se acham presos diversos cangaceiros.

P – Ha ainda necessidade de força?

R – A Força aqui existente é insufficiente para garantir toda a cidade, bastante grande, mas estou prompto para reagir emquanto houve soldados e munições. Acho necessaria a vinda de mais força.

P – A mulher do c. Salles Villa Nova foi assassinada?

R – Não

P – Qual o numero exacto de mortes e feridos?

R – Foram mortas 13 pessoas, sendo 7 de destaque social, 2 soldados e 4 assaltantes da cadeia. Os feridos são 8, sendo 4 soldados e 4 assaltantes. Consta que os bandidos enterraram ou conduziram para longe, á noite diversos dos seus comparsas.

P – Já foi effectuado o enterro do cel. Julio Brasileiro?

R – Sim.

P – E outros mortos já foram enterrados?

R – Já. Faltando apenas sepultar os soldados e os assaltantes, para o que já providenciei.

Na mesma conferencia o chefe de policia communicou a partida do trem especial levando 50 praças, sob o commando do Alferes Candido Soares.

O tenente Theophanes Torres insistio pela ida de medico, ao que o dr. Antonio Guimarães respondeu communicando que seguia de Palmares o dr. Ismael Gouveia.

Um dos nossos companheiros foi hontem ao encontro do trem de Alagoas, para conseguir de algum ou alguns passageiros vindos do theatro dos acontecimentos, pormenores da innonimaveis scenas de sangue alli desenroladas e aqui conhecidas apenas atravez de telegrammas laconicos.

No cabo, onde aguardamos a chegada do trem de Alagoas, ouvimos em palestra o sr. José Laurindo, conductor da “Great Western” um dos que fizeram o especial com o cadaver do coronel Julio Brasileiro.

O sr. José Laurindo disse-nos ter chegado em Garanhuns ás 4 e 40 da manhã, meia hora depois do outro especial, que

conduzira a força de 50 praças de policia sob o commando do Alferes Alberto Pinto.

A sua descripção foi simples e breve. Poucos detalhes apenas a impressão do momento após ligeira visita á cidade, pois se demoraria pouco, para regressar com o trem.

"__ Ao chegar em Garanhuns, notei que não havia pessoa alguma para receber o cadaver ou antes, se havia alguem não chegou para ser notado, pelo menos por mim. Depois da sahida do cadaver para o cemiterio percorri com um companheiro as principais ruas da cidade, especialmente aquella onde se havia desenrolado a hecatombe. A cidade estava calma. As ruas por onde passei achavam-se guarnecidas por praças de policia, de armas embaladas. Estas praças, segundo me informaram, eram da força que nos tinha precedido na viagem e que obedecia ao commando do tenente Theophanes. A cidade pezava uma atmosfera de luto. Disseram-me que havia cadavares na matriz. Fui ver e conteis seis, um dos quaes tinha horrivel ferimento no pescoço, de onde ainda sahia sangre negro, por baixo de uma pasta de algodão que cobria a ferida. Outro cadaver era de um cabo de policia, que me disseram ser o Antonio Cobrinha. Estava sobre uma escada. Mais adeante se achava o corpo de um creoulo crivado de balas. Mais dois que pude ver bem, estavam com os troncos despidos e cheios de ferimentos. Ao passar por uma casa vi outro cadaver. Disseram-me que era o do medico dr. Borba Junior. Voltei para o trem e em caminho forneceram-me uma nota dos mortos. Ás 6 e 40 parti com o trem, conduzindo algumas pessoas que acompanharam o corpo do coronel Julio Brasileiro, a familia deste e, escoltados o sr. Eutychio Brasileiro e um sobrinho".

O sr. josé Laurentino, que reside no Cabo, mostrou-nos a lista dos mortos que haviam lhe fornecido e retirou-se.

Na estação onde havia grande numero de pessoas aguardando os jornaes, commentava-se largamente o caso de Garanhuns.

O trem de Alagoas chegou á estação do Cabo ás 6 e 35. Entrámos no carro-restaurant, onde fomos encontrar o dr. Apulchro da Assumpção, Santino Pontual, dr. Julio Bello, coronel Jesualdo Brasileiro, irmão do coronel Julio Brasileiro, que procedia de Rio Formoso, onde reside o sr. josé Leal, ajudante do correio de Garanhuns e que vinha dalli com sua familia, fugindo á situação alarmante e afflictiva em que se acha aquella cidade.

O sr. José Leal, a quem fomos apresentados pelo dr. Apulchro da Assumpção, apezar de visivelmente incommodado com as perguntas que vinha repetidamente respondendo, naturalmente cançado e constrangido, prestou-se gentilmente a informar-nos do que sabia das occurencias de que fôra testemunha:

"__ A noticia do assassinato do coronel Julio Brasileiro domingo no Recife, chegara á Garanhuns ás 6 horas da manhã do dia seguinte, ou antes, foi a essa hora que ella se divulgou na cidade. Escusado é registrar o alarma que ella produzio e o panico que motivou, especialmente no circulo daqueles que eram adversarios do assassinado. Começou então, certo movimento suspeito e a chegada de grupo armados, que foram enchendo a cidade. O panico foi augmentando progressivamente e começaram em seguida os pedidos de garantias. O vigario, padre Benigno Lyra, valendo-se da estima que gosa, foi incansavel no sentido de acalmar os animos, tentando evitar manifestações hostis áquelles que se julgavam ameaçados e temiam recahisse sobre as suas pessoas o desforço que parecia imminente e seria tomado se uma providencia benefica não fosse posta em pratica. Os grupos augmentavam e as manifestações de hostilidade se fizeram sentir. O padre Benigno multiplicou a sua interferência, no que foi auxiliado pelo tenente Meira Lima, delegado local.

Sentiam-se ameaçados os negociantes srs. Julio Miranda, Argemiro Miranda, Satyro Ivo e Francisco Vellozo da Silveira, fazendeiro Manoel Jardim e seu sobrinho Gonzaga Jardim. Os que chefiavam os grupos, depois da interferencia do padre Benigno Lyra e de outras pessoas, affirmaram, garantiram mesmo que nada succederia contra aquelles que se julgavam ameaçados. Estes, porém, não confiaram na affirmativa e insistiram no pedido de garantias.

Ficou então, assentado que se recolheriam á cadeia local até que se julgasse fora de perigo. Assim se recolheram á cadeia os srs. Julio e Argemiro Miranda, Satyro Ivo, Manoel Jardim, Gonzaga Jardim (28), Presciliano Josué, ajudante da estação em Glycerio e que tem familia em Garanhuns, Francisco Velloso da Silveira, Arthur de tal, empregado da hygiene, o operador do cinema Moderno, conhecido por Zuzu e o ex-sargento de policia Araujo.

Momento depois á cadeia, preso por um grupo armado a pretexto de averiguações policiaes, o dr. Borba Junior, que já se achava com um ferimento no craneo produzido por forte pancada dada traiçoeiramente por um individuo do grupo com um côco de beber agua. O dr. Borba já se achava preso e ia sendo conduzido para a cadeia quando recebeu a pancada.

Estive na cadeia quando todos alli se achavam, em companhia de 5 praças de policia e do tenente Meira Lima. Fora levar uma filhinha minha para ser receitada pelo dr. Borba. Estavam todos relativamente tranquillos. A cadeia aberta e todos reunidos no corpo da guarda, em frente ao quarto do estado-maior, palestravam, mais ou menos confiados nas garantias e na promessa de que nada lhes succederia.

Receitada a creança pelo dr. Borba Junior, sahi. Neste interim chegava á cadeia um individuo que fazia parte de um dos grupos armados, portador de um recado para o tenente Meira

Lima. O dr. Juiz de direito mandou chamar v. s. com toda a urgencia.

O tenente Meira Lima sahio. Poucos momentos depois a cadeia era atacada, pela frente e pela parte posterior, por cerca de 200 homens. E o tiroteio começou. Quinze ou vinte minutos, depois cessava o fogo. Todos que se achavam na cadeia estavam mortos ou feridos, a excepção de quatro que, no accesso da lucta conseguiram fugir: Presciliano Josué, Arthur de tal, empregado da hygiene, o operador Zuzu e o ex-sargento de policia Araujo. O sr. Presciliano Josué, que encontrei ha pouco em Glycerio, está ferido por uma bala em uma das mãos.

Os guardas que guarneciam a cadeia resistiram ao ataque até queimarem o ultimo cartucho. A primeira victima foi o cabo "Cobrinha", que foi attingido por bala na fronte. A carabina com que atirava foi apanhada pelo sr. Argemiro Miranda, que se defendeu heroicamente.

Logo que apanhou a carabina de "Cobrinha", o sr. Argemiro Miranda começou a atirar contra os atacantes, sendo logo attingido por bala na mão direita. Mesmo assim continuou a atirar. Perdendo muito sangue, tirou um lenço do bolço, amarrou a mão ferida e, não podendo mais fazer uso della, passou a atirar com a esquerda até que cahiu atravessado por balas.

Tambem se defendeu heroicamente o sr. Satyro Ivo. Quando os assaltante notaram que de dentro da cadeia não partia mais nenhum tiro, invadiram-na. Ainda estava com vida o sr. Gonzaga Jardim, a quem acabaram de matar, barbaramente, a arma branca.

O tiroteio começou de 2 1/2 para 3 horas. Foram tambem mortos e feridos alguns dos assaltantes.

Vi o cadaver do dr. Borba Junior e fui avisar á sua familia, composta de uma tia e dois primos, para tomar conta do mesmo cadaver. Este já havia sido atirado a uma carroça de lixo e

transportado para a matriz, de onde a familia o retirou. Os outros cadavares foram tambem retirados pelas familias das victimas.

Por occasião do tiroteio o padre Benigno Lyra tentou mais uma vez evitar a chacina appellando para o respeito á religião. Com a imagem do Crucificado, appareceu em meio aos assaltantes alimentando a esperança de vel-os abandonar o desgraçado intento. Infelizmente não foi attendido.

Até a hora que deixei Garanhuns o commercio se conservava fechado e a cidade como um cemiterio.

Foram estas as informações que nos forneceu o sr. José Leal.

No trem não se falava senão do caso de Garanhuns. Diversas pessoas faziam referencias pouco lisongeiras ao dr. juiz de direito, enquanto outras elogiavam a acção enérgica do tenente Theophanes Torres.

Colhemos mais as seguintes notas:

Foi preso o individuo que acabara de matar, a arma branca, o sr. Gonzaga Jardim.

O tenente Theophanes tambem prendeu o pharmaceutico José Correia Paes, que lhe fora pedir garantias a fim de voltar para Brejão.

O mesmo oficial prendeu ainda um outro cangaceiro que disfarçadamente, passada pela cadeia com nodoas de azeite na hombreira do palitot. Interrogado sobre as nodoas, respondera que eram de lenha que costumava carregar. Ficou apurado, porem, que as nodoas eram de azeite, da coronha do rifle.

Foram passageiros do trem de Alagoas numerosas pessoas de Garanhuns, inclusive familias, muitas das quaes saltaram em differentes estações antes do Recife.

De Garanhuns, ao que soubemos, vieram para esta cidade os srs. José Leal e familia, Thomaz da Silva Maia, sub-prefeito em exercicio, negociante Augusto Camillo de Souza, José de Almeida Filho, tambem negociante, e Demosthenes Campos.

Em Garanhuns, onde reinava extraordinaria desolação, haviam fechado os hotéis “Motta” e “Avenida”, como quasi todo o commercio.

O proprietario do “Avenida” coronel Hemeterio Souto, e seus filhos Marcionillo e Massilon Souto vieram para esta capital, sendo passageiros do trem de Alagoas.

Nelle affirmaram-nos que d. Clotilde Ivo, viuva do coronel Satyro Ivo, preparava-se, inconsolavel pela perda do marido, para vingal-o, esperando cangaceiros de Bom Conselho e Aguas Bellas, onde reside seu pae.

A agencia do correio estava acephala, pois fora abandonada pelo agente, o ajudante, o carteiro e o estafeta, por carencia de garantias.

Sr. Salles Villa Nova dirigiu hontem ao Jornal Pequeno a seguinte carta:

Dolorosamente li as noticias referentes aos acontecimentos desenrolados em Garanhuns, dos quaes involuntariamente fui a causa.

Surrado a cacete e a cipó de boi, este instrumento aviltante, me considerando um homem desmoralisado no meio dos meus camaradas, num momento de colera, que desde a noite da affronta me perturbava o cerebro deu em resultado o caso funesto que todos conhecem. São unicos responsaveis por esta hecatombe: 1º o dr. Abreu e Lima, juiz de direito, 2º o delegado tenente Meira Lima. O coronel Brasileiro, antes de tomar conselhos e se deixar guiar exclusivamente pelos conselhos satanicos do dr. Abreu não era homem para offender physicamente seus adversarios. Porém os conselhos que só o pao faria recuar os adversarios foi acceito e principiado a levar a effeito, por sua pessoa, dando effeito contrario ao esperado. A lista negra a ser executada era a seguinte:

Francisco Salles (já espancado), Sátyro Ivo (assassinado), dr. José Rocha Carvalho, coronel Jardim (assassinado), Julio

Miranda (assassinado), Argemiro Miranda (assassinado), dr. Borba Junior (assassinado), João Velloso, Francisco Velloso (assassinado), José Guerreiro, Francisco Vieira, João Francisco da Silva, João Tenorio, Thomaz Neves, Linduarte Tenorio, Manoel Azevedo, Candido Laurentino, André de Moura, Luiz de França, Vespasiano Peixoto, Antonio Vicente de Andrade, Francisco Americo, Antonio Penante, Albino Costa, João Paixão, Francisco Taveira e Joaquim Fausto.

Foi esta a lista fatal, engendrada pelo dr. Abreu e Lima, de combinação com o morto e seus atrabilliarios sobrinhos. Surras, e no caso de reacção, morrer. Agora, sr. dr. Abreu e Lima, homem pequeno no tamanho e nas acções, hypocrita, mira-te no espelho da tua obra, e, se existe um pingo de brio no teu cerebro do mal, mata-te, porque do contrario os phantasmas de tuas victimas não te darão socego.

Eu pretendia expôr tudo isto ao publico, se a sorte me não tivesse arrastado ao assassinato. Minha honra está desaffrontada, compete agora á justiça da terra me castigar e a de Deus. Aos jornaes desta capital, um misero e infeliz assassino pede a transcripção desta – Francisco Salles Villa Nova e Mello.

Nesta capital foram recebidos hontem os seguintes despachos:

"Joaquim Gonçalves & Cia. Recife – Garanhuns. Assassinaram meu pae e Miro. – Carlos."

O sr. Carlos, que assigna o despacho é filho do commerciante coronel Julio de Miranda; e Miro trata-se do sr. Argemiro Miranda, irmão do coronel e tio do sr. Carlos.

Tambem recebeu a mesma firma o despacho seguinte:

"Garanhuns – Nossa familia em paz – Victorino".

O signatario é o sr. Victorino Aves Monteiro, um dos principaes negociantes em Garanhuns.

O exmo. sr. general Joaquim Ignacio, commandante da região recebeu os seguintes telegrammas:

“Assassinato coronel Brazileiro produziu dolorosa impressão, indignando povo e provocando conflagração cidade. Tomei alvitre auxiliar autoridades locaes intervindo officialmente. Peço v. exc. approvar meu procedimento. – Antonio Padilha”.

“Grande grupo armado acaba atacar cadeia. Reagimos quanto possível. Houve mortos e feridos. Continuo auxiliando autoridades locaes. – tenente Antonio Padilha.

Em resposta o general Joaquim Ignacio dirigiu este despacho áquelle official:

“Sciente vossos telegrammas, approvo vossa conducta, colocando-vos lado autoridades constituidas. A missão do soldado é em qualquer situação prestigiar autoridade como garantida da ordem. – General Joaquim Ignacio”.

Estes despachos chegaram com atrazo.

Recebido às 14 horas:

“Scientifico v. excia. capturei indivíduos Euthychio Brasileiro e Alfredo Brasileiro Vianna, vulgo Doca, este responsavel directo hecatombe de Garanhuns e aquelle um dos apontados.

Faço seguir capital devidamente escoltado trem especial sob ordens capitão Martiniano. Peço v. excia. ouvil-os autos perguntas, o que não pude fazer. Tomei esta resolução melhor garantia ordem uma vez que se receiam represalias parte familias victimas. Conta morte sete pessoas que se achavam refugiadas cadeia a pedido, e mais cinco sendo duas praças e trez bandidos do grupo assaltante. Ainda capturei sete bandidos que gravemente feridos se refugiaram casa inditoso coronel Brasileiro, quartel general dos bandidos chefiados por diversos membros mesma familia. Espera-se novos conflictos. Tomei possiveis providencias energica reacção defesa população cidade. Governo poderá confiar que sacrificar-me-ei cumprimento

deveres commissão melindrosa que me foi confiada. Saudações – (a) Tenente Theophanes Torres, delegado.

Telegrammas recebidos pelo desembargador chefe de policia até às 15 horas:

"Resultado ataque cadeia mortos nove pessoas, inclusive cabo Antonio Pedro, sahindo feridos sargento Pedro Cavalcanti Malta e mais outras praças que de prompto não posso informar nome, situação minha difficil. Saudações – (a) Tenente Meira Lima, delegado.

"Cheguei encontrando hecatombe terminada cidade verdadeiro panico, força insufficiente agir grande quantidades mortos e feridos, outra hecatombe se annucia, mais 200 homens armados distribuidos ruas cidade attitude ameaçadora peço remessa 150 praças trem expresso poder evitar conflagração soldados feridos encareço vinda medico. (a) Tenente Theophanes Torres, delegado".

O capitão Martiniano Correia que veio dirigindo o trem especial de São Benedicto telegraphou ao dr. Antonio Guimarães, nestes termos:

"Peço mandar automovel condução capitão Euthychio Brazileiro e Alfredo Vianna. Presos tenente Theophanes Torres em deligencia responsaveis assassinatos Garanhuns. Consta coronel Carlos Lyra telegraphou governador avisando seguir gente armada Garanhuns pretexto garantias padre Lyra. Penso ser desnecessario. Cidade, apezar boatos atterradores, acha-se calma. Povo confiante providencias dadas governo. Tenente Theophanes Torres age energica e prudentemente. Saudações – Martiniano Correia".

Ás 10 horas da manhã de hontem o sr. Euclides Dourado, collector estadual em Garanhuns, communicou-se directamente, pelo telegrapho, com pessoas da sua familia, ali residentes, as quaes lhe informaram que, àquella hora, a cidade estava

relativamente calma e se effectuavam prisões de responsaveis pelos acontecimentos de hontem.

O desembargador chefe de policia ás 18 horas recebeu o seguinte telegramma:

"Resposta telegramma juiz de direito tenho informar v. exc. delegado procedeu vistoria victimas. Acho necessario força trem especial. São esperados novos acontecimentos. Delegado distribue força na cidade reagir defeza. (a) Barroso Mello, juiz municipal".

Este despacho foi transmittido de Garanhuns ás 10 horas.

Ás 13 horas daquella cidade era endereçado á mesma autoridade esse outro:

"Realisa-se nesta hora enterro victimas hecatombe de hontem. Panico geral, cidade consternada. Delegado Theophanes Torres, exercicio procedeu exame victimas e tem estabelecido providencias garantir ordem, tendo prendido alguns apresentados cabeças factos. Acompanho diligencias, como me cumpre. – Respeitosas saudações – (a) Pacifico dos Santos, promotor".

E mais este:

"Continuei secundar pedido v. exc. todos unidos sob direcção tenente Theophanes sentido auxiliar acção governo. Situação mais calma. Agradecemos providencias continuadas. Saudações – (a) Padre Lyra.

São estas as ultimas noticias de Garanhuns. Segundo parece estão cortadas ou interrompidas todas as communicações para aquella cidade.

O dr. Guimarães, ás 17 horas, esteve no Telegrapho nacional em busca de informações. Constava-lhe que, á tarde de hontem novo grupo de cangaceiros, por parte da familia de uma das victimas, vinha atacar a cidade, grupo que os boatos davam como composto de 400 homens, procedentes de Aguas Bellas.

O Telegrapho nacional, porem, respondeu que o agente da estação de Garanhuns abandonara o apparelho, á aproximação de homens armados. Todo o dinheiro, archivo e papeis da repartição, foram conduzidos pelo referido encarregado, de nome Raymundo Lima, para a casa do dr. Euzebio Brandão da Rocha, juiz de direito de Bom Conselho.

O desembargador Antonio Guimarães, ainda na esperança de obter informes por intermedio da Great Western, esteve no telegrapho dessa companhia, á rua do Brum, nada conseguindo tambem.

O telegrapho só havia funccionado para Garanhuns até 17 e meia horas, quando havia noticia de calma. Ás 17 e 50 – hora em que o chefe de policia alli esteve havia defeitos na linha.

A força de policia que está em Garanhuns deve ser agora de 160 e tantas praças, bem municiadas. Em todas as entradas da cidade ha trincheiras para o caso de ser necessaria resistencia.

Na cidade de Garanhuns á noite de ante-hontem havia apenas duas casas abertas: - do padre Lyra e a do tenente Theophanes Torres.

Informam passageiros de Garanhuns que o grupo de cangaceiros que atacou a cadeia era chefiado pelo sr. Alfredo Brasileiro Vianna, vulgo “Doca”, que aqui se acha preso na Detenção, vindo hontem de trem especial, conforme dissemos.

Sabemos que o sr. coronel Carlos Lyra pedio hontem da estação de Serra Grande um trem especial, no qual seguio para Garanhuns, com alguns amigos, ao encontro do seu filho padre Benigno Lyra, vigario daquella parochia. Dalli telegraphou, ás 16 horas, ao nosso director, dizendo que se achava em paz a cidade, sendo de presumir que brevemente voltasse á normalidade, em vistas das garantias offerecidas pela força publica.

Infelizmente, não cessou pela noite adeante a interrupção das communicações telegraphicas para Garanhuns, que pelo Nacional, quer pela “Great Western”. O telegraphista do

Nacional naquella cidade informara, ás 8 1/2, que ela estava cercada e começava a ser invadida por cangaceiros, acrescentando sentir-se sem garantias, pelo que ia fechar a estação. E nada mais communicou.

(28) Gonzaga Jardim não se recolheu a cadeia, só momentos antes do ataque foi á cadeia visitar os familiares.

Jornal Pequeno

OS ACONTECIMENTOS DE GARANHUNS

De hontem para hoje

As noticias de Garanhuns são, enfim, tranquillisadoras. Os ultimos despachos d´alli procedentes rezam que á cidade está calma, parecendo que tudo voltará à normalidade, apezar de alguns boatos que ainda corre sobre possiveis ataques de grupos armados.

A respeito dos gravissimos e luctuosos successos a nossa reportagem colheu mais as seguintes notas:

O coronel José Novaes recebeu de Garanhuns, o seguinte telegramma:

"Scientifico v. s. força sob commando alferes Alberto Pinto chegou em paz. Da hecatombe foram victimas o cabo de esquadra Antonio Pedro de Souza e os soldados Ezequiel Cabral de Souza, Antonio Pedro Dias e Francisco Maciel Pinto, dos quaes os dois primeiros morreram em acto continuo e os ultimos estão gravemente feridos. O assalto foi feito na occasião em que a minha familia entrava na cidade. Ainda ficaram feridos o sargento Pedro Cavalcanti Malta e o soldado Manoel João de Oliveira ambos do destacamento de Bom Concelho e que conduziam a minha familia. Os soldados se portaram com o maior heroísmo. Diante das ordens recebidas agiram em defeza do quartel, destacando-se pela bravura o cabo Francisco e o sargento Malta. Conforme communicação tenente Pimentel e pessôas que presenciaram as scenas no theatro da lucta.

No comprimento do dever do cargo que o governo me confiou, tenho tomado energicas providencias para reacção ao ataque premeditação cidade. O tenente Pimentel pede resolver qual o seu destino. Saudações. - Tenente Theophanes Torres".

O desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, recebeu, hoje, um aviso telegraphico de Garanhuns, dizendo que a cidade está calma e que os boatos aterrorisadores fizeram com que o telegraphista abandonasse a estação. Este, porém, já havia voltado ao seu posto. O commercio, ali segundo ainda diz o aviso, continua fechado.

Hoje o dr. Antonio Guimarães, chefe de policia, esteve na residencia do dr. Leopoldo Lins, na Estrada de João de Barros onde autoou a viuva do coronel Julio Brazileiro. O auto de perguntas foi feito em segredo, nada transpirando a respeito. S.S. ainda ouviu, na Repartição Central da Policia ao capitão Eutychio Brazileiro e sr. Alfredo Brazileiro, conhecido pelo appellido de Doca, este recolhido á Detenção e aquelle ao estado maior do 1º batalhão.

O dr. chefe de policia telegraphou para Bom Concelho e Aguas Bellas determinando aos delegados responsaveis que não consintam a passagem de grupos armados, uma vez que a cidade de Garanhuns está calma. Pediu ainda S.S. áquellas autoridades que tranquilisassem as familias das victimas porventura residentes naquelles municipios.

Entrevista com o Capitão Mrtiniano Correia

Á 1 hora da tarde procuramos ouvir o capitão Martiniano Correia, ajudante de ordens do governador do Estado, a respeito dos acontecimentos de Garanhuns. O digno official, narrou-nos assim o que sabia:

__Fui acompanhando o corpo do deputado Julio Brazileiro como representante do governo do Estado. Em Palmares recebemos ordem para aguardar e deixar passar o trem que conduzia uma força para Garanhuns. O trem avançou até Catende, onde os empregados da “Great Western” receberam ordem para não seguir com o trem até a passagem do outro.

Em vista da franca decomposição do cadaver, o dr. Eutropio Silva de accordo com a familia do morto telegraphou ao dr. chefe de policia pedindo para continuar a viagem. O dr. Antonio Guimarães respondeu mostrando não poder attender á solicitação porque graves successos se desenrolavam em Garanhuns.

Foram então, ao telegrapho e pediram ao encarregado que se communicasse com a estação de Garanhuns indagando o que occorria ali. Tiveram ahi noticia dos graves acontecimentos. Esperaram em Catende até 10 horas da noite, quando passou o trem com a força. Ás 10:35 sahiu de Catende o especial com o cadaver.

Chegaram em Garanhuns ás 4 horas da madrugada. Na estação, apenas o chefe e um menor, portador do padre Lyra e ali combinamos que o enterramento do coronel Julio Brazileiro fosse logo effectuado.

Levada a resolução á familia do morto, o enterramento teve logar ás 6 horas da manhã. Soube, depois que o ataque á cadeia se dera ás 3 horas da tarde. Vi dois cadavares na porta da egreja e mais tres no corredor da mesma. Nas casas das respectivas familias, estavam ainda os cadavares dos dr. Borba Junior, Satyro Ivo, Manoel Jardim, Julio Miranda, etc.

A força da cadeia, composta de um sargento, resistio heroicamente. Os cangaceiros só entraram ali depois de todos cahindos por terra.

O grupo composto por cerca de 200 homens era dirigido ou commandado por um Vicente de Tal, homem de toda a confiança do deputado Julio Brasileiro, e que, até então, procedia morigeradamente.

Nenhum dos irmãos ou sobrinhos do coronel tomou parte activa no ataque, apesar de accusados como mandantes do mesmo.

O commandante dos cangaceiros, Vicente de tal, foi ferido gravemente pelo cabo Cobrinha, morto no ataque. A cidade tinha um aspecto desolador. Apesar, nas ruas, forças embaladas, dirigidas pelo tenente Theophanes Torres, que se mostra incansavel.

O tenente Theophanes chegou a Garanhuns meia hora depois do ataque, com uma força de 15 praças. Tomou immediatas providencias e mandou guardar logo as casas da viuva Julio Brazileiro e de outras pessôas envolvidas nos acontecimentos.

Parece que, entre mortos e feridos ha uns 30. A cada momento chega noticia de ter apparecido um morto ou um ferido, isto do grupo assaltante.

O cadaver de Julio Brazileiro, antes de sepultado, foi encomendado pelo padre Benigno Lyra.

Na occasião que tomavamos o especial de regresso a esta cidade. Trem aliás alogado pela familia Brazileiro, os membros desta resolveram vir a cidade. Foi quando o tenente Theophanes Torres resolveu prender os srs. Eutychio Brazileiro e Alfredo Vianna, diante das accusações que pezavam sobre os mesmos. Perigando a continuação de ambos ali, ficou deliberado viessem para esta capital, sendo entregues á minha guarda. Eis tudo quanto sei a respeito dos dolorosos successos de Garanhuns.

Remattou-nos o sympathico e brioso capitão Martiniano Correia.

Ainda por determinação do coronel José Novaes, será celebrada missa nesta capital, em suffragio da alma das praças do interior mortos ali.

O coronel José Novaes determinou ao tenente Pimentel Meira Lima que se recolhesse immediatamente ao batalhão a que pertence.

Hoje ás 12 horas da tarde, teve demorada conferencia com o exmo. sr. dr. Manoel Borba, governador do Estado, o dr. Abreu e Lima, juiz de direito de Garanhuns.

Em palacio vimos, hoje, diversas pessôas foragidas de Garanhuns, dentre ellas uma que correu 10 leguas temendo a morte. De todas ouvimos que a responsabilidade maior dos tristes successos é atribuida ao dr. Abreu e Lima, juiz de direito d´ali.

O coronel José Novaes promoveu hoje, por acto de bravura, os soldados e o cabo que defenderam a cadeia de Garanhuns. A viuva do cabo Cobrinha terá modesta pensão e os filhos seus serão internados num estabelecimento de caridade.

Amanhã o coronel José Novaes deve levar ao governador do Estado a promoção de alferes do sargento que tomou parte da defeza da cadeia.

Quinta-feira, 18 de janeiro de 1917.

Jornal A Província Jornal do Recife



Os successos de Garanhuns

NOTAS SOCIAES



RECREIO DA PETIZADA

A's Quintas-feiras

OS SUCCESSOS DE GARANHUNS

100 contos

IODOLINO DE ORH

Jornal Pequeno Jornal Diário de Pernambuco



Os acontecimentos de Garanhuns

A paz volta áquella cidade

TELEGRAMMAS



VARIAS

O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUENCIAS

ULTIMA HORA

Jornal A Província

OS SUCCESSOS DE GARANHUNS

A Província em Garanhuns

Do nosso companheiro Oscar Mello que se acha em Garanhuns desde segunda-feira ultima, recebemos hontem, pelo Telephafo Nacional os seguintes telegrammas:

GARANHUNS, 16. – Expedido às 12 e 55 minutos).

Á respeito do espancamento de que foi aqui victima o capitão Francisco Salles Villa Nova e Mello, ouvi o ex-delegado Meira Lima, que disse ter sido o mesmo effectivamente aggredido e espancado por um grupo que segundo dizem era composto por adversarios politicos do espancando.

Accrescentou o tenente Meira Lima, que o capitão Salles sendo interrogado, negou-se grosseiramente a prestar esclarecimentos, de modo a deixal-o sem poder prosseguir no inquerito determinado pelo chefe de policia; que Salles declarou seguir para o Recife, onde tomaria as suas providencias; que o assassino do coronel Julio Brasileiro sempre foi garantido pela policia; que não é bem visto n´esta cidade pelas constantes mystificações que praticou.

- O commercio continua ainda fechado, talvez com receio de novos acontecimentos.

A força que está aqui ainda não é bastante para a perfeita e completa garantia da ordem.

- O grupo de cangaceiros que atacou a cadeia publica foi chefiado por Alfredo Brasileiro Vianna, conhecido por Doca, que já foi preso e remettido para ahi.

- Scenas dolorosas e impressionantes occorrem de momento a momento nas casas das victimas da tristissima hecatombe.

- O tenente Theophanes Ferraz, delegado local tem trabalhado incessantemente para a descoberta dos bandidos que assaltaram a cadeia. Dos mesmos já foram presos 7 sendo que 6 estão feridos gravemente e se achavam homisiados na residencia do saudoso coronel Julio Brasileiro, onde foram tambem apprehendidos varios riffles e outras armas.

- O juiz de direito dr. Abreu e Lima abandonou a comarca, seguindo para o Recife, em companhia da familia.

São feitas censuras ao procedimento do alludido magistrado. A sua sahida clandestina determinou desagradavel impressão, principalmente agora em que muito se precisa de sua presença aqui.

- Entre os defensores da cadeia, destacaram-se pela bravura e sangue frio o cabo Antonio Pedro de Souza, conhecido por Cobrinha, que morreu crivado de balas e o sargento Pedro Malta, que está ferido a bala.

- Um dos assaltantes da cadeia de nome Vicente de tal, conhecido por Vicentão, autor da morte do cabo Cobrinha e do coronel Manoel Jardim acaba de fallecer em consequencia dos ferimentos que recebeu na lucta.

- Morreu mais um policial, estando gravemente feridos 3 praças, inclusive o sargento Pedro Malta.

- Pessôas que assistiram o ataque à cadeia elogiam a attitude da guarda da mesma que a defendeu de modo valoroso.

- Ignora-se o destino de 2 policiaes que se achavam em Brejão.

- São geraes as censuras feitas á policia, por conservar apenas 5 praças n´esta cidade.

GARANHUNS, 17. – (Expedidos ás 9 horas da manhã). – O tenente Theophanes Ferraz prendeu hoje os cangaceiros Joaquim Rodrigues da Silva, autor da morte do jovem Luiz Gonzaga Jardim. (29)

Em seu poder foi apprehendido um punhal, tendo a lamina ensanguentada.

- O padre Benigno Lyra, abraçado a um crucifixo, em plena rua, na occasião do tiroteio, pedio aos cangaceiros que não matassem os commerciantes que se achavam recolhidos na sala livre da cadeia, não sendo attendido, sendo tambem ameaçado de assassinato.

- Auxiliaram o padre Lyra nesse piedoso sentido o dr. Pacifico dos Santos, promotor e tenente Meira Lima, ex-delegado. Ambos tambem foram ameaçados de morte pelo faccinora. (30)

- O numero de assaltantes foi superior a 100.

- Todos os negociantes depois de mortos tiveram os craneos esphacelados, a coices de armas, sendo despojados de todos os objectos de valor.

O cabo Cobrinha teve a mesma sorte.

GARANHUNS, 17. – (Expedido às 10 e 45 do dia). – Numerosas familias receiosas de novos acontecimentos retiraram-se da cidade.

- Morreram mais: - um policial e um cangaceiro.

- Aqui corre que Brejão, fazenda pertencente ao coronel Julio Brasileiro, está em armas.

- A policia pretende cercar aquelle logar.

- O enterro dos commerciantes foi muito concorrido.

Foi igualmente concorrido o do medico dr. Borba Junior.

Este antes de ser assassinado ajoelhou-se perante os cangaceiros, pedindo para que os mesmos não o matassem, pois nada tinha com o assassinato do coronel Julio Brasileiro.

Chefiaram os bandidos, alem dos sr. Eutychio Brasileiro e Alfredo Brasileiro Vianna, conforme dizem varias pessôas aqui residentes, mais o srs. José Rosa, Manoel Rosa, Antonio Rosa e Alvaro Vianna, todos parentes do fallecido coronel Julio Brasileiro.

- Hontem, à tarde, chegou aqui a noticia de que a cidade seria invadida por cangaceiros vindos de Aguas Belas. Tendo tambem tal noticia, o tenente Theophanes preparou logo a força.

- Parte do commercio reabrio hoje as suas portas, conservando porem, uma porta fechada em signal de pezar pelas mortes dos commerciantes.

GARANHUNS, 17. – (Expedido às 11:40 de hontem). Os mortos são: **Major Satyro Ivo**, casado com d. Maria Clotilde de Oliveira. Deixa cinco filhos menores. Tinha o extincto 41 annos. Os ferimentos recebidos pelo mesmo foram diversos e feitos à bala, faca e cacete.

Coronel Argemiro Miranda – Era casado com d. Mirandolina Souto de Miranda. Deixa 4 filhos menores e tinha 48 annos. Ferimentos diversos: bala e punhal.

Coronel Julio Miranda – Era casado com d. Ignez Guilherme de Miranda. Deixa 6 filhos menores. Tinha 45 annos de idade. Ferimentos: bala, cacete e faca.

Coronel Manoel Jardim – Casado com d. Angelica Jardim. Deixa 3 filhos. Tinha 55 annos. Recebeu diversos ferimentos de bala e cacete.

Luiz Gonzaga Jardim – Solteiro, 19 annos incompletos. Recebeu ferimentos a faca, bala e punhal.

Coronel Francisco Velloso – Casado com d. Alexandrina Velloso. Não deixa filhos. Tinha 55 annos. Ferimentos diversos: bala e faca.

Dr. Borba Junior – Solteiro 30 annos. Diversos ferimentos: faca e bala.

Todos tinham os craneos esphacelados conforme tive occasião de ver.

Cabo Antonio Pedro de Souza, casado, 28 annos. Ferimentos diversos: bala, faca, cacete e punhal.

Praça Ezequiel de Souza – Casado. Deixa filhos, 29 annos. Ferimentos diversos.

O cangaceiro Vicente Ferreira, conhecido por Vicentão pela sua grande estatura, empregado de toda a confiança do coronel Julio Brasileiro foi quem mais se distinguio no grupo. Era viuvo e tinha 58 annos. Não deixa filhos. Recebeu varios ferimentos a bala.

Conforme noticias chegadas hontem a esta capital, podemos affirmar que já se encontra em relativa calma a cidade de Garanhuns, que vem de ser presa de graves e funestas agitações, que são conhecidas de nossos leitores.

Diversas firmas desta praça têm recebido despachos telegraphicos, procedentes de Garanhuns, communicando que varias casas commerciais dessa cidade abriram suas portas, reiniciando assim a sua actividade. Affirmam tambem os referidos telegammas que o tenente Theophanes Torres está senhor da situação.

O desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, telegraphou aos delegados de Bom Concelho e Aguas Bellas, determinando-lhes que não permittam a passagem de grupos armados, visto achar-se pacificada a cidade de Garanhuns. Recommendou, ainda, áquellas autoridades que tranquillisassem as familias das victimas que residem nos referidos municipios.

O dr. chefe de policia ouvio hontem, em auto de perguntas na residencia do dr. Leopoldo Lins, na estrada João de Barros, a d. Anna Duperron Brasileiro, viuva do inditoso deputado Julio Brasileiro. Esse auto de perguntas foi feito sob o mais completo sigillo.

No quartel da Soledade ás 14 horas, de hontem, o dr. Antonio Guimaraes ouvio em auto de perguntas ao capitão Eutychio Brasileiro, um dos responsaveis pela hecatombe de Garanhuns, e irmão do deputado Julio Brasileiro, e cujos depoimentos damos a baixo:

-Na segunda-feira, 15 do corrente pelas 6 horas da manhã fui despertado com a triste noticia do assassinato do meu

irmão Júlio Brasileiro. Sahindo, em seguida para a sua residencia, a fim de ter a certeza d´essa noticia, ali encontrei um telegramma dizendo ter sido meu irmão assassinado pelo Capitão Francisco Salles Villa Nova.

Sahi e encontrei diversos grupos de amigos do meu irmão residentes na cidade, alarmados com a noticia da morte do mesmo. No caracter de subdelegado do 1º districto, recommendei muita prudencia. Depois foram chegando outros grupos e, como achasse insufficiente a minha pessoa para manter a ordem, procurei o tenente Pimentel para determinar que os supplentes de delegado e subdelegados assumissem o exercicio, a fim de auxiliar o policiamento.

Soube nessa occasião que os senhores Julio de Miranda e Argemiro de Miranda pediram garantias ao dr. juiz de direito e o responsabilizaram pelo o que houvesse com elles. Logo depois, chegou meu sobrinho Alfredo Vianna, residente em Brejão, que tambem recebera noticia do assassinato de Julio.

Alfredo, em seguida, dirigio-se para a casa de seu sogro, de onde depois voltou à casa do meu irmão Julio. Mais tarde, porém, continuou a chegada de amigos da victima, vindo de diversos pontos do municipio. Chegou igualmente um grupo, tendo a frente Vicentão, empregado ha muitos annos de Julio, em sua fazenda do Brejão.

Tornaram-se então exaltados os animos. Procurei o dr. Abreu e Lima, tendo tudo feito com o tenente Pimentel e o Padre Lyra, para acalmar o pessoal, que se achava indignado. Os grupos, em vista dos nossos conselhos, ficaram calmos. Acontece que, depois de tudo socegado, chegou um portador annunciando que o coronel Francisco Velloso escrevera a um amigo pedindo cangaceiros. Indignados com esta noticia, sahiram todos reunidos, tendo á frente Vicentão, destino da cadeia.

Como me achasse em casa do meu cunhado Antonio Rosas, sahi incontinenti, a fim de vêr se era possivel evitar o

ataque á cadeia, pois tinha sido avisado de que o grupo atacaria a mesma. Entretanto, não pude obstar o ataque. Ao me approximar do local, já estava travado terrivel tiroteio, no qual luctaram heroicamente o cabo Cobrinha, commandante da guarda e Vicentão. Pude observar que Vicentão cahira por terra e em seguida se dava a investida dos outros seus companheiros a cadeia.

Gritei, improficuamente, pedindo calma, e vendo por ultimo que nada conseguia, porque o tiroteio augmentava cada vez mais, abandonei o local da lucta, dirigindo-me á residencia do meu irmão fallecido.

Nada mais pude consegui vêr. Alli fiquei até serenarem os animos excessivamente exaltados. No entanto, soube mais tarde, após ter sido abandonado o quartel, que haviam sido assassinados o coronel Jardim, Argemiro Miranda e coronel Velloso.

Na occasião em que tomava o trem, em companhia da minha cunhada viuva, no dia immediato, pela manhã, recebi voz de prisão dada pelo tenente Theophanes Torres. Na mesma occasião foi tambem preso o meu sobrinho Alfredo Viana, que commigo vinha para o Recife. No trem vim acompanhado do Capitão Martiniano Correia e ficamos presos á disposição do dr. Chefe de Polícia.

Quanto ao espancamento que diz o sr. Villa Nova haver soffrido de minha pessoa, é uma infamia, pois o espancamento só pode ser atribuido ao sr. Francisco di Steffani, negociante estabelecido com uma fabrica de bebidas em Garanhuns, o qual teve a honra de sua familia atassalhada pelo jornal humoristico “O Prego”, noticia cuja autoria fôra attribuida ao mesmo senhor Villa Nova. Tanto assim que elle andou, abertamente, com o citado jornal pela cidade de Garanhuns mostrando o local que dizia respeito à família do sr. di Steffani. Accresce ainda que na noite do espancamento, estava eu jogando o pocker em casa de um

parente, o Juca, e não fui procurado como autoridade pelo sr. Villa Nova, nem tambem o delegado respectivo. Aliás este, por varias vezes insistiu com o sr. Villa Nova, a quem julgo capaz de tudo, para ser submettido a interrogatorio e competente vistoria medica, no que jamais foi satisfeito.

Após a minha sahida para a casa do meu parente, como já lhe disse soube que tambem um grupo de cangaceiros, pertencente ao sr. Jorge Vaz havia tomado parte das luctas. Jorge Vaz é inimigo pessoal e político do Sr. Francisco Velloso, uma das victimas.

O coronel José Novaes, commandante do regimento policial, determinou hontem que se recolhesse immediatamente ao seu batalhão o tenente Pimentel Meira Lima.

Esteve ás 11 horas de hontem em palácio, conferenciando sobre os tragidos successos de Garanhuns com o dr. Manoel Borba, governador do estado, o dr. Abreu e Lima, juiz de direito dalli.

Foram promovidos, por acto de bravura, pelo coronel José Novaes, os soldados e o cabo que defenderam a cadeia de Garanhuns.

A viuva do cabo Cobrinha será concedida modesta pensão e os seus filhos irão para um estabelecimento de caridade.

Será levada hoje ao governador do estado a promoção a alferes do sargento que tomou parte na defeza da cadeia de Garanhuns. (31)

Consta que devido á iniciativa do coronel José Novaes, serão celebradas missas nesta capital em suffragio d´alma daquelles que defenderam a cadeia daquella cidade.

O desembargador Antonio Guimarães, apoz haver ouvido em auto de perguntas o capitão Eutychio Brasileiro, transportou-se para a cadeia, a fim de ouvir em auto de perguntas ao sr. Alfredo Brasileiro.

Procedente de Garanhuns, chegou hontem ás 19:45, um trem especial, conduzindo 2 praças de policia, gravemente feridas naquella cidade nos ultimos e graves conflictos que alli se desenrolaram.

A estação de Cinco Pontas, onde se encontravam os feridos, compareceu a Assistencia Publica, medicando-os o dr. Cruz Ribeiro. O primeiro dos feridos chama-se Manoel João de Oliveira, branco, tem 25 annos de idade, casado e pertence ao destacamento policial de Bom Conselho, sendo praça do 3º batalhão. Está ferido na região dorsal, nas nadegas e no abdomen.

O segundo chama-se Pedro Antonio Dias, pardo, tem 32 annos de idade, solteiro e pertence ao destacamento policial de Garanhuns, tambem sendo praça do 3º batalhão. Está ferido na coxa esquerda e na região peitoral esquerda.

Conduzidos pelo auto-ambulancia da Assistencia, foram recolhidos á Sala de S. Pedro, do hospital Pedro II. O estado de ambos é gravissimo.

(29) Agostinho Jorge Vaz foi o responsável pela morte Luiz Gonzaga Jardim. Joaquim Rodrigues da Silva, o Joaquim Pai d´Égua apunhalou depois o jovem quando ele já havia sucumbindo.

(30) Tenente Meira Lima, de acordo com as testemunhas dos autos do inquérito da Hecatombe e pessoas entrevistadas nos jornais, em nenhum momento foi registrado que a sua vida fora ameaçada pelos jagunços.

(31) Sargento Pedro Cavalcanti Malta.

Jornal do Recife

OS SUCCESSOS DE GARANHUNS

Foi ainda o assumpto de maior vulto do dia a hecatombe de Garanhuns. Por todas as rodas, em toda parte era somente em que se falava.

Procurámos colher as informações recentes.

O desembargador chefe de policia, dr. Antonio Guimarães, recebeu um telegramma do tenente Theophanes Torres communicando estar calma a cidade

Os boatos espalhados de terem novos grupos de cangaceiros atacado a cidade não tem fundamento.

Ás 13 horas procuramos falar no quartel da Soledade com o sr. Eutychio Brazileiro, um dos responsaveis pela hecatombe de Garanhuns e que ali se achava recolhido, preso, no estado maior.

Estava a ouvil-o em auto de perguntas o chefe de policia, pelo que tivemos de esperar um pouco. Mais tarde, penetramos no estado maior e ouvimos o sr. Eutychio, que nos prestou as informações abaixo:

- Na segunda-feira 15, pelas 6 horas da manhã, fui despertado com a triste noticia do assassinato do meu irmão. Sahindo, em seguida para a casa de sua residencia, a fim de ter a certeza desta noticia. Lá chegando vi o telegramma em o qual disia ter sido o coronel Julio Brasileiro assassinado pelo Capitão Francisco de Salles Villa e Nova.

Depois sahindo, encontrei diversos grupos de amigos do meu irmão e residentes na cidade alarmados com a noticia da morte, e no caracter de subdelegado do 1º districto, recommendei muita prudencia.

Depois foram chegando outros grupos e, como achasse insufficiente a minha pessoa para manter a ordem, procurei o

tenente Pimentel para determinar que os supplentes de delegado e subdelegados assumissem o exercicio a fim de auxiliar o policiamento.

Soube nessa occasião que os senhores Julio de Miranda e Argemiro de Miranda pediram garantias ao dr. juiz de direito e o responsabilizaram pelo o que houvesse com elles. Logo após chega meu sobrinho Alfredo Vianna, residente em Brejão, que tambem recebera noticia do assassinato tendo se dirigido a casa do seu sogro, de onde depois voltou à casa do meu irmão Julio.

Mais tarde, porém, continuou a chegada de amigos do meu irmão, vindos de diversos pontos do municipio, chegando tambem um grupo que tinha a frente Vicentão, empregado ha muitos annos da victima em sua fazenda.

Depois exaltados os animos, procurei o dr. Abreu e Lima junto com o tenente Pimentel e o Padre Lyra para acalmar o pessoal, que estava bastante encolerarisado. Os grupos exaltados, em vista dos nossos conselhos, ficaram calmos. Acontece que nesta occassião, quando já estavam calmos, chegou um portador annunciando que o coronel Francisco Velloso escrevera a um amigo pedindo cangaceiros.

Indignados com esta noticia, sahiram todos reunidos, tendo á frente Vicentão para a cadeia e como eu me achasse em casa do meu cunhado Antonio Rosa, sahi incontinenti, a fim de evitar o ataque referido, pois tinha sido avisado do mesmo.

Entretanto, não poude obstar o ataque. Porque ao me approximar do local, já estava travado um terrivel tiroteio, no qual luctava heroicamente o cabo Cobrinha, que comandava a guarda, com o Vicentão. Pude observar o Vicentão cahir por terra e logo em seguida a investida dos outros seus companheiros a cadeia.

Gritei, improficuamente, pedindo calma, e vendo por ultimo nada conseguir porque o fogo augmentava cada vez mais, abandonei o local da lucta, nada mais conseguido vêr.

Dirigi-me para a residencia do meu irmão falecido, onde fiquei até serenarem os animos. Soube mais tarde que, após haver sido abandonada a cadeia, os atacantes fugiram, depois de assassinarem o coronel Manoel Jardim, Argemiro Miranda e coronel Velloso.

Na occasião em que tomava o trem, em companhia da minha cunhada viuva, no dia immediato pela manhã, recebi voz de prisão dada pelo tenente Theophanes Torres. Foi tambem ahi preso o meu sobrinho Alfredo Viana, que juntamente connosco vinha para o Recife.

No trem vim acompanhado do Capitão Martiniano Correia, ficando preso á disposição do dr. Chefe de Polícia.

Quanto ao espancamento soffrido pelo capitão Salles Villa Nova é uma infâmia dizer-se ser elle o autor, pois o facto foi motivado por questões de honra de familia. É voz corrente em Garanhuns ter sido o autor do espancamento do Salles, o italiano Francisco Stephan Desteño, negociante estabelecido com uma fabrica de bebidas em Garanhuns, o qual teve a honra de sua familia atassalhada pelo jornal humoristico "O Prego", sahindo publicadas difamações da familia, cuja autoria fora atribuida ao mesmo senhor Villa Nova, tanto assim que elle andou, abertamente com o citado jornal pela cidade de Garanhuns, mostrando o local que dizia respeito a familia.

Na noite do espancamento esteve jogando o pocker na casa de um seu parente, pelo qual não soube do facto. Só no dia immediato é que um visinho estava commetando o facto, por intermedio do qual eu soube.

Na qualidade de autoridade não fui procurado pelo sr. Villa Nova nem o tenente Meira Lima, que até instou com o mesmo para prestar depoimento sobre o facto.

Soube que chegara na cidade um grupo tendo á frente Jorge Vaz inimigo politico e pessoal do Sr. Francisco Velloso, na occassião do combate.

Publicando a entrevista acima, temos a declarar que o sr Eutychio Brasileiro, pelo seu cynismo, causou-nos surpreza.

Individuo affeito as praticas censuráveis, geralmente conhecido como turbulento e de má indole, veio agora augmentar a sua série de crimes com os recentes acontecimentos de Garanhuns.

É sabido e está no dominio publico que foi o proprio sr. Eutychio Brazileiro o autor do espancamento soffrido pelo capitão Francisco de Salles Villa Nova e Mello, facto que vem agora procurando constestar com declarações de não ter conhecimento do mesmo.

Foi o sr. Eutychio que, á frente do grupo de bandoleiros, esteve em casa do mallogrado dr. Borba Junior, conduzindo-o para a cadeia, na occasião em que lhe quebraram a cabeça.

Não pode constestar a sua parte activa na hecatombe porque foi o proprio senhor Eutychio quem mandou o cavarde tenente Meira Lima retirar-se da cadeia, antes do ataque.

É bem conhecida a fama do senhor Eutychio Brasileiro, como individuo de maos instinctos e deflorador.

Já em Palmares, durante a sua passagem pela prefeitura o sr. Eutychio Brasileiro adquiriu nome. E quer agora fugir á responsabilidade! (32)

Esteve hontem, á 15 horas na Repartição Central da Policia, o sr. Hemeterio Pinto da Silva Souto, proprietario do Hotel Avenida, em Garanhuns, que foi se entender com o desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, pedindo garantias para regressar a sua cidade. Não teme o coronel Hemeterio ameaças a sua vida em Garanhuns, mas durante a viagem.

Attedendo ao pedido, o chefe de policia determinou que seu ajudante de ordens, Eulino Seraphim de Mendonça seguisse hoje para Garanhuns com sua ordenança, em companhia do coronel Hemeterio Pinto da Silva Souto para garantil-o.

A sra. Anna Maria da Silva tambem solicitou garantias de vida para o seu pae o sr. josé Basilio da Silva, que se achava em Garanhuns. (33)

No boletim de hontem do sr. coronel José Novaes, commandante da Força Publica, foi publicado o seguinte: **Promoções** – Sejam promovidos por acto de bravura, por terem se portado heroicamente na cidade de Garanhuns, por occasião em que foi atacada a cadeia publica daquella cidade, por desenfreada malta de bandidos, dando logar a que fosse travada entre a Força Publica e aquelles facínoras, terrivel tiroteio, do qual resultou mortes e ferimentos em companheiros nossos, ao posto de 2º sargento o cabo d´ esquadra Antonio Pedro de Souza e ao posto de cabo d´esquadra os soldados Ezequiel Cabral de Souza, Pedro Antonio Dias, Francisco Maciel Pinto, Manoel João de Oliveira, este do 3º batalhão e os demais do 2º.

Exclusão de praças – É com a mais viva emoção que dou conhecimento hoje á Força Publica do fallecimento dos nossos camaradas 2º sargento Antonio Pedro de Souza e cabo de esquadra Ezequiel Cabral de Souza e ferimentos no 2º sargento Pedro Cavalcanti Malta e cabos de esquadra Pedro Antônio Dias, Francisco Maciel Pinto e Manoel João de Oliveira, que heroicamente tombaram cumprindo gloriosamente o seu dever. Este commando ainda sob a impressão dos factos lutuosos desenrolados em Garanhuns não pode deixar de levantar, bem alto o nome dos heroes que encheirão de orgulho e honra a corporação a que pertencem e que sirva de exemplo os nossos companheiros, officiaes e praças o acto de heroísmo por elles praticados. O eminente governador do Estado manifestou a este commando os sentimentos de pezar pelo fallecimento de nossos camaradas, tendo ao mesmo tempo palavras de louvor á bravura e ao heroismo desses dignos servidores do Estado; pelo que determino sejam os dois primeiros excluidos do estado effectivo da Força e do 2º batalhão.

(32) Durante o período que Antônio Cesário da Silva Brasileiro ocupou alguns cargos e inclusive a tesouraria da Prefeitura de Palmares, Eutíquio Brasileiro era empregado da prefeitura.

(33) José Basílio da Silva, vulgo Caju, era inspetor de quarteirão, estava policiando a cidade sob as ordens de Antônio Rosa, sobrinho de Júlio Brasileiro, tendo uma participação crucial nas mortes da cadeia pública.

Jornal Pequeno

Declarações de um dos soldados Feridos, hontem chegado de Garanhuns.

Na sala de S. Pedro, do Hospital Pedro II, onde se acham recolhidos em estado grave, ouvimos hoje, as praças da Força Publica, Pedro Antonio Dias e Manoel João de Oliveira, victimas da hecatombe de Garanhuns e que faziam parte da guarda da cadeia assaltada. O primeiro com difficuldade, disse-nos pouco mais ou menos o seguinte: que, pela manhã de segunda-feira, cerca de 11 horas do dia, depois da chegada da noticia do assassinato do coronel Julio Brazileiro, o tenente Meira Lima se pôz de sentinella avançada em uma das esquinas da rua; que, horas depois, já achando-se a cidade policiada por individuos armados e conhecidos da policia, como sejam: Caju, Joaquim Pae d´Egua, Minervino de tal e outros, appareceu á presença do tenente Meira Lima o dr. Borba Junior pedindo-lhes garantias (34); que o tenente ponderou não lhe poder dar garantias em casa pois lhe faltavam praças, mas no entanto, podia lhe offerecer por segurança o quartel, que após muita relutancia, resolveu o dr. Borba recolher-se ao citado quartel e logo depois, os srs. Julio de Theotonio, Vellozo, Satyro, Presciliano e outros; que os citados

individuos armados continuaram o policiamento, trazendo presas diversas pessôas, que iam ficando detidas na cadeia; que as pessoas que pediram garantias ficaram recolhidas a um quarto; que horas depois era a cadeia ataca por eles e por um grupo de individuos armados vindos de Brejão, ao qual se alliara Caju; que ficou surpreso em ver Caju no grupo, o qual, momentos antes, estivera policiando a cidade.

O segundo fez as mesmas declarações, accrescentando, porém ter visto no grupo, Eutychio Brazileiro e que o tenente Meira Lima tinha munição em casa e não forneceu aos soldados.

O coronel José Novaes visitou ás 6 horas da manhã de hoje, no Hospital Pedro II, os soldados feridos que hontem á noite chegaram de Garanhus. O coronel Novaes teve palavras carinhosas para os seus camaradas, que tão bravamente se portaram no ataque á cadeia daquella cidade.

O distincto commandante tambem participou aos soldados feridos a sua promoção por bravura.

O "Jornal do Brazil" deplora os factos de Garanhuns.

(34) O Tenente-Delegado Meira Lima, certamente convenceu a guarda com a versão que os oposicionistas pediram a sua proteção para se refugiarem na cadeia.

Jornal Diário de Pernambuco

O Assassinato do deputado Julio Brasileiro.

SUAS CONSEQUENCIAS

O Jornal Diário de Pernambuco que circulou em 18 de janeiro de 1917, apenas reproduziu os fatos sobre o assassinato de Júlio Brasileiro e suas consequências de edições anteriores: o crime do Café Chile, as cartas e entrevistas do Capitão Sales Vila Nova, as correspondências telegráficas vindas de Garanhuns, as vítimas da hocatombe, as providências das autoridades policiais e os depoimentos das testemunhas oculares. O jornal apenas trás um fato sui generis quando reconta o assassinato de Júlio Brasileiro, registra que a multidão que cercou o hotel Luzitano e tentavam invadir, gritavam lincha este estrangeiro com o Capitão Sales Vila Nova, acreditando que ele fosse um alemão, pois estávamos em plena 1ª Guerra Mundial (1914-1918), e o Brasil não apoiava a Tríplice Aliança.

Por Trás do Mundo da Notícia III

Os repórteres correspondentes e os comandantes das forças policiais, a destacar o Tenente Theophanes Torres, tiveram um papel substancial na discrição dos acontecimentos aterradores de 15 de janeiro de 1917 em Garanhuns, nada obstante, as testemunhas oculares e que testemunharam no inquérito de formação de culpa facultaram informações que nos deram uma maior amplitude da Hecatombe de Garanhuns, pois a maioria estava no âmbito familiar dos Brasileiros, onde se

concentrava os correligionários, autoridades judiciais, amigos e jagunços.

São estas testemunhas que nos revelam fatos que vão além das matérias jornalísticas, e que através de seus depoimentos continuaremos a narrar os momentos que antecederam o ataque à cadeia, o desfecho da hecatombe e seus desdobramentos.

Como havia mencionado, o Cônego Benigno Lira e o Promotor João Pacífico dos Santos foram convidados a almoçarem na residência do conselheiro municipal, Francisco de Assis Barbosa.

Nas horas que passaram almoçando na casa do Major Francisco de Assis, o promotor e o cônego não tomaram conhecimento, que do meio dia em diante, era cada vez mais intensa a chegada de indivíduos que vinham de Brejão, principalmente das fazendas Água Branca e do sítio Mundaú, alguns vinham a cavalo e outros a pé, a maioria armados com rifles, carabinas, facas e punhais, os que vinham desarmados, José Rosa Filho ordenava Quirino Florentino, oficial de sapateiro, a providenciar armas e munição. Á medida que, a malta chegava, internava-se na casa da viúva, sendo entregues armamentos. Muitas dessas armas eram trazidas para a residência em cestos e balaios.

Enquanto os individuos aguardavam as ordens dos parentes de Júlio Brasileiro, se serviam de aguardente em vários barris providenciados pela viúva.

Alfredo Viana, vulgo Doca, chega com o seu grupo a casa da tia afim Ana Duperron, sendo recebido pelo Tenente Meira Lima, que após abraçá-lo tem uma rápida conferência, depois deixando o delegado a casa. Doca Viana após acalentar a tia com promessas de vingança é informado pelo tio Eutíquio Brasileiro e seus irmãos Álvaro e José Viana de todos os acontecimentos no Café Chile e do confinamento dos adversários politicos na cadeia.

Assim como os seus parentes, Alfredo Viana não acreditava que o Capitão Sales Vila Nova sem apoio ou estimulo fosse capaz de matar o seu tio Júlio, tudo não passava de um complô.

Alfredo Viana muito nervoso e violento prometia a familia a vinda de outros jagunços em pouco tempo.

O bancário Francisco Siqueira Cavalcante continuava na residência dos Brasileiros e presenciou o retorno dos Tenentes Meira Lima e Antônio Padilha. Em uma roda de conversa estavam Dr. Abreu e Lima, Eutíquio Brasileiro e os irmãos Viana, indo os tenentes se juntarem a eles, depois de serem chamados pelo irmão do Coronel Júlio Brasileiro.

O bancário suspeitou que o grupo falasse do confinamento dos Jardins e Mirandas na cadeia.

Feita uma pausa na conversa, houve um clima discreto de confraternização geral, sendo o delegado abraçado demoradamente por Eutíquio Brasileiro e Alfredo Viana.

Francisco Siqueira Cavalcante apreensivo com os rumos daquela conversa, assim que teve uma oportunidade se aproximou do Dr. Abreu e Lima, sabendo que ele era muito ouvido por todos que obedeciam á orientação do Coronel Júlio Brasileiro, apreensivo com os amigos confinados na cadeia apelou ao juiz de direito. Diálogo que segue em conformidade com os autos do inquérito de formação de culpa:

__ Excelência, o Major Sátiro Ivo, compadre do Coronel Júlio, o senhor Veloso e o Professor Manuel Jardim, não seriam capazes de planejarem o assassinato do Deputado Júlio Brasileiro.

__ Quem? – o senhor não os conhece. Isto é gente da pior espécie.

Depois de responder grosseiramente, o juiz deu as costas e caminhou até onde estava o Delegado Meira Lima.

Nesse momento chegaram à residência o Cônego Benigno Lira, o Promotor João Pacífico dos Santos, o Conselheiro

Francisco de Assis Barbosa e o comerciante Marcionilo de Mendonça. Eutíquio Brasileiro caminhou em direção ao cônego com os braços abertos para recebê-lo, depois o abraçando com efusão.

Cônego Lira reunindo o juiz, o delegado, Eutíquio Brasileiro e seus sobrinhos, explicou que o motivo de procurá-los é que estava sabendo que jagunços de Brejão estavam constantemente chegando á cidade para vingar a morte de Júlio Brasileiro, discordando Eutíquio Brasileiro, assegurando que a gente que se esperava de Brejão estavam vindo para garantir a familia, pois temiam que fossem atacados.

Cônego Lira, então sugeriu ao delegado e ao Dr. Abreu e Lima que o acompanhasse até fora da cidade para convencê-los a retornarem as suas terras, alegando o delegado e o magistrado que nada mais poderiam fazer, pois muitos já chegaram à cidade por livre e espontânea vontade.

Malograda a ideia, o Cônego Benigno Lira mais uma vez recomendou aos familiares prudências. Despedindo-se dos parentes, deixou a casa com a pretencão de retornar a cadeia, sendo acompanhado pelo bancário Siqueira Cavalcante e o Promotor Pacífico dos Santos.

Faço uma breve pausa para me reportar às informações dadas pelo correspondente Oscar Melo do Jornal A Província no dia 17 de janeiro de 1917. O repórter correspondente registra que o Tenente Meira Lima de comum acordo com o Dr. Abreu e Lima, o Promotor Pacífico dos Santos e o vigário Benigo Lira foram ao encontro dos amotinados e pediram com modos suasórios que largassem as armas. Como podemos observar o delegado e o juiz apresentaram justificativas nada plausíveis e nada fizeram para conter os ânimos da cabroeira.

Naquele primeiro momento de cobertura o repórter Oscar Melo ao chegar á Garanhuns se dirigiu a cadeia, onde estavam o Tenente Meira Lima, Dr. Abreu e Lima e o Tenente

Padilha, os quais contaram as suas versões dos assassinatos, mentindo para esconder a coparticipação nos crimes.

Feito esse comentário retornemos aos fatos.

Na cadeia, o clima era de inquietação. Portadores chegavam com lanches e almoço para os refugiados. As refeições vinham em bandejas cobertas por toalhas. Numa dessas bandejas a esposa do Capitão Júlio Miranda, D. Ignez Guilherme de Miranda, escondeu entre os pratos e travessas uma pistola Mauser, o mesmo fazendo Angélica Aurora de Miranda, que enviou um revólver de fabricação alemã para o esposo Manoel Jardim.

O agente postal, José Leal Sobrinho estava na cadeia aguardando a sua filha ser examinada e receitada pelo Dr. Borba Junior, quando assomaram ao quarto, o Cônego Benigno Lira, o Promotor João Pacífico dos Santos e o bancário Francisco Siqueira. Durante alguns minutos palestraram com os refugiados, dizendo-lhes o que haviam feito e que eles não corriam perigo imediato, pois o delegado providenciara tudo que era necessário pra protegê-los, porém, Francisco Veloso e Argemiro Miranda não estavam tão seguros, apenas o Major Sátiro Ivo, homem de têmpera forte, tentava passar confiança, encoranjando os amigos dizendo que tudo terminaria bem.

Cônego Benigno Lira, confiante, retornou a casa paroquial juntamente com Francisco Siqueira, permanecendo o Promotor Pacífico dos Santos mais alguns minutos no quarto. Ao tempo que o cônego deixou a cadeia, chegaram o Praça Manoel João de Oiveira e o Sargento Pedro Malta, que se apresentou ao Cabo Cobrinha comunicando-lhe que o delegado ordenara que ele e o praça viessem auxiliá-lo como comandante dos praças. Formalmente oficializado, o sargento e o cabo foram até o quarto dos fundos da cadeia, onde estavam os refugiados.

Na fachada da cadeia acompanhando a movimentação em torno do pátio da cadeia estavam os Praças Francisco Pinto e

Ezequiel de Souza, nessa ocasião chega o Tenente Meira Lima, estava esquisito. Antes de entrar na cadeia o delegado indagou se todos os presos permaneciam no quarto, os soldados afirmaram que sim, depois ordenou que não fosse consentida a entrada de mais ninguém na cadeia, nem mesmo conduzindo refeição alguma para os recolhidos, como também portando armas, pois assim os recolhidos estariam plenamente garantidos.

Instruções dadas, Meira Lima foi até o quarto dos refugiados e proseou com eles, garantindo que nada aconteceria, deixando-os pouco tempo depois com os visitantes.

O delegado seguiu para a sala da guarda, sorrateiramente recolhia a municação da cadeia, quando foi surpreendido pelo Praça Manoel João de Oliveira, que perguntou ao delegado se não seria aquela a munição de reserva, respondendo o delegado com impaciência que estava retirando aquela munição, porque as que estavam com os soldados da guarda eram suficientes para garantir a ordem e ninguém ousaria atacar um prédio público, pois nada iria acontecer.

O Praça Manuel João não concordava com a decisão do superior, mas tinha que acatá-las. Ocorrendo um levante, sem munição suficiente seria impossível contê-la.

Após retirar a munição da cadeia, Meira Lima seguiu para sua residência. Desde que convenceu os oposicionistas a se recolherem na cadeia, pouco tempo permanecia com eles, principalmente naquele momento que corriam boatos que o último reforço de Brejão teria sido chamado pelos familiares de Júlio Brasileiro e a cabroeira continuava nas ruas gritando: __ Hoje vende–se no açougue carne humana muito barata. A vingança será terrível.

Um desses grupos capitaneado pelo Capitão César Medeiros, formado por Minervino Vieira, Elesbão de Barros Silva, Manuel Rosa, Abílio Paes de Lyra, Antônio Pedro Francisco, vulgo molequinho, João Perigoso, Quirino Florentino, Joaquim Pai

d´Égua, Bernardino Oliveira e Manuel Machinista, em vozeiria alucinada, resolveram atacar a casa do Capitão Sales Vila Nova. Desceram a ladeira da Rua do Jatobá (Melo Peixoto), contornando por traz da cadeia. A fachada da casa do Capitão Sales tinha a porta da frente alta e arqueada, possuindo quatro janelas de madeira, seu estilo era simples, possuía uma cerca e um jardim, destacando-se um bonito cajado de São José.

A cabroeira percorreu a fachada da casa, cavalgando alguns bruscamente os seus animais, todos estavam armados e bons de gatilho. A pretensão do grupo era assustar e levar a mãe e esposa do Capitão Sales Vila Nova para a cadeia e suspeitavam que a família estivesse escondida na casa. Procuravam chamar a atenção, tentando criar um clima de terror, com palavras funestas:

__ "Hoje nós vamos beber sangue doce de moça".

No interior da casa Dona Sianinha, mãe de Sales, senhora de grande devoção e fervor religioso rezava o ofício a Nossa Senhora, nas suas preces era acompanhada pela esposa do Capitão Sales, Dona Prima e sua filha Aurina, ajoelhadas rogavam a proteção Divina, enquanto do lado de fora João Perigoso incitava os companheiros a invadir a casa, gritando que as covas já estão abertas no cemitério esperando por elas.

Zélia, uma das filhas do Capitão Sales, pelas frestas da porta espreitava a cena, vendo à movimentação dos assaltantes, relatando tudo o que se passava no exterior da casa, sendo alertada por Dona Sianinha que ficasse em silêncio.

Depois de muitas ameaças, o Capitão César Medeiros acreditando que a família havia fugido para o sítio Jardim conforme os comentários na cidade resolveu ordenar ao bando a deixar o local.

Por precaução naquele dia Dona Ana Hortência não cozinhou no fogão de alvenaria, alimentando-se de batata, farinha e manteiga, pois a fumaça certamente teria sido um vacilo para

que a casa fosse invadida por aqueles homens dispostos a vingar a morte do seu chefe político.

Várias famílias começavam a abandonar Garanhuns, refugiando-se em lugares afastados e seguros, muitos desses chefes de famílias que não formavam ao lado da grei dos Brasileiros ou até os neutros na política local, procuravam se ocultar em casas de amigos ou ganhar a caatinga, principalmente após o boato que o Coronel Hemetério Souto, proprietário do Hotel Avenida, receando ser atacado, ao procurar o Juiz Abreu e Lima, ouviu do magistrado que ele se defendesse como pudesse, pois também não tinha garantias para si. Diante da recusa do juiz em lhe dar garantias, Hemetério Souto tomou seus dois filhos e caminhando a pé chegaram à estação de Canhotinho, a dez léguas de distância, onde se refugiaram em casas de amigos, antes de partir para o Recife.

Cinco léguas distantes da cidade ficava o sítio Mundaú de propriedade do Capitão Agostinho Jorge da Costa Vaz, estava próximo à cancela quando um portador lhe entregou um bilhete enviado por Maria Teles Furtado, vulgo Maroca, narrando o confinamento dos adversários políticos de Júlio Brasileiro na cadeia. Jorge Vaz que desde que soubera do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro já arregimentara alguns homens, se apressou em convocar mais outros da vizinhança que não tardaram em chegar, eram eles: seu irmão Joaquim Gualberto da Costa Vaz, João Chicuca, José Felix Caradura, Manuel Faustino, Luiz de França Araújo, Vulgo Calangro, João Faustino, Santino Aleixo de Barros, chamado de Santino Baio e o morador do sítio Antônio Baio, todos fortemente armados.

Jorge Vaz antegozava uma vindita alimentada há muito tempo contra os Jardins, em virtude de uma querela com o falecido Juiz Municipal Luiz Afonso de Oliveira Jardim, em 1905, quando fora acusado e processado por furtar 600 sacas de café na estação Great Western pertencente ao juiz. O furto teria sido visto

por um empregado da familia chamado Abelha, embora, absolvido da acusação, o conflito muito concorreu para a morte súbita do antigo chefe politico de Garanhuns, mas Jorge Vaz ainda mantinha o desejo de vingança e partiu para Garanhuns com esse propósito, dividindo seus homens de confiança em duas frentes, uma chefiada por ele e outra por Antônio Baio, esse partindo para a fazenda do Capitão Américo Ferreira de Melo, partidário dos Jardins e inimigo da sua família.

O Capitão Américo recebeu a sua patente da Guarda Nacional do Dr. Luiz Afonso de Oliveira Jardim, sendo durante o Jardinismo chefe político e delegado do lugar Brejão, onde deu combate ao grupo de cangaceiros chefiados por Paisinho Baio, matando vários membros da sua família. E essa rixa permanecia acessa com os seus netos Antônio e José Baio.

A ausência do delegado na cadeia diminuía o ânimo dos refugiados, principalmente porque a cada momento chegavam visitantes preocupados, dando notícias que nas ruas havia rumores de um ataque á cadeia.

Por volta das 14 horas, na casa do Conêgo Lira, o Conselheiro Municipal Francisco de Assis Barbosa e o comerciante Marcionilo de Mendonça sentindo que a situação se agravava a cada instante, procuravam um meio de evitar um possível atentado contra os refugiados na prisão. Francisco de Assis Barbosa acreditava que seria melhor que os refugiados retornassem as suas casas, enquanto Marcionilo de Mendonça temia pelas famílias, mas concordava com o conselheiro municipal que seria melhor os colocarem em liberdade, pois poderiam fugir ou arregimentar homens. Outra opção apresentada pelo comerciante foi trazer os oposicionistas para a casa do Cônego Lira, embora, o religioso ainda acreditasse nas garantias do delegado e nas promessas dos Brasileiros, mas diante da situação que se agravava, Cônego Lira acabou concordando com essa possibilidade.

Em meio a essa discussão, chegou à residência o Tenente Meira Lima, estava preocupado, pois havia escutado nas ruas que o vigário queria trazer os presos para sua casa. Meira Lima não concordava com essa ideia e alertou o cônego dizendo que se fizesse isso iria se arrepender, pois os exaltados amigos do Coronel Júlio Brasileiro só respeitariam a cadeia, em nenhum outro lugar eles estariam seguros, e novamente assegurou que só na cadeia as vidas de tais pessoas estariam garantidas.

Francisco de Assis Barbosa insistiu em perguntar se eles estariam mesmo seguros com os poucos praças que o delegado dispunha, pois não haviam chegado ainda os reforços policiais, respondendo Meira Lima que para os presos serem sacrificados, seria preciso que primeiro passassem por cima do seu cadáver.

A conversa foi novamente interrompida, desta vez, apareceu à porta um garoto que trazia um bilhete do Coronel Manuel Jardim. Cientificando que interessava principalmente ao delegado, o cônego fez questão de ler o conteúdo: "Correm boatos aterradores de ataque à cadeia; o Tenente Meira Lima não permanece um só instante aqui. Manuel Jardim".

O bilhete era uma prova do descumprimento da promessa do delegado perante os refugiados que não os abandonaria um só momento na cadeia.

Procurando justificar os motivos das suas contantes saídas da cadeia, o delegado explicou que estava dando assistência a sua filha que se encontrava muito doente, mas ao mesmo tempo estava organizando o policiamento das ruas, e que não havia motivos para preocupação, pois a cadeia estava ainda mais garantida com a chegada dos inspetores de Brejão.

Francisco de Assis Barbosa, mais uma vez questinou o delegado, queria saber qual o motivo para esses inspetores estarem sempre em deligência com o subdelegado Antônio Rosa, alegando Meira Lima que Antônio Rosa estava tentando manter a

ordem, evitando que os exaltados amigos do seu tio pudessem cometer alguma loucura.

Antes de deixar a casa, o Tenente Meira Lima ainda afirmou que a vidas dos refugiados estavam garantidas e que se percebesse que não tinha meios para garantí-los os colocaria em liberdade.

Passados alguns minutos após a saída do delegado, ficou combinado entre o cônego e os amigos fazerem uma nova visita aos refugiados.

Na cadeia todos estavam apreensivos, com exceção do Major Sátiro Ivo. O Promotor Pacífico dos Santos permanecia na cadeia, vez ou outra saia, mas logo retornava. O assunto geral das conversas era o temor de uma invasão a cadeia e as saídas constantes do delegado. Foi esse o clima encontrado pelo Cônego Lira, o Conselheiro Francisco Barbosa e o comerciante Marcionilo quando chegaram à cadeia.

O Cônego Lira e o Major Francisco Barbosa procuraram com palavras de conforto acalmá-los, contando-lhes a conversa que tiveram com o delegado, dando-lhes quase certeza que tudo acabaria bem e que para tranquilizá-los, ele Cônego Lira, retornaria a casa da viúva para reaver a promessa.

Apaziguado o clima, os refugiados mandaram um portador comprar cerveja e biscoitos.

Acompanharam o cônego até a casa da viúva, Marcionilo e o Major Francisco de Assis Barbosa.

Quando Cônego Benigno Lira entrou na casa de Ana Duperron encontrou em confraria Antônio Rosa Filho, Eutíquio Brasileiro e Alfredo Viana que estava distruibuindo balas para alguns jagunços, sendo advertido pelo cônego que pediu para que não fizesse aquilo, que não praticasse ações que Deus reprovava, respondendo o sobrinho do coronel: __ Não mataram nosso tio. Secundando o sobrinho, Eutíquio Brasileiro, de comum acordo com Doca Viana, disse ao cônego que estava sabendo que os

inimigos políticos do seu irmão já havia convocados seus homens de confiança e que a qualquer momento poderiam ter o mesmo destino de Júlio.

Cônego Lira implorou a Doca Viana que ele não continuasse a distribuir balas, que esperasse a ação da Justiça, uma vez que não havia nenhuma prova que os refugiados na cadeia tinham participação no assassinato do Coronel Júlio Brasileiro.

Ana Duperron e o genro José Viana que viram os rogos do Cônego Lira vieram se juntar aos familiares, ouvindo do reverendo as suas explicações para o seu retorno aquela casa. Novamente refizeram as promessas e garantias de só tomarem vingança quando apurado os fatos. As promessas da família nutriram de confiança o cônego, acreditava que as palavras da matriarca seriam obedecidas pelo cunhado e sobrinhos, e nada de mal aconteceria àqueles homens recolhidos à cadeia. Totalmente convencido e esperançoso, o Cônego Lira decidiu retornar a sua casa.

Poucos minutos se passaram, quando o Capitão Jorge Vaz chega com o bando na Rua do Comércio. Jorge Vaz apeou na casa do cego Francisco Teles furtado, de quem havia recebido um bilhete redigido por sua esposa, Maria Teles, Maroca, que momentos antes vibravam a possibilidade de um ataque à cadeia, ele dizendo: __ Tivesse eu vista para ver pelo menos o sangue correr nos rios, enquanto a esposa, secundando o marido, invectivava: __Corra o sangue pela cidade, de palmo a palmo. Sabendo ali a posição dos adversários de Júlio Brasileiro e que ninguém havia sido morto, chamou os partidários do coronel de covardes, fiteiros e ingratos, pois sabiam que o mataram para tomar a chefia política do municipio, mas ninguém ficaria vivo para substituí-lo.

Depois da visita, Jorge Vaz seguiu com o grupo a um armazém próximo ao do Capitão Thomaz Maia, única casa

comercial que estava aberta naquele dia, funcionando apenas com uma das portas laterais para acesso. Veio juntar-se ao grupo José Basílio da Silva, o Caju, Quirino Florentino, Martiniano Esteves e o enfermeiro José Correia Paes da Rocha, estando também com eles, Balthazar Camilo, esposo de uma sobrinha do coronel Júlio Brasileiro, que acompanhou o bando quando este passou pela fazenda de sua mulher, nas adjacências da cidade.

A cabroeira bebeu aguardente em profusão.

Quando retomavam a montaria em direção a casa da viúva chegou o bando comandado por Antônio Baio, que anunciou que desistira de atacar a fazenda do Capitão Américo, pois de uma encosta avistou vários homens, imaginando que eles estavam se preparando para um ataque. Na realidade os homens estavam tirando o couro de uma rês.

Jorge Vaz e seu bando partiram para casa dos Brasileiros, passando pelo comerciante Marcionilo Mendonça que ainda teve tempo de contar os homens que cruzaram com ele, um total de l6 homens, estando a frente o seu comandante Jorge Vaz que gritava em alta voz: __ Hoje não ficará vivo nenhum adversário do Coronel Júlio e a sua morte será vingada com sangue.

Entrando Jorge Vaz e o grupo na casa da viúva, após cumprimentar a família, foi saudado por José Viana, Fausto Galo, Doca Viana e o Tenente Padilha. As resoluções dos familiares do Coronel Júlio, foram repassadas a Jorge Vaz, inclusive sobre a iniciativa de só tomarem uma vingança quando tivessem certeza do crime. Jorge Vaz, transtornado, chamou os parentes do Coronel Júlio Brasileiro de covardes, que o sangue dele clamava por vingança, e que ele e seus homens vingariam a morte do amigo, que não lhe incomodava a covardia dos seus sobrinhos.

As palavras de Jorge Vaz reacendeu a fogueira do ódio contra os adversários politicos. Reunindo os familiares todos os homens de confiança passaram a confabularem os planos para a vingança. Como as janelas estavam abertas a estratégia pôde ser

ouvida por Leopoldino Barbosa, o Bolachão, e consistia a princípio: Uma parte dos cangaceiros fingia um barulho nas proximidades da matriz (Igreja Presbiteriana) para obrigar a guarnição da cadeia a distrair-se e vir tomar conhecimento de semelhante barulho e imediatamente os restantes dos cangaceiros seguiriam em direção a cadeia e a assaltariam, liquidando pelo assassinato os que nela se achavam refugiados, de ordem e conselho do Tenente Meira Lima e outros seus comparsas.

Enquanto ouvia as confabulações, Bolachão, via entre as pessoas que conversavam vez ou outra, Antônio Rosa, José Rosa ou Eutíquio Brasileiro vir olhar o que se passava do lado de fora da casa. Entre os que conversavam foi notada a falta de Álvaro Viana, que havia resolvido se recolher à casa do seu sogro, José Leal, sua ausência foi criticada pelos Julistas que diziam que ele deveria estar na luta. Maria Luisa motivada pelas críticas ao primo dizia que ele deveria estar, pois mataram o seu pai e não lhe importava se alguém morresse.

Antônio Rosa sugeriu outra estratégia: Destacar-se-iam dez homens armados dentre o grupo de cangaceiros que se achavam ali, seguindo aqueles para a cadeia a fim de entreterem os poucos soldados da guarda, enquanto chegavam os demais cangaceiros do Brejão e de outros pontos.

Enfim chegaram a um acordo sobre como agiriam, encarregando o Tenente Antônio Padilha da estratégia e Vicentão assumiria o comando do bando, sendo-lhe recomendado que somente quando se esgotassem os meios suásorios para rendição da guarda é que deveriam abrir fogo. Depois disso morresse quem morresse, não deveria escapar nenhum dos indicados para a vingança.

Ás 15 horas o Tenente Meira Lima retornou á cadeia, o estado dos refugiados era de aflição, o delegado consultava impaciente o relógio, o que fez com que Argemiro Miranda,

Francisco Veloso e Dr. Borba Júnior lhe perguntassem se ainda estavam bem garantidos, afirmando Meira Lima que nada receassem, pois estavam garantidos.

Alegando que estava muito quente, Meira Lima caminhou até uma janela de madeira deitando para os fundos da cadeia e sobre a qual existia um grande óculo que servia para iluminar o quarto. O delegado então tentou abrir a janela, mas apesar do esforço não conseguiu, pois estava fechada a pregos grossos em completo estado de oxidação. Coronel Manuel Jardim protestou a atidude do delegado, pedindo para que ele mantivesse a janela fechada, pois poderiam ser alvejados facilmente por ela, respondendo Meira Lima que o batente exterior daquela janela só era possível ser galgada por meio de escada, por ter mais de dois metros de altura. Não satisfeito, Meira Lima chamou o Praça Francisco Maciel Pinto numa derradeira tentativa de abrir a janela, mais o subordinado também não conseguiu.

Questionado sobre um possível levante, Meira Lima novamente assegurou que a cadeia estava segura com praças bem municiadas, que todos estavam garantidos e só os matariam depois que passassem sobre o seu cadáver. Mas, inseguros os refugiados pediam que o delegado não os abandonassem, pois se sentiam mais seguros com a sua presença.

Nessa ocasião, chega ao quarto mais uma visita, desta vez era Apolônio Leite Cavalcanti, estava bastante apreensivo, queria falar com o Major Sátiro Ivo. Apolônio chegou justamente no momento que o Tenente Meira assegurava aos refugiados que nada aconteceria.

Apolônio Leite contou ao Major Sátiro Ivo que havia espreitado a distância a casa dos Brasileiros e tinha visto uma movimentação muito grande de homens armados e que talvez estivessem se preparando para atacar a cadeia, então, veio avisá-lo a fim de salvar pela fuga a vida do amigo. Sátiro Ivo acalmou o amigo dizendo que não era possível acontecer a ele qualquer

dano, pois todos estavam garantidos pelo delegado, pessoa de muita responsabilidade. Apolônio Leite insistiu dizendo que tinha ouvido boatos que a viúva havia dito que tinha dinheiro para vingar a morte do marido. Sátiro Ivo resoluto garantiu que a situação estava controlada e que ninguém ousaria atacar a cadeia.

Diante da confiança e decisão do Major Sátiro Ivo em permanecer na cadeia e não fugir, enquanto havia uma chance para escapar, Apolônio se despediu do amigo dizendo que o tempo urgia e não queria ser apanhado ali.

Próximo das três e meia, um rapaz muito apressado chega à cadeia a procura do Tenente Meira Lima, os dois tem uma conferência reservada no oitão da cadeia, conversa que durou uns cinco minutos. Terminada a conversa o delegado um pouco alterado aproximou-se do Sargento Pedro Malta e do Cabo Cobrinha dizendo que havia recebido um bilhete urgente do Dr. Abreu e Lima, que logo voltaria. Os oficiais continuaram prosando na porta da cadeia, o cabo em baixo e o sargento em cima do degrau, pelo lado de dentro.

O Promotor Pacífico dos Santos diante dos boatos que chegavam à cadeia resolveu ir à casa dos Brasileiros tentar evitar um levante, enquanto ainda havia tempo.

Um dos moradores da cidade, chamado Fioravantte Moroni, partidário dos Jardins, percebendo o perigo que corriam os seus amigos na cadeia, na urgência de pedir socorro, enviou um bilhete ao Capitão Américo Ferreira, noticiando que a família Jardim seria atacada em Garanhuns. O Capitão Américo ao receber o bilhete começou a arregimentar alguns homens com a pretensão de vir em socorro dos amigos e correligionários.

Na cadeia os refugiados recebem a visita de alguns parentes, primeiro o jovem Luiz Gonzaga Jardim, depois Theotônio Miranda, Tuta, filho de Argemiro Miranda, o menino tinha dez anos. Theotônio entrou na cadeia, ficando

perambulando entre seus corredores sem que Argemiro desconfiasse da sua presença naquele local.

O Promotor João Pacífico dos Santos chegou à casa da viúva a tempo de ver alguns homens armados com fuzis, carabinas e outras de menores calibres saírem pelo portão dos fundos da casa. Entrando na residência se deparou com Jorge Vaz, Balthazar Camilo, Eutíquio Brasileiro, Antônio Rosa e alguns capangas todos armados. Entre esse grupo estava Doca Viana que exaltado gritava: __ Vamos que só se respeita os presos.

Diante da grave situação, o Promotor Pacífico dos Santos resolveu apelar para o Dr. Abreu e Lima, na derradeira tentativa de salvar aquelas vidas indefesas. Atravessando a rua esbarrou com o Tenente Meira Lima convidando-o a acompanhá-lo a casa do juiz de direito antes que se consumisse a terrível tragédia.

Seriam 15h20, quando pelo portão dos fundos da casa da viúva Ana Duperron, portão que dava acesso a Rua do Cajueiro (Severiano Peixoto), o grupo sob a liderança de Jorge Vaz, Vicentão, Antônio Rosa, Antonio Padilha, Eutíquio Brasileiro e Alfredo Viana partiram com destino a cadeia.

Defronte ao portão, ficava a loja de tecidos, secos e molhados do italiano Nicolau Deletieri. Estava fechado o pavimento térreo onde mantinha o seu negócio e que ficava também a sua residência. Dentro de casa, seu sobrinho Domingos Deletieri, proprietário do armazém de estivas dos Irmãos Deletieri, na Rua do Comércio, por uma das frestas de uma veneziana olhava a passagem daqueles homens que desciam pela Rua do Cajueiro, contando ele ao todo vinte e três sicários.

Para os acontecimentos que procedem e que culminaram numa das maiores tragédias política do país, destinei na sequência algumas páginas exclusivas para relatar os episódios delituosos praticados na cadeia de Garanhuns. Remontar essas cenas levaram anos de intensas pesquisas em jornais, na escassa bibliografia existente, nos relatórios dos autos do inquérito e

formação de culpa, no parecer do procurador Dr. Luiz Salazar, nos arquivos da Casa de Detenção, entrevistas com os parentes das famílias e testemunhas oculares da tragédia ocorrida em Garanhuns em 1917. Essas testemunhas forneceram pormenores que elucidaram questões até então sem respostas. São elas: Ismênia de Barros Calado e Tiburcio Izídio da Silva.

Ismênia de Barros Calado era afilhada do Tenente-Coronel Francisco Veloso da Silveira, nasceu em 14 de novembro de 1902, após a morte dos seus pais, Maria Izabel da Conceição e Manuel Martins Barros, vítimas da epidemia de Bexiga que assolou Garanhus de 1905 a 1910, Francisco Veloso tornou-se o seu tutor, depois entregando a menina aos três anos ao comerciante José Gregório Correia e sua esposa Aurélia Rosa Brasileiro para criá-la, sendo seus irmãos de criação Maria José, Alzira e Josemir. Aurélia Rosa Brasileiro era filha do Tenente Antônio Paes da Silva Rosa.

Tiburcio Izídio da Silva era casado e sua esposa estava grávida na época. Foi detido pelo Tenente Meira Lima após se envolver em uma briga na feira. No dia 12 de janeiro de 1917 estava próximo de completar um mês que estava preso, quando de uma das grades da janela da cela ouviu os gritos do Capitão Sales Vila Nova, assistindo a todo o espancamento, reconhecendo a participação de alguns policiais.

Através dos depoimentos e das fontes históricas pesquisadas passaremos a narrar o fatídico ataque à cadeia, embora, ainda seja um conhecimento inesgotável e inacabado, composta de versões em constante processo de revisão.

A HECATOMBE DE GARANHUNS

Apolônio Leite Cavalcanti ao deixar a cadeia tinha a pretenção de retornar para sua residência, ao chegar ao Paço Municipal, avistou os jagunços que passavam pela Rua do Jatobá (atual Mauricio de Nassau) rumo à cadeia.

O bando apressadamente cerca a cadeia. Os homens comandados pelo Tenente Padilha se postaram no oitão da cadeia, na parte da frente ficou a legião chefiada pelo capanga Vicentão, enquanto Eutíquio Brasileiro, Alfredo Viana e Jacome Coelho de Matos Sampaio postaram-se no oitão da Igreja Presbiteriana em posição de retaguarda.

No oitão da cadeia os assaltantes se esforçavam para alcançar o óculo da janela, sustentados uns pelos outros, tentavam mais não conseguiam alcançá-lo. Vendo que o óculo só poderia ser alcançado por meio de uma escada, o carcereiro José Rodrigues de Freitas, apelidado de Dudé foi ordenado pelo Tenente Padilha a providenciar uma escada.

Na fachada da cadeia, o jagunço Vicentão seguindo às instruções recebidas, dirigiu-se ao Comandante da Guarda, Cabo Cobrinha. Encontrou o cabo na escadaria e uns dois degraus acima o Sargento Pedro Malta, Vicentão foi logo dizendo que nada tinha contra a polícia e somente contra aqueles que estavam lá dentro, que ele se retirasse com os soldados, senão atacaria. Cabo Cobrinha bravamente lhe respondeu que aqueles cidadãos estavam sob a sua proteção e garantias, e além de não os entregar, somente com ele morto entrariam na cadeia. Vicentão retrucou, aconselhando que o cabo Cobrinha e os demais praças eram moços de futuro, além daquilo, pais de família e precisavam criar os filhos, portanto abandonassem a posição.

Cabo Cobrinha corajosamente respondeu que acima de tudo estava o cumprimento do dever, e que ali só entrariam passando por cima do seu cadáver. Se entra ou não se entra nessa

meleca? Vociferou Vicentão, concomitante disparando um tiro certeiro de rifle no Cabo Cobrinha, atingindo-lhe o tórax. Vendo Cabo Cobrinha caído e aparentemente morto, Vicentão desdenhando grita: __ Agora vou passar por cima do seu cadáver.

Acreditando que toda a guarda se renderia, Vicentão triunfante partiu para passar por cima do cabo, mas o cabo Cobrinha mesmo agonizando atingiu o jagunço com um tiro no abdômen que o feriu gravemente, antes de cair o jagunço foi alvejado pela guarda no peito, no braço e na perna.

Fora de combate o Cabo Cobrinha e o jagunço Vicentão. Os soldados Ezequiel Cabral de Souza, mesmo debilitado pela enfermidade, Francisco Maciel Pinto, Manuel João de Oliveira, Pedro Antônio Dias e o Sargento Pedro Malta se entrincheiraram dentro da cadeia, travando um violento tiroteio, respostando com seguridade na troca encarrilhada de bala por bala.

O pequeno Theotônio Miranda, que estava próximo à parede do lado direito do interior da cadeia, correu e ficou encostado em uma das colunas do prédio, assustado, tão surpreso com aquela cena nunca imaginada, sem força para dizer uma palavra, soltar um grito ou correr para junto do pai, apavorado, ficou hirto junto a uma coluna. (35)

Muitos curiosos que perambulavam nas imediações da cadeia dispararam em correria nervosa, ao ouvirem a rajada violenta dos tiros, um senhor chamado Antônio Mariano em meio ao tiroteio ficou estático, não tendo forças para correr, foi atingido por uma bala perdida, o tiro foi fatal.

Na Vila Regina, residência do senhor Abílio Camilo Cordeiro Valença e Emília Benvinda da Mota Valença, Maria Luna parente da família trazia notícias da tragédia que ocorria na cidade. Adelmar assustado e chorando pediu para que ela ficasse, mas depois que ela saiu, juntamente com o seu irmão Agobar sem nenhum medo saíram para a cidade. Próximo a Rua São Francisco, ouviram os tiros, um homem que vinha correndo

aconselhou os meninos a voltarem para casa, pois um matuto que atravessava o pátio da cadeia foi atingindo por uma bala perdida e caiu morto. Em meio ao tiroteio muitas pessoas procuravam se esconder nas casas dos seus parentes ou de amigos. Uma dessas pessoas se escondeu na casa do senhor Abílio, dentro de um vaso de guardar feijão.

Em frente á Igreja Presbiteriana, em posição diametral á cadeia, onde a luta estava ocorrendo, por trás de uma pilha de tijolos, que havia no meio da rua, os filhos do Reverendo Antônio Gueiros, Othoniel, com dez anos e Israel com oito, acompanhados pela negra Antônia, empregada de confiança da família, observavam o tiroteio, sendo salvos de serem baleados durante o intenso tiroteio por estarem seguros atrás da trincheira. Acontece que momentos antes do tiroteio, o Reverendo Antônio Gueiros achou prudente afastar-se do local, levando toda família para refugiar-se na casa de parentes, pois diante do clima de terror que se espalhava pela cidade, temia pela segurança da família. Ocorreu que antes da partida foi convencido pela empregada para deixar Othoniel e Israel. Convencido de que os filhos estavam protegidos, deixou a casa com a esposa e os outros cinco filhos. Quando começou o ataque á cadeia municipal, a empregada pegou os dois meninos e saiu correndo com eles para a Rua do Comércio, pois a residência do pastor estava a apenas duas quadras do templo, na Rua da Aurora, (atual Barão do Rio Branco), por sorte nada aconteceu às crianças.

O comerciante José Gregório Correia, genro do Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa, mesmo estando seguro com a sua família em sua fazenda nas adjacências da cidade, temendo perder todos os bens da família, pois antes da sua partida o sogro havia ido a sua casa e pego alguns botijões de querosene com a intenção de queimar as casas comerciais dos adversários políticos, resolveu mandar retornarem a cidade à criada Francelina e sua filha de criação Ismênia. A missão das duas

mocinhas era colocar o cofre da família no quintal da casa, pois se fosse incendiada a cidade, os bens da família que estavam no cofre estariam a salvos.

Ismênia e Francelina puseram-se a caminho. Chegando às imediações da cidade, próximo a descida da Rua da Aurora, um homem apavorado aproximou-se delas aconselhando-as que não seguissem adiante, pois estava havendo um enorme tiroteio na cidade. Ismênia e Francelina diante do perigo decidiram retornar a fazenda.

Na cadeia, o Tenente Reformado Antônio Padilha avisado pelo jagunço Joaquim Pai d´Égua que Vicentão estava gravemente ferido e fora de combate, assumiu o comandando do bando e ordenou ao jagunço que chefiasse os grupos que combatiam em sua fachada.

Nesse momento o carceireiro, José Rodrigues de Freitas, o Dudé, chega com a escada. O Tenente Antônio Padilha entrega um rifle ao ex-soldado José Basílio da Silva, o Caju, e ordena que ele subisse até o óculo e atirasse. Caju relutou em apanhar a arma e cumprir as ordens. Antônio Padilha aos gritos disse-lhe: __Cabra, você não é homem para defender um amigo, nosso chefe?

Caju apanhou a arma e resolveu cumprir as ordens de comando.

Na fachada o sibilar das balas levantavam faíscas, ricocheteando no chão ou enterrando-se nas paredes e nas portas de madeiras da cadeia. Mas, os soldados resistiam valentemente, revidando as descargas que vinham de fora. Mas, à medida que, o combate tornava-se mais intenso a munição da guarnição começava a se esgotar.

Nas celas dos presos comuns em que estavam João Isidoro da Silveira, Antônio Isidoro de Vasconcelos e Tibúrcio Izídio da Silva as balas atingiam as paredes e ricocheteavam para todos os lados. Os prisioneiros apavorados procuravam se protegerem embaixo das camas de ventos da cela.

Os presos que estavam nos corredores, Arthur Pereira, Zuzu, o Ex-Sargento Araújo, Jesuíno Veras e Presciliano Josué empreenderam fuga pelos fundos da cadeia, conseguindo escaparem incólumes aos tiros, exceto o agente ferroviário Presciliano Josué que foi alvejado numa das mãos, caindo algumas vezes na fuga, ficando bastante machucado.

Um dos capangas, chamado Pedro Bio, acreditando que a munição da guarda havia acabado, pois por alguns minutos, ninguém respondeu aos tiros de dentro da cadeia. Avançou contra a porta de entrada, partindo de dentro uma rajada de tiros, que atingiu o capanga de cheio, fazendo-lhe grande estrago no abdômen, este caiu na calçada sem dar mais uma palavra ou gemido. Por parte dos assaltantes já estavam feridos Vicentão, Manuel de Oliveira Dantas, Fogueteiro, José Bezerra da Silva, vulgo José Flor, Santino Aleixo de Barros, o Santino Baio, e Artur de Joana, o Pesão.

Os algozes não paravam de gritar ditos de azougamento e valentia contra o positivo da polícia, tudo ao comando do Tenente Padilha, que ordenava que não sustasse o fogo para provocar afobação na guarda. Mesmo com pouca munição para conter a horda, o brio dos soldados não dava vasão a uma rendição.

Na troca de tiros o primeiro soldado a ser atingido foi Ezequiel Cabral de Souza, o tiro mortal acertou o pescoço. Não havia trincheira segura, pois as balas vinham de todos os lados, principalmente para os soldados que estavam em luta. No confronto o soldado Francisco Maciel Pinto é baleado e cai agonizando.

Manoel João de Oliveira corajosamente parte para o enfrentamento sendo alvejado no abdômen. Na tentativa de correr para se proteger ainda é atingido na região dorsal e nas nádegas, caindo no corredor da cadeia.

O soldado Pedro Antônio Dias e o Sargento Pedro Malta mantinham o revide, segurando o fogo cerrado contra os invasores, acertando uma bala no peito do capanga Vicente, o sicário ainda cambaleando, tentou se firmar nas pernas e avançar, mas recebeu outro tiro, acabando por cair de bruços.

O cerco à cadeia aumentava homens e mais homens avançavam com todo furor os tiros estrondavam e as balas batiam nas paredes com um som cavo, deixando um forte cheiro de pólvora.

Agachados, pulando, rastejando-se, dando voltas em si, recostados pelas paredes, a horda aproximava-se da porta da cadeia, agravando a situação que corria para um iminente corpo a corpo e sempre gritando em coro que naquele dia se venderia no açougue carne humana muito barata.

O Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa, Antônio Rosa, Balthazar Camilo, Jorge Vaz, José Rosa, Capitão César Medeiros e os homens de confiança, Joaquim Pai d´ Égua, Abílio Paes de Lyra, José Bezerra, Pecó, Furão, Antônio Cotó, Molequinho, Antônio Salvador, Elesbão de Barros Silva, Minervino Vieira, João Faustino, João Perigoso, Calangro, Manuel Machinista, Martiniano Esteves, Joaquim Pai d´Égua, José Felix Caradura, João Figueiredo, Manoel Francisco e Antônio Baio, eram os mais exaltados e que não paravam de queimar cartuchos contra a guarda. Possessos esbravejavam a porta da cadeia que naquele dia ninguém escaparia e que o chão iria ficar molhado de sangue e os adversários do Coronel Júlio Brasileiro nadando em cima.

João Faustino de Carvalho mesmo escondido por trás da cabroeira, na troca de tiros, foi atingido por um tiro na região ventral, mas a bala não atingiu nenhum órgão vital.

Na cadeia não havia mais como o Sargento Malta e o bravo soldado Pedro Antônio Dias resistirem. Nessa nova descarga, uma bala atingiu de raspão o ombro do Sargento Malta.

Nesse momento o crioulo Bernadino Gomes de Oliveira avança atirando a frente do bando na intenção de fazer a guarda recuar e facilitar a aproximação dos assaltantes, mas o Sargento Malta e o soldado Antônio Pedro Dias revidam os tiros acertando vários disparos no capanga que caiu agonizando, com o corpo varado de balas.

Mais disparos, desta vez, duas balas certeiras atingiram o Praça Pedro Antônio Dias, uma na região do peitoral esquerdo e outra na coxa esquerda.

O Sargento Malta vendo-o todo ensanguentado, pensou que o soldado estava morto, decidiu então salvar sua vida, optando por uma fuga, já que estava ferido e entre dois fogos, não havendo possibilidade de salvar ninguém, decidiu sair da cadeia já sem resistência dos que ali se achavam, pulando no meio do pátio em pleno tiroteio da cabroeira, havendo uma enorme nuvem de fumaça de pólvora, que o ajudou a escapar sem ser visto pelos assassinos. Empreendendo fuga para a Rua do Comércio, o Sargento Pedro Malta se salvou pela coragem e por um milagre da Providência.

Recolhidos no quarto dos fundos da cadeia, cercados pelo oitão, a fachada e os fundos da cadeia, os únicos que não tinham meios para escaparem ao cerco eram os adversários de Júlio Brasileiro.

José Basílio da Silva, Caju, sorrateiramente posicionou o rifle pelo óculo da janela deu garra e detonou o primeiro tiro acertando de cheio Francisco Veloso, que caiu fulminado por certeira bala. Sua queda deixou todos alarmados e em pânico, pois estavam cercados sem meios para fugir. Antes de qualquer reação, Caju continuou descarregando a arma, atingindo Júlio Miranda na espinha dorsal, pouco acima dos pulmões. Ainda balbuciou algumas palavras incompreensíveis, mas logo expirou. Procurando se livrar dos tiros, Sátiro Ivo atônito saca a sua pistola tentando alvejar o jagunço, mas é atingido por um tiro em uma

das orelhas, em seguida é ferido por outro projétil, desta vez, na mão direita, deixando-a meio decepada. Agachado se encosta no canto da cela, lado esquerdo do óculo. Daquela abertura, o jagunço Caju continuava com os xingamentos e deboches: __Hoje no açougue terá muita carne fresca barata.

Argemiro Miranda conseguindo escapar dos tiros do jagunço Caju apossou-se da pistola Mauser do irmão Júlio Miranda e se protegendo pelo recanto da parede do lado direiro da janela começa a atirar em direção ao óculo. O jovem Gonzaga Jardim ajuda o Major Sátiro Ivo a pegar a sua arma, e mesmo se contorcendo de dor o major tentar alvejar o jagunço com a mão esquerda, mas não tinha tanta precisão. Manuel Jardim, apesar de debilitado, conseguiu sacar a sua pistola, mas não teve chances para revidar o ataque do facínora, pois eram tantos tiros que ele não encontrava espaço para movimentar a arma e nem apertar o gatilho. Diante da resistência dos refugiados, Caju apavorado, pois acabara a sua munição, desceu a escada, correndo para se juntar aos demais facínoras.

Vencida a resistência da guarda os sicários começaram a invadir a cadeia, recuando ao serem recebidos à bala por Argemiro Miranda, que já fora do compartimento que se achava, se apoderou de uma arma abandonada pelos soldados, abrindo fogo contra os invasores, vendendo cara a sua vida. A munição da arma logo esgotou, ainda tinha de posse a pistola Mauser e uma faca amarrada com um lenço na mão como último recurso, partiu para o corpo a corpo na última tentativa de salvar a sua vida. Na troca de tiros foi atingido de raspão no braço. Mesmo ferido e em desvantagem em relação à cabroeira tentou romper o cerco mesmo sabendo da ferocidade da refrega que o esperava do lado de fora da cadeia, sempre revidando com valentia aos tiros.

Abandonando a trincheira, partiu para porta da cadeia, ficando frente a frente com aquelas feras raivosas, sendo fuzilado pelos facínoras, rolando escadaria abaixo.

Heroicamente morreu Argemiro, sem ter visto o seu pequeno Tuta nem na luta e nem na tentativa de fuga.

Esgotada a última resistência, penetram então no interior da cadeia o restante da cabroeira para coroação final de sua obra, antes de invadir a cadeia, o jagunço Caju golpeia com um punhal perversamente o Cabo Cobrinha, seguido por outros criminosos que dão mais tiros e punhaladas no corpo do cabo, depois esfacelando o seu rosto a pauladas, mais sangue passou a escorrer do cabo, espalhando-se no chão formando uma grande poça, ainda assim, o colocam de bruços na entrada da cadeia.

O Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa caminha até o corpo de Argemiro Miranda e também desfere vários golpes de punhal, depois com o seus compassas arrastam o corpo do comerciante para o lado da escadaria.

Antônio Rosa Filho, Manoel Francisco e Antônio Pedro Francisco, molequinho, que entram a frente do grupo encontram o pequeno Theotônio Miranda numa das colunas da cadeia. Empunhando um punhal, molequinho sugere ao Capitão Antônio Rosa:

__ Vamos sangrá-lo, não vamos deixar nenhum deles vivo.

Antônio Rosa, porém, ponderou dizendo que não era conveniente matar uma criança.

Encostados nos corredores da cadeia, indefesos pelos ferimentos provocados pelos tiros, os soldados Francisco Maciel Pinto, Manuel João de Oliveira e Pedro Antônio Dias, são cercados pelos algozes, que não escondiam o desejo de sangrá-los, já desembainhando suas armas brancas. Um dos jagunços que conhecia o soldado Manuel João de Oliveira pediu pela vida do militar, decidindo os assaltantes poupar-lhes a vida. Um pouco afastado estava desacordado e todo ensanguentado o soldado Francisco Maciel Pinto, a malta não o atacou imaginando que já estivesse morto.

O cabra Antônio Pedro Francisco, o Molequinho, e o carcereiro Dudé de posse das chaves das celas coloca em liberdade o celerado Zé de Nanquicha, que levantando a camisa mostrou que estava com um revolver, mas Molequinho lhe entrega um rifle, indo o jagunço juntar-se ao grupo.

Tomada à cadeia, os algozes avançam decididos para o quarto onde ainda restavam vivos o Major Sátiro Ivo, Coronel Manuel Jardim, Gonzaga Jardim e o Dr. Borba Junior. Os palavrões, os gritos de mata esses miseráveis, os coices de rifles na porta do quarto, denunciavam que logo invadiriam aquele compartimento da cadeia. Como uns possessos, como se estivessem caçando feras, finalmente arrebentam a porta e invadem o local, entrando a frente do grupo Antônio Rosa Filho, seguido por Antônio Baio, Manuel Fogueteiro, levemente ferido na perna, Joaquim Pai d´Égua, José Flor, João Figueiredo, Martiniano Esteves, Molequinho, Sebastião Firmino da Silva, Pecó, Luiz de França Araújo, Calangro, Balthazar Camilo e Jorge Vaz, este último vociferando que não ficaria nenhum dos Jardins vivos.

Manoel Jardim e Dr. Borba estavam deitados no solo do quarto, Major Sátiro Ivo encostado numa das paredes do quarto e Gonzaga Jardim em pé próximo à janela.

Antônio Rosa levanta pelo paletó Dr. Borba Junior que se ajoelhando pede-lhe pela vida e diz que nada tinha haver com a morte do Coronel Júlio Brasileiro. O bandido Manuel de Oliveira Dantas, Fogueteiro, que mantinha o seu rifle apontado para o médico com tamanha frieza aciona o gatilho, atirando na cabeça do Dr. Borba Junior, que tomba sem qualquer reação.

Antônio Rosa incontinente descarrega o rifle sobre Manuel Jardim, matando o coronel que continuava deitado sobre o solo do quarto.

O famigerado Jorge Vaz, como um louco, saca o seu punhal, subjuga o jovem Gonzaga Jardim, sangrando-o

lentamente na carótida, o qual em altos brados, ouvidos na vizinhança, nos estertores da agonia e das dores lancinantes pela qual estava passando com semelhante gênero de morte, aos gritos pedia que o matasse logo, pelo amor de Deus. Quando o jovem desfaleceu, Joaquim Pai d´Égua ainda o golpeou quando estava caindo ao chão.

Só restava vivo e ferido o Major Sátiro Ivo, que é arrastado pela jagunçada para o centro do quarto. Antônio Rosa empunhando um punhal crava tremenda punhalada no major, a mão do algoz subia e descia em golpes brutais. Apunhalava com tanta fúria o corpo de Sátiro Ivo, que se ouvia o ranger estridente e áspero da ponta da arma branca atravessando as carnes e os nervos da vítima, que sucumbiu aos golpes.

Enquanto a terrível carnificina acontecia na cadeia, o Promotor Pacífico dos Santos, o Tenente Meira Lima e o Juiz Abreu e Lima já haviam chegado à casa da viúva. O delegado e o juiz mantiveram-se na calçada aguardando o promotor que tentava conseguir uma ação de Ana Duperron e de José Brasileiro Viana para evitar a tragédia, mas a viúva e o genro lhe responderam com sarcasmo que não sabiam de nada, que matassem.

O Sargento Pedro Malta depois de escapar ao tiroteio quase ileso, se não fosse o ferimento, que embora fosse de trajetória muito longa, mas quase superficial, correu em direção à casa do Tenente Meira Lima, mas teve a surpresa de encontrá-lo disciplicentemente na calçada da casa de Júlio Brasileiro com dois capangas como se nada tivesse acontecendo.

Socorrido pelo delegado, o sargento foi logo dizendo que a cadeia tinha sido invadida, e que ele e a guarda não pouparam esforços para salvar os detidos, que quando a cabroeira invadiu a cadeia pelos dois lados, vindo à frente o cabra Vicentão, esse intimou a Cobrinha deixá-lo entrar, no que não foi atendido, começando o tiroteio incontinente. O Cabo Cobrinha reagiu como

um verdadeiro herói, tombando logo depois por um tiro certeiro de Vicentão, porém este quando passava por cima do cadáver do cabo e tentava entrar na cadeia, tombou varado por uma bala certeira que alguém lhe mandou, ficando o seu corpo por cima do de Cobrinha. Há esse tempo à confusão era grande dentro da cadeia, pois os tiros eram tantos que escureceu por completo, a ponto de não se ver mais ninguém. Quando viu que não havia mais meios para resistir resolveu optar pela fuga, se salvando por um milagre da Providência.

O Tenente-Delegado indiferente escutava a narrativa do oficial sem manifestar qualquer ação, que em face de tal atitude de quem tinha tanta responsabilidade não somente com os políticos que ali se achavam recolhidos com garantia de vida, como os soldados que defendiam a cadeia, insistia para que o delegado retornasse com ele a cadeia para presenciar o horror que ali havia e tentar salvar alguma vida, pois ainda dava tempo, respondendo-lhe friamente Meira Lima, que a vida era doce e ele tinha filhos e que o sargento não se metesse nisso que se arrependeria. O Sargento Pedro Malta insistiu dizendo que era preciso tomar providências, respondendo o delegado que já havia mandado Bolachão e José Olímpo ir a cadeia avisar a Antônio Rosa que sustasse o fogo.

De nada adiantou os rogos do Sargento Malta, o Tenente-Delegado permaneceu irredutível e decidiu levar o sargento ferido para a casa do comerciante Nicolau Diletieri, ordenando a um médico que ali estava socorrendo vários jagunços feridos, que também medicasse o sargento, o que foi feito prontamente.

Os fortes tiros disparados na cadeia ecoavam por toda cidade, na casa paroquial, o estrondo das balas, são ouvidas pelo Cônego Benigno Lira que não demora a entender que a promessa da família Brasileiro havia sido descumprida. Apanhando um crucifixo de madeira, Cônego Lira saiu correndo em direção da cadeia. Quando passava pela casa da viúva avistou o Tenente

Meira Lima que voltava da casa de Nicolau Diletieri com o Juiz Abreu e Lima, desesperado parou próximo às autoridades clamando que fossem com ele depressa a cadeia, pois tinham que fazer alguma coisa, mas juiz e o delegado aconselheram que o cônego não fizesse essa loucura.

Desconsiderando os conselhos do delegado e do juiz, Cônego Benigno Lira seguiu o trajeto para a cadeia.

Caidos em poças de sangue, os corpos se espalhavam no local do crime, os facínoras continuavam praticando as maiores crueldades. Cacetadas, facadas e coronhadas de rifles eram dadas nos rostos e nas cabeças das vítimas, deformando as fisionomias, de modo á quase desconhecê-los a simples inspeção ocular.

O jagunço Caju que havia alvejado os refugiados do óculo, com tamanha crueldade decepou o dedo em que o Dr. Borba Junior tinha o seu anel simbólico de médico colocando-o em um lenço vermelho que trazia ao pescoço, além dos facínoras quebra-lhe a outra mão, por fim dão-lhe umas fortes coronhadas na face, dilacerando-lhe as carnes e fazendo aparecer à epiderme os ossos faciais.

O corpo de Major Sátiro Ivo, era toda uma sangria, todo aberto em talhos profundos de punhal, mesmo com o número absurdo de punhaladas que ele sofreu da cabroeira, Antônio Baio e Antônio Pedro Francisco, o Molequinho, a golpe de navalha abrem o seu ventre, deixando vazarem-lhe os intestinos, deformando-lhe também a cabeça, aparecendo à massa cinzenta.

Curvados sobre os cadáveres, os capangas Minervino Vieira, João Faustino, Martiniano Esteves, Joaquim Pai d´Égua, Otávio alfaiate e o inspetor de quarteirão Antônio Francisco despojam as vítimas, tirando todo o dinheiro que haviam conduzido consigo, em crescida soma, deixando-lhes os bolsos do lado de fora das vestes. Os facínoras levaram do Capitão Júlio Miranda o anel e a soma de 800$000. Do Major Sátiro Ivo roubaram-lhe a soma de 5:000$000, uma medalha de ouro de

vinte e um brilhantes, uma cadeia do mesmo metal com uma granada, um relógio de ouro que foi arrancado tão violentamente que lhe quebraram a corrente, decepando-lhe o dedo para roubarem o anel. A mesma crueldade para roubar os anéis foi feita com o Tenente-Coronel Francisco Veloso.

O Cônego Lira, ainda chegou ao cessar do tiroteio, encontrando uns vinte homens no pátio da cadeia e o os corpos estendidos na calçada do Cabo Cobrinha, Argemiro Miranda e do capanga Vicentão. Nesse momento aproximou-se Antônio Rosa Filho justificando que a cadeia tinha sido atacada e que mesmo ele estando ali não teve como defendê-la. Conêgo Lira indignado com o subdelegado se dirigiu ao telegráfo para enviar um telegrama comunicando os fatos ao seu pai Carlos Lira que estava na usina Serra Grande em São José da Laje, Alagoas, mas antes entrou em uma casa próxima a cadeia para ouvir as confissões de dois jagunços feridos. Regressando, o cônego entrou na cadeia indo até o quarto onde estavam os assassinados, encontrando muito sangue espalhado pelas paredes e no chão do quarto, formando uma poça que chegava a ter dois ou mais centímetros. Os corpos trucidados, mergulhados em sangue, alguns cadáveres estavam com os olhos virados para cima e as bocas entreabertas. Cônego Lira ainda confessou os soldados Pedro Antônio Dias, Manuel João de Oliveira e um sicário.

Quando o Cônego Lira deixou a cadeia e atravessava a esquina da Rua do Comércio esbarrou com Eutíquio Brasileiro e Alfredo Viana, o Doca, que aguardavam o resultado do ataque, cada um com seus rifles nas mãos. Cônego Lira ao vê-los, apavorado e com as mãos na cabeça, os abordou em tom de queixa perguntando: _Porque fizeram uma miséria dessa? Eutíquio Brasileiro tomando a palavra respondeu: _Cônego vá para casa, pois bala também fura batina de padre.

Tio e sobrinho desceram ao encontro de Antônio Rosa e José Rosa que providenciavam a remoção dos feridos para a casa

do seu pai e da viúva, dando em seguida ordem para Joaquim Pai d´Égua assumir a guarda da cadeia. Alguns dos sicários feridos arquejavam, gritando com dores atrozes.

Cônego Lira decidiu procurar a viúva Ana Duperron, ao entrar na casa presenciou um clima festivo, pois aquela altura a família já tinha conhecimento que os adversários políticos de Júlio Brasileiro estavam todos mortos, e não conseguiam esconder a sua satisfação. O cônego revoltado preveniu a família, que eles podiam aguardar que em pouco tempo aquela casa seria atacada em represália pelo que tinha acabado de ver.

O Capitão José Correia Paes da Rocha, que cuidada dos jagunços feridos, respondeu ao cônego em tom ríspido: __ Não mataram nosso chefe. Secundando José Viana. __ Se é assim, estamos pra tudo. E por fim Maria Luisa: __ Papai não morreu?

Cabisbaixo, Cônego Benigno Lira decidiu que não havia mais o que fazer naquela casa, deixando a residência.

O Promotor João Pacífico dos Santos que estava à procura do cônego o encontrou já a caminho da igreja, estava preocupado, pois surgiam boatos que Fausto Galo havia delineado um plano para incendiar as casas comerciais das vítimas da cadeia, o que seria uma nova tragédia, a destruição de parte da cidade, pois havia naquelas casas comerciais enormes cópias de materiais inflamáveis. O cônego ouviu o relato, mas ponderou dizendo que os Brasileiros não chegariam a tanto. O promotor, porém, preferiu inspecionar as casas comerciais.

O facínora Caju após o massacre volta à cadeia, carregava uma sacola de balas, aproximando-se da cela dos presos comuns, encontra encostados no fundo da cela: João Isidoro da Silveira, Antônio de Vasconcelos e Tiburcio Izídio da Silva, que apesar do tiroteio não haviam sofrido nenhum ferimento. Caju então pergunta se eles queriam ser soltos. Aproximando-se da grade, Tiburcio Izídio responde que se ele quisesse soltá-los, eles achariam bom. Caju de solavanco saca uma pistola e aperta o

gatilho e maldosamente alveja Tiburcio Izídio na coxa, que cai e fica rolando no chão tamanho a dor. Caju faz mira novamente, mas antes de efetuar novo disparo é contido pelo pedreiro João Cavalcanti, que segurando em seu braço e com a voz firme pedi que não fizesse aquilo, pois não estava vendo que aqueles presos eram uns miseráveis. Caju recolheu a arma a contra gosto e saiu furioso.

Cumprida a vingança, Eutíquio Brasileiro, Alfredo Viana, José Rosa, Manuel Rosa, Antônio Rosa Filho, seu pai Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa e alguns capangas, todos armados e conduzindo ferido em uma cadeira João Faustino de Carvalho, desfilam em passos moderados e presunçosos pela Rua do Comércio. A poucos metros da casa da tia, Antônio Rosa, chamando uma negra de nome Clementina, ordena-lhe que diga as pessoas de Garanhuns que já podiam abrir as portas, porque a morte de Júlio Brasileiro estava vingada.

O Sargento Pedro Malta, após o facultativo terminar os curativos do seu ferimento resolveu retornar á cadeia, de onde já não se ouvia mais nenhum tiro. No caminho, o sargento cruzou com o grupo. Doca Viana, sobrinho do Coronel Júlio Brasileiro com soberba diz ao sargento que agora pode ir para a cadeia, pois lá tinha bastante carniça para os urubus.

Sem meios para reagir, o Sargento Pedro Malta prosseguiu, enquanto todos galhofavam.

Chegando a casa de Ana Duperron, a cabroeira encontrou na calçada o Tenente Meira Lima, Doca Viana o abraçou, depois entrando triunfante na residência dando contas à tia-afim da nefasta missão cumprida e que ela podia chorar a morte do tio Júlio, pois já tinha sido bem vingada.

Na residência do Juiz Abreu e Lima pouco depois da chacina, o magistrado recebe a visita de Antônio Rosa Filho, Abílio Paes, Quirino Florentino, José Rosa, Balthazar Camilo, Manuel Rosa e Jorge Vaz.

Narrados os fatos ocorridos na cadeia, José Rosa pergunta ao Juiz se ele estava satisfeito, respondendo Abreu e Lima que sim, que o serviço certo era aquele.

Todos caíram na gargalhada, passando ali alguns minutos bebendo cerveja e mostrando como haviam cometido os crimes. Após a confraternização saíram todos com o juiz para a casa da viúva.

Ao chegarem à casa da viúva já estavam muitos dos criminosos que participaram da invasão à cadeia, alguns transportados devido aos ferimentos sofridos. O grupo foi abraçado por José Viana, Jacome Sampaio, sua esposa Atília Sampaio, Fausto Galo, Maria Luisa, Ana Duperron e pelos individuos que constituíam o grupo assaltante, e que satisfeitos festejavam em zombaria e algazarras, abraçando ao juiz Abreu e Lima que nem por um momento parecia ser um homem da Justiça, e regozijava ao ouvir os sicários conta-lhe os detalhes da carnificina que cometeram com os adversários políticos de Júlio Brasileiro na cadeia, dando total atenção aos seus comentários: __ Senhor doutor, o serviço está feito, não diziam que era goma nossa, viemos mostrar que não era goma. Mataram nosso chefe, mas os chefes deles estão estendidos.

O Tenente Antônio Padilha, aproximando-se de Ana Duperron e dos familiares, vangloriando-se pelos crimes praticados relembra a promessa feita à viúva pela manhã que a vingança seria feita naquele mesmo dia.

Eutíquio Brasileiro, acompanhado por Alfredo Viana e os irmãos Rosa, caminham para a sala de jantar onde estavam alguns jagunços bebendo, a maioria bastante embriagados. Com eles beberam e começaram a dançar um macabro sapateado.

Enquanto festejavam a eliminação dos oposicionistas, o Capitão Américo aproximava-se da cidade com um grupo fortemente armado, mas ao saber nas proximidades de Garanhuns que já haviam sido mortos todos que estavam na

cadeia retornou a sua fazenda, onde passaria toda a noite com alguns homens de tocaia, esperando um possível ataque dos seus inimigos.

Pouco tempo depois chegava à estação o trem especial trazendo os dez praças sob o comando do Tenente Theophanes Torres. A tropa em macha acelerada seguiu para a residência do Tenente Meira Lima, ao chegar se posionaram na calçada ensarilharando as armas, dando proteção aos que temendo represálias se refugiaram naquela residência, onde para a surpresa do Tenente Theophanes Torres encontrou a sua esposa Amélia Sá Torres, quando acreditava que ela já havia embarcado para o Recife pela manhã.

Na residência havia uma grande movimentação, pois a filha do Tenente Meira Lima estava entre a vida e a morte.

O Tenente Meira Lima sabendo da chegada da força veio conferenciar com o oficial, tomando conhecimento que o Tenente Theophanes Torres era o novo comandante das forças da polícia em Garanhuns. Meira Lima ao relatar os fatos ocorridos na cadeia responsabilizou os amigos e correligionários do Coronel Júlio Brasileiro pelos terríveis crimes e que a guarda resistiu bravamente à invasão.

Atendendo ao chamado do tenente Theophanes Torres veio ao seu encontro o Capitão Antônio Rosa. O tenente debruçado em uma das janelas da casa ouvia da calçada o sobrinho do Coronel Júlio Brasileiro contar a sua versão dos fatos. Antônio Rosa explicou que as vítimas procuraram o Tenente Meira Lima para dá-lhes proteção, pois se sentiam ameaçados, pois amigos do seu tio Júlio, declararam-se dispostos a vingá-lo. Foram então levados para a cadeia, a única proteção que o delegado dispunha, mas a fúria e revolta desses homens fugiram do controle da família, morrendo uns dezesseis. Os adversários políticos do seu tio Júlio, o Cabo Cobrinha, três soldados e alguns dos assaltantes, estando gravemente feridos dois soldados e

outros assaltantes, mas a guarnição da cadeia procurou defendê-la com bravura, reagiram, lutaram com heroísmo, mas não tinham como resistir, e que ele estava lá para defendê-la, mas já era tarde.

Depois de ouvir o sobrinho do Coronel Júlio Brasileiro, o Tenente Theophanes Torres ordenou que durante á noite, o subdelegado mandasse retirar os cadáveres da cadeia para a igreja, como também fizesse sair os feridos da casa da viúva, depois entregasse todos os corpos das vítimas as famílias e despitasse todos os cangaceiros, pois no dia seguinte iria prender quem quer que fosse considerado culpado.

Antônio Rosa ouviu as instruções e seguiu com destino a direção da cadeia.

O Tenente Theophanes Torres diante do número insuficiente de soldados para capturar os criminosos que em grande quantidade ainda perambulavam na cidade e apreensivo com a possibilidade de uma represália, astutamente mandou que fosse tocada a corneta e correr a notícia que chegara a Garanhuns um reforço policial com duzentos homens, e que aquela força em frente à casa do Tenente Meira Lima, representava a vanguarda dos restantes. A estratégia do tenente surtiu o efeito desejado, vários criminosos que se mantinham refugiados na casa da viúva ou do Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa empreenderam fuga, mas muito contribuiu para a debandada da cabroeira a fama do Tenente Theophanes Torres que em 1914 havia capturado o mais famoso cangaceiro daquela época, o temível Antônio Silvino, também conhecido como Rifle de Ouro ou Governador do Sertão.

Na cadeia, as cenas eram de desespero, as esposas em histerismo, cabelos em desalinho, choravam com os órfãos a perda dos maridos.

A porta da cadeia, assumindo a guarda, estava o capanga Joaquim Pai d´Égua, o jagunço impedia as esposas das vitímas de

recolherem os corpos dos maridos, maltratando-as com impropérios. Sendo uma dessas senhoras D. Mirandolina Souto de Miranda que ao chegar à cadeia em companhia dos seus filhos encontrou em prantos o pequeno Theotônio ao lado do corpo de Argemiro Miranda, a criança havia retirado o anel de brilhante do pai. Desesperada D. Mirandolina partiu em direção ao cadáver do esposo, sendo impedida pelo facínora que não lhe respeitava nem a dor inconsolável da viuvez, nem as lágrimas derramadas pelo marido que tivera o mesmo destino do cruel dos amigos.

Ao chegar próximo à cadeia, o Sargento Malta, vendo o capanga com um fuzil de um dos soldados mortos e querendo agredir Dona Mirandolina, apontou a sua arma e intimou Joaquim Pai d´Égua a abandonar o fuzil e retirar-se. Antônio Rosa assomou a cadeia nessa ocasião apaziguando os ânimos, depois recomendando ao sicário que providenciasse uma carroça para transportar os mortos à igreja matriz.

O Sargento Pedro Malta caminhou entre os mortos que estavam no pátio, observou os corpos de alguns jagunços que não conhecia e lamentou profundamente a forma cruel da morte do Cabo Cobrinha e Argemiro Miranda. Ao entrar na cadeia que já estava invadida pelas famílias dos que ali foram sacrificados, o Sargento Malta verificou que estavam mortos no quarto do Estado Maior os quatro homens que ali foram levados com garantia de suas vidas e o jovem Gonzaga Jardim. No corredor ainda estavam vivos os soldados Manuel João de Oliveira e Antônio Pedro Dias, mas gravemente feridos, Francisco Maciel Pinto agonizava e Ezequiel Cabral de Souza, morto.

As viúvas e o sargento se depararam com um quadro aterrador, os corpos mergulhados em uma enorme poça sangue, as faces das vítimas esfaceladas e irreconhecíveis, o que levou as viúvas a buscarem bacias de água na Vila Maria para limpar os rostos.

Providenciada a carroça, já quase ao anoitecer, trataram de remover os cadáveres para a igreja, sendo permitida a condução para as casas das viúvas dos corpos dos irmãos Miranda, Francisco Veloso, Manuel Jardim, Gonzaga Jardim e Sátiro Ivo, todos levados em camas de lona. Os corpos mutilados, pernas e braços pendentes, era um desfile macabro.

Entre os corpos dos capangas e soldados foi jogado o corpo do D. Borba Junior. Os carroceiros antes da partida ainda escutaram o fôlego curto e agonizante do jagunço Pedro Bio, que foi retirado e levado para uma residência vizinha, mas em pouco tempo faleceu.

A carroça em seu trajeto, da cadeia para a igreja matriz, tinha os carroceiros à ordem de pararem em frente da casa da viúva Ana Duperron, para poder ter ela a certeza de haverem sido cumpridas as suas ordens. O farmacêutico e conselheiro municipal, Jacome Coelho de Matos Sampaio, morador covisinho, era incumbido de verificar a passagem da carroça e transmitir-lhe as notícias, depois de sua verificação, tinham ordens os carroceiros de prosseguirem a viagem.

O cadáver do Dr. Borba Júnior, fora colocado sobre os outros, em decúbito dorsal, com as pernas dependuradas na carroça, as suas vestes estavam encharcadas de sangue, já coagulado. José Leal vendo a cena foi avisar a família do médico que pouco depois veio buscar o corpo na igreja.

À noite, o Theophanes Torres avisado pelo Promotor João Pacífico dos Santos dos planos dos Julistas em incendiar as casas comerciais das vítimas, tratou de averiguar, fazendo uma deligência pela cidade, encontrando o cartório saqueado e muitos documentos queimados, como também violados algumas casas comerciais das vítimas, estando em algumas delas latas de gasolina e fachos apropriados para esse fim. No processo é citado latas de querosenes.

Muitos jagunços cambaleando embriagados pelas ruas, e que tinham participado do assalto à cadeia eram visto falando o que não deviam, denunciavam que Manuel Machinista havia dito que a viúva tinha dado quatro contos de réis a um dos graúdos e que o Tenente Meira Lima entregara as chaves da cadeia a Caju antes do ataque as vítimas, e que depois de realizado o assalto à cadeia o delegado recebera da viúva sete contos de réis e o Tenente Padilha um conto de réis, antes do ataque a cadeia. O jagunço ainda revelaria que o inspetor de quarteirão João Perigoso, um dos criminosos, havia lhe dito que o Juiz Abreu e Lima arregimentou homens para cumprir a promessa que fez a viúva e que José Rodrigues de Freitas, Dudé, durante a invasão a cadeia conduziu um caixão com munição para os criminosos, não revelando de onde e por quem a provisão tinha sido enviada.

Nas casas das viúvas das vítimas da cadeia, os corpos estavam ainda sem ataúdes, jaziam em armações de lonas ou camas ladeadas por velas acesas, sendo rezados terços e incelências em voz alta em meio aos desesperos incontidos dos parentes e amigos.

Como não havia caixões no estoque na casa mortuária de Antônio Português, o lusitano atravessaria aquela noite confeccionando os sete ataúdes.

O delegado Theophanes Torres, naquela noite, foi procurado para dar garantias de vida aos que se sentiam ameaçados pelos familiares das vítimas: o Juiz Abreu e Lima, seu irmão e médico Carlos Abreu e Lima, e respectivas famílias, Ormindo Pires, proprietário da Farmácia Confiança, Fausto Galo e o Tenente Antônio Padilha, todos com mulheres, filhos, criados e agregados, que carregavam malas, embrulhos e objetos de estimação dos refugiados, ficando todos na casa do Tenente Meira Lima sobre a proteção do oficial nomeado pelo Governador do Estado. Todos estavam bastante assustados, porque a cada momento chegavam portadores que vinham das ruas escusas e

silenciosas trazendo as últimas novidades sobre os velórios, onde se comentavam a vinda em breve de jagunços contratados pelas viúvas e que as pessoas envolvidas nos crimes e familiares de Júlio Brasileiro já começavam a receber cartões com cruzes negras. Àquela noite passaria sem ninguém jantar ou dormir, tal a quantidade de gente que se apinhava pelas salas e corredores, ansiosa e preocupada, enquanto isso, num canto mais afastado, os familiares de Meira Lima velavam o cadáver da filha do casal, que falecera ao nascer da noite.

Na igreja estavam os corpos dos soldados e capangas. Sobre uma escada estava o cadáver do Cabo Cobrinha, estando ao seu lado o soldado Ezequiel Cabral de Souza, sendo horrível o ferimento no seu pescoço, de onde ainda saia sangue negro por baixo de uma pasta de algodão que cobria o abscesso. Próximos à entrada da matriz estavam os corpos de três capangas, Pedro Bio e Vicente (Não era Vicentão), os dois com os troncos despidos e cheios de ferimentos e um pouco afastado deles o crioulo Bernardino Oliveira, que tinha seu corpo todo cravado de balas.

O Capitão Antônio Rosa Filho novamente veio ter conferência com o Tenente Theophanes Torres, devolvendo-lhe os objetos roubados do Major Sátiro Ivo: a medalha de ouro com vinte um brilhante, a cadeia de ouro com granada e o relógio do mesmo metal, faltando o remontoir. Objetos contendo ainda vestígios bem visíveis de sangue.

Na casa de Ana Duperron, o ambiente era tenso, de apreensão e discórdia. Cada um dos envolvidos nos crimes procurava se eximir de culpa, responsabilizando uns aos outros, de preferência os ausentes naquela hora.

Os mais íntimos da família evitavam visitá-los. Entre os refugiados na casa, havia alguns feridos, entre eles o capanga Vicente Ferreira, o Vicentão, que gravemente ferido, agonizava.

Álvaro Viana, José Viana, Antônio Rosa, José Rosa, Eutíquio Brasileiro e Doca Viana, pensavam em todos os detalhes,

procurando definir os passos seguintes. Acreditavam que a Justiça só arrastaria os peixes miúdos. Mesmo assim, os irmãos Rosa, já optavam por uma fuga.

No calor das discussões, rompeu entre o Capitão José Correia Paes da Rocha e Alfredo Viana, uma discussão inflamada de recriminações mútuas. O Capitão José Correia acusava Doca Viana de ser culpado de tudo, por ter trazido o pessoal de Brejão, vociferando o sobrinho de Júlio Brasileiro, respondeu que tinha vindo a pedido do irmão Álvaro Viana, e que o Capitão José Correia havia tomado parte saliente no ataque á cadeia. Por sua vez José Correia relembrou que Doca havia momentos antes distribuido balas aos jagunços e dito que só se respeitaria os presos. Alfredo Viana voltou a acusá-lo, desta vez dizendo que ele havia atirado na casa comercial dos irmãos Miranda e saqueado os armazéns dos oposicionistas.

Interrompendo a discussão, José Brasileiro Viana, procurou apaziguá-los chamando a atenção para um detalhe importante, que a desunião só criaria retaliação entre eles e só beneficiariam os acusadores, que o massacre fora consequência de um levante popular.

Hábil nas palavras, José Viana apaziguou a situação, mas seus primos Antônio e José Rosa, inseguros, resolvem anunciar a ele e ao tio Eutíquio Brasileiro que haviam decidido fugir da cidade antes que o Tenente Theophanes Torres cumprisse a promessa de iniciar as prisões logo que amanhecesse.

O Promotor Pacífico dos Santos, que estava nas proximidades da Rua Bela, atual D. José, observando o lusitano Antonio português confeccionar os ataúdes para as famílias das vítimas, viu a distância, Antônio Rosa, José Rosa, seu sobrinho Manuel Rosa e Álvaro Viana, despedir-se dos familiares, com eles estava João Figueiredo que participou da chacina na cadeia. Fizeram montaria em alimárias prontas para uma longa viagem, manta de couro de bode que cobria a metade da garupa, bornais

com mantimentos, arreios, a cintura levavam pistolas e punhais. Um pouco atrás seguiram os animais de muda e homens para protegê-los, dali se ouviu pouco depois o tropel dos cavalos na terra dura em direção ao alto da Boa Vista com destino a Lagoinha, povoado de Pesqueira, depois o silêncio total, restaurando a quietude da madrugada. Dias depois, comentaram na cidade que Antônio Rosa Filho quando partiu disse que para onde estava indo nem a Justiça, nem a morte nunca o encontraria.

Após a fuga dos irmãos Rosa, houve suspeitas que eles estivessem homiziados em Juazeiro. Quanto a Álvaro Viana, durante o período que esteve foragido se refugiou em Capoeiras, resolvendo retornar a Garanhuns no dia 18 de janeiro, onde procurou o Cônego Lira para se apresentar ao delegado Theophanes Torres que o recolheu ao Paço Municipal, onde já se encontravam presos o Capitão José Correia Paes da Rocha e o Capitão César de Medeiros Cavalcante.

Aproximadamente ás 5h30, dia 16 de janeiro, o Tenente Theophanes Torres e o Alferes Albertino Pinto que havia chegado á Garanhuns num trem especial comandando mais tropas foram até a casa da viúva Ana Duperron para ouvir o Jagunço Vicentão. O Tenente Theophanes Torres, então nomeado novo delegado da cidade, encontrou o capanga no sótão da residência deitado numa cama de lona, Vicentão mesmo em estado crítico depõe ao delegado que tinha vindo do Povoado Brejão, cinco léguas distantes da cidade de Garanhuns em companhia de outros, sob a chefia geral do senhor Alfredo Viana, vulgo Doca, a fim de vingar a morte do seu tio, mas que Doca Viana não participou da chacina na cadeia, mas foi quem ordenou o ataque. O delegado deixou a residência com a convicção que a morte era questão de horas para o capanga.

E a previsão do Tenente Theophanes Torres se confirmou. Naquela cama de lona, abandonado a sorte pelos

Brasileiros, o moribundo deu seu último suspiro, acabando ali os últimos dias de crimes de Vicente Ferreira, o Vicentão.

Naquele dia conforme publicado nos jornais da Capital, o trem conduzindo o ataúde do Coronel Júlio Brasileiro chega ás 4h40 da manhã, não havia nenhum representante da família para receber o corpo de Júlio Brasileiro, apenas um portador do Cônego Lira que em nome do religioso ofereceu hospedagem a comitiva do Ajudante de Ordens do Governador, Capitão Martiniano Correia. Devido ao estado de decomposição do corpo, o Capitão Martiniano Correia sugeriu ao Cônego Benigno Lira que o enterro de Júlio Brasileiro teria que ser logo realizado. Concordando a víuva Ana Duperron e demais parentes com a recomendação do Capitão Martiniano Correia, o caixão foi colocado no interior da estação, onde o Cônego Benigno Lira realizou as exéquias. Finalizado o ritual, o préstito fúnebre seguiu para o Cemitério Cidade dos Mortos que ficava a poucos metros da estação (O Cemitério Cidade dos Mortos foi construído em 1891 com o material da demolição da antiga Igreja Nossa Senhora da Conceição que ficava localizada na atual Avenida Santo Antônio. A contrução tinha início no antigo IAC e estendia ao atual Centro Adminstrativo de Garanhuns, tendo um de seus portões de entrada próximo a linha do trem na Avenida Caruaru).

Estavam presentes ao enterro, a viúva Ana Duperron, José Brasileiro Viana, Maria Luisa Duperron Brasileiro, Eutíquio Brasileiro, Alfredo Viana, Dumouriez Brasileiro, irmão de Júlio Brasileiro, Capitão Martiniano Correia, Dr. Nilo Bezerra, Capitão Avelino Américo da Silva, pharmaceutico Joaquim da Rocha, Oscar Bandeira, Armando Victor, Joaquim Augusto da Silva, Augusto Alves Pimentel, Conselheiro Municipal Francisco de Assis Barbosa, Deputado Eutropio Silva e alguns moradores da cidade.

Cerca de meia hora após o sepultamento do Coronel Júlio Brasileiro, precisamente ás 6h40, retornavam a estação para

embarcar com destino ao Recife, Ana Duperron, Eutiquio, Alfredo Viana, José Viana, Maria de Luisa e filho, Dr. Abreu e Lima e família, Dr. Carlos de Abreu e Lima, Fausto Galo e família, Ormindo Pires e três cunhados, Dumouriez Brasileiro, Capitão Martiniano Correia, José Leite, proprietário do Hotel Universo, Dr. Nilo Bezerra, advogado, José Ribeiro, João Brasileiro Viana e o Tenente Antônio Padilha. O comboio foi alugado por Ana Duperron para os familiares e amigos.

Momentos antes da partida do trem, o Tenente Theophanes Torres chega à estação dando voz de prisão a Eutíquio Brasileiro e Alfredo Viana, conduzidos para o Recife guarnecidos por quatro soldados sob as ordens do Capitão Martiniano Correia.

As vítimas da Hecatombe de Garanhuns seriam enterradas à tarde, os cortejos foram acompanhados pelos parentes e amigos, que não tinham essa amargura silenciosa dos que choram um ente querido que tomba vítima de morte natural. Era uma dor cheia de revolta, se lhes vissem o coração, dentro viriam à sede de justiça que acompanha essas grandes comoções. A Banda 2 de Março acompanhou os cortejos tocando a marcha fúnebre. Os primeiros enterros foram do Major Satyro Ivo, o caixão deixou a sua residência na Praça da Conceição (Avenida Santo Antônio) às 14 horas, no mesmo horário seguiram-se os enterros de Manuel Jardim, Gonzaga Jardim, Argemiro Miranda e Júlio Miranda, todos velados na casa de Argemiro Miranda localizada à Rua do Jatobá, atual Praça Jardim.

Às 16 horas saiu do chalé na Rua da Imperatriz (Santos Dumont) o cortejo do Tenente-Coronel Francisco Veloso e no mesmo horário, da casa da sua tia e de dois primos que ficava na Rua do Recife saiu o enterro do Dr. Borba Junior.

Nas ruas por onde passaram os enterros, diversas senhoras foram acometidas de fortes crises nervosas.

O Cabo Cobrinha, o soldado Ezequiel Cabral de Souza e os capangas seriam depois enterrados em valas comuns. O soldado Francisco Maciel Pinto promovido ao posto de cabo de esquadra, não resistiu aos ferimentos falecendo no dia 18 de janeiro de 1917.

O comércio continuou fechado por alguns dias. O Cônego Benigno Lira continuava prestando serviços aos moribundos, recebendo do Governador Manuel Borba o diploma de chefe político da região, havendo ainda um grande êxodo de famílias da cidade. A cada momento corriam notícias de que tinha aparecido um morto ou um ferido dos grupos assaltantes, muitos que haviam sido enterrados nos quintais das casas dos familiares, sepultados tão às pressas que se viam as mãos ou os pés dos cadáveres à flor da terra. (36).

O Tenente Theophanes naquela manhã que prendera Eutíquio Brasileiro e Doca Viana efetuou a prisão de vários envolvidos nos crimes, entre eles: João Faustino de Carvalho, Antônio Ferreira de Melo, Vulgo Antônio Chicuca, Francisco Teles, Antônio Severo de Lima, Manuel de Oliveira Dantas, Fogueteiro, Martiniano Esteves e Abílio Paes de Lira, esse tinha cor branca-sarará, cabelos grisalhos, estatura regular e olhos castanhos. O Jagunço João Faustino foi preso á tarde quando passava em frente à cadeia. O Tenente Theophanes Torres percebeu nódoas de azeite na ombreira do seu paletó, rendendo o suspeito e após pressioná-lo, o suspeito acabou confessando que as manchas eram da coronha do seu rifle e que tinha participado do ataque a cadeia. O assassino foi imediatamente jogado na cela.

Boatos que a família do Tenente-Coronel Francisco Veloso estava arregimentando homens armados com a finalidade de atacar a propriedade de Júlio Brasileiro em Brejão levaram o Tenente Theophanes Torres a organizar uma deligência composta de 20 soldados bem municiados e partir com a força

para o povoado de Brejão sob o comando do Alferes Candido de Souza, mas o rumor do ataque à fazenda Brasileiro não aconteceu, não havendo nenhum sinal de cerco no local.

Durante o curto período que exerceu o cargo de delegado da cidade, o Tenente Theophanes Torres, depois substituído pelo Capitão Urbano Ribeiro no destacamento, efetuou algumas prisões de jagunços implicados na Hecatombe, que ainda estavam espalhados pela cidade e pelos seus subúrbios, sendo ao todo 19 indivíduos capturados e sentenciados pelo magistrado Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa, Juiz de Direito de Gravatá, que fora nomeado pelo Governador Manuel Borba para proceder a rigoroso inquérito, formação da culpa e pronuncia dos que fossem culpados. O Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa chegou a Garanhuns no dia 22 de janeiro de 1917, fazendo parte da comissão o Promotor Dr. Severino Tavares Pragana e o Escrivão da Repartição Central da Polícia, Dr. João Paulo Nunes de Melo. Os magistrados ficaram hospedados na Rua do Cajueiro, onde foram ouvidas as testemunhas e suspeitos.

(35) No inquérito de Formação de Culpa, o Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa ao descrever o ataque á cadeia, relata que Argemiro Miranda ao enfrentar os sicários foi ajudado pelo filho Theotônio Miranda que apanhou a carabina do cabo Cobrinha e a entregou ao Pai. Em tais circunstâncias a criança teria sido atingida, e a aludida carabina estava do lado de fora da cadeia, o que impossibilitaria o garoto de se apossar da arma, em virtude, do cerrado tiroteio.

(36) Livro Anatomia de uma Tragédia, Mário Marcio de Almeida Santos.

Sexta- feira, 19 de janeiro de 1917.

Jornal do Recife Jornal
A Província


Jornal do Recife

ALEGRE EPISODIO

Os successos de Garanhuns


Os successos de Garanhuns

NOTAS SOCIAES

Jornal Pequeno
Jornal Diário de Pernambuco


Os acontecimentos de Garanhuns

O que ha ainda a respeito

TELEGRAMMAS

CIGARROS

SPORT

C.ia Souza Cruz


VARIAS

O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUENCIAS

ULTIMA HORA

PELA POLITICA

Destaques do Jornal do Recife

Na residencia do dr. Leopoldo Lins á estrada de João de Barros nº 22, o chefe da policia ouvio em auto de perguntas a excma. sra. d. Anna Duperron Brazileiro, viuva do deputado Júlio Brazileiro, sendo o interrogatorio guardado no mais absoluto sigillo, não sendo facultada a imprensa

O coronel José Novaes, commandante da Força Publica promoveu ao posto immediato os soldados e o cabo que morreram defendendo a cadeia de Garanhuns, devendo a viuva daquelle graduado ser concedida uma pensão e entrarem seus filhos para um estabelecimento de caridade.

Hontem devia ter sido apresentada ao sr. governador do Estado a promoção a alferes do sargento que defendeu aquelle edificio.

No trem commum de hontem regressaram para Garanhuns o carteiro e o estafeta da agencia do correio d´aquella cidade que para esta capital tinha vindo trás-ante-hontem, foragidos.

No Hospital Pedro II conseguimos ouvir os soldados Manoel João de Oliveira e Pedro Antonio, ambos feridos no tiroteio travado contra a cadeia de Garanhuns que elles em companhia de outros bravos, valentemente defenderam.

Disse-nos o primeiro que viera de Bom Concelho para Garanhuns trazendo a bagagem do tenente Theophanes Torres, alli chegando na propria hora em que começava o ataque pelos cangaceiros.

A cidade estava a esse tempo todo “empiquetada”, por bandidos, como pittorescamente affirmou o policial.

Vendo a cadeia completamente cercada por cangaceiros a que chefiavam um tal de Cajú e o sr. Eutychio Brasileiro, decidiu-se auxiliar seus camaradas. Antes de romper o fogo, declara o

soldado, retirou-se o tenente Meira Lima, logo depois ouvindo-se os tiros.

A redusida força que defendia as victimas resistiu emquanto poude, gastando toda munição de que dispunha, sendo então a cadeia invadida pelos atacantes que assassinaram a punhal e a coice de rifles os que lá ainda existiam, sendo elle Manoel João poupado por já está muito ferido e devido a intervenção de um delles, que o conhecia.

As pessoas que se achavam no quartel pediam, supplicavam que não as matassem, a nada attendendo os faccinoras que sangraram, é o termo, o cabo Cobrinha, a alma da resistencia.

Affirmou mais saber que a munição de que devia dispor o destacamento local estava em grande parte depositada na residencia do delegado Meira Lima e não no quartel, como era de direito.

Pedro Antonio contou-nos que, de ha muito tempo adoentado, achava em cadeia de repouso. Por occasião do ataque o tal Cajú, em tempos soldado da policia, acompanhado de Minervino de tal, Joaquim Pae d´Égua e do sr. Eutychio Brasileiro, prenderam as victimas que se conhece e as levaram para a cadeia. viu positivamente que Caju, Minervino e Joaquim tomaram parte activa no fogo, não podendo affirmar o mesmo relativamente ao sr. Eutychio, sendo aquelles tres celerados que o feriram.

Adiantou mais que um dos assaltantes, chamado Antonio Rosa, deu liberdade a tres correccionaes.

Escreve-nos o Capitão Francisco Salles:

Quartel do 1º batalhão, 18-1-1917 – Sr. redactor do Jornal do Recife, - Espero que não negareis guarida ás linhas abaixo.

Apezar de já estarem assentadas as surras da “Lista Negra” já em dominio publico, foi resolvida sua logo execução

pelos motivos seguintes: ella seria executada paulatinamente, para irem nossos inimigos saboreando a sua doçura aos poucos.

Designado o dia 7, para effectuar-se a eleição de prefeito, eramos de opinião, que de accordo com a nova "Reforma Eleitoral" seria ella uma eleição nulla, e assim não a pleiteariamos, porem para não passar ella sem um protesto, aconselhamos aos amigos do poder, porem, em opposicção á politica local, para protestal-a, naquelas secções.

Apresentados protestos ás tres secções, que das dez existentes na cidade, simularam reunir, não quizeram ellas acceitar os protestos, sendo elles lavrado em cartorio (Brazil).

Não esperavam essas mezas, que alguem tivesse o arrojo de protestar a eleição de um sultão, e não contando com isto, já ha dias haviam lavrado as actas, ficando em claro nos livros e listas de assignaturas, os claros para completar o numero de votos que haviam de ser dados, e de que já ha 15 dias vinha votando a matutada.

Telegraphando para o Jornal do Recife protestando a illegalidade de tal eleição, sahio estampado o telegramma no Jornal de 8, o morto que já tinha ficado exasperado pelo atrevimento dos protestos a sua eleição, aconselhou meu immediato espancamento, pois tive o arrojo, a ousadia, de faltar com respeito a vontade do governo.

Só no sabbado depois de surrado, fui sciente que desde o dia 8, os visinhos do logar da aggressão notavam á noite 3 individuos postados em só logar á hora determinada, tendo sempre escapado por seguir caminhos differentes para casa e casualmente, o que sempre se dava.

O depoimento do subdelegado, na parte que diz ter sido o meu aggressor Francisco Stephan, é uma infamia com que se procura fugir a responsabilidade. Só podem ser missivistas do "Prego" os pescadores de escremento humano as portas de seus

adversarios, os pasquinheiros conhecidos, os arruaceiros das noites de 8 a 15 de novembro.

Não conheço os redactores do “Prego” nunca escrevi para ali, desafio apresentarem qualquer escripto firmado ou escripto por mim. O telegramma enviado, antecedendo minha chegada, bem mostra ao publico quanto são pequeninos meus aggressores.

Não podia me queixar á propria policia que me surrou. É falso que o delegado tivesse mandado me chamar, não obstante o capitão Pimentel ter arguido-o; como era que tendo sido eu espancado, não tinha elle agido, respondeu que eu não havia me queixado (unica vez que na sua vida fallou a verdade).

Vicentão, Manoel Fogueteiro e Alfredo Vianna eram e foram os empreiteiros da morte, eram a pura confiança do finado. Mais de uma vez Lydio Guerreiro, commerciante de Brejão, veio ao Palacio pedir garantias, sob as ameaças de Vicentão, Fogueteiro e outros.

Meus inimigos depois de convencidos, de que nunca os acompanharia e de até pelo suborno com dinheiro me conquistarem, desenganados, me votaram toda a sorte de perseguições e começou a campanha difamatoria, sempre altivo, pobre, repeli-os, dando-lhes o desprezo merecido, o que mais os exasperava.

Sou bem quisto na minha infeliz terra, tendo credito em todo commercio, a quem não devo. Raras são as pessôas de destaque d´aqui da Capital, que indo a Garanhuns, não tenham entretido commigo relações de amizade, pelo que tenho aqui verdadeiros amigos, e que agora, vieram e estão vindo trazer o conforto nesta triste situação.

Estou crente que se o sr. desembargador chefe de policia, tivesse conhecimento da celebridade do actual subdelegado, ficaria horrorizado, consentindo na sua nomeação. Palmares é perto, faça-se uma devassa sobre a pessôa do chefe da chacina em Garanhuns, e o pavor será espalhado nesta capital, onde está o

monstro. Executantes fielmente parte da “Lista Negra”. Deus te dará o premio merecido.

O prestigio do chefe de Garanhuns era por força do cangaço, a matutada queria segura sua vida e propriedade. Este já está extenso.

Ultima Noticia

Ás 23 horas, thelephonamos para a residencia do sr. desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia e soubemos que s. exc. tinha recebido ás 20 horas um aviso telegraphico, enviado pelo tenente Theophanes Torres, dizendo esperar a todo momento um novo ataque á cidade de Garanhuns, por um grupo de cangaceiros chefiados por Antonio Rosa, um dos apaniguados do mallogrado coronel Julio Brasileiro.

Até a hora de encerrarmos nosso expediente, o dr. Antonio Guimarães não havia recebido nenhuma outra noticia a respeito do mencionado ataque.

Destaques do Jornal A Província

Recebemos ainda hontem os seguintes despachos de um companheiro nosso que se acha em Garanhuns a serviço desta folha:

Foram presos trez cangaceiros que tomaram parte na hecatombe de 15 do corrente e os capitães José Correia da Silva e Cesar Medeiros Cavalcanti, accusados de connivencia na mesma hecatombe.

O medico do municipio abandonou a comarca, deixando os feridos sem tratamento.

Morreu mais um policial á falta de soccorros medicos.

O carcereiro José Rodrigues de Freiras, chamado de Dudé, acaba de ser preso como indigitado cumplice dos crimes aqui occorridos. Dizem que o mesmo a occasião do ataque soltou

o preso José Nachim, entregando a este um rifle. Dizem mais que, de posse da arma, o alludido preso assassinou os srs. Manoel Jardim e Julio Miranda, estando foragido.

Acaba de ser apresentado ao delegado tenente Theophanes Ferraz, o subdelegado de São Pedro, tenente Alvaro Vianna Brasileiro. O alludido é acusado de ter mandado buscar cangaceiros em Brejão. Acha-se recolhido ao Paço Municipal.

NOTAS

De Garanhuns o coronel José Novaes recebeu o seguinte despacho:

Garanhuns, 19 de janeiro de 1917– Coronel Novaes, commandante Força Publica – Recife. Scientifico v. s. que falleceu hontem soldado Francisco Maciel Pinto. Força sob commando alferes Candido chegou em paz. Saudações, - Tenente Theophanes.

Não foi ainda aberto inquerito sobre a hecatombe aqui havida.

Destaques do Jornal Pequeno

No estado maior do 2º Batalhão na Soledade, continua a ser visitado por amigos e parentes, o capitão Eutychio Brazileiro. É seu advogado o dr. Manoel Henrique Wanderly, que impetrará em favor do mesmo uma ordem de Habeas Corpus ao Superior Tribunal de Justiça.

Os drs. Diniz Passos e Frederico Curio, medicos da policia, por determinação do desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, vistoriaram no estado maior do 1º batalhão da Força Publica, o capitão Francisco Salles Villa Nova, autor do assassinato do coronel Julio Brazileiro o espancado em Garanhuns. O laudo medico legal já foi entregue ao chefe de policia, para os fins de direito.

Chegou em paz o tenente Eulino de Mendonça e o coronel Hemeterio.

Ás 11 horas da manhã chegava á sala das audiencias o capitão Salles Villa Nova, acompanhado do tenente Manoel Carneiro e de duas praças armadas a revolver.

Logo após chegou mais uma força de 6 praças, sob o commando de um sargento, para manter a ordem no recinto da sala das audiencias

O capitão Villa Nova trajava roupa de casemira azul e chapeó de palha usado. A sua physionomia denotava grande abatimento

A sala das audiencias estava replecta de curiosos, assim como de pessoas de responsabilidade que foram assistir a formação de culpa. É advogado do capitão Salles Villa Nova o ilustre dr. Methodio Maranhão da Faculdade de Direito do Recife.

As testemunhas arroladas são os srs. dr. José Lima, Mario Diniz, João Camboim Filho, dr. José Antonio de Almeida Pernambuco e outros mais. Esteve presente ao acto o dr. 1º promotor publico.

A primeira testemunha a depôr hoje na sala das audiencias, foi o dr. José Lima. O seu depoimento é longo, tendo durado mais de uma hora.

O dr. José Lima, referindo-se minuciosamente ao coronel Julio Brazileiro e ao capitão Villa Nova, disse, quanto ao primeiro, que era um homem de trato fidalgo e incapaz de tomar uma vingança igual a que soffreu a victima, podendo ser, quando muito, que algum amigo da victima, extremado, o fizesse por conta propria.

Quanto ao sr. Villa Nova, disse conhece-lo de longa data, como cidadão ordeiro e até dado a obras de beneficencia.

Quando o dr. José Lima fazia essas referencias, o capitão Salles Villa Nova baixou a cabeça e chorou convulsivamente.

A sala de audiencias mantem-se replecta. Uma força de cinco praças está sob as ordens do dr. Paulo Silva. O accusado tem á sua direita o tenente Carneiro e, á esquerda, o seu advogado Methodio Maranhão.

Destaques do Jornal Diário de Pernambuco

Somente hoje deve chegar de Garanhuns a esta capital o tenente Meira Lima, ex-delegado de policia d´aquelle municipio. Por deliberação do cel. José Novaes, commandante da força publica, será submmetido a conselho de investigação.

O delegado Theophanes Ferraz já effectuou 16 prisões de individuos mais ou menos implicados na carnificina da cadeia. Os principaes faccinoras do grupo assaltante fugiram antes da chegada da força. Esta, porem, é insufficiente para desdobrar-se em perseguição dos mesmos, que se presumem acoutados no districto do Brejão e adjacencias.

O total de mortos, inclusive bandidos atacantes fallecidos depois, sobe a 18.

A instancias do delegado e do vigario padre Lyra, o commercio abrio em parte desde hontem, alliviando assim a escassez de viveres nas casas das familias.

Esta tarde foi o vigario procurado pelo sr. Alvaro Vianna, sobrinho do finado coronel Brasileiro, o qual veio recolher-se a prisão, tendo sido entregue ao tenente Theophanes Torres e conduzido ao Paço Municipal.

Sábado, 20 de janeiro de 1917.

Jornal A Provícia Jornal do Recife

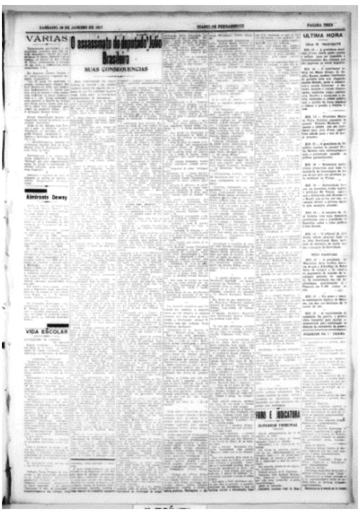

Os successos de Garanhuns

NOTAS SOCIAES


Jornal do Recife

Os successos de Garanhuns

Jornal Diário de Pernambuco Jornal Pequeno


VARIAS

O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUENCIAS

ULTIMA HORA


TELEGRAMMAS

PELA POLITICA

O caso de Garanhuns

A GUERRA NO MAR

THEATRO DO PARQUE

ALMANACH DE PERNAMBUCO

Destaques do Jornal Diário de Pernambuco

Um distincto cavalheiro aqui residente nos mostrou a seguinte carta que lhe dirigira no sabbado passado, dois dias antes da hecatombe, o infortunado Coronel Manoel Jardim, uma das victimas d´esse horroroso morticionio:

Garanhuns, 13 de janeiro de 1917. – Prezado amigo. Saude. Faço-te esta meio adoentado e muito contrariado. De hontem para hoje o irmão do Julio Brasileiro, actual subdelegado, o Alvaro Brasileiro e o cabra "Caju", ex-soldado de policia, mandaram pombear Salles e ás 10 1/2 da noite, depois do cinema, quando elle ia para casa, os tres, com lenços amarrados aos queixos, esbordoaram-no muito, fazendo feridas.

Salles conheceu os tres e já está no dominio publico que elles foram os autores de accordo com o delegado, que serviu de pombeiro.

Dizem os Julistas que inda tem muita gente a apanhar, e penso que si isto é exacto os factos de Canhotinho se reproduzirão aqui, já que o coronel Julio não prohibe aos seus janizaros espancarem pessoas qualificadas, pois, elle pode ver que com isto não ficará sem opposição.

Recebi sua carta, etc. – Do M. Jardim.

Destaques do Jornal do Recife

O Jornal do Recife na edição do dia 20 de janeiro apenas publicou um resumo da Hectombe de Garanhuns e não acrescentou nenhum fato relevante.

Destaques do Jornal A Província

Do nosso companheiro a serviço desta folha naquella cidade, recebemos o seguinte despacho:

Garanhuns, 18. (Retardado) – Chegou hoje a está cidade o alferes Eulino Seraphim de Mendonça que vem garantir, por ordem do Governo, o coronel Hemeterio Souto.

O referido official prendeu dois cangaceiros que tomaram parte na hecatombe.

Quando o trem parou na estação de Glycerio, o tenente foi informado que na plataforma estavam dois suspeitos de participação nos successos de Garanhuns, e seguiam destino para Alagoas. Numa acção rapida o tenente Eulino de Mendonça e o soldado Pisada abordaram os dois individuos dando voz de prisão, se entregando José Narciso Braga, emquanto Minervino Vieira reagiu a prisão sendo o mesmo subjugado pelo soldado Pisada, e trazidos para a cadeia publica de Garanhuns.

Ouvi no Paço Municipal o tenente Alvaro Vianna.

Disse este não ter enviado nenhum telegramma ao seu irmão Alfredo Vianna, residente em Brejão, pedindo remessa de cangaceiros. Accrescentou que, quando houve o tiroteio estava na casa de seu sogro, nesta cidade, acompanhado de sua esposa.

O sargento Pedro Malta e o soldado Manoel João de Oliveira que se achavam na casa de Alfredo Vianna viram o alludido telegramma em suas mãos.

Os capitães José Correia e Cezar de Medeiros Cavalcanti se acham presos no Paço Municipal. O capitão José Correia, declarou que veio de Brejão em companhia de cangaceiros, tendo estes a chefia de Alfredo Vianna.

Adiantou não ter tomado parte nos assassinatos, culpou ser Doca causador de toda essa hecatombe, pois foi quem reunio o pessoal de Brejão, trazendo-os para a cidade.

Consta ainda ao nosso repórter que na cadeia estava preso o faccinora Joaquim Rodrigues da Silva, Joaquim Pae d´Égua, que era suspeito de assassinar o jovem Luiz Gonzaga Jardim, Vibrando-lhe uma punhalada na região carotidiana, procurou tambem ouvil-o.

Elle declarou ter effectivamente tomado parte na tragedia, mas o responsavel pela morte do jovem teria sido o capitão Jorge Vaz.

Perguntando-lhe o nosso representante como explicava o facto de ser apprehendido em seu poder um punhal ensanguentado, não deu resposta.

Terminou dizendo ter procedido do povoado de Brejão com outros companheiros.

O tenente Meira, ex-delegado de Garanhuns, explica a sua ausencia da respectiva cadeia no momento do tiroteio, do modo seguinte:

O mesmo official, minutos antes de ser assaltada á cadeia, estava na mesma, á frente da guarda. Devido, porém, a um recado que recebeu de ir ser atacado pelos cangaceiros o dr. Abreu e Lima, juiz de direito, foi em seu auxilio.

É nessa occasião que se deu o assalto á cadeia, não tendo elle podido se afastar do local onde se achava para assumir o seu posto de honra, isto é, o commando da diminuta força, por ter sido agarrado por familias, que lhe imploravam não abandonal-as, alegando que do contrario seriam tambem victimas dos scelerados.

Destaques do Jornal Pequeno

Do Tenente Theophanes Ferraz o coronel José Novaes recebeu o seguinte telegramma:

Garanhuns – "Coronel Novaes, commandante Força Publica, Recife. – Esposa Cabo Ezequiel Cabral de Souza falecido, acha-se aqui sem recursos algum. Cabo Francisco Maciel Pinto não deixa familia. Sargento Antonio Pedro de Souza, Cobrinha, deixou esposa e mãe velha a quem servia de arrimo. Saudações. Theophanes Torres commandante da Região".

Em vista deste telegramma, o digno commandante da Força Publica providenciou para que fossem remettidos recursos as familias das victimas, até que o Congresso resolva sobre a pensão que para elles vá solicitar.

O ilustre coronel José Novaes digno commandante da Força Publica, recebeu hoje o seguinte telegramma:

"Scientifico v. s. que devido informações recebidas hontem, 9 horas da noite, determinei alferes Eulino de seguir delligencia commandando 14 praças dispensar grupo bandidos homisiados fazenda Riacho, proximidades cidade. Guiava força o soldado Amaro Domingos da Silva, conhecedor da zona. Logo madrugada bandidos, á bala, surprehendeu força, travando-se renhido tiroteio resultando morte scelerado chefe grupo José Basilio da Silva, vulgo Caju, celebre assassino maioria victimas hecatombe dia 15, os quaes não contente, apunhalou ou procurou desfigurar victimas".

Felicito v. s. pelo procedimento alferes Eulino que elogia procedimento soldado Amaro que lutava enfrentando heroicamente bandido Caju. Procedo delligencias forma da lei. Saudações. Theophanes Torres.

Por Trás do Mundo da Notíciav IV

O Tenente Theophanes Torres na posição de delegado tomou todas as providências para manter a ordem e evitar novos ataques. Tiburcio Izídio da Silva ferido pelo jagunço Caju foi assistido pela força, sendo retirado o projétil da coxa.

O Tenente Eulino Serafim de Mendonça chegou a Garanhuns comandando um reforço policial no dia 18 de janeiro. Tiburcio Izídio havia comentado na cela que sabia onde Caju estava escondido. Na tarde daquele dia, o Tenente Eulino de Mendonça se dirigiu com o Cabo José Martins até a cela dos presos e após ordenar que todos ficassem de pé, perguntou qual era o preso que sabia onde Caju estava homiziado.

Tiburcio Izídio ficou surpreso, pois só havia comentado o esconderijo do ex-soldado Caju com os companheiros de cela, João Isidoro da Silveira e Antônio Isidoro de Vasconcelos. Diante da insistência do oficial em saber o destino do criminoso, Tiburcio Izídio não se intimidou com a presença de alguns jagunços que fizeram parte do ataque à cadeia e que estavam na mesma cela, confiando nas palavras do Tenente Eulino Mendonça que garantia a segurança do preso, resolveu relatar o que sabia:

__ Quem disse foi eu excelência. Eu não sou covarde, se for para me matar eu já estou em sofrimento e preso, não sei quando vão me soltar.

O Tenente Eulino de Mendonça fitou Tiburcio dos pés a cabeça, indagando ao preso onde estava escondido Caju.

Tiburcio Izídio sem temer as represálias respondeu ao tenente que Caju estava na casa do sogro no Riacho da Espera, que o criminoso depois de matar os politicos foi até a cela deles e perguntou se eles queriam ser soltos, o que ele respondeu que se ele quisesse soltar, eles achariam bom, foi então que Caju apontou a arma pela grade e atirou na coxa dele, depois querendo matar todos que estavam na cela.

Á noite com uma discrição precisa do facínora o Tenente Eulino de Mendonça reuniu a força e saiu em deligência.

Por volta das 22 horas, à força guiada pelo soldado Amaro Domingos da Silva, conhecedor da região, e comandada pelo Tenente Eulino de Mendonça nas proximidades do Riacho da Espera, seis quilômetros de Garanhuns, é surpreendida por cerrada carga de tiros, travando-se um renhido tiroteio entre a força e os bandidos homiziados. Tenente Eulino de Mendonça deu voz de prisão a Caju, que sobremodo, irritou o criminoso que gritava com impropérios e pilherias que não se entregava. O tempo passava com a perseguição e a troca de tiros, até que o criminoso foi atingido por um disparo, sendo subjugado, mas ainda com vida.

Tiburcio Izídio e os demais presos escutaram na madrugada a melodia de triunfo tocada pelo corneteiro quando a força aproximava-se da cadeia. O corpo de Caju era transportado em uma estaca, amarrado a ela as mãos e os pés do criminoso.

Segundo Tiburcio Izídio o bandido Caju foi violentamente jogado ao chão da cadeia, produzindo um grande estrondo, estava bastante machucado e suas roupas rasgadas. O Cabo José Martins que tinha vindo com a força policial perguntou ao Tenente Eulino o que faria com Caju, respondendo o tenente: __ Mate esse diabo. Dois soldados colocaram cada um o seu revolver nos ouvidos do ex-soldado Caju e detonaram as armas, ficando o rosto descomposto e bastante inchado, escorrendo sangue em grandes borbotões. Tiburcio Izídio que acompanhou toda a cena viu Caju estrebujar, um movimento rápido nas pernas como se tivesse levado uma descarga elétrica. Depois um dos soldados perguntou ao tenente Eulino de Mendonça, o que fariam com o corpo, respondendo o oficial: _ Cava um buraco e joga esse cahorro dentro.

Foi então aberta uma valeta, na Praça da Independência, atual Praça Irmãos Miranda, e enterrado o facínora nas imediações da cadeia.

A versão oficial da polícia afirma que Caju foi morto na troca de tiros e conduzido para a cadeia em uma cama de lona.

Tiburcio Izído da Silva seria solto dezessete dias depois, por alvará de soltura conseguido por Ana Duperron Brasileiro, e liberado pelo delegado Urbano Ribeiro, que susbituira o Tenente Theophanes Torres. Certamente por ser uma testemunha ocular dos acontecimentos na cadeia.

Segunda-feira, 22 de janeiro de 1917.

Jornal do Recife
Jornal A Província


DE TUDO E PARA TODOS

Informações scientificas

Os successos de Garanhuns

IODOLINO DE ORH


A PROVINCIA

TELEGRAMMAS

12 PAGINAS

COMMERCIO

Jornal Diário de Pernambuco
Jornal Pequeno


VARIAS

O assassinato do deputado Julio Brasileiro

SUAS CONSEQUENCIAS

ULTIMA HORA

VIDA ESCOLAR


TELEGRAMMAS

Caxambú

A soberana das aguas de mesa

CIGARROS

SPORT

C.ia Souza Cruz

Leilão

Destaques do Jornal do Recife

Chegou hontem no trem de Alagôas ao Recife, procedente de Garanhuns, o sr. tenente Meira Lima, ex-delegado daquelle municipio.

Fomos aguardar a passagem do comboio na estação de Afogados, afim de ouvirmos aquelle official sobre quem pesam serias responsabilidades na triste hecatombe.

Vinha elle acompanhado de sua familia, com o tenente Eulino Seraphim de Mendonça, ajudante de ordens do desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia.

Aproximamo-nos de s. s. e procurámos argutamente ouvil-o acerca dos acontecimentos, que tanto têm impressionado o espirito publico.

Dissemos-lhe a nossa missão e sem mais delongas ficamos na espectativa de ouvil-o.

O tenente Meira Lima estava abatido e triste.

Disse-nos elle que immensa dor lhe causara a morte de sua filha e aggravavam mais a sua situação as accusações que lhe eram feitas no caso de Garanhuns.

Tinha o intuito de se defender aqui, mostrando a sua inculpabilidade em tudo isso.

E como insistissimos, o tenente Meira Lima nos respondeu:

Quanto aos autores dos crimes e selvagerias praticadas guardo as devidas reservas. Posso, entretanto, dizer-lhe algo sobre a minha defesa.

Tinha eu apenas cinco praças em Garanhuns e quando correu na cidade a noticia do assassinato do coronel Julio Brasileiro grupos e grupos de cangaceiros foram chegando, fiquei annulado sem forças para reagir. Mas, como soubesse que tinha ido um grupo á casa do dr. Borba Junior para o matar, dirigi-me logo para ali e não poupei esforços para evitar qualquer ataque

ao mallogrado medico. Procurando garantil-o levei-o para a cadeia, onde elle ficou até a hora em que eu, attendendo a um chamado urgente do juiz de direito, dr. Abreu e Lima, sahi d´ali.

Foi nessa occasião que se travou o tiroteio.

O dr. Abreu e Lima mandou mostrar-me um telegramma do governador do Estado, no qual ordenava s. exc. que eu desse garantias pedidas por aquelle magistrado.

Na cadeia já estavam outros que me foram solicitar garantias, os quaes eu armei com pistolas "Mauser" para reagirem no caso de ataque, dois rifles mais eu depositei na cadeia, tomando todas as providencias que me foram possiveis.

Quando deixei a cadeia e já me achava na casa do dr. Abreu e Lima ouvi o tiroteio e procurando sahir fui obstado nos meus passos pelo dr. Abreu e Lima.

Os cangaceiros diziam abertamente que esperavam somente a chegada do trem, que conduzia o cadaver para praticarem a carnificina.

Telegraphei ao chefe de policia, pedindo que mandasse forças antes. Todas as providencias tomei. Em tudo isso fui e sou uma victima. Nas estações por onde passei fui vaiado e apodado insultuosamente.

Nada mais nos podia dizer.

O tenente Eulino trouxe para o Recife um punhal que apprehendeu em poder do scelerado "Caju", todo ensanguentado e o qual tivemos occasião de vêr.

Para saltar na estação de Cinco Pontas, o tenente Meira Lima foi guarnecido por quatro soldados emballados.

Destaques do Jornal Diário de Pernambuco

A Carta de Clotilde Ivo

Solicitam-nos a publicação da seguinte carta, que a uma sua prima dirigio a exmª viuva do coronel Satyro Ivo da Silva, uma das victimas da hecatombe de Garanhuns.

Garanhuns, 19 de janeiro de 1917.

Izabel. Cumprimentando-a.

Avalie os meus horriveis soffrimentos; ver meu idolatrado marido sahir segunda-feira pela manhã, tão cheio de vida e satisfeito, e poucos minutos depois voltar do armazem e dizer-me: que haviam assassinado Julio Brazileiro.

Com estas palavras tive uma syncope e depois que melhorei elle voltou para o armazem. Depois, meia hora seguramente, os srs. Antonio Rosa, Alvaro Vianna e José Rosa, com um grupo de cangaceiros, andavam dando tiros pelas ruas.

O commercio fechou-se. Satyro ficou no armazem e os bandidos: __ Abre que queremos te matar; hoje não fica ninguem da facção inimiga.

Não conseguiram abrir as portas e gritaram: agora não conseguimos abrir, porque temos pouca gente, mas quando chegar o povo do Brejão, acaba tudo.

O infame e traiçoeiro Meira Lima veio buscar meu marido, dizendo que o levava para a cadeia para o garantir; que lá já estavam todos os outros.

Eu e elle nos illudimos nas palavras do traidor Meira, pois elle estava de pleno accordo com os Brazileiros e juiz de direito.

Izabel, eu te peço de joelhos, não como prima que sou e sim como uma desgraçada viuva com 5 filhos orphãos de pai, que teu marido e o teu irmão peçam justiça contra os que te vou dar os nomes: Antonio Rosa, Alfredo Brazileiro (vulgo Doca), Eutichio Brazileiro, José Vianna, genro de Julio Brazileiro, o juiz de direito,

Meira Lima, Balthazar, cunhado de Antonio Rosa, João Figueiredo, Ernesto Tavares, Jorge Vaz e muitos outros, sendo que os chefes de todos foram os Brazileiros, o juiz de direito e Meira Lima. (Os Rosas são Brazileiros).

Mostra esta carta a Antonio teu irmão, que não posso mais escrever, com o coração espedaçado de dôr.

Da tua desgraçada e infeliz prima – Clotilde. (37)

De Garanhuns regressou hontem a esta capital, aqui chegando pelo trem commum, ás 19 horas e 40 minutos, o alferes Eulino de Mendonça, ajudante de ordens do dr. chefe de policia, o qual seguira para aquelle municipio logo após o conflicto de 15 do corrente, garantindo o coronel Hemeterio Souto e seus filhos.

O alferes Eulino de Mendonça foi o commandante de uma diligencia no logar Riacho da Espera, a uma légua de Garanhuns. Nesse logar encontravam-se homisiados varios cangaceiros que agiam sob a chefia do bandido José Basilio da Silva, conhecido por "Caju".

A diligencia que sahira da cidade, ás 22 horas daquelle dia. Travára tiroteio com os cangaceiros do que resultou a morte do bandido "Caju", pondo-se em fuga os cangaceiros do morto.

O tenente Eulino ouvido por um reporter do Diario declarou que o bandido "Caju" cujo cadaver foi removido para Garanhuns revelou-se o mais nervoso entre os assassinos que assaltaram á cadeia. fôra elle que apunhalára o dr. Borba Junior e o coronel Manoel Jardim. Ainda foi o bandido "Caju" que acabou de matar a punhal o destemido cabo "Cobrinha" no momento que este agonisava em consequencia dos tiros que recebera.

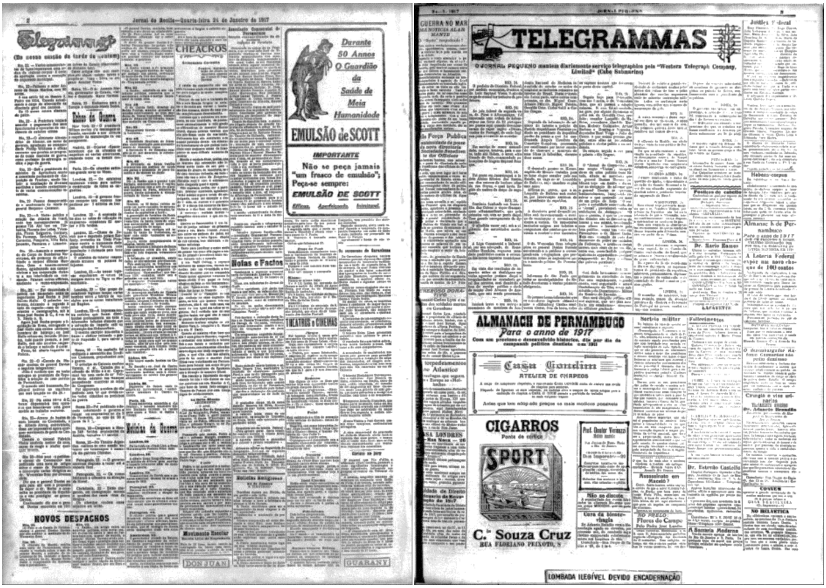
Destaques dos Jornais A Província e Pequeno

Os Jornais apenas reeditaram matérias de fatos já descritos.

Clotilde Ivo se casaria mais duas vezes, com Pedro Ivo (Doca) e depois com Olindor Oliveira, mas os cônjugues não tiveram filhos.

Quarta- feira, 24 de janeiro de 1917.

Jornal do Recife e Jornal Pequeno


Jornal do Recife—Quarta-feira 24 de Janeiro de 1917

Telegrammas

NOVOS DESPACHOS

Noticias da Guerra

Durante 50 Annos O Guardião da Saúde de Meia Humanidade

EMULSÃO de SCOTT

IMPORTANTE

Não se peça jamais "um frasco de emulsão"; Peça-se sempre: EMULSÃO DE SCOTT

Notas e Factos

THEATROS e CINEMAS

DON JUAN

GUARANY

JORNAL PEQUENO

TELEGRAMMAS

ALMANACH DE PERNAMBUCO Para o anno de 1917

Casa Gondim ATELIER DE CHAPEOS

CIGARROS SPORT C.ª Souza Cruz

LOMBADA ILEGÍVEL DEVIDO ENCADERNAÇÃO

Destaques do Jornal do Recife

De Garanhuns chegaram hontem diversas pessoas, algumas das quaes testemunhas da hecatombe verificada em a tarde de segunda-feira, 15 do corrente, da qual foram victimas do punhal e das balas assassinas dos apaniguados da familia do coronel Julio Brasileiro, operosos commerciantes, o saudoso clinico dr. Borba Junior e algumas praças de policia.

Entre os recem-chegados via-se o sr. Floriano Ivo, irmão do major Satyro Ivo, uma das victimas, José Cavalcanti, seus empregados Maxillon Souto e Tunda Souto.

Na manhã do crime, os bandidos foram á firma do major Satyro Ivo, e declararam que morto o coronel Julio Brasileiro não escapava mais um só adversario e queriam vingar-se.

As instancias de um empregado daquelle commerciante, os criminosos, naquella occasião, prometteram nada fazer, deixando para a chegada do cadaver.

O tenente Meira Lima prometteu garantil-o caso quizesse ir para á cadeia. o resultado foi o que todos sabem, a sua morte barbara e cruel, bem como a de seus companheiros.

A comissão de magistrados nomeada pelo governo para proceder em Garanhuns a formação de culpa dos denunciados, ali chegou ante-hontem, hospedando-se em casa para esse fim reservada na rua do Cajueiro.

O inspector Antonio Francisco, que tomou parte no assalto, foi preso pelo tenente Theophanes Torres, o facinora tinha em seu poder quantia avaliada em 5:000$000 que disse ter subtrahido do major Satyro Ivo.

O saudoso coronel Satyro Ivo deixou algodão comprado e recolhido em seus armazens, na importancia de 40 contos de reis. Depois de sua morte, o seu activo e honesto auxiliar Lyndolpho comprou mil e duzentas arrobas daquella fibra textil.

Foi preso ante-hontem o individuo Elesbão de tal que também tomou parte na matança do dia 15.

Prosegue o inquerito em Garanhuns alli occorrida no dia 15 de mez ultimo, da qual foram victimas 16 pessoas.

Ao que nos informou um passageiro chegado ante-hontem daquella cidade, estão sendo apuradas as respondabilidades no facto delictuoso de diversas pessoas a 2º tenente reformado do exercito Padilha, que se achava residindo em Garanhuns, no dia em que occorreu a hecatombe.

Accrescentou o nosso informante que dentre os depoimentos prestados ao juiz de direito alludido inquerito, figura um de muito valor dado por uma filha do bandido "Caju", que tomou parte saliente no ataque da cadeia.

A depoente disse entre outras cousas que o seu pae foi armado de rifle e municiado pelo citado official.

Destaques do Jornal Pequeno

O coronel Carlos Lyra, abastado usineiro e proprietario do Diario de Pernambuco, esteve, hontem, com o coronel José Novaes, digno commandante da Força Publica, o qual foi entregar o donativo de 2008, sendo 100$800 para a progenitora de Cobrinha comprar um casebre e mais 100$800 para a familia dos destintos soldados mortos heroicamente na cadeia de Garanhuns.

O coronel José Novaes agradeceu, pondo em ordem do dia, o generoso donotivo do coronel Carlos Lyra.

Vindo da Bahia acha-se entre nós o respeitavel sr. dr. Antonio Borba, pae do inditoso e pranteado medico Antonio Borba Junior, falamos com s. s.

Foi dolorosa a nossa impressão ao vermos o estado consternadissimo em que se acha o desolado pae.

Affirmou-nos elle que veio a esta cidade receber os objectos que pertenceram ao seu inesquecivel e querido filho, o que, aliás, ainda não tinha podido fazer, e tambem apresentar agradecimentos a todas as pessoas que têm derramado lagrimas de saudades por seu filho tão covardemente assassinado.

O dr Antonio Borba tem sido visitadissimo por crescido numero de cavalheiros que vão dar-lhe pezames, almadiçoando os assassinos correligionarios e amicissimos dos Limas.

O tenente Theophanes Torres e o sargento Manoel Correia Melo capturaram dois envolvidos nos delictuosos fatos de

Garanhuns, Agotinho Gago e Felipe Julio que estavam homicidiados no municipio de Canhotinho.

No Hospital Pedro II falleceu hontem (28/01/1917), á tarde o cabo da Força Publica Manoel João de Oliveira, que havia sido gravemente ferido nos sangrentos successos de Garanhuns.

O enterro do referido cabo teve logar á tarde, no cemiterio publico de Santo Amaro, onde lhe prestou as ultimas homenagens uma guarda de honra. Ao enterro, alem de innumeros soldados do 1º, 2º e 3º batalhões compareceram o coronel José Novaes, commandante da Força Publica capitão Davino Ribeiro Senna e alferes Ramiro.

Falleceu hoje no Hospital Pedro II (02/02/1917), o cabo da Força Publica Pedro Antonio Dias, um dos soldados que sahiu gravemente ferido nos sangrentos successos de Garanhuns. O enterro terá logar amanhã no cemiterio publico de Santo Amaro, onde lhe serão prestadas as ultimas homenagens.

Destaques Jornalisticos de março á outubro de 1917

Os jornais da Capital Pernambucana que cobriram a hecatombe de Garanhuns de março á outubro de 1917 em muitas publicações recapitulam matérias, sendo destaque o recolhimento do tenente Antônio Padilha ao 49º Batalhão de Caçadores por ordem do general Joaquim Inácio, a prisão do Prefeito Capitão Thomaz Maia e Domingos Deletieri, acusados de fornecerem gasolina para os sicários incendiarem os armazéns dos adversários políticos, as solicitadas por Rocha Carvalho e Souto Filho em resposta as acusações de coparticipações no assassinato de Júlio Brasileiro pelo Dr. Leolpodo Lins, a entrega do relatório de formação de culpa dos acusados pela Hecatombe de Garanhuns ao Superior Tribunal de

Justiça pelo Dr. José Francisco Ribeiro. Destacamos algumas notas que merecem destaques:

Suspensa a Linha de Tiro nº 45 – Jornal A Noite – 10 de fevereiro de 1910.

O comandante da 2ª Região Militar, general Joaquim Ignacio, comunicou a ministro da Guerra, que a Linha de Tiro nº 45, existente na cidade de Garanhuns, havia tomado parte saliente na hecatombe, em vista disso, o ministro da Guerra ordenou temporariamente a suspensão da aludida sociedade de tiro da Confederação.

Tentativa de Fulga do Tenente Antônio Padilha – Jornal A Província - 07 de julho de 1917

O 2º tenente reformado do exercito, Padilha, que se acha recolhido ao estado maior do quartel central da Força Pubica do estado, como um dos implicados na hecatombe de Garanhuns, dirigio ha dias uma petição ao sr. desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia, pedindo para visitar uma pessoa de sua familia que se encontra doente. Essa petição foi indeferida pelo sr. desembargador chefe de policia.

Nesse sentido, hontem o mesmo official fez chegar ás mãos daquella autoridade uma outra petição, que ainda dessa vez teve despacho desfavoravel.

O tenente Padilha já tentou fugir da prisão ha dias, quando recolhido ao estado maior do quartel do 2º batalhão na Soledade.

Para isso, elle fardou-se, conseguindo transpor o portão do respectivo quartel, sendo preso já na rua, por ter a sentinela dado grito de alarma.

Captura do Capitão Fausto Galo – Jornal de Recife – 26 de outubro de 1917.

Fauto Galo estava homiziado no interior da Bahia, sendo preso pela policia baiana em 17 de outubro de 1917 e transportado no dia 24 de outubro no navio Paquete Brasil, sendo escoltado pelo tenente Rogaciano de Melo e por duas praças da policia, tendo saltado na lancha da polícia marítima e recolhido ao quartel do 2º Corpo de Polícia, por ser oficial da Guarda Nacional. Na ocasião do desembarque, Fausto Galo, trajava terno de casemira cinzenta, chapéu da mesma cor e botinas amarelas.

Interrogatórios do Dr. Francisco Ribeiro Pessoa – Jornal A Província

Ressaltamos a atuação enérgica do Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa ao interrogar os acusados dos crimes praticados na cadeia de Garanhuns. Entre eles, Antonio Paes da Silva Rosa, que foi ouvido no dia 31 de março de 1917, e cujo interrogatório transcrevemos o que foi publicado pelo Jornal A Província no dia 01 de abril de 1917 na grafia atual:

Diante do Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa em seu depoimento o septuagenário Coronel Antônio Paes da Silva Rosa acusado de participação nos crimes, desdenhava das acusações apresentadas pelo juiz:

__ O senhor invadiu a casa do Dr. Borba Junior e depois ameaçou o falecido médico com um facão sobre a sua cabeça, dizendo que a abriria em duas bandas?

__ Nunca estive na casa desse médico.

__ Várias testemunhas interrogadas, afirmam a sua presença nos grupos dos criminosos que ficaram ameaçando a vida das vítimas e depois confirmam a sua presença armada no ataque à cadeia.

Antônio Paes com uma postura imponente e com um sorriso irônico refutou:

__ Nenhuma acusação dessas é verdadeira.

O Dr. Ribeiro Pessoa perdeu a tolerância e respondeu impetuoso:

__ O Senhor não tem vergonha de mentir, me admira o senhor não negar o próprio nome. Vou deixar-lhe tanto tempo de pé que você há de cair prostrado, só assim fico satisfeito.

O Coronel Antônio Rosa com um riso de comiseração se pós de pé, enquanto o juiz apresentou um fato para mostrar o tamanho da frieza e monstruosidade do suspeito:

__ O senhor assistiu ao enterro das vítimas?

__ Não. Respondeu o Coronel sem pestanejar.

__ O Senhor é um mentiroso, assistiu sim ao enterramento das vítimas da Hecatombe, pois, foi visto por todos os familiares e por outros moradores da cidade.

__ São as mesmas testemunhas que estão tentando me incriminar?

__ Muitas dessas testemunhas são os seus comparsas. Você não contava com essa, ser preso e findar os seus dias na cadeia. Você um homem velho, de cabeça branca, igual a minha, com diferença da careca, é de ser você um réu e eu ser um juiz, encarregado de mantê-lo na cadeia e de você ir para o inferno e eu para o céu.

__ A ida Dr. Ribeiro, de um ou outro para o inferno, somente a Deus é dado prover.

__ Só digo-lhe que vou mantê-lo no xadrez, se disso dúvida.

Em uma nota paga no Jornal A província datada de 12 de abril de 1917 um leitor com o pseudônimo de O Solitário da Serra, faz severas críticas aos interrogatórios de José Teles e do Capitão José Correia Paes da Rocha feitos pelo Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa. Diz o anônimo em sua nota:

Na prática dos atos, entre outros, decretou a prisão preventiva de José Teles e sua mulher, o primeiro cego dos dois olhos, incapaz de dá um passo sem guia e a segunda há muito tempo doente, que só carregada em uma cadeira e amarrada pode ser conduzida á enxovia infectada daqui.

Devo, porém, narrar o que mais se passou no interrogatório do Capitão José Correia. Este interrogatório foi regido de modo ambíguo que dava lugar a interpretações diferentes e não correspondia ao que disse o interrogado. O homem não se conformando com isto, após ter lido seu depoimento protestou, declarando o homem que não o assinaria.

Deu isso lugar a irritação do homem que nesta ocasião ameaçou o Capitão Correia de sair em procissão pela cidade acompanhado de quatro praças, estas naturalmente fazendo o papel de anjinhos da mesma.

Afinal teve ele de sujeitar-se a fazer as ressalvas exigidas, para que fosse o auto assinado.

Até onde rebaixaram a Justiça pernambucana e direi parodiando a frase do insigne orador português: Infeliz comarca de Gravatá, eu dou-te os meus pêsames.

Indiciados Pelo Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa

Crimes funcionais: 1. Dr. Juiz de Direito, José Pedro de Abreu e Lima, **2.** Tenente da Força Pública do Estado, Antônio Pimentel Meira Lima, **3.** Capitão Eutíquio da Silva Brasileiro, Subdelegado em Garanhuns, **4.** Francisco Teles Furtado, Subdelegado do Distrito de São Pedro**, 5.** Luiz de França Araújo, vulgo Luiz Calangro, Juiz Distrital do Povoado de Brejão, **6.** João Perigoso, Inspetor de quarteirão em Serrinha**, 7.** Antônio Francisco da Silva, Inspetor de quarteirão em Garanhuns, **8.** José Rodrigues de Freitas, Dudé, Carcereiro da cadeia.

Responsáveis: 9. Anna Duperron Brasileiro, **10.** Tenente Reformado do Exército, Antônio Padilha, **11.** Martiniano Esteves

dos Santos, **12.** Antônio Gomes de Oliveira, vulgo furão, **13.** Santino Aleixo de Barros, vulgo Santino Baio, **14.** Joaquim Rodrigues da Silva, vulgo Pai d´Égua, **15.** Capitão José Correia Paes da Rocha, **16.** Tenente-Coronel Antônio Paes da Silva Rosa, **17.** João Gomes de Oliveira, **18.** Abílio Paes de Lira, **19.** Antônio de Freitas, vulgo, Antônio Cotó, **20.** Manoel de Oliveira Dantas, vulgo Foqueteiro, **21.** Avelino Gomes da Silva, **22.** Alfredo Brasileiro Viana, vulgo Doca, **23.** Tenente Álvaro Brasileiro Viana**,** **24.** José Bezerra da Silva, vulgo José Flor**, 25.** Minervino Vieira, **26.** José da Silva Braga, **27.** Arthur Pedroso Vieira**, 28.** Antônio Pedro Francisco, vulgo Molequinho, **29.** Antônio Gomes de Lima, **30.** Elesbão Barros e Silva, **31.** Antônio Paes Bezerra, vulgo Antônio Salvador, **32.** Sebastião Firmino da Silva, vulgo Pecó, **33.** Eriberio Cordeiro Burgos, **34.** Leopoldo Barbosa, vulgo Bolachão, **35.** José Brasileiro Viana, **36.** Antônio Rosa Filho, **37.** José Rosa, **38.** Fausto Galo, **39.** Jorge Vaz, **40**. Ormindo Pires, **41.** Álvaro Paes, **42.** Antônio Severo de Lima, **43.** Justino Borges, **44.** Manoel Sotéro de Lima, **45.** Candido Julião, **46.** Severiano Duda**, 47.** Agostinho José da Costa, **48.** Balthazar Camilo de Souza, **49.** Ernesto Tavares**, 50.** Pedro Cara-Dura, **51.** Manoel Rosa, **52.** Antônio Baio, **53.** João Figueiredo, **54.** João Faustinho, **55.** João Chicúca**, 56.** João Cavalcanti, **57.** Arthur de Joana ou Joaquim Pesão, **58.** Quirino Florentino, **59.** Otávio alfaiate**, 60.** Manoel Faustino**, 61.** José Felix Cara-Dura, **62.** Jacinto Ferreira, vulgo Mosca Preta, **63**. Clementino Barbosa, **64.** Capitão Cesar de Medeiros Cavalcanti, **65.** José Izidoro, vulgo Zé de Nanquicha**, 66.** Pedro Vicente, vulgo Pedro Bio, falecido, **67.** Bernardino Oliveira, falecido**, 68.** Vicente Ferreira, vulgo Vicentão, falecido, **69.** José Basílio dos Santos, vulgo Caju, falecido, **70.** Manoel de tal, vulgo Neguinho, **71**. Antônio Ferreira de Melo, vulgo Antônio Chicuca.

Co-Indiciados: 72. Francisco Caldas, **73.** Deusdedit Maia**, 74.** Maria Eliza Peixoto Sampaio, esposa do farmacêutico Jacome Coelho de Matos Sampaio. **75.** Maria Luiza Duperron Brasileiro**,**

76. João Abreu, **77.** João Mendonça da Silva, **78.** José Barbosa da Silva, vulgo José Lira.

Cúmplices: 79. Capitão Thomaz da Silva Maia, **80.** Jacome Coelho de Matos Sampaio**, 81.** José Teles Furtado**, 82.** Maria Teles Furtado**, 83.** Luisa de Barros Acioly, vulgo Sinharinha**, 84.** Joaquim Gualberto da Costa, vulgo Joaquim Vaz, **85.** Nicolau Diletieri.

Entre os indiciados considerados responsáveis pela Hecatombe de Garanhuns, alguns criminosos estavam foragidos e outros que tiveram efetiva participação do ataque à cadeia conseguiram escapar do inquérito e formação de culpa.

CAPITULO III

O JULGAMENTO DO CAPITÃO SALES VILA NOVA

Jornal Pequeno dias 11 e 12 de dezembro de 1917


TELEGRAMMAS

SUPER-ALE E TRIESTINA

ETIENNE OSWALD

CIGARROS YOLANDA 333 MISTURA COM VALES 300 REIS C.ia SOUZA CRUZ


TELEGRAMMAS

CONVITE

CIGARROS YOLANDA 333 MISTURA COM VALES 300 REIS C.ia SOUZA CRUZ

Bebam as cervejas SUPER-ALE E TRIESTINA

ETIENNE OSWALD

Jornal do Recife - 12 de dezembro de 1917
Jornal A Provícia - 12 de dezembro de 1917

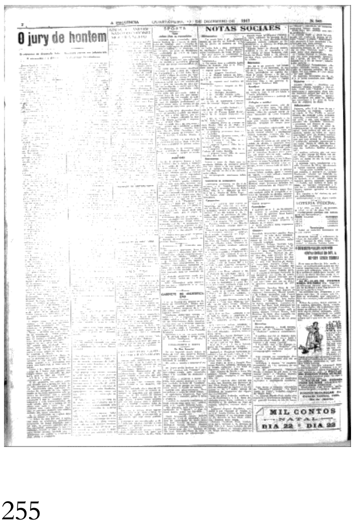

O JULGAMENTO DE HONTEM

1.000 CONTOS

A SITUAÇÃO SERGIPANA

CIGARROS York

PHOSPHOROS OLHO A VENDA EM TODA PARTE


O jury de hontem

NOTAS SOCIAES

MIL CONTOS NATAL DIA 22 DIA 23

O julgamento do Capitão Sales Vila Nova estava marcado para o dia 04 de dezembro de 1917, mas o Superior Tribunal de Justiça suspendeu o julgamento remarcando para o dia 11 de dezembro de 1917. Devido aos calorosos debates entre a defesa e a acusão o veredicto só foi pronunciado na madrugada do dia 12 de dezembro.

Como os jornais reproduziram a sessão com pouquíssimas diferenças, para que não se torne uma leitura repetitiva e individual de cada jornal, passo a narrar o julgamento a partir das informações contidas nos jornais, o que dará uma visão mais ampla dos acontecimentos naquele dia no Tribunal do Juri.

A manhã de 11 de dezembro de 1917, um dia insolado, de nuvens ermas no céu da Capital Pernambucana, chegava abrindo um horizonte de expectativas sobre o julgamento do Capitão Sales Vila Nova e Melo que aconteceria naquele dia e que era cercado de grandes expectativas sobre o seu desfecho.

No Supremo Tribunal de Justiça de Pernambuco, uma estrutura solene, de três andares, imponente portal da Rua do Imperador, na margem do rio Capibaribe, a galeria já estava aberta e em seus corredores, advogados, repórteres, fotógrafos e muitos curiosos acorriam à sala do júri para ocuparem os melhores lugares. A sessão do júri era resguardada por dez praças sob o comando do Sargento Thomaz Cavalcanti.

Ás 10h50 entrava no júri o Capitão Sales Vila Nova, acompanhado do 2º Tenente Nelson Leobaldo de Moraes. O Capitão Sales Vila Nova trajava um terno preto de casimira, camisa branca, gravata de laço de cor marrom, chapéu de feltro e botinas pretas. Entrou na sala do Júri ladeado pelo seu advogado D. Brito Alves, trazendo no rosto traços de confiança.

Em seguida entrou o Dr. Paulo Tacio da Silva, Juiz Municipal da 1ª Vara, que presidiria a sessão, em virtude do Dr. Santos Moreira ter jurado suspeição. Dr. Paulo Tacio entrou na

sala do júri, ladeado pelo doutores José Cavalcanti Paes Barreto, escrivão, e o Promotor Francisco Barreto Rodrigues Campelo, que substituiria o Dr. Clovis Wanderley que jurou suspeição, por ser irmão do advogado de acusação, o seu genitor Dr. Manoel Henrique Wanderley, advogado da família Brasileiro.

Após alguns minutos de atraso, ás 12h10 o Dr. Paulo Silva fez a chamada dos jurados verificando-se estarem presentes 25, faltando 2 para haver número legal. Propôs então o juiz ao Promotor Barreto Campelo e ao advogado de acusação esperar até às 13 horas o comparecimento de mais dois jurados, para que a sessão não fosse adiada, no que foi atendido em seu pleito.

Ás 13 horas, havendo número legal de jurados, o Dr. Paulo Silva abriu a sessão e solicitou ao Dr. Henrique Wanderley para verificar os nomes dos jurados. Dirigindo-se aos jurados, recomendou a maior imparcialidade, pois se tratava de um caso que tem despertado interesse pelas circunstâncias que o revestia.

Depois pediu ao Capitão Sales Vila Nova que ficasse em pé, e lhe perguntou se ele tinha advogado, respondendo Sales que sim, que lhe assistiria o Dr. Brito Alves.

Quando seria realizado o sorteio, o Dr. Brito Alves pediu a palavra, apresentando ao juiz um requerimento solicitando a retirada do Dr. Henrique Wanderley como auxiliar da acusação, pois o Artigo 408 do Código Penal só admitia que se auxiliasse a acusação dando informações e detalhes que pudessem encaminhar bem o processo e o advogado acusador era escolhido pela esposa da vítima, Dona Ana Duperron Brasileiro, que no momento se encontrava foragida em vista de um mandato de prisão, não podendo a viúva delegar poderes a alguém.

O Dr. Barreto Campelo admoestou a opinião do representante da defesa, com a voz enérgica que lhe era peculiar discordou dizendo:

__ Lamento dilucidar meu caro colega, Dr. Brito Alves, mas o Artigo 408 não tem efeito no caso presente, pois a Lei

Estadual nº 99 permite que a família da vítima apresente um ou mais auxiliares de acusação. E para lhe esclarecer, já que o nobre advogado não tem acompanhado as noticias, a senhora Ana Duperron encontrasse no sítio do seu cunhado, Dr. Leopoldo Lins, a estrada de João de Barros número 22.

Dr. Brito Alves se opôs a decisão, mas não retrucou. O presidente da sessão acabou por indeferir a petição do advogado de defesa, secundando a palavra do promotor público e declarando que a Lei como de costume permitia a aceitação de um ou mais auxiliares de acusação.

Apaziguados os ânimos, se procedeu ao sorteio dos jurados, eram perceptíveis os rostos aflitos e olhares angustiados trocando mensagens.

Realizado o sorteio o corpo de jurados ficou composto dos seguintes componentes: Júlio Gregório de Almeida, Dr. Aprígio de Farias, Manoel Bernardo Carmo Ferreira, Antenor dos Santos Pinto, Henrique Hugo Pereira Dutra, Dr. Nilo Dorneles Câmara, Feliz Francisco das Chagas, Antônio Odorico de Gouveia Uzeda e Joaquim Firmo Silva Câmara.

Os senhores Antônio Aquilino de Campos, Arthur Soares da Silva e Eysio Nahim de Souza Goudim, não foram admitidos por suspeição.

Ás 13h50 foi iniciado o julgamento, procedendo a leitura do volumoso processo o escrivão Paes Barreto, o qual o Capitão Sales Vila Nova e Melo era pronunciado pelo crime previsto no art. 294, parágrafo 1º, do Primeiro Código Penal da República. O artigo tratava do homicídio e previa de 12 a 30 anos de prisão. O Capitão Sales Vila Nova também pelos ferimentos causados ao Dr. Olimpio Freire de Carvalho, juiz municipal de Igarassu e o popular Luiz Marques de Oliveira. A leitura do Processo foi concluída ás 14h45 aproximadamente, quando teve a palavra o Dr. Barreto Campelo, que numa acusação vigorosa, analisou o crime com todos os agravantes, defendendo a tese de um crime

premeditado, sem chances de defesa para a vítima, o qual o criminoso agiu em emboscada, não constando no auto de flagrante delito feito pelo escrivão da polícia, Tenente Eutaquio Macedo França, nenhum registro de perturbação mental do réu quando este foi preso pela polícia no Hotel Luzitano.

Às 16h05 o Promotor concluiu sua acusação, passando a palavra ao Dr. Henrique Wanderley que durante cinquenta minutos secundou a tese do promotor, declarando ter o réu premeditado o crime, que viera armado para o Recife e procurou pela vítima na recepção do Hotel Universo e como foi informado que ele não se encontrava, não descansou enquanto não o encontrou no terrasse do Café Chile. Dr. Henrique Wanderley com o auto de exame cadavérico mostrava as fotos de Júlio Brasileiro em sua autopsia, e questionava o jurado e a plateia se o réu não havia agido de forma traiçoeira ao atingir a vítima, pois o primeiro tiro atingiu o Coronel Júlio Brasileiro na boca. O advogado de acusação concluiu sua oratória lendo trechos de um livro de Tobias Barreto e mais dois livros: Patologia de Ascânio Peixoto e Deliquentes Passionais de Lucerna.

Capitão Sales Vila Nova, com um semblante contemplativo, permanecia de cabeça baixa e absorto.

Quando o Dr. Brito Alves tomou a palavra os ponteiros marcavam 17 horas em ponto, caminhando em volta dos jurados e da mesa do juiz, tentou destruir a acusação produzida. O advogado citou a vida do seu constituinte, as suas ações em Garanhuns, organizando instituições altruísticas, os prêmios que recebeu nas exposições de Bruxelas e Turim, mostrando algumas fotografias de instituições religiosas, literárias e dos trabalhos feitos na defesa dos flagelados da seca de 15 em que o seu constituinte foi um dos fundadores do Comitê pró-flagelados, sendo fundador ainda de uma sociedade mortuária. Depois afirmou que o Capitão Sales Vila Nova, passou a ser perseguido por não seguir as orientações políticas da vítima, sendo proibido

de exercer a profissão de rábula por ordem do Coronel Júlio Brasileiro. O ilustre advogado citou um fato em que o Capitão Sales Vila Nova ao soltar alguns fogos em comemoração pela nomeação de alguns ministros do P.R.C. foi apedrejado pelo molecório chefiado pelo Sr. Álvaro Viana e ainda por cima lhe sacudiram esterco de cavalo em pleno dia. Na conclusão de sua oratória o Dr. Brito Alves olhando firmemente os jurados questionou como aquele réu poderia prestar queixas a um delegado que no dever do seu ofício abandonou a delegacia, deixando que vidas fossem trucidadas por criminosos sanguinários, os mesmo bandidos que tentaram invadir a casa do Capitão Sales Vila Nova para matar sua mãe, esposa e filhas e ainda foram ao Sítio Jardim com as mesmas intenções diabólicas de preparar uma cilada, e aquele delegado nada fez para conter os verdadeiros assassinos. Surradores e abutres de gabinetes.

Quando o Dr. Brito Alves mencionou abutres de gabinetes, o juiz Dr. Paulo Tacio da Silva advertiu o advogado para que ele não se desviasse do corpo de sua ação, fazendo alusões nem a política dominante, nem a decaída.

Concluindo, afirmou que o réu não devia ser considerado o maior criminoso por ter premeditado o assassinato que foi vítima o Coronel Júlio Brasileiro, pois os grandes criminalistas afirmam que, recebendo uma afronta, após analisar o mal conceito em que vai ter na sociedade, comete-se o crime depois de algum tempo de recebida a ofensa.

Feita as considerações finais, e terminado o discurso as 21h30, o Presidente do júri concedeu uma hora para se fazer um lanche.

A sessão foi reaberta novamente às 22 horas. O Promotor Dr. Barreto Campelo, começou a réplica afirmando que a defesa foi feita pelo lado sentimental e que todos deviam estar comovidos pela exposição patética do advogado do réu, que em toda sua oratória mencionava as lágrimas derramadas pela

genitora do criminoso, mas se o Conselho de Sentença analisasse friamente e ponderadamente o que iria resolver, deve alhear-se a esse sentimentalismo, que nada adianta, pois se a família do réu chora com toda a razão a sorte do réu, também com razão derramam lágrimas os parentes daquele que tombou vítima das suas balas assassinas. O Promotor fez uma breve pausa, olhou novamente para os jurados e continuou a réplica:

__ Pobre do país em que a Justiça não pune os criminosos, deixando-os livremente, a maior liberdade possível para na primeira ocasião que lhe apresentar demonstrar a sua animalidade, tirando a vida do próximo pela menor ofensa recebida que, se pensassem na cadeia, resolveriam com calma e prudência.

Uma sociedade que não há Justiça ficará irremediavelmente perdida. Portanto, abstendo-se do sentimentalismo que às vezes é produzido pelas belas palavras de um orador, deve-se procurar a Justiça e para isso é preciso mais ponderação nas decisões e analise fria e desapaixonada.

O representante da Justiça Pública terminou a sua oração á meia noite, dizendo que esperava que o Conselho de Sentença cumprisse o seu dever, a fim de não se repetir essa série de crimes que vem perpetrando em Pernambuco e que dessem a punição ao grau máximo de pena.

Muitas pessoas, apesar do julgamento está entrando pela madrugada ainda permaneciam nas galerias do Tribunal.

O Dr. Henrique Wanderley, advogado da família Brasileiro, ocupou o lugar do Promotor Barreto Campelo, principiou a sua réplica mostrando aos jurados e plateia uma solicitada publicada no Diário de Pernambuco e que havia circulado dias antes de ser covardemente assassinado o Coronel Júlio Brasileiro, e que aquela solicitada era uma ameaça à vida do coronel, como dias depois de sua publicação o crime se concretizou. O auxiliar de acusação agitado e com convicção da

condenação do réu, fitava o Capitão Sales Vila Nova com desdém apresentando provas contra o réu:

__ A solicitada que está publicada no Diário de Pernambuco é uma prova que a vida do Coronel Júlio Brasileiro estava ameaçada, lerei a frase que comprova que havia um complô contra a vítima organizado por seus inimigos: O Coronel Brasileiro não ganhará as eleições e se for eleito não assumirá. Querem uma prova mais contundente, que havia uma trama organizada contra a vítima por seus inimigos, e que o gatilho puxado por este assassino fora engatilhado pelos inimigos políticos do Coronel Júlio Brasileiro?

O réu praticou o crime covardemente, no gozo perfeito de suas faculdades, pois viera a esta cidade no firme propósito de assassinar o Coronel Júlio Brasileiro, o que realmente efetuou, o que não pode ser contestado em vista das declarações do criminoso á polícia e a imprensa.

É de conhecimento dos moradores de Garanhuns que o acusado foi esbofeteado por um praça da policia e até de uma tal Maria Venâncio, mulher de baixa esfera e não tomou vingança, o que prova que o seu ato assassinando o referido coronel, não se prende ao ultraje por ele sofrido em Garanhuns e que supõe ter sido a mandado da desventurada vítima. Pergunto: Sendo ele um vendedor de bilhetes da Lotéria, como essa profissão lhe daria recursos para empreender viagens, se hospedar em hotéis e publicar notas pagas em jornais? Afirmo que o Coronel Júlio Brasileiro não tinha prevenção contra o acusado, pois pretendia empregá-lo nesta Capital a pedido da sua velha mãe e do vigário de Garanhuns que intercederam para isso a um amigo da vítima, a fim de ser o Capitão Vila Nova afastado daquela localidade no intuito de evitar consequências desagradáveis. Esta confirmação pode ser demonstrada por documentos que estão em poder do réu.

Concluo minha oração pedindo ao Conselho de Sentença que façam justiça, pois o réu estava consciente ao praticar o crime covarde, o criminoso veio ao Recife, mais antes visitou vários adversários políticos da vítima em Garanhuns, o que mostra a existência de um complô para eliminar a vida do chefe político daquela cidade, pois estavam inconformados com a acachapante vitória do Coronel Júlio Brasileiro. Espero que a justiça seja feita.

Aos 20 minutos do dia 12 de dezembro, o Dr. Brito Alves, ocupou a tribuna começando a réplica sob os olhares atentos dos jurados e da plateia. O ilustre advogado reiterou o que já havia proferido em defesa do seu constituinte, rebatendo as acusações de complô do Dr. Henrique Wanderley, advogado auxiliar de acusação, afirmando que ele apresentara ao Júri provas infundadas, que os adversários políticos do Coronel Júlio Brasileiro assassinados na Cadeia Pública de Garanhuns, eram homens de posses, e que se quisessem matar o Coronel Brasileiro, não seriam tão ingênuos de mandar o Capitão Sales Vila Nova executar o crime e não teriam permanecidos em Garanhuns se algo devessem, pois tiveram suas vidas ameaçadas pelos malfeitores da lei desde a notícia da morte do Coronel Júlio Brasileiro e não fugiram da cidade, pois não tinham qualquer envolvimento nesse crime, se existiu um complô esse realmente foi organizado na casa dos Brasileiros.

A réplica do Dr. Brito Alves que terminou a 1h10, causou boa impressão no espirito da numerosa assistência, o que pareceu também influenciar os membros do Conselho de Sentença, que foram chamados a Sala Secreta, julgando os seguintes quesitos apresentados pelo presidente da sessão:

1º - O réu Capitão Francisco Sales Vila Nova e Melo, às 21 horas de 14 de janeiro do corrente ano, em frente ao Café Chile, assassinou a tiros de revólver o Coronel Júlio Brasileiro, fazendo na pessoa deste os ferimentos descritos no auto de exame cadavérico de fls. 8 a 10?

2º - Esses ferimentos por sua natureza e sede, foram à causa eficiente da morte do ofendido?

3º - O réu cometeu o crime com premeditação, mediando entre a deliberação criminosa e a execução, o espaço de 24 horas?

4º - O réu cometeu o crime com surpresa?

5º - Existem circunstancias atenuantes?

Dr. Brito Alves numa manobra jurídica conseguiu que o presidente da sessão, mesmo com os protestos da procuradoria e do auxiliar de acusação acrescentasse um quesito o qual foi à tônica da sua defesa.

__ O réu Capitão Sales Vila Nova se achava em estado de completa privação de sentido e inteligência no ato de cometer o crime?

Sala de sessões do júri, 11 de dezembro de 1917. Dr. Paulo Tacio Silva.

Terminada a votação, os jurados retornaram a sala do juri. O Dr. Paulo Silva postado ao centro da mesa pediu para que o Capitão Sales Vila Nova ficasse de pé e os demais presentes, sendo lido pelo jurado Nilo Câmara os quesitos com a decisão do Conselho de Sentença, tendo as seguintes respostas:

Ao 1º - sim;

Ao 2º - sim;

Ao 3º - não;

Ao 4º - não;

Ao 5º - sim.

E ao quesito apresentado pela defesa

Sim.

Feita a leitura da decisão do Conselho de Setença o juiz Dr. Paulo Silva dá o veredicto:

__ Em vista ao acolhimento apresentado pela defesa do acusado pelos jurados, posto isto e por tudo mais que nos autos consta, acolho a manifestação do Dr. Antônio de Brito Alves e julgo improcedente a presente ação penal, absolvendo o Sr.

Francisco Sales Vila Nova e Melo da prática de crime previsto no Artigo 294, Parágrafo Primeiro do Código Penal da República. Que seja expedido Alvará de Soltura, voltando o mesmo ao 1º Batalhão da Força Pública, onde deverá ser posto em liberdade amanhã.

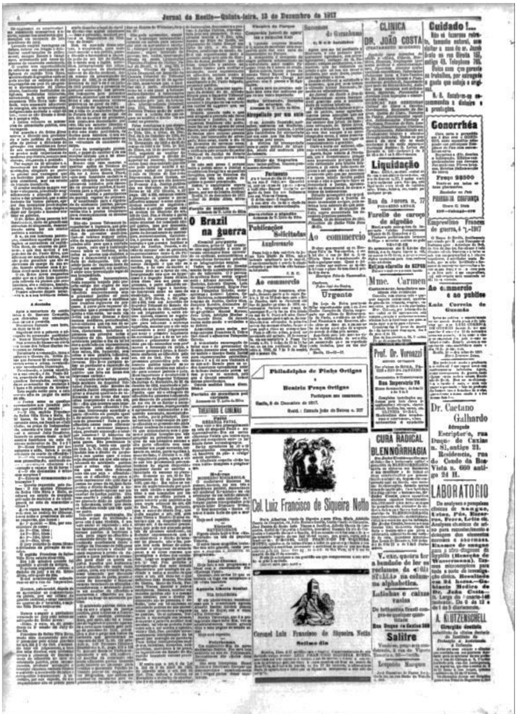
Não há custa.

Oportunamente, arquivem-se.

A galeria foi tomada por confraternizações calorosas e aplausos efusivos, enquanto o Capitão Sales Vila Nova extremamente comovido era saudado pelos amigos e familiares, pedindo o juiz Paulo Silva que não houvesse manifestações no recinto, mas as manifestações se estenderam até a Rua do Imperador.

Jornal do Recife – 13 de dezembro de 1917

Carta do Capitão Sales Vila Nova


Jornal do Recife—Quinta-feira, 13 de Dezembro de 1917

CLINICA

DR. JOÃO COSTA

Cuidado!...

Gonorrhéa

Liquidação

O Brazil na guerra

Ao commercio

Urgente

Col. Luiz Francisco de Siqueira Netto

CURA RADICAL

BLENNORRHAGIA

LABORATORIO

Salitre

1º, 2º e 3º batalhões

Agora que me foi restituita a minha liberdade e não podendo pessoalmente agradecer aos correlligionarios; colegas da Guarda Nacional; amigos particulares e extranhos, que me visitaram na prisão e que ali iam me levar o conforto, por meio deste, penhorado agradeço a todos.

Jamais olvidarei a solicitude e o interesse, que por mim tomou o Gremio Militar Nacional, fazendo-me offerecimentos.

Ao Jornal do Recife e Diario de Pernambuco minha inexquecivel gratidão pela a acolhida dada as minhas missivas.

A officialidade, inferiores e praças de policia, meus agradecimentos pelas attenções que me dispensaram. Finalmente, sou um escravo dos juizes de facto, meu advogado dr. Britto Alves que me restituiram á sociedade, ao meio dos amigos e ao aconchego dos meus, a este reservarei no meu coração um logar de reconhecimento e gratidão.

Onde a sorte me collocar, offereço a todos os meus prestimos.

Agora fique sciente A Provincia, que é desnecessario pregar meu assassinato porque este já esta deliberado pela familia Brasileiro, e já estou informado do plano e sei quem são os tres responsaveis pelo que me acontecer e a quem minha familia pedirá contas e não o querendo fazer os denunciará a justiça, apresentando os documentos de avisos e nomes de testemunhas.

Debalde conseguirá me responsabilisar perante a familia de meus innocentes amigos, pois estavam bem scientes do que aconteceu, desde a divulgação da lista negra, annunciada em dezembro proximo passado.

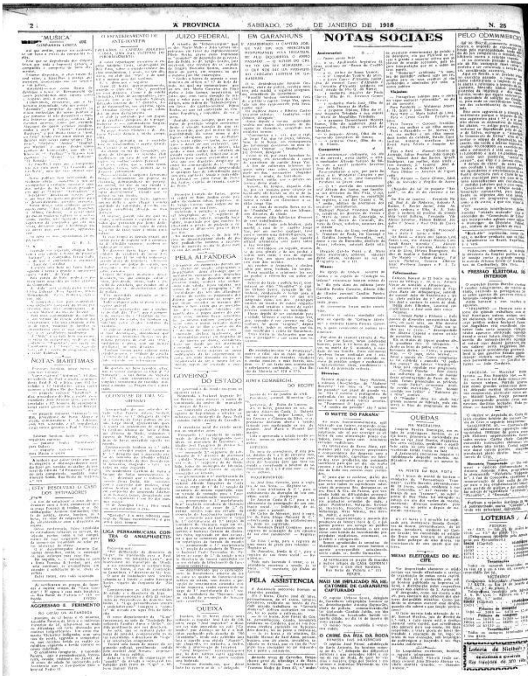
Recife, 12 de dezembro de 1917.
Francisco de Salles Villa Nova Mello.

CAPITULO IV

Publicações Jornalísticas de 1918

Jornal A Provincia - 26 de janeiro de 1918

É Assassinado o capitão Jorge Vaz um dos principaes responsaveis pela Hecatombe de Garanhuns.


2 A PROVINCIA SABBADO, 26 DE JANEIRO DE 1918 N. 25

MUSICA

JUIZO FEDERAL

EM GARANHUNS

NOTAS SOCIAES

PELO COMMERCIO

NOTAS MARITIMAS

PELA ALFANDEGA

GOVERNO DO ESTADO

O MATTE DO PARANÁ

QUEDAS

PELA ASSISTENCIA

QUEIXA

LOTERIAS

O sr. desembargador Antonio Gumarães, chefe de policia, recebeu hontem, pela manhã, o seguinte telegramma procedente de Garanhuns.

25/01/18 – Garanhuns - Recolhi hontem mortalmente ferido a prisão o capitão Jorge Vaz, apontado um dos

responsaveis pela hecatombe aqui. Os medicos Motta e Ribeiro Castro procuram salval-o. Saudações – (a) Urbano delegado.

Horas depois a mesma autoridade recebia um outro telegramma do delegado de Garanhuns, concebido nos seguintes termos:

25/01/18 – Garanhuns – Comunico a v. exa. que o capitão Jorge Vaz, foi preso, falleceu hoje ás 16 horas, em consequencia dos ferimentos constantes no meu telegramma anterior. Saudações – (a) Urbano, delegado.

Como se vê, por esses lacônicos telegrammas, era desconhecida a causa do assassinato do capitão Jorge Vaz.

A fim de colhermos informes seguros sobre esse crime, procuramos ouvir um dos passageiros chegados hontem, á noite, de Garanhuns.

Ausente, há tempos, daquella cidade, por ter tomado parte saliente na hecatombe alli havida no dia 15 de janeiro do anno passado, voltou ultimamente a residir em Garanhuns o capitão Jorge Vaz.

A sua casa de moradia ficava no sítio Mandahu dois a tres kilometros distantes da cidade.

No mesmo sitio habitavam diversos de seus trabalhadores.

Um destes indo ante-hontem,pela manhã, á casa do sr. capitão Jorge Vaz, por um motivo qualquer, teve com o mesmo um desinteligencia, no decorrer da qual, dizem que aquelle official arremessou um pedra sobre o morador.

Este retirando-se em seguida, munio-se de uma pistola e de um punhal e voltou mais tarde á casa do capitão Jorge Vaz, em quem desfechou um tiro num dos ouvidos.

Ao receber o ferimento, a victima cahio por terra, banhada em sangue. Nessa occasião o criminoso fez uso do punhal e vibrou-lhe um golpe no ventre.

Sciente do facto a policia local compareceu ao sitio Mandahu, o capitão Urbano Senna, delegado de Garanhuns, conduzindo o ferido para a prisão competente uma vez que era indigitado como um dos principaes autores do assalto da cadeia respectiva, do qual resultou a morte de varias pessôas conceituadas na localidade.

Horas depois de ser conduzido para a cidade, falleceu o capitão Jorge Vaz, que, segundo é voz corrente em Garanhuns, foi quem sagrou depois de mortos todos os infelizes que foram recolhidos á cadeia de Garanhuns.

Estas foram as declarações que nos deu o passageiro a que acima nos referimos.

Por Trás do Mundo da Notícia V

O delegado de polícia Capitão Urbano Ribeiro Senna, quando recebeu a notícia que o criminoso, Jorge Vaz, com mandado judicial de prisão, se achava gravemente ferido no sitio Mundaú, deslocou-se com alguns Praças para o local, encontrando o foragido em estado grave. Conduzindo à cadeia o moribundo foi colocado sobre uma cama de uma cela dos presos comuns, sendo socorrido pelos médicos Motta e Ribeiro Castro, que procuraram de todas as formas salvá-lo. O Tenente Zé Jardim, irmão do falecido Gonzaga Jardim, e que depois da hecatombe havia ingressado na Volante, comunicado da prisão do inimigo dos Jardins, foi conversar com Jorge Vaz. Ao chegar à cadeia, o criminoso, já não tinha muito tempo de vida, mas o suficiente para que o Tenente Zé Jardim segurando-o pela túnica que trajava, fizesse ouvir essas últimas palavras:

__ Você não disse que não ficaria nenhum dos Jardins vivo. Eu sobrevivi, minha família sobreviveu, mas você vai morrer.

Jorge Vaz, nada respodeu, apenas soltava escarros de sangue, falecendo minutos depois.

Jornal Pequeno – 07 de abril de 1918

Os Successos de Garanhuns

A Decisão Hontem do Superior Tribunal


7-4-1918 JORNAL PEQUENO 3

TELEGRAMMAS

O JORNAL PEQUENO mantem diariamente serviço telegraphico pela "Western Telegraph Company Limited" (Cabo Submarino)

Uma carta da Allemanha

"Guaraná" da "Pernambucana" é o preferido

Criminoso que embarca

No campo da Liga

No Moderno

LABORATORIO

Prof. Doutor Varnazzi

Cirurgião Dentista Dr. Walfrido Leão

THEATRO MODERNO

HOJE - Um duplo acontecimento - HOJE

Josephina Robledo

A DANSARINA

CIGARROS YOLANDA 333 MISTURA COM VALES 300 REIS Cia SOUZA CRUZ

ANTONIO ALVES DE CARVALHO

5$500

CASA MILANO ALFAIATARIA

MACARRAO

Dr. Izaac Salazar

No "Helvetica"

Goyanna

Gallo "Zebú"

Os successos de Garanhuns

A decisão hontem do Superior Tribunal

Reunio-se hontem em sessão, o Superior Tribunal do Estado para tratar do caso dos implicados na hecatombe que ocorreu em Garanhuns, após ter sido assassinado nesta Capital, á Praça da Independencia o deputado Julio Brasileiro, facto ocorrido no dia 15 de janeiro do anno passado.

Uma desusada assistencia enchia completamente o vasio recinto do edificio do Tribunal vendo-se alli innumeros advogados, jornalistas e pessoas interessadas no feito.

A sessão foi presidida pelo desembargador Argemiro Galvão. Abriria a sessão o desembargador, Abdias de Oliveira, debaixo de uma espectativa geral, leu longo e bem confeccionado relatório sobre a tragedia. Terminada a leitura de substanciosa peça jurídica e depois de algumas discussões, o Tribunal pronunciou-se da seguinte maneira:

Dr. José Pedro de Abreu e Lima, pronunciado contra voto do desembargador Austerliano de Castro.

D. Anna Duperron Brasileiro, despronunciada contra os votos dos srs. desembargadores Abdias de Oliveira e Silva Rego.

Tenentes Meira Lima e Antonio Padilha, pronunciados, contra o voto do sr. desembargador Austerliano de Castro.

Antonio Paes da Silva Rosa, despronunciado contra os votos dos srs. desembargadores Abdias de Oliveira e Silva Rego.

Eutychio Brasileiro, pronunciado contra o voto do desembargador Austerliano de Castro.

Alvaro Brasileiro Vianna, pronunciado contra os votos dos srs. desembargadores Góes Cavalcanti e Austerliano de Castro.

Alfredo Brasileiro Vianna, Luiz de França Araujo, vulgo Calangro, capitão Cezar de Medeiros Cavalcanti, Minervino Vieira, Elesbão de Barros Silva, Manoel Rosa, Octavio de tal, alfaiate, João Faustino e Abilio Paes de Lyra, pronunciados contro o voto do sr. desembargador Austerliano de Castro.

Antonio Rosa Filho, José Rosa, Jorge Vaz, José Correia Paes da Rocha, Manoel de Oliveira Dantas, vulgo Manoel Fogueteiro, Martiniano Esteves dos Santos, Joaquim Rodrigues da Silva, vulgo Pae d´Égua, Balthazar Camillo de Souza, Sebastião Firmino de Souza, vulgo Pecó, José Rodrigues de Freitas, vulgo Dudé, Fausto

Gallo, Quirino Florentino, Ernesto Tavares, José Bezerra da Silva, vulgo José Flor, Antonio de Freitas Peixoto, Antonio Pedro Francisco, vulgo Molequinho, João Perigoso, João Cavalcanti, Pedro Felix Caradura, José Felix Caradura, Candido Julião, Antonio Chicuca, João Figueiredo, João Mendonça da Silva, Manoel Faustino, Antonio Baio, Alvaro Paes, Severiano Duda, Arthur Pedrosa Vieira, Justino Borges, Leopoldino Barbosa, vulgo Bolachão, Antonio Sotero de Lima e Francisco Telles Furtado, pronunciados unanimamente.

Capitão Thomaz da Silva Maia, Jacome de Mattos Sampaio e sua esposa, Joaquim Gualberto da Costa, também conhecido por Joaquim Vaz, Francisco Caldas, Nicoláo Diletieri, José de Abreu, João Gomes de Oliveira, Antonio Paes Bezerra, vulgo Salvador, José Barbosa da Silva, Agostinho José da Costa, Ormindo Pires, José Telles Furtado e sua mulher, Mario Telles Furtado e sua mulher, bem como a sua filha Luiza de Barros Accioly, conhecida por Sinhazinha, José da Silva Braga, Antonio Francisco da Silva, Heriaberio Cordeiro Burgos, Antonio José da Costa, Arthur de Joanna, Antonio Gomes de Lima, Antonio Gomes de Oliveira, Santino Alves de Barros, José Brasileiro Vianna e sua mulher Maria Luisa Duperron Brasileiro Viana, impronunciados unanimamente.

Todos os pronunciados foram julgados incursos nas penas no art. 249 §1º do Codigo Penal e ainda os que exerciam cargos de autoridades como o delegado, subdelegados, o carcereiro e inspectores de quarteirão também incursos nas penas do art. 231 do referido Codigo.

Conforme o que acima ficou exposto a nossa criteriosa e venerada instituição de Justiça vem de esculpir em caracteres do Soes no livro de ouro de suas tradições mais uma bela página de dignidade e gloria.

CAPITULO V

O julgamento da Hecatombe de Garanhuns

1º dia de julgamento – Sexta- feira, 27 de setembro de 1918.

Ás 12 horas foram apresentados ao Superior Tribunal de Justiça para serem julgados, todos os implicados na hecatombe de Garanhuns, os oficiais que são os Srs. Eutíquio Brasileiro, Álvaro Brasileiro Viana, João Fausto Galo, Antônio Padilha e Meira Lima, foram conduzidos por colegas da Força Pública do Estado. Os demais réus foram escoltados por uma força de 28 praças, sob o comando de um superior.

A Sala do Tribunal onde seriam julgados todos os envolvidos nos sucessos de Garanhuns, apresentava um aspecto desusado.

Ali se achavam advogados, magistrados, comerciantes, acadêmicos, repórteres, etc.

Dentre as pessoas de destaques que vimos no Tribunal podemos citar as seguintes: Drs. Joaquim Amazonas, catedrático da Faculdade de Direito, Godofredo Moscoso da Veiga Pessoa, juiz de direito de Goiana, Artur de Sá Pereira, juiz de direito de Palmares, Afonso Batista, Pacífico dos Santos, João Lemos, Antônio Leite, Procurador Geral da República, Manoel de Lima Filho, Celso Ramalho, Ramos Leal, Democrito de Souza, Pedro Cahu, Domingues Vieira, Pedro Correira Filho, juiz municipal da 3ª Vara Criminal, Manoel Guerra, Orlando Pimentel, Antônio Valença, Souza Filho, Nelson Carneiro Leão, Antônio Vieira de Souza, José Benedito Lima, Pedro Rozado de Barros, João Duarte de Souza e outros.

Também vimos no recinto do Tribunal duas senhoritas filhas do desembargador Austerliano de Castro.

Ás 12 e 1/2 horas, presente os desembargadores Abdias de Oliveira, Silva Rego, Góes Cavalcanti, Austerliano de Castro e Samuel Martins, foi aberta a sessão pelo desembargador Argemiro Galvão, presidente do Tribunal.

Em seguida S. S. passou a ler os artigos 102 e 103 do regulamento de 1874 que se referem a julgamentos perante o Tribunal.

Terminada a leitura desses artigos, o acadêmico Oswaldo Lima, advogado de um dos implicados na hecatombe de Garanhuns, pediu permissão ao presidente do Tribunal para usar da palavra, recusando nessa ocasião o desembargador Austerliano de Castro, que julgava prejudicial aos interesses do seu constituinte.

Recusado o desembagador Austerliano de Castro, origina-se uma forte discussão entre os demais advogados dos réus e alguns colegas daquele representante do Tribunal.

Uns achavam que a recusa tinha razão de ser, outros, no entanto, manifestavam opiniões contrárias.

Quem primeiro falou sobre o assunto foi o Dr. Severino Barboza, advogado do tenente da Força Pública do Estado Meira Lima dizendo que não convinhas em recusas.

Depois falaram os Drs. Hercílio de Souza e Mario de Souza, declarando ambos que não convinham nas recusas.

É quando pede a palavra Dr. Manoel Henrique Wanderley, citando leis do Tribunal para os desembargadores, com o intuito de ensinar hermenêutica e direito ao Tribunal, composto de homens competentes na ciência do direito.

O aparteado diz, então, que o Dr. Brito Alves quer armar efeito.

__ Não tenho esse costume, responde esse advogado, pois não sou arquiteto.

Passado esse incidente, o desembargador Silva Rego pediu a palavra e disse que o acadêmico Oswaldo Lima podia recusar o seu colega, salvo se os outros advogados quisessem usar também esse direito e assim tinham que agir conjuntamente.

Logo depois falou o desembargador Góes Cavalcanti, discordando da opinião do seu colega.

Depois de toda essa discussão o presidente do Tribunal procurou saber quais advogados da defesa que desejavam recusar.

Deram, incontinente, os seus nomes Drs. Hercílio de Souza, Mario de Souza, Castelo Branco e o acadêmico Oswaldo Lima.

Procedeu-se, então, entre esses nomes um sorteio para ver o que ficava com o direito de recusar um dos desembargadores.

Foi sorteado o Dr. Castelo Branco, que recusou o desembargador Abdias de Oliveira.

__ Mas, não pode ser! Exclamou o presidente do Tribunal.

__ E por quê? Perguntou o Dr. Hercílio de Souza.

__ Pois não vê que é ele o relator do parecer.

__ Onde viu V. Excia. essa lei?

__ O desembargador Abdias de Oliveira está recusado legalmente e, portanto, tem que obdecer a lei, para isso foi que se procedeu a um sorteio. Depois o colega Abdias de Oliveira, sendo recusado como foi, não está inibido de ler o seu relatório. Ele não pode é tomar parte do julgamento. Justamente disse o Dr. Samuel Martins.

Com essas palavras do desembargador Samuel Martins não se conformou o desembargador Abdias de Oliveira que declarou importar a sua recusa em mais demora para o julgamento dos implicados na hecatombe de Garanhuns, em face do seu relatório não poder ser logo lido por outro que o venha substituir.

Indagando em seguida o Sr. presidente do Tribunal se a acusação desejava fazer também alguma recusa, o Dr. Brito Alves disse que sim.

__ E sobre quem recai essa recusa?

__ No desembargador Góes Cavalcanti.

__ Então, não teremos número para fazer funcionar hoje os trabalhos do Tribunal. Por isso dou por encerrada a sessão, até que dois juizes venham substituir os desembargadores recusados.

Diziam ontem no recinto do Tribunal que os advogados de defesa recusaram o desembargador Abdias de Oliveira por saberem que este iria votar contra todos os implicados na hecatombe de Garanhuns.

Também era voz corrente ali, que o advogado de acusação, Dr. Brito Alves, recusou o desembargador Góes Cavalcanti, por pretender este absolver os réus Eutíquio Brasileiro, Álvaro Brasileiro Viana, Antônio Padilha e Cezar Medeiros.

Um desembargador depois de ser encerrada a sessão, em palestra com alguns advogados numa das salas do Tribunal disse o seguinte: Deus escreve certo por linhas tortas.

Essa frase do referido desembargador, ao que ouvi dizer, refere-se á recusa do seu colega Góes Cavalcanti.

Informaram-me que para substituir no Tribunal os dois desembargadores recusados serão chamados os Drs. Santos Moreira, juiz de direito da 3ª Vara da Capital e Belarmino Gondim, juiz de direito de Olinda.

Na próxima terça-feira, continuarão no Tribunal os trabalhos sobre os sucessos de Garanhuns.

2º dia de julgamento – Terça- feira, 01 de outubro de 1918.

Foi retomado hoje no Superior Tribunal de Justiça o julgamento de todos os implicados na Hecatombe de Garanhuns.

Os querelados compareceram ali ás 12 horas. Os que são oficiais da Guarda Nacional foram conduzidos por colegas da Força Pública do Estado por uma patrulha composta de 32 praças da polícia, sob o comando do 2º sargento Sergio Magalhães.

No recinto desta casa vimos famílias, magistrados, advogados, acadêmicos, funcionários públicos, comerciantes, médicos e tudo que temos de mais representativo no nosso meio social.

Ás 12 horas e 45 minutos, verificando o Sr. desembargador Argemiro Galvão, presidente do Tribunal, que havia número legal para fazer funcionar a sessão daquela casa deu início aos trabalhos do julgamento.

Tomaram parte nesses trabalhos os desembargadores Silva Rego, Austerliano de Castro, Samuel Martins, Santos Moreira e Belarmino Gondim, esses dois últimos juizes de direito com assento no Tribunal, em substituição aos desembargadores Abdias de Oliveira e Góes Cavalcanti, que foram recusados na sessão passada, o primeiro pela defesa e o segundo pela acusação.

Iniciado os trabalhos do julgamento, o presidente do Tribunal declarou que em face de haver sido recusado o seu colega Abdias de Oliveira, que era relator e suspeição jurada pelo substituto deste, desembargador Brandão da Rocha, havia designado o desembargador Silva Rego para fazer a leitura do relatório.

Este, então, desempenhou a sua missão, demorando-se cerca de vinte minutos na leitura da referida peça jurídica.

Ás 13:00 horas, o ilustre Dr. Brito Alves, advogado das viúvas das vítimas da hecatombe de Garanhuns, tomou a palavra,

desenvolvendo brilhante e cerrada acusação ao tenente da Força Pública do Estado, Antônio Meira Lima, então delegado daquela cidade serrana.

Antes, porém, de entrar na bem fundamentada acusação, o talentoso advogado disse ir estudar de per si a criminalidade de cada um dos querelados presentes, aliás, dos depoimentos que encontrou nos autos de várias testemunhas as quais depuseram no processo.

O Dr. Brito Alves ao começar a sua acusação disse ter aceito a causa que vinha defender perante o Tribunal, não pelo dinheiro que as viúvas das vítimas lhe iriam dar e sim pelos constantes pedidos das mesmas. E disse:

__ Ainda me lembro Srs. desembargadores daquele dia em que fui procurado pelas viúvas dos malogrados comerciantes, vítimas da chacina de Garanhuns, para tomar conta dessa causa. E mais ainda me recordo da frase de um dos órfãos que vinha em companhia daquelas infelizes senhoras, a qual se resume no seguinte:

__ Doutor aceite a causa de minha mãe, pois ela é digna de defesa.

Essa tocante frase, adiantou o Dr. Brito Alves, pronunciada pelo pequeno, com os olhos cheios de lágrimas, foi quem mais depressa me fez tomar o espinhoso encargo, mas não tem nada. Estou aqui e hei de defender a causa tanto quanto for possível.

Em seguida, passa a historiar a ação do Tenente Meira Lima nos sucessos de Garanhuns.

Sua Senhoria acha baseado nos depoimentos de várias testemunhas que depuseram no processo, entre as quais estão os dos Srs João Pacífico dos Santos, que era promotor daquela Comarca, quando se deu a hecatombe, o Coronel Francisco de Assis Barbosa e do comerciante Marcionilo Ferreira de Mendonça, que foram o Dr. Abreu e Lima, juiz de direito, e o

Tenente Meira Lima, delegado de polícia, os maiores responsáveis pela horrível tragédia.

O Dr. Brito Alves diz que ambos podiam ter evitado a hecatombe e se isso não fizeram, foi porque estavam de acordo com os bandidos que vieram de Brejão e atacaram á cadeia.

O orador continuou:

__ O Tenente Meira Lima e o Dr. Abreu e Lima antes de ocorrer esse assalto, não saíram da casa da viúva do Coronel Júlio Brasileiro, donde partiu o hediondo plano de ataque á cadeia e consequente assassinato de todas as pessoas que ali foram recolhidas pelo referido tenente, como o melhor meio de garantias. Ah! Miserável tragédia.

O Tenente Meira Lima já sabia de tudo que ali iria ocorrer. E tanto é assim que quando o Dr. Pacífico dos Santos, que se acha presente neste Tribunal soube do assassinato do coronel Júlio Brasileiro saiu á procura do tenente, indo achá-lo na casa da viúva desse coronel, onde o mesmo lhe dissera prever graves acontecimentos.

E por que Srs. desembargadores, esse tenente não tomou logo medidas preventivas no sentido de evitar tão horrorosa tragédia? É porque estava combinado com o juiz de direito da Comarca, com a família do assassinado e com os cangaceiros para levarem a efeito a chacina.

Uma das testemunhas desse processo, o Sr. coronel Assis Barbosa, diz no seu depoimento que para o Tenente Meira Lima fazer a defesa da cadeia, eram precisos de 2 para 3 horas. Ora ás 8 horas, soube-se em Garanhuns do assassinato do coronel Júlio Brasileiro e ás 15 horas, dava-se o ataque á cadeia local. Como se vê, houve tempo suficiente para o Tenente Meira Lima tomar as providências, evitando desse modo aquela tremenda tragédia. Se isso não fez, como acima já me referi, foi porque não lhe convinha.

O Tenente Meira Lima em vez de estar na cadeia garantindo os que na mesma se achavam internados á sua ordem

para investigações policiais, como consta nos autos, muito embora nenhum crime tivesse praticado, abandonou-os ali e foi para a casa da viúva do Coronel Júlio Brasileiro, deixando assim que os bandidos presentes realizassem o seu plano sinistro no pelourinho da vingança, como ficou sendo chamada á cadeia de Garanhuns.

__ Mas, o Tenente Meira Lima não era comandante da polícia para se conservar na cadeia. diz o Dr. Severino Barboza, advogado daquele oficial.

__ V. Excia. pode dizer o que entender. Replicou o Dr. Brito Alves. __ Pode mesmo alegar que as pirâmides do Egito foram feitas de cabeça para baixo.

Essa resposta do advogado de acusação provocou risos da grande assistência e dos desembargadores que tomaram assento no Tribunal.

Continuando a sua forte acusação, o Dr. Brito Alves disse que o Dr. Pacífico dos Santos depois que se deu o assalto á cadeia de Garanhuns, viu o Tenente Meira Lima receber abraços dos bandidos.

__ É o cúmulo senhores desembargadores. Aparteou o Dr. Severino Barboza.

__ A declaração dessa testemunha é insuspeita, pois parte de um bacharel que exercia naquela época o cargo de promotor público da Comarca de Garanhuns, e ele está presente para dizer se é ou não verdade o que eu alego. Prosseguiu Dr. Brito Alves.

__ Perdão, mas eu desafio o colega a provar tudo que vem dizendo contra o meu constituinte. Replicou o Dr. Severino Barboza.

__ Eu poderia atendê-lo, diz o Dr. Brito Alves, se o nobre colega viesse com uma frase mais sutil. Desafio, porém, é que não aceito mesmo porque no Brasil só vejo um desafio capaz de ser encarado: o desafio amoroso.

Depois o advogado da acusação passou a ler uma solicitada publicada no Diário de Perambuco pelo Dr. Pacífico dos Santos desfazendo umas tantas referências pouco lisonjeiras á sua pessoa, feito pelo Tenente Meira Lima, naquele órgão.

Referindo-se em seguida ao mesmo oficial, declarou o Dr. Brito Alves ver nele a figura de um covarde.

__ No momento que mais se precisava de sua ação na cadeia, foi justamente nessa ocasião que ele desapareceu. Em torno dessa tremenda tragédia só houve um homem Srs. desembargadores, foi o Cabo Cobrinha, este sim foi quem soube honrar as divisas que ostentava no braço, pelo menos morreu no seu posto de honra. Enquanto, ele foi vivo, nenhum cangaceiro teve a audácia de penetrar na cadeia, o mesmo não se pode dizer do Tenente Meira Lima.

A ação do tenente foi de um covarde, pois fugiu no momento em que mais se fazia precisa a sua presença ali. Enquanto durou o tiroteio, o Tenente Meira Lima se conservou calmo na porta da casa da viúva do Coronel Júlio Brasileiro.

Cessado o fogo, os bandidos vieram para a cada da viúva Brasileiro e ali abraçaram o Tenente Meira Lima. Não sou eu que afirmo isso, são as testemunhas que constituem os autos do presente processo.

Também recebeu abraços da horda de celerados o juiz de direito da Comarca Dr. Abreu e Lima.

Um representava a Justiça e o outro representava a legalidade. Que belas autoridades tinha Garanhuns.

Para mostrar a maior responsabilidade desse oficial nos sucessos de Garanhuns, basta dizer que quando a cadeia local estava sendo atacada pelos cangaceiros, o Padre Benigno Lira, vigário da paróquia, vendo-o fora do seu posto de honra, convidou-o para ir junto até ali a fim de ver se ainda conseguia salvar os que achavam recolhidos.

Esse convite, no entando, não foi aceito pelo aludido oficial que logo declarou ao sacerdote:

__ Padre não faça essa loucura.

O Dr. Brito Alves também historiou o primeiro atentado levado a efeito na casa de residência do médico Dr. Borba Junior e que foi assistido passivamente pelo Tenente Meira Lima:

__ Como consequência desse atentado, aquele malogrado clínico recebeu um ferimento na cabeça por uma caçarola que lhe arremeçara um dos bandidos e com a qual foi à vítima conduzida para a cadeia, servindo-lhe o objeto de chapéu.

__ Não foi tal, aparteia o Dr. Severino Barboza. __S. S. está faltando com a verdade.

Replicando, diz o Dr. Brito Alves: __ Se a questão é a caçarola eu a substituo por um caldeirão (Risos da assistência).

Logo depois, o Dr. Brito Alves apresenta aos desembargadores fotografias da topografia da cadeia pelas quais prova exuberantemente ter se dado o ataque a mesma pela vanguarda e retaguarda.

Extendendo-se na sua brilhante acusação, o advogado diz que depois da chacina, o bandido conhecido pela alcunha de Pai d´Égua, capanga do Tenente Meira Lima, ficou montando guarda na porta da cadeia, não consentindo que as viúvas das vítimas fossem ali.

E acrescentou que essas infelizes senhoras que tiveram a coragem de comparecer naquele local, foram vilmente ultrajadas pelo mesmo bandido.

Fazendo depois referências a Jorge Vaz, um dos que tomaram parte na hecatombe e que já havia falecido e ao querelado Antônio Padilha, o Dr. Brito Alves diz que a justiça divina já se manifestou positivamente sobre ambos. O primeiro morreu no local onde fez tombar tantas vítimas e o segundo perdeu a vista.

Por último, o Dr. Brito Alves alegando doença na sua pessoa, pediu ao Presidente do Tribunal para adiar a sessão.

Estabeleceu-se, então, em torno desse pedido uma ligeira discussão entre os desembargadores, ficando estabelecido ser a sessão suspensa por duas horas.

Eram 16 1/2 horas quando foram suspensos os trabalhos.

O Dr. Brito Alves falou 2 horas e 5 minutos.

Ás 18 horas e 35 minutos, o talentoso advogado Dr. Brito Alves prosseguiu em sua acusação aos implicados na hecatombe de Garanhuns.

Entrando novamente na acusação do Tenente Meira Lima, o orador historiou os tristes sucessos desenrolados naquela cidade á 15 de janeiro do ano próximo findo. Citou diversas testemunhas em cujos depoimentos se acham as evidências da coparticipação do querelado nos mesmos acontecimentos.

O Dr Brito Alves mostra ao auditório duas fotografias da cadeia de Garanhuns, nas quais se veem ladeado a porta principal, as janelas de dois quartos, uma alta e defendida por essa chapa que a tornaria mais difícil de ser atingida pelos atacantes e a outra baixa e aberta.

O Tenente Meira Lima, diz o acusador, que havia prometido segurança completa as vítimas, fechadas no quarto onde havia menos probabilidades de garantias, de cuja janela com a maior facilidade os bandidos alvejaram os infelizes detidos.

Prosseguindo na leitura de outros testemunhos, o orador chega à conclusão de ter o Tenente Meira Lima não só consentido naqueles atos de vandalismo como compactuado com os bandidos. Além disso, achava-se na residência da viúva do Coronel Júlio Brasileiro, quando devia estar ao lado de seus subalternos na defesa de um punhado de infelizes, que entre quatro paredes, com o coração amargo e opressor, conhecendo a traição de que foram vítimas, viam aqueles horripilantes

fisionomias congestionadas pelo desejo de sangue e viram apontar covardemente para cada um deles pela abertura da janela.

O Tenente Meira Lima, continua o orador, previa tudo isso, mas não se incomodou, mostrando-se sempre contrário quando alguma pessoa o aconselhava a ir acalmar os ânimos, chegando a responder certa vez: "A vida é doce e tenho filhos".

O orador fez ainda outras acusações ao Tenente Meira Lima, em uma das quais elogiando o modo de proceder do Capitão Vila Nova, assassinando o Coronel Júlio Brasileiro, recebeu um protesto do Dr. Barreto Campelo, promotor público, que declarou não ter o referido acusador o direito de em uma Casa de Justiça elogiar publicamente a ação de um assassinato.

O Dr. Brito Alves, instantes após, começou a acusar o Capitão José Correia Paes da Rocha, lendo diversas testemunhas, todas concordando em afirmar a sua culpacidade, e em seguida o Tenente Padilha, Oficial Reformado do Exército.

Ás 21 horas, depois de um pequeno intervalo, recomeçou o ilustre Dr. Brito Alves a acusação. Continuou a fazer apreciação sobre os depoimentos de várias testemunhas, porém, pausadamente, porque, segundo declarou, já se achava um pouco fatigado.

Limitou-se, por isto, a fazer a leitura das principais peças dos depoimentos que recorreu às quais achava a respeito da culpabilidade dos réus.

Momentos depois, ás 21 1/2 horas precisamente, alegando o seu estado de saúde que não lhe permitia continuar a sua peça acusatória, pediu que fossem adiados os trabalhos do Tribunal, no que foi atendido. Deliberando o presidente que os trabalhos fossem continuados ás 11 horas da quarta-feira.

O policiamento no recinto do Tribunal foi feito por agentes de polícia sob a direção dos Drs. Apulcro de Assumção, 2º delegado da Capital, Alfredo Machado, diretor do Gabinete de

Capturas e Investigações e Júlio Machado, subdelegado de Santo Antônio.

3º dia de julgamento – Quarta- feira, 02 de outubro de 1918.

Ás 12 horas e 35 minutos prosseguiu os trabalhos do julgamento dos implicados da hecatombe de Garanhuns.

Continuando com a palavra o talentoso jovem Dr. Brito Alves, advogado das viúvas e órfãos queixosos, disse vir ao Tribunal conforme prometera no dia anterior tratar dos querelados da chacina de Garanhuns.

Esses querelados adiantou aquele advogado, são os Srs. Eutíquio Brasileiro, Álvaro Viana, Alfredo Viana e Fausto Galo.

Todos ao receberem na cidade de Garanhuns a notícia do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro, como afirmam todas as testemunhas que depuseram no processo reuniram-se na casa da viúva e ali arquitetaram o tenebroso plano de vingança contra os inimigos políticos do falecido Coronel Júlio Brasileiro.

Incontinente, Srs. desembargadores, Álvaro Viana mandou transmitir um telegrama ao seu irmão Alfredo Viana que se achava em Brejão, povoado que fica a 4 léguas da cidade, pedindo para trazer gente armada, a fim de vingar a morte do referido Coronel Júlio Brasileiro.

Esse telegrama foi redigido pelo querelado presente Fausto Galo, em casa da viúva, onde se achavam presentes o Tenente Meira Lima, delegado local e o Dr. Abreu e Lima, juiz de direito da Comarca.

O povoado de Brejão naquela época era o reduto de criminosos, os mais célebres.

Pois bem, foi desse elemento mal pernicioso que o querelado Álvaro Viana se utilizou para levar a efeito a horripilante tragédia, da qual somente individuos dessa espécie seriam capazes de praticar.

E para provar a ação delituosa do querelado Álvaro Viana, vou citar o resumo o que dizem as testemunhas que depuseram nesse processo.

A primeira testemunha Francisco de Siqueira Cavalcanti, cobrador do Banco do Recife, e que se achava em Garanhuns quando se deu a hecatombe, em tratamento da saúde de pessoa de sua família, disse que os responsáveis pelos sucessos desenrolados naquela cidade são os membros da família Brasileiro e as autoridades locais. E por que essa testemunha assim se manifesta senhores desembargadores? É porque ela tem convicção do que afirma.

O Sr. Francisco de Siqueira Cavalcanti quando soube em Garanhuns do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro notou logo que alguma coisa de grave iria suceder naquela cidade, em consequência do crime. Essa testemunha chegou á essa conclusão, disse o Dr. Brito Alves, em face dos grupos de cangaceiros que, de vez em quando, chegavam á cidade, procedente dos povoados de Brejão e de Serrinha.

Se esses bandidos como Caju, Calangro e outros que moravam em Brejão não fossem chamados para levarem a efeito o plano sinistro, estou certo, não viriam a Garanhuns.

O Dr. Brito Alves, voltando a se ocupar da testemunha Francisco de Assis Barbosa, diz que esta ao saber da notícia do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro, dirigiu-se a residência da viúva e ali deu-lhe pêsames pelo deplorável acontecimento.

Adiantou aquele advogado que nesta ocasião a mesma testemunha viu vários grupos pelas dependências da casa da viúva em confabulação, podendo logo compreender que alguma coisa de grave tramavam em represália ao assassinato do Coronel Júlio Brasileiro.

Ainda a testemunha Assis Barbosa, acrescenta o advogado, diz no seu depoimento, que tudo poderia ter sido

evitado, se imediatamente providências fossem tomadas pelas autoridades locais.

Como se vê, por essas declarações, maior responsabilidade pela hecatombe de Garanhuns cabe ao Dr. Abreu e Lima e ao Tenente Meira Lima.

Em seguida, o Dr. Brito Alves se referiu novamente ao depoimento do Dr. João Pacífico dos Santos, que quando se desenrolou a chacina naquela cidade exercia o cargo de promotor público da Comarca.

Cita, então, trechos do seu depoimento, entre os quais aquele em que o referido magistrado diz ter encontrado pessoas estranhas na casa da viúva Brasileiro, em conversa muito reservada com vários membros da família pela manhã do dia em que ali foi dada a notícia do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro. Mas, desse segredo não foi sabedor o Dr. Pacífico dos Santos, adianta a acusação, apesar de ser íntimo do morto e de todos de sua família, tanto assim que foi escolhido para orador de uma manifestação que ao Coronel Júlio Brasileiro foi feito por ocasião do mesmo entronizar o Coração de Jesus em sua casa. E para que tanta reserva? Prossegue o Dr. Brito Alves. É que o plano macrabo já estava arquitetado e não convinha chegar ao conhecimento do Dr. João Pacífico dos Santos. Mas, apesar de todo esse sigilo, continua a acusação, esse magistrado podia saber que se tratava de uma represália contra os inimigos políticos do Coronel Júlio Brasileiro.

O advogado dos queixosos cita ainda alguns tópicos do depoimento da testemunha João Tenório de Albuquerque, principalmente no ponto em que diz que o querelado Álvaro Viana havia tomado parte da sinistra tragédia.

Essa mesma testemunha, menciona o advogado, declara mais ter sabido por intermédio de Natalício de Tal, que o referido querelado tomou parte do assalto armado de rifle.

Presciliano Josué, que se achava recolhido á cadeia, mas que por um milagre da Providência conseguiu fugir dali, por ocasião do ataque, também declara que viu o querelado Álvaro Viana no meio dos cangaceiros que atacaram á cadeia, assim como também diz ter o mesmo feito parte dos bandidos que estiveram na casa do Dr. Borba Junior, assaltando-a.

Depois o Dr. Brito Alves passa a analisar os depoimentos da testemunha José Leal Sobrinho prestados perante o Dr. Ribeiro Pessoa, o juiz de direito designado pelo Sr. Governador do Estado para presidir a inquérito sobre a hecatombe de Garanhuns e ao Superior Tribunal de Justiça:

__ S. S. diz não poder aceitar esses depoimentos de José Leal Sobrinho, em face de não encerrarem a expressão da verdade. Perante o juiz presidente do inquérito ele diz uma coisa e perante o Superior Tribunal ela narra outra história. Onde está, pois a verdade nas declarações da testemunha a que me refiro?

Depois Srs. desembargadores, José Leal Sobrinho é primo da mulher do querelado Álvaro Viana e também é parente bem perto do sogro deste. Que valor, pois, poderão ter esses depoimentos, principalmente o que ele prestou perante o Tribunal, no qual procurou inocentar todos os querelados presentes e responsabilizar pela chacina apenas os compassas dos celerados que estão sendo julgados, de nomes Jorge Vaz, Antônio Baio e Antônio Rosa Filho? Os dois primeiros já estão mortos, tendo, portanto, já prestado contas a Deus pelas misérias que praticaram na Terra. O último, porém, acha-se foragido.

Por isso, foi que esta testemunha sacudiu toda a responsabilidade do hediondo crime sobre eles.

Continuando a acusação, a demonstar perante o Tribunal, a criminalidade do querelado Álvaro Viana nos sucessos de Garanhuns, afirma de acordo com os depoimentos de várias testemunhas que depuseram no processo, ter ele andado durante

todo o dia da hecatombe nas principais ruas daquela cidade, munido de um rifle e bastante exaltado.

Prosseguindo na sua acusação, o Dr. Brito Alves alega não serem as testemunhas arroladas no processo as que diziam ter o querelado Álvaro Viana mandado buscar cangaceiros por meio de um telegrama dirigido ao seu irmão Alfredo Viana, outro querelado residente em Brejão, a fim de atacarem á cadeia.

É o seu próprio irmão que veio chefiando um desses grupos, era companhia de Antônio Rosa Filho, quem assim o diz.

Menciona mais o Dr. Brito Alves que a testemunha Jacome Mota, já falecido, no depoimento que prestou sobre o bárbaro delito, disse ter visto Álvaro Viana na cidade pela manhã do dia em que ocorreram esses sucessos, conduzindo um rifle.

Para esse depoimento, aquele advogado chamou a atenção do Tribunal, uma vez que a testemunha era amigo íntimo da família Brasileiro, da qual recebeu sempre os maiores favores políticos, chegando a ser conselheiro, cargo que exercia quando se deu a hecatombe.

Faz referências ao depoimento da testemunha Artur Pereira, que estando recolhido á cadeia de Garanhuns, pouco antes de sua entrada ali, viu na rua em atitude ameaçadora e empunhando um rifle o querelado Álvaro Viana ao lado de Antônio Rosa Filho, que também munido de arma idêntica, dizia abertamente, que naquele dia Garanhuns havia de ser habitado por gente nova.

Aludindo ao fato do querelado Álvaro Viana e Antônio Rosa Filho pretendiam retirar da casa do Sr. Vicente Dantas onde se achavam refugiados os irmãos Argemiro e Júlio Miranda, a acusação declara que a isso se opôs formalmente aquele cavalheiro, tendo, então, nessa ocasião o citado querelado dito que mais tarde se realizariam os seus desejos, pois havia mandado buscar gente em Brejão.

Diante dessa ameaça, cita o Dr. Brito Alves, o Sr. Vicente Dantas, disse entregar os homens, porém, sob a responsabilidade do Tenente Meira Lima, que os acompanhava.

Este, incontinente, se comprometeu garanti-los, levando-os em seguida para á cadeia local.

Na ocasião em que os dois irmãos eram conduzidos para aquele local, aludio o advogado, um deles o de nome Argemiro pronunciou a seguinte frase: “Nós vamos para o açougue humano”.

E, com efeito, horas depois era atacada a cadeia e mortos miseravelmente todos que ali se refugiaram garantidos pelo Tenente Meira Lima, que em toda essa horrível cilada foi a figura mais covarde.

Logo depois passa a ler uma carta que o querelado Álvaro Viana enviou ao Sr. José Francisco da Rocha, cunhado de seu irmão Alfredo Viana, pedindo para declarar ao pé daquela missiva, se ele o tinha visto fazendo parte do grupo que atacou a casa do médico Dr. Borba Junior, conforme andava propalando pela cidade Antônio Marques Café.

O Sr. José Francisco da Rocha repondeu-lhe afirmativamente, tirando pública a forma dessa carta, a fim de evitar mais tarde explorações em torno da mesma.

Esse documento que o Dr. Brito Alves declarou ser de grande valor para a Justiça, pediu ao Srs. desembargadores para ser junto ao processado, no que foi atendido.

Ás 14 horas e 25 minutos, o Dr. Brito Alves pediu ao Desembargador Argemiro Galvão, Presidente do Tribunal, para suspender os trabalhos sobre o julgamento, por uma hora, enquanto descansava um pouco. O presidente atendeu.

Terminada a hora pedida pelo advogado da acusação, tratando dessa vez, exclusivamente ao querelado Fausto Galo, que apontou aos desembargadores como mandatário do atentado de que foi vítima o Dr. Borba Junior em sua residência.

E o que teria originado esse ato de vingança do querelado em questão contra aquele infeliz clinico?

Eu vou explicar, de conformidade com uma carta que foi encontrada dentro de um móvel na residência do inditoso facultativo pelo seu próprio pai que logo que soube da tremenda notícia embarcou da Bahia para aqui, indo depois até Garanhuns.

O querelado Fausto Galo estando com a sua exma. esposa adoentada chamou para médico assistente da mesma o Dr. Borba Junior. Para debelar essa moléstia, este facultativo teve necessidade de prestar os seus serviços médicos por espaço de dois meses. Completamente restabelecida aquela senhora, como é natural e justo, o Dr. Borba Junior enviou uma carta muito delicada ao querelado Fausto Galo, cobrando pelos seus serviços a quantia de 500§000, uma vez que reconhecia não poder o mesmo lhe pagar maior soma.

A quantia que o clinico pediu pelos seus honorários, observou o Dr. Brito Alves, alegava poder ser satisfeita em duas prestações.

O querelado presente, no entanto, negou-se a saldar esse débito que julgo de honra, e dias depois, desacatava o Dr. Borba Junior, indo a sua casa e apontando-lhe uma pistola, constituindo-se daí o seu maior inimigo.

Foi por isso, que determinou essa terrível ira do querelado Fausto Galo contra aquele malogrado médico, chegando ao ponto até de conduzi-lo no meio dos uivos da cangaceria doentia para á cadeia.

No trajeto da residência do Dr. Borba Junior, o aludido querelado disse a seguinte frase para os celerados: __ Matem logo esse miserável!

Essa frase consta dos autos, senhores desembargadores.

Depois dessa exposição, o advogado dos queixosos leu cópia da carta acima, para a qual pediu toda a atenção dos membros do Tribunal que formavam o conselho julgador.

Nessa altura deu-se um incidente entre o Dr. Brito Alves e o advogado de defesa o Dr. Manoel Henrique Wanderley.

Motivou-o ter a acusação de declarar que os maiores responsáveis pela hecatombe de Garanhuns vinham para o Tribunal como se fossem para uma festa elegante. Todos decentemente trajados, perfumados e conservando as fisionomias alegres, deixando escapar, uma vez ou outra, um riso dos lábios.

Ouve-se então nessa ocasião um protesto do querelado Fausto Galo contra o que dizia o advogado de acusação, relativamente na parte que lhe tocava e chama para o caso a atenção do presidente do Tribunal.

Logo em seguida surge outro aparte ao Dr. Brito Alves.

Era o advogado de defesa Manoel Wanderley, que dizia não ter o seu colega de acusação o direito de entrar na vida particular do seu constituinte e acrescenta:

__ Limite-se a ganhar o seu dinheiro.

__ É o que estou fazendo, rebateu o Dr. Brito Alves, porém, de modo honestamente.

Estabelecendo-se esse diálogo entre acusação e defesa, a numerosa massa que enchia o recinto do Tribunal manifestou-se francamente ao lado do Dr. Brito Alves, o que provocou o presidente daquela casa que chamou a atenção dos assistentes, dizendo que como medida preventiva, de hoje em diante só entrariam no recinto do Tribunal as pessoas que fossem munidas de cartões de assentimento que ele fornecesse.

Por último, o advogado de acusação historiou, embora que em traços ligeiros, a criminalidade de Eutíquio Brasileiro na chacina de Garanhuns. Na acusação o Dr. Brito Alves traçou a personalidade do réu, alegando que o mesmo era costumaz desordeiro, tendo praticado em Palmares todo tipo de desatinos, inclusive 3 desfloramentos, os quais ficaram sem corretivo merecido, visto a posição política do seu irmão o colocava a salvo

de todas as responsabilidades. E de acordo com o depoimento do Padre Benigno Lira ao encontrá-lo nas proximidades da cadeia e perguntar por que fizeram uma miséria dessas, esse o ameaçou dizendo que bala também furava batina.

Alfredo Viana, vulgo Doca Viana, sobrinho legítimo do Coronel Júlio Brasileiro, é conhecido em toda a zona de Brejão como mandante de várias surras praticadas em pessoas que não lhe eram simpáticas, por motivos muitas vezes fúteis. As façanhas desse senhor é conhecidas e célebres na zona sul do nosso sertão.

Eutíquio Brasileiro e Alfredo Viana são criaturas afeitas a desordens, estando ambos a frente dos grupos que invadiram á cadeia e praticaram a horripilante hecatombe de Garanhuns.

O Dr. Brito Alves terminou a sua acusação dizendo ter a justiça como a sua companheira risonha, a sua amante fiel, na prática de qualquer ato, desde o tempo em que foi o seu modesto representante, a gozar o prazer de uma consciência calma.

Justiça! Tu éis a benção imparcial dos réus, sol que da cor a vida, ás roupas da inocência e seguro termômetro da civilização e moralidade dos povos. Éis a curadora dos inesquecíveis, a tutora dos órfãos de direito e a balança de equidade da vida.

Ás 17 horas e 15 minutos foi suspensa a sessão, sendo adiados os trabalhos para amanhã as 11 horas.

Falará o Dr. Barreto Campelo da acusação.

O policiamento continua a ser no recinto do Tribunal sob a direção dos Drs Apulcro Assumção, Alfredo Machado e Julio Machado.

4º dia de julgamento – Quinta- feira, 03 de outubro de 1918.

Hoje ás 12 horas e 20 minutos no Tribunal Superior de Justiça, presseguiu os trabalhos do julgamento das pessoas implicadas nas tristes ocorrências desenroladas no município de Garanhuns.

Terminara o Dr. Brito Alves, advogado dos queixosos, a sua acusação que prendeu a atenção da alta Casa de Justiça durante 9 horas e 45 minutos ao todo, cabendo então à palavra ao Dr. Barreto Campelo, Procurador Geral do Estado, interino.

O recinto do Tribunal bem como a galeria se achavam repletos, vendo a cada instante maior assistência.

O presidente, desembargador Argemiro Galvão, declara que iria prosseguir os trabalhos, convidando o Dr. Barreto Campelo a produzir a sua acusação de representante da Justiça.

Fazia-se silêncio no recinto daquele Tribunal quando o Dr. Barreto Campelo se pôs de pé a tribuna, iniciando a sua peça acusatória com voz forte expressiva.

Principiou a mesma descrevendo os sucessos de Garanhuns, tendo antes, com a devida modéstia, desculpando-se com os desembargadores por não se julgar competente para fazer com precisão e clareza a sua acusação diante de homens que estavam encanecidos no sacerdócio da Lei.

O que foi o crime de Garanhuns falava o Dr. Barreto Campelo? O que foi aquela tragédia? Nós todos estamos lembrados, não sendo, entretanto, possível descrevê-la minuciosamente.

Continuando na sua oração disse o promotor que era preciso fazer justiça sobre o crime de Garanhuns para que a sociedade fosse desagravada do ultraje que lhe ora lançado.

Que em Garanhuns havia um punhado de órfãos e viúvas chorando a morte de seus idolatrados pais e esposos.

A justiça que se vai fazer nesse Tribunal servirá de exemplo para o futuro, porque os que alimentam intenções de promover outro movimento igual ao de Garanhuns, lembrando-se da justiça que os aguardará, não perpetrarão.

Num país onde há lei não há chacina, como esta que vós ides julgar Srs. desembargadores.

O Dr. Campelo antes de entrar na apreciação das provas dos autos, demonstrou frisantemente que os sucessos de Garanhuns houve um só mandante, a seu modo de ver, uma única cabeça pensante que dirigia os movimentos, explicando que naquela hecatombe houve mandante e mandatários.

Mandante foi o que arquitetou os planos de assalto á cadeia e mandatários os que os levaram a efeito, com o auxílio dos bandos de cangaceiros de Brejão.

Está provado nestes autos que o Coronel Júlio Brasileiro, assassinado no Recife, era chefe família exemplar, homem de posição social elevada e gozava de real influência em Garanhuns e, por isto, era de se esperar que graves ocorrências se desenrolassem naquela localidade quando fosse divulgada a notícia do seu assassinato.

O que era que cumpria fazer aqueles que tinham em suas mãos a segurança pública, senão procurar a todo custo que as mesmas ocorrências não se efetivassem, senão manter a ordem e defender o patrimônio das famílias.

Pelas provas existentes nos autos, a família Brasileiro é a principal responsável pelos fatos.

Para provar a evidência do que alegava, relatou o Dr. Campelo uma cena que se passara em Campina Grande com um vaqueiro que tinha sido incumbido pelo seu patrão de matar um individuo que lhe fora apontado.

O vaqueiro, falava o promotor, ao enfrentar a sua vítima, achou-a tão bonita, tão fina, tão delicada, que não teve coragem para executar as ordens do patrão.

No dia seguinte ao encontro referido, o vaqueiro entrou numa capela da localidade e fez uma imploração aos santos pedindo-lhes que o dessem ânimo para cumprir o que lhe fora determinado e quando saiu dali, encontrando-se novamente com o individuo que seu patrão o ordenara que matasse, alvejou-o com dois tiros de rifle.

E assim esses homens do banco de trás, referia-se o promotor público aos réus que estavam sentados do lado de fora da grade que separa a sala do Tribunal, são irresponsáveis pelos crimes que praticaram porque cumpriram ordens.

Referiu-se depois S.S. a um inquérito que foi feito de acordo com o art. 122 da Constituição e que estabelece a criação de um Juizo de Instrução, como existe em outros países.

Disse que se os advogados da defesa tivessem provas cabais para destruir o inquérito que o fizessem, mas julgar a invalidade do mesmo por ter sido feito em segredo, não era plausível.

Abrindo os volumosos autos do processo o Dr. Barreto Campelo se referiu a reunião que houve na casa da família Brasileiro logo que chegou a Garanhuns a notícia do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro.

Depois começou a acusar Alfredo e Álvaro Viana.

Alfredo Viana é quem declara que veio do Brejão convidado pelo seu irmão Álvaro Viana, conforme consta nos autos.

Referiu-se também a um telegrama que Álvaro Viana enviara ao seu irmão para que trouxesse gente do Brejão.

Há até uma testemunha que viu Álvaro Viana pela manhã daquelas tristes ocorrências na porta do telégrafo.

Nessa ocasião ouviu-se um aparte do Dr. Mario Castro sobre a hora em que Álvaro Viana foi visto na porta do telégrafo.

Continuando o Dr. Campelo disse se não fosse o grupo chegado do Brejão o ataque á cadeia não teria se realizado.

É sobre essa tese que se baseiam os principais argumentos da acusação.

Houve neste ponto, outro aparte do Dr. Mario Castro, sobre a hora em que chegou o grupo de Brejão.

O Dr. Campelo explicou que eram dois grupos, o dos assalariados por Alfredo Viana, no Brejão, que depois veio juntasse a este Alfredo Viana na frente a cavalo em companhia de outras pessoas.

Referindo-se ao réu Fausto Galo disse à promotoria que o mesmo fôra o autor intelectual do crime, fazendo referências a uma divergência que havia entre este e o Dr. Borba Junior, e que, em sua opinião, Fausto Galo era o único desafeto com que contava em Garanhuns o Dr. Borba Junior.

A entrada do Dr Borba Junior na cadeia é um indício que acusa Fausto Galo, porque já mais de uma vez, o Dr. Borba Junior fora desacatado por Fausto Galo, reafirmado por isto ser este o responsável pela sua morte.

Continuou ainda o Dr. Barreto Campelo a sua brilhante peça acusatória, referindo-se ao acusado Eutíquio Brasileiro, afirmado e provado que este tomara parte no assalto á cadeia de Garanhuns.

Passou depois a acusar os tenentes Meira Lima e Antônio Padilha, provando que os mesmos foram responsáveis pelos acontecimentos de Garanhuns.

Ás 14 1/2 horas, a pedido do Dr. Campelo foram levantados os trabalhos do julgamento por 30 minutos. Esgotado esse tempo, ás 15 horas e 8 minutos voltou o promotor a produzir a sua acusação contra os tenentes Antônio Padilha e Meira Lima com energia.

Ocupou-se após de José Correia Paes da Rocha, recomendando a atenção dos desembargadores ao riso e a indiferença de criminoso convencido com que o mesmo assistia a solenidade do seu julgamento.

Falou depois dos hediondos papéis de Pecó e Pai d´Égua, dois monstros, duas chagas humanas, diz que foram eles os decepadores de mãos e desfiguradores dos cadáveres.

Acusa ainda Martiniano Esteves dos Santos, José Rodrigues de Freitas Sobrinho, Dudé, e Manoel de Oliveira Dantas, vulgo Fogueteiro, contra os quais muitas provas existem nos autos.

Tratou finalmente de Pedro Felix Caradura e Leopoldino Barbosa, vulgo Bolachão.

O Dr. Barreto Campelo foi sempre feliz na sua peça acusatória, feita com muito método, dividindo os criminosos em três categorias: autores intelectuais ou mandantes entre os quais inclui os membros da família Brasileiro, coautores que prestaram a prática dos crimes auxílio eficiente e indispensável e os mandatários.

O Dr. Campelo indicou a penalidade de cada um dos criminosos de acordo com a letra expressa da Lei.

O desembargador Belarmino Gondim solicitou ao presidente do Tribunal a suspensão dos trabalhos alegando cansaço no que foi atendido, sendo encerrada a sessão do julgamento ás 16 horas e 10 minutos, prosseguindo amanhã ás 11 horas.

5º dia de julgamento – Sexta- feira, 04 de outubro de 1918.

Foram retomados ás 12 horas na sala de sessões do Superior Tribunal de Justiça os trabalhos do julgamento das pessoas implicadas nos tristes sucessos de Garanhuns.

O Presidente daquele egrégio Tribunal, Desembagador Argemiro Galvão, antes de declarar recomeçados os referidos trabalhos, procedeu à leitura de dois ofícios que comunicavam o não comparecimento dos réus Leopoldino Barbosa, vulgo

Bolachão, e Tenente Meira Lima, por se acharem doentes. Consultando os seus colegas e os advogados de defesa se rescidiam da presença dos mesmos.

O desembargador Silva Rego explicou que o não comparecimento dos aludidos réus não impediria o prosseguimento dos trabalhos, desde que eles se achavam representados pelos seus advogados e já tinham assistido a parte da acusação que lhes fôra feita na véspera.

Os advogados de defesa também foram da mesma opinião, tendo apenas discordado dela o Dr. Barreto Campelo.

Terminado esse incidente foi concebida a palavra a Promotoria Pública representada pelo Dr. Barreto Campelo que prosseguiu a sua eloquente peça acusatória, terminando ás 13 horas e 5 minutos, após fazer uma apologia da justiça e da verdade que deixou profunda impressão.

Concluída a acusação, ocupou a tribuna o Dr. Hercílio de Souza, advogado dos réus Álvaro e Alfredo Viana.

Começou o venerando advogado dizendo que iria ser breve na defesa dos seus constituintes tanto quanto a necessidade exigisse, porque a sua idade já não lhe permitia o ardor dos moços que se ocuparam da acusação.

Na sua oratória analisou a impressão geral que se fez em torno do processo, enumerado as suas irregularidades.

Entrando na análise das provas dos autos, procurava demonstrar a não responsabilidade dos mesmos pelo assalto á cadeia.

Ás 15 horas e 15 minutos foi suspensa a sessão para descanso, sendo reaberta ás 16 horas.

Ocupou-se daí em diante o Dr. Hercílio de Souza especialmente do querelado Álvaro Brasileiro Viana.

Ás 16 horas e 25 minutos o desembargador presidente sugeriu adiar a sessão para ás 18 horas, porém, os desembargadores Austerliano de Castro e Belarmino Gondim

declararam que as suas saúdes não lhes permitiam o trabalho á noite, decidindo o presidente concluir os trabalhos e reabrir a sessão ás 12 horas no sábado.

6º dia de julgamento – Sábado, 05 de outubro de 1918.

No Superior Tribunal de Justiça foi reaberta ás 12 e 1/2 horas os trabalhos do julgamento dos implicados na hecatombe de Garanhuns

Como ocorreu ontem deixaram de comparecer alguns réus por motivos de doença, tendo, entretanto, desistindo do comparecimento dos mesmos os seus advogados.

Ocupou a tribuna de defesa o Dr. Manoel Henrique Wanderley, advogado dos capitães Eutíquio Brasileiro e Fausto Galo.

O advogado falou até ás 16 horas e 45 minutos, tendo apenas havido descanso de meia hora. Durante a sua defesa demorou-se em considerações sobre as provas dos autos que diziam respeito aos seus constituintes, procurou provar que os sucessos de Garanhuns fora fruto de uma revolta popular pela qual os familiares do Coronel Júlio Brasileiro nada poderiam fazer para contê-la.

Ás 16 horas e 45 miutos foram suspensos os trabalhos do julgamento para terem prosseguimento amanhã ás 11 horas, continuando com a palavra o Dr. Manoel Henrique Wanderley.

7º dia de julgamento – Segunda-feira, 07 de outubro de 1918.

Ás 12 horas e 50 minutos, presentes os desembargadores Argemiro Galvão, Presidente, Silva Rego, Austerliano de Castro, Samuel Martins, Belarmino Gondim e Santos Moreira foi aberta a

sessão do Superior Tribunal para continuação dos trabalhos relativos aos sucessos de Garanhuns.

O Presidente, após a leitura da sessão, fez ver que de 25 reús, apenas 11 haviam comparecido, estando 14 doentes, segundo comunicação do comandante da Força Pública da Casa de Detenção.

O Dr. Barreto Campelo, Procurador Geral do Estado, comunicara estar atacado pela Influenza, permanecendo desde sábado no leito.

Como via o Tribunal, era impossível prosseguir-se com os trabalhos.

Depois de estender-se em diversas considerações, disse mais o senhor presidente ser caso mesmo do Tribunal suspender indeterminadamente os seus trabalhos, até que cesse a epidemia a grassar nesta cidade e subúrbios.

Porque, maligna ou benigna, o certo é que uma epidemia existe, não havendo quase quem em sua casa não tenha dois ou três doentes. E a aglomeração diária ao recinto do Tribunal, segundo a opinião médica, é inconveniente.

Mas, viria isto prejudicar os interesses dos querelados, achava, entretanto, ser necessário o adiamento dos trabalhos por oito dias, devendo recomeçar na próxima segunda-feira.

Os demais desembargadores e advogados concordaram com a S. Excia, sendo então suspensa a sessão.

A Influenza Espanhola

Em outubro de 1918 a Capital pernambucana foi atingida pela Influenza espanhola, uma epidemia de gripe. Essa expressão Influenza surgiu na Itália no século XVIII quando um surto de gripe foi relacionado à influência do frio, ifluenza di freddo.

A moléstia foi trazida a Pernambuco, através do vapor "Piauhy", que aportou no Recife no dia 25 de setembro de 1918. A Saúde do Porto constatou alguns casos de uma moléstia desconhecida em diversos tripulantes do navio. Essa doença apresenta os seguintes sintomas: Febre de 40 graus, prostração completa, falta absoluta de vontade de comer, abundância de catarro pelo nariz, vômitos, cor cadavérica e dor profunda, desde o pescoço até os quadris. A moléstia veio até aqui da seguinte maneira: Atracou no Porto de Dakar, o "Corcovado", procedente de Gênova e com destino ao Rio Grande do Norte, conduzindo um grande carregamento de sal. Logo ao sair daquele porto, sentiram-se doentes trinta e cinco tripulantes do "Corcovado". No entanto, não se deu nenhum caso fatal até o Porto de Macao, no Rio Grande do Norte, estando também atracado alí o "Piauhy", da mesma Companhia. O Comandante do "Corcovado" resolveu transportar para aquele paquete quatro dos doentes que ofereciam maior gravidade. Chegando o "Piauhy" ao Recife, a Saúde do Porto constatou que todos estavam atacados de uma moléstia desconhecida. É editado pela Inspectoria de Saúde Naval, sediada na Capital.

Com a propagação da epidemia, a cidade do Recife pouco a pouco foi parando, um exemplo era a situação da "Tramway", responsável pelo transporte urbano. Na empresa, cerca de 70 funcionários estavam atacados da influenza, os empregados que ainda não haviam sido acometidos da enfermidade, dobravam seus serviços por falta de quem os substituíssem. Os empregados que adoeciam eram tratados com a ajuda pecuniária da "Caixa de

Socorros. Na "Great Western", a situação não era diferente, na secção de passagens estavam acometidos da doença 8 funcionários, no serviço de cargas 10 homens estavam doentes, sem levar em conta o pessoal do tráfego de trens que eram substituído constantemente. Segundo o chefe de passagens e de expediente, João Leite, houve uma diminuição bastante considerável na utilização dos transportes de mercadorias pelo comércio, segundo suas palavras, havia todos os dias mercadorias suficientes para encher 4 vagões diariamente e depois que a epidemia assolou, ele sentia dificuldade para encher um.

Nas estações de trem, do Brum, Central e das Cinco Pontas, houve uma considerável diminuição do número de passageiros provenientes de Rio Branco, Paraíba e Alagoas, e as pessoas destes estados que teimavam vir a capital de Pernambuco, logo contraiam a doença. Nas escolas públicas e particulares, a frequência diminuiu em até 70%. Os chefes de família proibiam seus filhos de irem às escolas, pois sabiam o grave risco de contágio em lugares com aglomerações. Por estarem o tráfego da "Tranways" deficiente, por falta de empregados, muitas pessoas vinham a pé dos arrabaldes para o Recife, pois em certas horas se esperava por um bonde 40 minutos, e ainda havia a incerteza de que eles parariam no poste.

No cemitério de Santo Amaro, um dos principais da capital pernambucana, no dia 12 de outubro, era grande a multidão que aguardava a chegada dos cortejos fúnebres. Os empregados não descansavam, pois grande era a quantidade de sepultamentos dos cadáveres que ali chegavam.

A cidade tomou o cheiro de criolina. Toda gente levava uma balinha de Cônfora no bolso para evitar a contaminação. Os jornais publicavam notas da diretoria de higiene ensinando como tratar da influenza: Eurythimine Dethan, injeções de Gayorsine, xaropes para a tosse, fórmulas reconstituintes, boa alimentação.

Não eram esquecidos os suadores (diaforéticos), nem comprimidos de quinino, nem a aspirina e o pironidon.

Se não estavam doentes, as pessoas tinham medo de sair ás ruas com medo de uma possível contaminação. Os cafés e restaurantes funcionavam até ás 20 horas. Colégios suspenderam as aulas, assim como a coleta dos correios. O Jockey Club cancelou as provas e o campeonato de futebol foi suspenso.

O próprio Diário de Pernambuco no dia 13 de outubro publicou um comunicado aos leitores afirmando que somente oito linotipistas compareceram ao trabalho e apenas um deles estava doente.

Em Recife morreram mais de 2.000 pessoas, no país um total de 300 mil e no mundo esse número é estimado em 20 milhões de vítimas. O higienista José Otávio de Freitas em dezembro consegue debelar e controlar a doença.

1918, A Gripe Espanhola Aporta em Pernambuco. Dissertação do Mestre em História Carlos Eduardo Pinho.

8º dia de julgamento – Segunda-feira, 04 de novembro de 1918.

Recomeçaram hoje após 28 dias de suspensão, os debates no Superior Tribunal de Justiça do julgamento dos implicados na hecatombe de Garanhuns.

Ás 13 horas, o Presidente Desembargador Argemiro Galvão, ao abrir a sessão, leu um ofício do Dr. Lourenço Castelo Branco desistindo de defender um dos seus constituintes.

Em vista disso, o Presidente designou o Dr. Manoel Henrique Wanderley para advogar os acusados que estavam sem patrono. Este aceitou a incumbência.

O Dr. Henrique Wanderley voltou à tribuna e continuou o seu discusso de defesa do Capitão Eutíquio Brasileiro, fez a leitura de vários documentos, analisou demoradamente o relatório do juiz em comissão, combateu a prova do processo e terminou

declarando que em face do direito o seu constituinte não devia ser condenado.

Ás 14 1/2 horas teve a palavra o Dr. Mario de Souza, que pela primeira vez falou em público. Advogou o Tenente Antônio Padilha.

A sua oração foi bem documentada.

Deixou a tribuna ás 16 horas, depois de produzido uma longa defesa, que consistiu em amenizar a sua participação como comandante dos grupos de cangaceiros no ataque á cadeia e apelar para o estado de saúde do reú que está cego.

Em seguida, a requerimento do desembargador Austeliano de Castro a sessão foi suspensa.

9º dia de julgamento – Terça-feira, 05 de novembro de 1918.

Foram reiniciados os trabalhos no Superior Tribunal de Justiça ás 12 horas, sob a presidência do desembargador Argemiro Galvão.

Terminou a defesa dos seus constituintes o Dr. Mario de Souza, sendo, logo depois, concedida a palavra ao Dr. Severino Barboza, advogado do Tenente Meira Lima.

Em defesa deste querelado, o Dr. Severino Barboza alegou ter sido o mesmo irresponsável pelos acontecimentos e se havia algum culpado pelos mesmos caberia esta responsabilidade a família Brasileiro, pois o tempo todo enganaram o seu constituinte ao alegar que os homens que traziam de Brejão era para sua defesa e deles partiram os planos de recolher os adversários políticos na cadeia, sem que o delegado soubesse as suas reais intenções. Nessa ocasião foi calorosamente aparteado pelos Drs. Mario de Souza e Manoel Henrique, ocorrendo entre este e o orador uma discussão que se resolveu com a intervenção do Presidente Desembagador Argemiro Galvão.

Ás 14 horas e 15 minutos a sessão foi interrompida para um ligeiro descanso, sendo reaberta ás 15 horas.

O Dr. Severino Barboza prosseguiu atacando a acusação e terminou ás 16 1/2 horas, quando foi a sessão novamente suspensa para prosseguir amanhã ao meio dia.

Falará o Dr. Nestor Diogenes, auxiliar da defesa do Tenente Meira Lima e advogado do Capitão Fausto Galo.

10º dia de julgamento – Quarta-feira, 06 de novembro de 1918.

No Superior Tribunal de Justiça continuaram hoje os debates do julgamento dos responsáveis pelos crimes de Garanhuns.

Ás 12 e meia hora, o Desembagador Argemiro Galvão concedeu a palavra ao Dr. Nestor Diogenes que fez a defesa do Tenente Meira Lima.

Ás 13 horas e 10 minutos, o Dr. Castelo Branco inicia a defesa do Tenente Cezar Medeiros Cavalcanti, terminando ás 13 e meia. Foi então concedida à palavra ao acadêmico Oswaldo Lima, advogado de José Rodrigues de Freitas, Dudé. O acadêmico Oswaldo Lima contestou as provas do inquérito e defendeu que o cacereiro da cadeia de Garanhuns, auxíliou os assaltantes sob o medo de perder a própria vida, que não havia meios do seu constituinte não obedecer as ordens dos celerados, pois certamente seria morto.

No decorrer dessa defesa, o Dr. Barreto Campelo protestou contra os ataques feitos a ele. Determinando esse fato que o Presidente advertisse ao orador que ele precisava modificar a sua linguagem.

Ás 15 horas e 25 minutos, quando concluiu o acadêmico Oswaldo Lima, voltou á tribuna o Dr. Nestor Diogenes que durante duas horas falou em defesa do Capitão Fausto Galo.

Amanhã terá a palavra o Dr. Manoel Henrique, advogado de 17 querelados.

11º dia de julgamento – Quinta-feira, 07 de novembro de 1918.

Prosseguiu hoje os trabalhos do julgamento dos implicados na hecatombe de Garanhuns.

Falaram o Dr. João Tavares, advogado de Joaquim Rodrigues da Silva, vulgo Pai d´Égua e o Dr. Henrique Wanderley, advogado de diversos querelados.

Em defesa do implicado José Correia Paes da Rocha, o Dr. Henrique Wanderley alegou que em seu interrogatório as respostas dadas pelo seu constituinte foram redigidas de um modo ambíguo, dando lugar a interpretações diferentes e que não correspondiam ao que havia dito. Que após ter lido o depoimento o seu constituinte se recusou a assinar, dizendo que só faria se fossem emendados os pontos alterados, sendo ameaçado pelo juiz em comissão de mandá-lo sair em procissão pela cidade acompanhado por quatro praças. Os dignos promotor e escrivão comissionados darão testemunhos disso, caso for preciso. O Capitão José Correia como afirmou em depoimento, esteve na casa da família Brasileiro exercendo a sua função de farmacêutico, pois foi chamado para socorrer os feridos, sendo uma alegação infundada as declarações de algumas testemunhas de acusação.

__ É de conhecimento público e notório que o réu estava em Garanhuns pouco tempo depois da morte do Coronel Júlio Brasileiro. Nesse horário quais os feridos que ele estava dando assistência? Aparteou o Dr. Brito Alves.

O Dr. Henrique Wanderley não rebateu a acusação e continuou a defesa.

Ás 16 horas e 40 minutos foi suspensa a sessão, devendo continuar amanhã.

Falará ainda o Dr. Manoel Henrique, em seguida o Dr. Brito Alves dará começo a réplica.

12º dia de julgamento – sexta-feira, 08 de novembro de 1918.

Continuou hoje o julgamento dos réus de Garanhuns.

A sessão foi aberta ás 12 horas e meia, sendo dada a palavra ao Dr. Manoel Henrique Wanderley, advogado de 17 querelados, que prosseguiu na sua peça de defesa até às 15 horas e meia, quando terminou.

Pelo adiantado das horas foi suspensa a sessão que deverá continuar amanhã, ás 12 horas, falando o Dr. Brito Alves advogado das viúvas das vítimas que produzirá a réplica.

13º dia de julgamento – Sábado, 09 de novembro de 1918.

No Superior Tribunal de Justiça do Estado continuou hoje os trabalhos sobre a hecatombe de Garanhuns.

Ás 12 e meia hora, o Dr. Argemiro Galvão, respectivo presidente, abriu a sessão dando a palavra ao Dr. Brito Alves, advogado das viúvas das vítimas.

O ilustre Dr. Brito Alves iniciando a sua réplica protestou contra a suposta nulidade do processo de Garanhuns, levantada no Tribunal pelo acatado mestre do direito Hercílio de Souza, advogado dos querelados Álvaro e Alfredo Viana.

O advogado de acusação depois de explanar minuciosamente o assunto, exclama:

__ Em que se baseou o Dr. Hercílio de Souza para requerer a nulidade do processo?

Certamente em alegar, como, aliás, alegou que as viúvas das vítimas não podiam apresentar uma queixa crime perante o

Tribunal. O mestre, adiantou o Dr Brito Alves, estava enganado sem dúvida quando fez essa afirmativa.

E passou a citar o art. 122 da Constituição Estadual, que vai de encontro á opinião do advogado dos querelados acima aludidos. Com essa argumentação o meu ilustre mestre taxa de incompetentes os membros do Tribunal, demonstrando assim não ter data profissional, ao mesmo tempo que, prejudicou os interesses dos seus constituintes.

Referindo-se a tragédia de Garanhuns, o Dr. Brito Alves diz não conhecer um crime mais horrendo ocorrido até hoje em todo território brasileiro.

O Dr. Brito Alves aludiu também ao fato de ter aparecido no Tribunal, perto de completar quase dois anos da tragédia de Garanhuns, uma testemunha para declarar que não assistiu as autópsias nos cadávares das vítimas daquela barbaria, assim como também não assinou os respectivos laudos. Agora alega o Sr. Américo Carneiro de Medeiros Furtado, que ao acompanhar os enterros das vítimas ao cemitério local, foi convidado pelo prático de farmacêutico Frederico de Moraes para proceder os exames cadavéricos o que terminantemente relutou em aceitar, pois os corpos já haviam sido enterrados e não possuía a devida competência profissional, que diz que depois foi convidado pelo juiz em comissão e tratado grosseiramente, por ter um cunhado envolvido no processo. Passado alguns dias foi chamado pelo farmacêutico Frederido de Moraes e chegando a sua farmácia estava o escrivão da comissão de inquérito, que acabou convencendo-o a assinar os laudos, como também o fez o Sr. Inácio Leite de Araújo Cavalcanti, sem possuir nenhum conhecimento de anatomia.

O advogado analisa esse fato estranhando que somente agora tenha surgido no Tribunal essa testemunha.

Naturalmente foi a mesma subordinada, diz o Dr. Brito Alves, pois a família Brasileiro onde não pode chegar com o dinheiro, chega com o rifle.

Nessa ocasião ouve-se um aparte. Era o Dr. Manoel Henrique, advogado do Capitão Eutíquio Brasileiro que protesta contra aquela frase, alegando que seu colega da acusação não tinha o direito de agredir a família do seu constituinte:

__ Eu já compreendi que S. Excia. quer fazer espírito no recinto deste egrégio Tribunal.

__ Espírito faz quem pode e não quem deseja.

__ Sua Excelência está dizendo palavrões.

__ E o meu nobre colega palavrinhas.

__ Mas, Vossa Excelência ainda fala?

__ Falarei de acordo com seus ataques e suas agressões

Nessa altura, o desembargador Argemiro Galvão, Presidente do Tribunal, chama a atenção do Dr. Manoel Henrique, alegando não poder permitir ali diálogos e pedindo ao mesmo tempo para não apartear a boa marcha do serviço.

A propósito desse incidente que acabo de ter com o meu colega da defesa, acrescentou o Dr. Brito Alves, faz-me lembrar de um fato muito curioso que observei no sertão e que peço aqui permissão ao Sr. presidente do Tribunal para narrá-lo. Trata-se de um sertanejo que conduzindo uma carroça, procurou obstar a marcha de um auto na estrada por onde vinha, a fim de chegar primeiro no local a que se destinava.

Pois bem, o mesmo está acontecendo com meu ilustre colega Dr. Manoel Henrique. Vendo que o estou prejudicando nessa acusação, procura por todos os meios apartear-me, a fim de me desviar do assunto.

O outro ponto da suposta nulidade do processo em que se baseia o ilustre mestre de Direito, alegou o Dr. Brito Alves, é aquele em que diz ter o Dr. Ribeiro Pessoa, o juiz que presidiu o

inquérito sobre a hecatombe de Garanhuns, haver apresentado o respectivo relatório com frases apaixonadas.

Isso, porém, não tem nenhum valor para o caso.

Em seguida, o advogado de acusação afirmou não ter havido em Garanhuns nenhum complô para mandar matar Júlio Brasileiro, se complô houve, disse o Dr. Brito Alves, foi de certos advogados contra os haveres da viúva daquele coronel, que ainda possui uma fazenda de café em Garanhuns.

Logo após, passa a historiar os motivos que determinaram o Capitão Sales Vila Nova a assassinar nesta cidade ao Coronel Júlio Brasileiro.

Nessa ocasião, o advogado da acusação declara muito ter concorrido para esse crime o querelado presente Capitão Eutíquio Brasileiro, que foi um dos espancadores do referido capitão.

__ E como prova isso? Perguntou Dr. Manoel Henrique.

__ Com o processo que está aqui.

O Dr. Brito Alves fez também cerrada acusação contra os querelados Meira Lima, Álvaro Viana, Alfredo Viana e Fausto Galo, tendo depois pedido aos desembargadores para juntar aos autos três fotografias, sendo duas da cadeia de Garanhuns e uma da residência do Sr. Penante.

O advogado de acusação terminou fazendo uma brilhante invocação á figura da Justiça, na qual disse ver sempre nela à garantia para os fracos.

Antes, porém, o advogado de acusação analisou de per si o caráter dos desembargadores que vão julgar os implicados na horrenda tragédia de Garanhuns.

O seu discurso deixou ótima impressão no seio da numerosa assistência.

Ás 15 horas, o presidente do Tribunal suspendeu a sessão por 30 minutos, a fim de descansarem um poucou.

Decorridos os 30 minutos de descanso, a sessão foi reaberta, continuando os trabalhos.

Começando a sua réplica, o ilustre Dr. Barreto Campelo, que exerce interinamente o lugar do Procurador Geral do Estado, secundou em quase todos os pontos o discurso do seu colega de acusação.

Também fez acusações sérias aos querelados Eutíquio Brasileiro e Álvaro Viana, tendo eles concorridos para a hecatombe de Garanhuns, sendo, pois, em sua opinião, os principais responsáveis.

Estranhou também o fato de ter aparecido no Tribunal uma testemunha e declarar que não assistira as autopsias procedidas naquela cidade nos cadáveres das vítimas e bem assim de que não tinha assinado os respectivos laudos.

Essa testemunha, no entanto, assistiu a todas as autopsias e assinou os laudos dos mesmos, conforme consta nos autos do processo. O Tribunal deveria, portanto, responsabilizar essa testemunha, que, aliás, é pessoa que faz parte da minha família.

Muitos reús e testemunhas mudaram os seus depoimentos. O querelado Leopolodino Barbosa, vulgo Bolachão, no depoimento dado ao juiz Ribeiro Pessoa revela que ouviu os familiares do Coronel Júlio Brasileiro arquitetarem os planos macabros para atacar a cadeia, agora diante do Tribunal alega que o juiz de direito em comissão exigiu que ele depusesse contra a família Brasileiro, que se negando a fazer estas declarações, em desacordo com sua consciência, o juiz ameaçou de dar-lhe uma surra, que ao retornar a cadeia, foi barbaramente espancado com as coronhas de espingardas e pisoteado, ao ponto de ficar com os ouvidos e a cabeça escorrendo sangue, sendo depois posto em um quarto e colocada uma espingarda em sua boca, suspendendo-lhe do solo, o que lhe quebrou três dentes, que depois foi novamente surrado e ferido a face, a qual ainda apresenta a cicatriz, sendo depois levado a presença do juiz de direito, não sendo escrita as

palavras que ele referia, que o juiz mandava escrever coisas muito diferentes do que ele dizia. Não temos realmente como comprovar que o réu teve os seus dentes quebrados, pois o mesmo é desdentado, mas o ferimento no rosto está tão bem cicatrizado que não vemos nem sinal.

Diante das provas que existem nesse processo, acrescentou o Dr. Barreto Campelo, espero que os Srs. desembargadores saberão fazer justiça.

No meio dos querelados presentes, estou certo, também foram incluídos inocentes.

Passando a analisar o valor das testemunhas que depuseram no processo, o promotor disse serem todas idôneas e de comprovada reputação.

Francisco de Siqueira Cavalcanti, por exemplo, que depõe nesse processo sem o menor apaixonamento, pois estava em Garanhuns há poucos dias quando se deu o desgraçado acontecimento, o que poderão dizer dele?

Coisas inverídicas como se tem dito de outras testemunhas.

Nessa altura foi suspensa a sessão pelo presidente do Tribunal, em face de já ter dado 17 horas, ficando os trabalhos para segunda-feira.

14º dia de julgamento – Segunda-feira, 11 de novembro de 1918.

Ás 12 horas e meia prosseguiu no Superior Tribunal de Justiça a sessão de julgamento dos imputados autores dos sanguinolentos fatos desemrolados em Garanhuns, em janeiro do ano passado.

Continuou com a palavra o Dr. Barreto Campelo, que durante a sua réplica, estudando parceladamente a ação dos criminosos na prática dos inomináveis crimes, apontou de acordo com a participação na hecatombe, à responsabilidade de cada

criminoso, desde os mandantes aos executores, confirmando que não havia um complô dos adversários políticos para assassinar o Coronel Júlio Brasileiro, como também, não tiveram naquela manhã dos trágicos acontecimentos em Garanhuns, nenhum membro da família Brasileiro e autoridades as suas vidas ameaçadas pelas malogradas vítimas da cadeia.

Durante o seu discurso e argumentação o Dr. Barreto Campelo foi muito aparteado pelos advogados de defesa.

A sessão encerrou-se ás 16 horas e meia, devendo iniciar-se amanhã a tréplica, falando o Dr. Hercílio de Souza, advogado de Álvaro Brasileiro.

15º dia de julgamento – Terça-feira, 12 de novembro de 1918.

16º dia de julgamento – Quarta-feira, 13 de novembro de 1918.

O Jornal do Recife foi o único noticioso da Capital que publicou com mais abrangência os trabalhos realizados no Superior Tribunal de Justiça, dos 15º e 16º dias de julgamentos, as quais passamos a transcrever:

Prossegue ainda na Alta Casa de Justiça do Estado o julgamento dos imputados autores dos monstruosos fatos ocorridos em Garanhuns em janeiro de 1917.

Ontem, a sessão do Tribunal foi ocupada pela tréplica e que segue hoje.

Falaram os Drs. Hercílio de Souza, advogado de Álvaro Viana, Alfredo Viana e Severino Barboza, advogado do Tenente Meira Lima.

O mestre de Direito produziu um discurso deveras brilhante, defendendo os seus constituintes com erudição e clareza.

Segui-se o Dr. Severino Barboza que também produziu uma cerrada argumentação, esforçando para provar a não culpacidade do Tenente Meira Lima.

Hoje falaram os Drs. Nestor Diogenes, advogado de Fausto Galo, João Tavares, advogado de Pai d´Égua, Oswaldo Lima, advogado de Dudé, Mario de Souza, advogado do Tenente Padilha e Castelo Branco, advogado de Cezar de Medeiros Cavalcanti.

Amanhã prosseguirá o julgamento devendo falar o Dr. Manoel Henrique Wanderley, que fará a última tréplica.

Logo que o advogado de defesa termine, o Tribunal reunir-se-á em sessão secreta para o julgamento e consequente eleboração do acordão.

17º dia de julgamento – Quinta-feira, 14 de novembro de 1918.

Prosseguiu hoje o julgamento dos criminosos de Garanhuns.

Aberta a sessão, ás 12 horas e meia, teve a palavra o Dr. Manoel Henrique Wanderley, advogado de Eutíquio Brasileiro e outros, que ocupou as atenções do Tribunal até ás 16 horas e meia, quando foi suspensa a sessão, que deverá ser reaberta amanhã, continuando ainda com a palavra o Dr. Manoel Henrique.

18º dia de julgamento – Sexta-feira, 15 de novembro de 1918.

Prosseguiu hoje no Superior Tribunal de Justiça os trabalhos sobre os sucessos de Garanhuns.

Continuou com a palavra o Dr. Manoel Henrique Wanderley, advogado do querelado Capitão Eutíquio Brasileiro, o ilustre advogado discorreu sobre o réu, afirmando que o mesmo não comandou nenhum bando que atacara á cadeia de Garanhuns

e que este estava no local tentando conter os ânimos dos exaltados correligionários e amigos do seu malogrado irmão.

Nessa ocasião ouviu-se um aparte do Dr. Brito Alves, que fazendo referências à religiosidade e a crença nas autoridades policiais e judiciais por parte do Dr. Manoel Henrique, disse que o colega parecia não ter fé nos depoimentos do Padre Benigno Lira e do sargento Pedro Malta, que flagraram o querelado Eutíquio Brasileiro no teatro da chacina.

O advogado Henrique Wanderley ignorou o aparte e continuou apresentando sua peça de defesa.

Devido o avançar das horas, a sessão foi suspensa pelo presidente do Tribunal, Argemiro Galvão, sendo reabertos os trabalhos na segunda-feira.

Caso o advogado termine a defesa do seu constituinte, os desembargadores que constituem o Conselho que vai julgar os implicados naquela tremenda hecatombe recolher-se-ão a Sala Secreta do Tribunal, a fim de ser pronunciadas as setenças.

19º dia de julgamento – Segunda-feira, 18 de novembro de 1918.

No Superior Tribunal de Justiça prosseguiram os trabalhos sobre a tremenda Hecatombe de Garanhuns.

O Dr. Henrique Wanderley continuou com a palavra, terminando a sua defesa ás 14 horas.

Vinte minutos depois, recolhiam-se á Sala Secreta daquele Tribunal os Srs. desembargadores que tinham de julgar o caso, determinando o Presidente Desembargador Argemiro Galvão que os querelados voltassem para as respectivas prisões, onde deverão aguardar a decisão do Tribunal.

Esperava-se que a decisão do Tribunal durasse no máximo 5 horas. Isso, no entanto, não aconteceu.

No sábado o nosso repórter encontrou almoçando no restaurante Chile, o Procurador Barreto Campelo que perguntado

sobre o que pensava sobre o resultado do julgamento dos crimes de Garanhuns, respondeu a nossa reportagem que nada podia afirmar, mas acreditava que ali poucos escapariam, e citou o exemplo do Tenente Meira ima, dizendo que não acreditava que ele fosse responsável pela hecatombe, mas batia pela sua condenação por crime profissional e não como assassino, devendo perder os galões, concluindo com essa frase: Um cego não pode ser faroleiro, nem um militar um covarde.

Até ás 4 horas da manhã quando o nosso repórter deixou o Tribunal os desembargadores continuavam recolhidos a Sala Secreta.

20º dia de julgamento – Terça-feira, 19 de novembro de 1918.

No mundo da notícia numa época em que os meios de comunicação não tinham a velocidade da informação como na atualidade, o ineditismo ou furo jornalístico era o móvel propulsor de superar a concorrência, mas essa exclusividade exigia dos repórteres, esforço, tino investigativo, credibilidade e apuração dos fatos. No último dia do julgamento da hecatombe de Garanhuns, o Jornal Pequeno, conseguiu o grande furo de reportagem, foi o primeiro noticioso a publicar na manhã de terça-feira, 19 de novembro de 1918, com exclusividade o veredicto do Superior Tribunal de Justiça sobre a hecatombe de Garanhuns. Resultado da tenacidade de um dos seus repórteres que permaneceu exaustivas horas no Tribunal aguardando o resultado do Julgamento e nós trás detalhes daquelas longas horas de trabalho e expectativas.

O Jornal do Recife, Diário de Pernambuco e A Província só noticiariam os resultados na manhã seguinte, dia 20 de novembro.

OS SUCCESSOS DE GARANHUS

O julgamento dos implicados pelo Superior Tribunal

Os desembargardores, em sessão secreta, trabalham 19 horas a fio.


ANNO XX — RECIFE — TERÇA-FEIRA 19 DE NOVEMBRO DE 1918 — NUMERO 264

JORNAL PEQUENO

DIRECTOR — THOMÉ GIBSON

REDACÇÃO E OFFICINAS — RUA 15 DE NOVEMBRO N. 309

MOMENTOSO ASSUMPTO

O nosso assucar e a iniquidade do Commissariado de Alimentação

O «Jornal Pequeno» ouve o notavel advogado e cathedratico da Faculdade de Direito, dr. Adolpho Cirne, o abastado e prestigioso agricultor dr. João Oliveira e altos representantes do commercio do Recife

TELEGRAMMAS

O JORNAL PEQUENO mantem diariamente serviço telegraphico pela "Western Telegraph Company Limited" (Cabo Submarino)

Os successos de Garanhuns

O julgamento dos implicados pelo Superior Tribunal

OS DESEMBARGADORES, EM SESSÃO SECRETA, TRABALHAM 19 HORAS A FIO

O "VEREDICTUM" DO TRIBUNAL

Glosas

Humorismos

A nota da tarde e da noite de ontem e da manhã de hoje foi, incontestavelmente, o julgamento final pelo Superior

Tribunal dos implicados nos lutuosos sucessos desenrolados em Garanhuns, em janeiro de 1917.

Quando os Srs. desembargadores ficaram, ontem, cerca de duas horas da tarde, em sessão secreta, a crença geral era de que os trabalhos do julgamento estariam terminados ás 5 ou 6 horas, o mais tardar. As horas, porém, iam-se escoando sem que o menor ruído denotasse o fim do julgamento. Sete horas da noite e o Tribunal repleto de advogados, oficiais de polícia em serviço, parentes dos réus e curiosos, todos aguardando com ansiedade que a decisão final fosse proferida.

Essa demora, para nós, não era surpresa, porquanto no sábado já o Dr. Barreto Campelo, Procurador Geral Interino, nos dissera haver possibilidade dos trabalhos irem á madrugada, e ontem, o desembargador Argemiro Galvão, presidente do Superior Tribunal de Justiça, em resposta as informações que lhe pedimos, declara acreditar que o julgamento só á noite terminaria.

Mas, é que os trabalhos foram muito além dos cálculos do venerando Desembargador Presidente e do ilustre Dr. Barreto Campelo.

Dava meia noite e nada fazia crer na proximidade da conclusão do julgamento. Os curiosos cansados de esperar, sonolentos já abandonavam o recinto do Tribunal. A maior parte dos advogados dos réus tomavam idêntica resolução, sentindo a falta do morno aconchego do leito ante o frio incômodo da madrugada que entrava.

Apenas ficaram alguns advogados, os oficiais e soldados de serviço, os empregados do Tribunal e os representantes do Diário, Província, Jornal do Recife e Jornal Pequeno, todos esses no cumprimento do seu dever.

Para matar o tempo, a discussão sobre fatos e coisas diversas era a conversa comumente.

Dizia-se quase unanimamente as rodas formadas que seriam absolvidos os Srs. Álvaro, Fausto Galo, Cezar Medeiros, Calangro, e mais um dois indigitados mandatários. Quanto ao Tenente Meira Lima, havia divergências, enquanto uns esperavam a sua absolvição, outros pensavam, seria ele condenado por crime funcional.

Por vezes, em companhia de colegas e outras pessoas amigas fomos no Jardim ao lado do Tesouro.

Dali divisava-se os desembargadores de quando em quando fazendo gestos que denotavam acalorada discussão.

O que mais admirava era a resistência orgânica demonstrada pelos desembargadores, alguns dos quais em avançada idade, principalmente essa figura respeitável do desembargador Argemiro Galvão, o presidente incansável do Tribunal, merecia palavras de admiração, mais acentuadas quando S. Excia. pela madrugada aparecia por traz de uma das portas da Sala Secreta com a sua fisionomia serena, em lenço envolto ao pescoço e, talvez para não esquecer um velho hábito, o seu cachimbo a deitar fracas rodas de fumaça. Era minutos apenas em que S. Excia. fugia da solenidade da sessão secreta para tomar pequenino descanso.

O desembargador Argemiro Galvão, porém, é dos que com a sua austeridade forte, não ver empecilhos, não enxerga trabalhos estafantes, quando se trata do cumprimento do dever.

Os Srs. desembargadores não jantaram. Durante á noite, chá, café, chocolate, leite e sanduiches, foram os alimentos servidos aos julgadores.

Ás 3 1/2 da manhã saiu a reportagem.

Ficaram apenas o Capitão Paulo Afonso, comandante da Força em serviço no Tribunal, o Dr. Severino Barboza, advogado do Tenente Meira Lima, José Viana, irmão dos acusados Álvaro e Alfredo Viana e os empregados do Tribunal.

Ás 6 1/2 voltamos ai, ainda nada.

Dizia-se que, com mais uma hora estaria tudo terminado. Os empregados do Tribunal mostravam em suas fisionomias grande fadiga. Ainda não tinham chegado os advogados dos acusados. Saímos e voltamos ás 7 e 15 minutos. O mesmo aspecto anterior. O Desembargador Santos Moreira aparece pedindo um exemplar do Diário.

Surge o boato que só ás 10 horas finalizavam os trabalhos. Retirámos-nos ante essa notícia, e voltamos ás 9 horas.

Ás 9 horas e 10 minutos, precisamente, foram abertas as portas da Sala Secreta.

O tribunal estava formado, sob a presidência do desembargador Argemiro Galvão.

Fomos o primeiro a penetrar na sala.

Dos advogados dos acusados estavam presentes apenas o Dr. Manoel Henrique Wanderley.

O presidente anuncia que vai proceder a leitura do resultado do julgamento dos sucessos de Garanhuns. Em seguida, com a voz pausada S. Excia. ler:

Capitão Eutíquio da Silva Brasileiro, condenado a 30 anos de prisão, em comum, contra o voto do desembargador Austerliano de Castro; Fausto de Araújo Galo, absolvido unanimamente; Álvaro Brasileiro Viana, absolvido unanimanente; Alfredo Brasileiro Viana, condenado a 30 anos de prisão, contra o voto do desembargador Austerliano de Castro; José Correia Paes da Rocha, condenado a 30 anos de prisão, unanimanente; Tenente Antônio Paula Meira Lima, condenado a perda do emprego que exerce contra o voto do desembargador Austerliano de Castro; Cezar de Medeiros Cavalcante, absolvido unanimamente; Tenente Antônio Padilha, condenado a 30 anos de prisão contra o voto dos desembargadores Belarmino Gondim e Austerliano de Castro; Sebastião Firmino da Silva, vulgo Pecó, condenado a 30 anos de prisão; Artur Pedrosa Vieira, condenado a 30 anos de prisão; José Rodrigues de Freitas, vulgo Dudé,

absolvido; Antônio de Freitas Peixoto, condenado a 30 anos de prisão; Elesbão de Barros e Silva, absolvido; Minervino Vieira, absolvido; Leopoldino Barbosa de Amorim, vulgo Bolachão, absolvido contra os votos dos Desembargadores Silva Rego e Samuel Martins; Manoel de Oliveira Dantas, condenado a 30 anos de prisão; Candido Julião Neves Arruda, absolvido; Joaquim Rodrigues da Silva, vulgo Pai d´Égua, condenado a 30 anos de prisão; Abilio Paes de Lira, condenado a 30 anos de prisão; Manoel Tavares de Arruda, absolvido; Martiniano Esteves dos Santos, condenado a 30 anos de prisão; José Bezerra da Silva, vulgo José Flor, condenado a 30 anos de prisão; Manoel Faustino de Carvalho, absolvido; Antonio Pedro Francisco, vulgo Molequinho, absolvido; Luiz de França Araújo, Calangro, absolvido; Pedro Felix Caradura, absolvido.

Proclamado o resultado, o Presidente desembargador Argemiro Galvão encerra a sessão, fornecendo as notas ao secretário para ser lavrada à ata.

Nunca ao que me consta, na história criminal do Brasil, houve um julgamento tão importante pelo número de criminosos, hediondez dos delitos e tempo roubado dos juízes.

Os desembargadores ávidos de liberdade saiam apressadamente, abraçamos o Dr. Belarmino Gondim.

__ Então, muito cansado?

__ Oh! Meu amigo, estafante trabalho.

E o semblante do integro juiz de direito de Olinda bem denotava o cansaço físico de que estava possuído.

Procuramos ainda ouvir o desembargador Silva Rego. S. Excia. combinava com o presidente as últimas ordens a serem deixadas. Quando preparava-se para sair abordámo-lo:

__ Muito cansado desembargador?

O desembargador Silva Rego é sobremodo acessível, mas parece ter o seu receio, maior ou menor, da bisbilhotice do jornalista.

Em todo caso, S. Excia. disse-nos:

__ Pudera não. Passar á noite sem dormir um minuto, a trabalhar, folhear tão volumosos autos, consultar folha por folha, é tarefa pesadíssima, e quase sem nos alimentarmos. Por que não podíamos comer bem para trabalhar em seguida? Apenas café, leite, sanduiche, constituíram a nossa alimentação. O Barreto Campelo auxiliou-me muito nas consultas aos autos que eu como relator era obrigado a fazer.

Despedimo-nos ligeiramente e deixamos o Tribunal. Na rua, a ansiedade era geral pelo conhecimento do resultado.

O desembargador Samuel Martins, á frente da Casa Pesqueira, prestava informes ao advogado Democrito de Souza, que naturalmente os solicitava.

Foram estes os empregados do Superior Tribunal que estiveram a posto, não dormindo um instante: Dr. Antônio Correia Gomes de Almeida, secretário, José Francisco da Fonseca Galvão, amanuense, Matheus Eugênio Peixoto, porteiro, Cristiano Eugênio Peixoto, contínuo, Américo Cardoso Tavares de Holanda, contínuo, Narciso Eugênio Peixoto, oficial, Juvenal Eugênio Peixoto, oficial.

Foram acusadores, Dr. Brito Alves, na qualidade de advogado das viúvas e órfãos e o Dr. Barreto Campelo, Procurador Geral do Estado.

Foram os advogados de defesa os Drs. Hercílio de Souza, Manoel Henrique Wanderley, Severino Alves Barboza, Nestor Diogenes, Lourenço Castelo Branco, Mario de Souza, João Tavares e Oswaldo Lima.

O acordão será lavrado pelo desembargador Silva Rego, relator do feito, que o apresentará provavelmente na sexta-feira.

Os absolvidos continuaram presos ainda e só serão postos em liberdade depois de lavrado o acordão.

Os outros criminosos logo que se apresentarem serão julgados.

Por Trás do Mundo da Notícia VI

Durante o jugamento dos implicados na Hecatombe de Garanhuns, havia boatos que pistoleiros tentariam matar o Dr. Francisco Barreto Campelo, diante desses rumores o Presidente do Tribunal Argemiro Galvão arumou a sala e os móveis, e pediu ao comandante de polícia reforço das forças, a fim de protegê-lo contra um possível atentado.

O veredito do Superior Tribunal não agradou as viúvas das vítimas e os habitantes de Garanhuns, principalmente a absolvição do Tenente Meira Lima, Fausto Galo e alguns dos celerados que praticaram os crimes na cadeia de Garanhuns e saíram impunes, muito contribuiu a participação nos bastidores da viúva Ana Duperron e seu cunhado Leopoldo Lins, que moveram queixas-crimes contra lideranças políticas como Dr. Rocha Carvalho, Antônio Souto Filho e Capitão Americo Ferreira de Melo, principais testemunhas de acusação, tendo como objetivo acusá-los como mandantes da morte de Júlio Brasileiro. As queixas crimes também foram movidas contra outras testemunhas, que temerosos abrandaram ou modificaram seus depoimentos. Testemunhas falsas foram urdidas, notas pagas foram publicadas nos jornais acusando o Doutor Rocha Carvalho de ser cúmplice do Capitão Sales Vila Nova no assassinato de Júlio Brasileiro, indo o médico recebê-lo na Estação de Cinco Pontas e depois o acompanhado até o ponto em que fora morto o coronel, afirmando que o revólver com o qual Sales se munira para matar o Coronel Júlio fora dado pelo Dr. Rocha Carvalho.

Rica e poderosa, Ana Duperron contou com a ajuda de várias pessoas de influência que agiam em seu favor. Em abril de 1917, o Capitão Martiniano Correia, Ajudante de Ordens do Governador, acompanhado com o escrivão Nilo Bezerra havia ido a Garanhuns, fazendo uma visita á cadeia, dirigiu-se aos presos recolhidos ali por motivo da hecatombe, e sugestionou a negarem

em juízo, quando interrogados, tudo de verdade que lhes fossem inquiridos sobre a dita hecatombe e assalto a cadeia, negariam tudo, de modo a não comprometerem os membros da família Brasileiro. O Tenente Theophanes Torres, naquele dia, procurou á noite desapontassimo o Juiz José Francisco Ribeiro e relatou que se sentiu desautorizado de sua autoridade, e que o Capitão Martiniano Correia dizer-lhe que iria pedir a sua demissão do cargo de delegado.

Ana Duperron mesmo com prisão preventiva decretada, após algumas audiências, acabou sendo despronunciada pelo Superior Tribunal de Justiça, para o Procurador Geral do Estado, Luiz Salazar, a viúva foi injustamente envolvida no inquérito, considerando um desreipeito a sua dor, pois tudo fora um ato espontâneo e imprevisível.

O Dr. Barreto Campelo ainda publicou uma solicitada no Jornal Pequeno manifestando sua decepção com a decisão do Superior Tribunal do Estado: “Mesmo com provas contundentes contra a viúva do Coronel Júlio Brasileiro, a culpa recaiu sobre os que ela armou, deu guarida e cumpriram as suas ordens”.

A última nota públicada em jornais sobre a viúva do Coronel Júlio Brasileiro data de 31 de janeiro de 1931 no Jornal Diário de Pernambuco, e notifica uma correspondência endereçada a Ana Duperron, cujo endereço não foi encontrado.

Outras informações sobre a descendência de Ana Duperron, seu casamento com o Coronel Júlio Brasileiro e o seu falecimento será abordado no Capítulo VII – Últimas Publicações.

CAPITULO VI

O Julgamento do Juiz de Direito Abreu e Lima.

Jornal A Província - Terça-feira, 01 de abril de 1919.

No Superior Tribunal de Justiça, teve inicio os trabalhos sobre o julgamento do dr. Abreu e Lima, juiz de direito de Garanhuns e um dos implicados nos successos desenrolados naquella cidade no dia 15 de janeiro do anno de 1915.

Ás 12 1/2 horas, foram iniciados os trabalhos, sob a presidencia do sr. desembargador Argemiro Galvão.

Aberta a sessão, o desembargador Silva Rego, relator do Processo, passou a ler o seu relatorio, demorando-se nessa leitura quinze minutos.

Depois da leitura do relatorio, o sr. presidente do Tribunal usou da palavra e pedio aos advogados da defeza e da accusação para serem ponderados em seus discursos, afim de não o forçarem a fazer certas observações, como aconteceu no julgamento anterior dos outros querellados, em face do excesso de alguns dos srs. advogados. Em seguida, deu a palavra ao dr. Britto Alves, advogado das viuvas das victimas.

Ás 13 horas e 10 minutos começou o dr. Britto Alves a desenvolver o seu discurso e accusação contra o dr. Abreu e Lima.

Disse que este juiz, quando no exercicio do seu cargo em Garanhuns, tornou-se politiqueiro baixo e repelente, abandonando por completo a esposa geral dos magistrados, que é a Justiça, como diz a egreja é a de Christo, para prestar mão forte á então politica daquella cidade, dirigida pela familia Brasileiro.

S. S. assim procedendo pisou a lei, a Justiça e o proprio arminho de sua toga. Sabe o venerando Tribunal quanto é nociso um juiz politiqueiro no interior do estado. Um juiz representa a Justiça, a lei, a moral, a legalidade e não deve nunca deixar de

cumprir o seu dever para se collocar ao lado dessa ou daquella facção politica, como aconteceu com o dr. Abreu e Lima

Em seguida passa a analysar os depoimentos das testemunhas que depuzeram no processo.

O dr. Abreu e Lima era então politiqueiro, diz o advogado de accusação, que uma das testemunhas o sr. Hemeterio Souto, indo-lhe pedir garantias de vida, teve como resposta que as tomasse por suas próprias mãos. Esse pedido de garantias foi feito pela manhã, antes ou depois da insolita aggressão feita ao clinico dr. Borba Junior, quando não tinha chegado á cidade o grupo de cangaceiros de Brejão.

O sr. Hemeterio Souto não recebeu as necessarias garantias, simplesmente porque era da politica contraria, não apoiava, pois, a familia Brasileiro, a qual vivia agachado de uma maneira vergonhosa o dr. Abreu e Lima. O sr. Hemeterio Souto tomou seu dois filhos e, caminhando a pé chegou a estação ferroviária de Canhotinho, a dez léguas de distância, onde se refugiou na casa de amigos.

Depois leu o depoimento da 1ª testemunha informante, o sr. Francisco de Siqueira Cavalcanti, que momentos antes da realisação dos assaltos á cadeia, indo ter uma conferencia com o dr. Abreu e Lima, ouvio deste accusações as familas das victimas, muito embora o assumpto tratado pelo sr. Francisco de Siqueira Cavacanti não tivesse a menor ligação com o que trouxe á baila aquelle juiz. Isso prova unicamente o espirito politiqueiro do mesmo. Essa testemunha diz no seu depoimento ter sabido que o dr. Abreu e Lima antes e depois da hecatombe foi abraçado pela horda de bandidos, na casa da viuva do coronel Julio Brasileiro.

E por que esses bandidos não abraçaram tambem o promotor publico e só o juiz municipal da Comarca? É porque o promotor declaradamente soube cumprir o seu dever, não se prestando aos manejos da politica local, como sempre fez o dr. Abreu e Lima.

Na opinião dessa testemunha que é insuspeita, os responsaveis pela hecatombe de Garanhuns, foram às autoridades locaes, pois, podiam ter evitado aquella scena de barbaria, principalmente o do querellado presente, que era o mentor da familia Brasileiro.

No entanto, crusou os braços e deixou que tudo occorresse á vontade dos cangaceiros.

O dr. Britto Alves leu tambem o depoimento da testemunha dr. João Pacifico dos Santos, que era o promotor da Comarca de Garanhuns, quando nessa cidade se desenrolaram os tragicos acontecimentos.

Frisou tambem o ponto em que aquelle representante da Justiça declarou ter o querellado presente se deixado abraçar pelos bandidos, e fez em torno graves accusações ao dr. Abreu e Lima.

O orador chamou em seguida a attenção do Tribunal para outro ponto do depoimento do dr. Pacifico dos Santos.

E adianta:

__ É aquelle em que elle diz ter o querellado presente assistido a chegada do grupo de Brejão para atacar á cadeia local e assassinar os desventurados commerciantes que se achavam alli internados, sob o pretexto de estarem garantidos. Em seguida, leu ainda os depoimentos das testemunhas de Marcionillo Ferreira de Mendonça, cel. Francisco de Assis Barbosa, João Tenório de Albuquerque, João Leite de Araujo, Antonio Penante e outros, os quaes são acordes em dizerem que o dr. Abreu e Lima foi abraçado antes e depois da horrivel hecatombe pela horda de bandidos, alem de recebel-os em sua casa após a barbaria.

O advogado de accusação allude tambem ao facto do dr. Abreu e Lima passar o dia inteiro na casa da viuva do cel. Julio Brasileiro, assistindo a todas as confabulações para o ataque á cadeia, onde se encontravam refugiados os inditosos cavalheiros.

Refere-se tambem a ter o querellado presente assistido á distribuição de armamento e munição com os cangaceiros naquella casa. Cita ainda o facto do dr. Abreu e Lima ter sido testemunha occular da aggressão e ferimentos soffridos pelo desventurado dr. Borba Junior, muito antes de se realisar a hecatombe e nenhuma providencia ter tomado para livral-o das garras dos cangaceiros.

A respeito dessa atitude do dr. Abreu e Lima, o orador faz-lhe tremenda accusação.

O dr. Britto Alves ainda faz referencias a um telegramma que o querellado presente transmittiu aos Srs. governador do estado e chefe de policia, dizendo que o povo queria vingar a morte do coronel julio Brasileiro, quando eram somente cangaceiros mandados buscar em Brejão pela familia do assassinado, aliás, com a acquiescencia do mesmo querellado, accrescenta o orador, que pretendia consumar o sinistro plano forgicado na propria casa da viuva da victima.

E, no entanto, srs. desembargadores, é preciso que eu volte ao silencio, não dominado pelo espectaculo de tristeza das penumbras da desillusão, mas em plena consciencia do dever cumprido. Se o homem moderno que tem a ventura de sentir emoções artísticas, para gozal-as no immenso scenario do ideal, tem de ir com o pensamento em supplica, com os olhos em extasis, reviver a vida adormecida das cores e da esculptura da nobre Italia, dormindo o grande sonho de suas glorias veneraveis. Hoje pouco importa a mim o resultado pratico das cousas da Justiça, porque somente a posso achar com segurança absoluta na organisação immaterial de sua essência.

Amo-a em seu estado fluídico, como esse ceu que os olhos nunca viram, mas que a fé acceita e com esse respeito que as reliquias de amor e saudade merecem. Justiça! Justiça! Eu sei que um dia appareceste nos brados de revolta dos constructores da Revolução Franceza, amparando em teus braços a liberdade e que

a tua voz como o grito eterno da dor universal, sempre tem ressoado debalde na longa marcha das gerações que termina no silencio da morte.

Justiça! Quero que voltes á terra, á terra dos homens que são teus inimigos, sem nunca teres feito o mal, e venhas em nome de um punhado de mulheres cobertas do crepe da viuvez, dos gritos infantis de 22 orphãos, das queixas severas do direito violado, das revoltas justissimas da lei offendida e do proprio decoro da magistratura pernambucana, escrever a setença condemnatoria do querellado presente. Nada de compaixão, porque elle foi causador da tua morte em Garanhuns. Um juiz que procede como elle agio é um verdadeiro uxoricida da Justiça, como esses maridos que matam as suas mulheres innocentes a dormir ou as deixam no abandono do frio e da fome.

Ás 16 horas e 20 minutos terminava o illustre dr. Britto Alves a sua accusação.

Logo em seguida, fallou o dr. Barreto Campello representante da Justiça.

O seu discurso durou apenas 35 minutos. No decorrer da sua accusação, o orador disse que o querellado presente tinha se embrenhado na luta politica de Garanhuns, esquecendo-se de que era um juiz e que o seu papel não era aquelle.

Referindo-se a hecatombe occorrida naquella cidade, o dr. Barreto Campello disse ser um facto grave e serio. Passou em seguida a estudar a acção do dr. Abreu e Lima naquella horrivel tragedia.

Declarou que na sua posição achava que o querellado presente não soube se collocar á altura do seu cargo, por isso, era agora accusado como connivente na tremenda chacina verificada em Garanhuns.

O dr. Abreu e Lima, accrescentou o representante da Justiça, quando chegou em Garanhuns a noticia do assassinato do cel. Julio Brasileiro, dirigio-se logo á casa da viuva e lá se deixou

ficar durante todo o dia com pequenos intervallos. Assistio, portanto, as confabulações do plano sinistro.

Não se pode, porem, affirmar categoricamente que elle não fez nada para evital-o. o querellado presente trabalhou alguma cousa nesse sentido. E assim que transmitio seu telegramma ao governado do estado narrando à exaltação dos animos em Garanhuns motivada pela morte do cel. Julio Brasileiro e pedindo a remessa urgente de uma força para garantir as pessoas assassinadas, mandou tambem que todos os supplentes de autoridades entrassem em exercicio, a fim de auxiliarem o policiamento da cidade. É lamentavel, porem, adiantou o dr. Barreto Campello, que esses supplentes fossem os primeiros a tomar parte nos acontecimentos.

Parece, á primeira vista, que o querellado presente agio em tudo isso de má fé, mas podia tambem ter agido de bôa fé.

O dr. Barreto Campello salientou tambem o valor politico em Garanhuns do cel. Julio Brasileiro. Por ultimo, disse ter tirado dos autos a seguinte conclusão: Ou o dr. Abreu e Lima era uma victima das perseguições e odios de seus adversarios e, nesse caso, devia ser absolvido, ou então elle era um juiz criminoso, dos mais terríveis, devendo, portanto, ser condennado.

Ás 17 horas, após o illustre dr. Barreto Campello ter terminado a sua accusação, foi suspensa a sessão e adiado os trabalhos para amanhã ás 12 horas, devendo falar a defeza.

Jornal A Província - Quarta-feira, 02 de abril de 1919.

Ás 12 horas e 40 minutos, o sr. presidente do Superior Tribunal de Justiça do estado reabrio a sessão, dando logo a palavra ao dr. Mario Castro, lente cathedratico da Faculdade de Direito.

Ás 12 horas e 50 minutos iniciou o dr. Mario Castro a defeza de seu constituinte, dr. Abreu e Lima.

Começou dizendo ir entrar sem preambulos no amago processo.

Em seguida, estudou os acontecimentos de Garanhuns, desde o seu inicio até sua consummação.

Analisando os depoimentos das testemunhas que depuzeram no processo de Garanhuns, o dr. Mario Castro diz que quase todas eram inimigas da familia Brasileiro e do seu constituinte, excepta a de nome Francisco de Siqueira Cavalcanti, chegada ha pouco tempo naquella cidade.

Referindo-se a 2ª testemunha Francisco de Assis Barboza disse que essa só pertenceu a politica do coronel Julio Brasileiro até o momento em que este existio.

Depois desse desastre, tornou-se inimigo da familia, pleiteando até o logar de chefe politico de Garanhuns. As suas declarações, portanto, não mereciam fé.

Alludio tambem a 3ª testemunha Marcionillo Ferreira de Mendonça, declarando ser a unica que não era politica e que não tinha inimizade com o querellado presente.

Ainda citou a testemunha João Leite de Araujo, cujo depoimento, adiantou o orador, nada esclareceu sobre a tremenda chacina de Garanhuns.

Tambem fez referencias a testemunha Antonio de Lima Penante, inimigo da familia Brasileiro e amigo intimo do dr. Rocha Carvalho e das victimas.

As declarações dessa testemunha não merecem tambem fé, pelo qual acabo de expor.

Logo depois estudou detalhadamente o depoimento da testemunha Antonio Marques da Silva Café, o qual, tendo-se ausentado da cidade por occasião dos primeiros disturbios occorridos alli, nada, portanto, podendo ter presenciado relativamente ao assalto á cadeia, figura, no entanto, nesse processo. É outra testemunha, pois, sem nenhum valor.

Por ultimo, apreciou o depoimento do dr. Pacifico dos Santos, que exercia o cargo de promotor publico em Garanhuns quando nessa cidade se desenrolaram aquelles graves factos.

Ferindo o ponto de ser o seu constituinte accusado de não ter procurado evitar o assalto á cadeia, o dr. Mario Castro diz não conhecer nenhuma lei que otorgue direito a quem quer que seja para evitar crimes.

Entrou depois em analyse sobre as circunstancias que attribuem ao réo a sua cooparticipação no crime.

O dr. Mario Castro referio-se tambem ao facto de algumas testemunhas nos seus depoimentos terem dito que o seu constituinte não sahio da casa da viuva Brasileiro durante o dia da hecatombe em Garanhuns.

E adiantou:

__ Isso não é verdade. E a prova disso eu faço lendo os depoimentos de duas dessas testemunhas, o dr. Pacifico dos Santos e do sr. Francisco de Assis Barboza, o que effectivamente fez.

É exacto, que o meu constituinte esteve na casa da viuva Brasileiro, por algumas vezes, mas isso elle o fez, por ser amigo da familia.

Prosseguindo na sua defeza, o orador declarou tambem não ser verdade o que allegavam em seus depoimentos diversas das mesmas testemunhas, isto é, no ponto em que diziam ter o accusado presente recebido abraços dos bandidos antes e depois

do horrivel facto, que na sua opinião, bateu o "record" dos crimes verificados nesse estado pelo requinte de sua perversidade.

E passa a outros detalhes pelos quaes procurou innocentar à criminalidade do seu constituinte.

Ao terminar a sua defeza, o dr. Mario Castro disse que o crime de Garanhuns foi effectivamente barbaro, repercutindo como um dobre de sinos de finados na nossa civilisação.

Antes, porem, S.S. descreveu o caracter do seu constituinte desde os tempos academicos até a presente data. Como estudante foi um alumno modelar, posso assim dizer, porque fui contemporaneo, e como magistrado cumpriu sempre o seu dever. Por isso, não o acho capaz de ter se envolvido na hecatombe de Garanhuns.

Justiça é o que peço aos Srs. desembargadores para o meu constituinte.

Eram 16 horas e 15 minutos quando o illustre mestre de direito deixou a tribuna.

Assomando a tribuna de defeza, o venerando mestre de direito dr. Adolpho Cirne pedio permissão ao Tribunal para começar o seu discurso aproveitando a peroração do seu illustre collega dr. Mario Castro. E passa a desenvolver a defeza do seu constituinte.

Disse o dr. Adolpho Cirne que, quando pela primeira vez, recebeu o convite de um amigo para tomar conta da causa do dr. Abreu e Lima, não a aceitou.

E assim procedi, accrescenta o mestre, porque não tinha certeza da innocencia do accusado presente. Como sabe o egregio Tribunal, eu nunca tomei conta de uma causa que não fosse justa. Depois, porem, que fiquei convicto da irresponsabilidade do dr. Abreu e Lima nesse caso de Garanhuns, foi então que me resolvi a acceitar a sua defeza, motivo pelo qual me acho aqui.

Estou assombrado, confesso, porque nunca vi se trazer á barra do Tribunal uma pessôa qualquer sem se saber qual o

artigo de lei em que essa pessôa incorreu, como aconteceu com o meu constituinte.

__ Perdão. Diz o representante da Justiça, dr. Barreto Campelo. O libello já foi lido pelo dr. secretario do Tribunal, não ha, pois, razão dessa extranheza por parte do illustre mestre. Depois, não se trata aqui de um jury commum para se estar a repetir essas cousas.

__ E o regimento do Tribunal não permitte isso. Accrescenta o dr. Britto Alves, advogado das viuvas das victimas.

O dr. Adolpho Cirne procura provar aos advogados de accusação de que isso não estava direito.

Continuando na defeza do seu constituinte, extranha o facto do Tribunal ter pronunciado o querellado presente como incurso no art. 18 §, paragrapho 3º, do Cod. Penal.

O paragrafo 3º desse artigo, diz o mestre, não pode ser applicado ao meu constituinte, uma vez que elle não fez promessa, nem concorreu com alguma dadiva para aquelles que tomaram parte na hecatombe de Garanhuns.

Admittindo mesmo a hypothese de ter o dr. Abreu e Lima applaudido esse acto de vandalismo, não podia ser pronunciado no art. 18, paragrapho 3º do Cod. Penal, nem em nenhum outro artigo, desde que elle não praticou crime de especie alguma.

Analysando a queixa apresentada pelas viuvas das victimas contra o dr. Abreu e Lima e outras pessôas, o dr. Adolpho Cirne classifica-a de inepta.

Estuda depois o lado juridico da questão, com muito raciocionio e logica.

Referindo-se ao assassinato do coronel Julio Brasileiro, o mestre diz que elle foi praticado por uma questão politica, assim como foi o dr. Abreu e Lima envolvido na hecatombe de Garanhuns.

A politica anda, age e penetra em todos os logares, aqui nessa casa, estou certo, que ella não passará dos umbraes

daquella porta que dá accesso para o recinto desse Tribunal, a fim de influir nos animos dos Srs. desembargadores que vão julgar o meu constituinte.

Assim perorou o illustre dr. Adolpho Cirne.

Terminada a defeza do dr. Adolpho Cirne, o dr. Britto Alves pediu a palavra para uma explicação de ordem profissional, como declarou.

Disse o dr. Britto Alves que o mestre havia lido em tom humoristico topicos da petição da queixa e no entanto, a dita peça tinha sido escripta por um outro mestre, o dr. Methodio Maranhão.

Quanto ao parecer de pronuncia, tinha necessidade de declarar que tendo sido constituido advogado 24 horas antes, por ter o dr. Methodio Maranhão abandonado a queixa, lhe era humanamente impossivel estudar os dois grossos volumes do processo para offerecer um parecer longo e minucioso.

Continuando, disse o dr. Britto Alves que o mestre tinha confundido o processo de julgamento perante o Superior Tribunal para confirmar a sua affirmativa, passou a ler diversos artigos do Regulamento do Tribunal, onde em nenhum se vê a obrigação de ler o acusador o libello, acto que é feito pelo secretario, e citar o artigo de Lei onde o réo esteja incluso.

Em seguida, o dr. Britto Alves, affirmou que se erro havia no libello, o erro era todo do Tribunal, pois a Lei ordena expressamente que os libellos sejam moldados nos despachos de pronuncia, não cabendo ao libellador alterar a classificação de delicto nas setenças de pronuncia citada.

Terminou por dizer que o dr. Cirne não tinha feito propriamente uma defeza e sim que transportara para o recinto a sua cathedra da Faculdade, fazendo uma prelecção juridica enfeitada de casos que tanto agradaram a assistencia.

Depois de occupar a tribuna o advogado das viuvas das victimas, o dr. Barreto Campello usou da palavra para dizer que

estava convicto de ter cumprido o seu dever dentro dos moldes da justiça.

A accusação não foi irracional nem tão pouco nulla, como allegou o illustre mestre ao encarar o lado juridico da questão.

E entra em outras explicações que provam a atitude serena que tomou como representante da Justiça nesse caso de Garanhuns.

Ás 17 horas, retiram-se todos do recinto do Tribunal, inclusive os advogados da accusação e da defeza, a fim dos Srs. desembargadores julgarem o querellado presente.

Ás 18 horas e 20 minutos, era conhecido o veredictum do Tribunal.

Não dando logar á condemnação as provas vehementes que serviram de base para a pronuncia do dr. Abreu e Lima, em face do exposto do art. 67 do Cod. Penal, foi o mesmo absolvido por unanimidade de votos.

O dr. Abreu e Lima foi aguardar o resultado do julgamento, no quartel do esquadrão da cavallaria onde se achava detido, desde o dia que se apresentou a prisão.

Na sala do jury foram ouvidos apupos quando foi anunciado o veredictum.

CAPITULO VII

Últimas Publicações

Os dias da Hecatombe foram se tornando mais distantes, mas as histórias não terminam obrigatoriamente quando as décadas se acabam. Novos fatos são registrados pela imprensa jornalística.

Manoel Joaquim da Silva Brasileiro

Manoel Joaquim da Silva, português, avô de Júlio Brasileiro, em nota do Diário de Pernambuco de 07 de agosto de 1852, morador da Rua da Câmboa do Carmo no Recife e com loja no município de Garanhuns, declarava que tendo encontrado diversas pessoas com igual nome, e ultimamente um preso e processado por crime de furto, para livrar-se de equívocos assinará daquele dia em diante Manoel Joaquim da Silva Brasileiro. A esposa de Manoel Joaquim se chamava Maria Benedita da Silva.

Ana Duperron Brasileiro

Anna da Franca Duperron nasceu em Recife em junho de 1869, era filha de Hermilo Eugênio Luiz Duperron e Anna da Franca Duperron. Hermilo Eugênio Luiz Duperron era filho de pais franceses, nasceu em Recife em 1836. Em 1860 recebeu o grau de Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, informação contida na lista dos bacharéis e doutores que obtiveram grau de 1828 á 1931. Era muito versado na língua latina, destacou-se desde seus primeiros estudos por sua excessiva seriedade. Traduziu em 1857, o livro Preleções de João Gottlieb Heineccio aos elementos de direito civil, conforme a ordem das Institutas,

corrigidas, illustradas e argumentadas por A. M. J. J. Dupin, doutor pela universidade de Paris e advogado nos auditórios da mesma cidade. Dr. Hermilo Duperron era o estudante tradutor do 2º ano nessa época. Ainda traduziria outras obras de Direito Civil de autores franceses para a língua portuguesa. Lecionou no Ginásio Provincial. O Bacharel Hermilo Eugênio Luiz Duperron faleceu em 01 de outubro de 1881 em Itamaracá, estava com 45 anos de idade.

Após o falecimento dos seus pais, a adolescente Anna Duperron passou a morar em Palmares na residência dos seus avós maternos Tenente-Coronel Joaquim Lucio Monteiro da Franca e Anna Pinheiro Monteiro da Franca. Em Palmares já residia o seu irmão Celso Duperron, advogado e chefe do tráfego da Great Western na sessão sul de Pernambuco. Celso Duperron era casado com Cecília de Alencar Araripe Duperron, o casal teve cinco filhos: Edith, Heitor, Cyrene, Theocrito e Sylvia. Celso Duperron faleceu em Palmares no dia 19 de maio de 1905.

O Tenente-Coronel Joaquim Lucio Monteiro da Franca nasceu em Recife em 14 de novembro de 1814. Na Capital foi proprietário da Firma Franca & Imão e da Fábrica de Sabão, Roostron Rooker & Cia, localizada na Rua Imperial. Na política ocupou o cargo de Presidente do Conselho de Qualificação da Freguesia de São José do Recife. Na vida militar foi chefe do 3ºBatalhão da Guarda Nacional do Município de Recife. Em 1880 aparece em publicações dos jornais da Capital como suplente do Juiz Municipal de Palmares, faleceu em 30 de setembro de 1896, segundo atestado de óbito a causa da morte foi moléstia do coração.

Júlio Brasileiro nas viagens que fazia a Palmares para visitar o seu pai, Coronel Antônio Cesário da Silva Brasileiro e os seus irmãos, no começo do ano de 1890, conheceu Anna Duperron na residência do seu avô, Tenente-Coronel Joaquim Lucio Monteiro da Franca. Antônio Cesário da Silva Brasileiro e

Joaquim Lucio Monteiro da Franca estreitaram laços de amizade através do comércio, e Júlio Brasileiro, próspero comerciante e cortês, teve o consentimento para inicar o namoro e posteriormente o noivado com a sua futura esposa.

O casamento de Júlio Euthymio da Silva Brasileiro e Anna da Franca Duperron aconteceu no dia 23 de maio de 1891 na cidade de Palmares, Frequesia de Nossa Senhora dos Montes. Júlio Brasileiro estava com 25 anos de idade e Anna da Franca Duperron contava com 23 anos. A cerimônia civil foi realizada na residência do Tenente-Coronel Joaquim Lucio Monteiro da Franca, a Rua Boa Vista, número 29, com portas abertas conforme a Lei. O Celebrante foi o Primeiro Juiz de Paz do 1º Distrito, Joaquim Augusto Passos de Maria, sendo as testemunhas Capitão João Dario Madeira e sua esposa Maria Duperron Madeira.

Após a cerimônia, o casal recebeu os cumprimentos dos parentes e amigos e uma festa exuberante prolongou-se pela madrugada. (Certidão de Casamento nº 19 Livro 1 de 1889 á 1899, folhas 51 e 52).

Júlio Brasileiro e Anna Duperron Brasileiro, nome de casamento, passaram a residir em Garanhuns, morando na casa número 41 da Rua Santo Antônio. Em 1895 nasce sua filha, Maria Luisa Duperron Brasileiro. Em 1914, Maria Luisa Duperron casa-se com José Brasileiro Viana, filho do Coronel João Batista Viana e Olindina Brasileiro Viana, irmã de Júlio Brasileiro. O Casal teve três filhos: Júlio Brasileiro Neto, José Maria Brasileiro Viana e Wilson Brasileiro Viana.

Depois da Hecatombe de Garanhuns, Anna Duperron passa um tempo no sítio de Herminia Lins, irmã de Júlio Brasileiro, casada com o advogado e Ex-Prefeito de Palmares, Dr. Leopoldo Lins. O sítio ficava na Estrada da João de Barros número 22, cuja propriedade era chamada de Vila Herminia. Ana Duperron residiu no casarão da família por cerca de seis meses, depois passou a residir no solar pertencente ao Dr. Leopoldo Lins,

comprado em 1907, e que ficava na mesma localidade, atual Avenida João de Barros. Ana Duperron voltava a Garanhuns esporadicamente.

Na década de 60, com a idade avançada, a viúva do Coronel Júlio Brasileiro, cujo nome em atestado de óbito consta Ana Alexandrina Duperron Brasileiro, vivia seus últimos dias de vida na cidade de Bom Conselho, morava na residência do seu neto José Maria Brasileiro Viana, o qual a chamava carinhosamente de mãe Nina. Abaixo transcrevemos o seu atestado de óbito:

O atestado de óbito de nº 10.139 confirma que aos 18 dias do mês de junho de 1963 compareceu ao Primeiro Cartório do Município de Bom Conselho, José Maria Brasileiro Viana, neto de Ana Alexandrina Duperron Brasileiro exibindo um atestado de óbito da avó firmado pelo Doutor José Barbosa de Oliveira dando como causa morte senilidade. Ana Alexandrina Duperron Brasileiro faleceu em sua residência localizada na Rua Agamenon Magalhães nº nove, no dia 17 de junho ás 23 horas com a idade de 94 anos, víuva, branca, natural deste Estado e residente em Bom Conselho, sendo filha de Ermilo Eugênio Duperron e mãe de nome ignorado. Sendo seputalda na cidade de Bom Conselho.

Anna Alexandrina Duperron está sepultada no Cemitério Santa Maria em Bom Conselho. O atestado de óbito e certidão de casamento está no caderno iconográfico.

Antônio Pedro de Souza

O Cabo de Esquadra Antônio Pedro de Souza, Cabo Cobrinha, nasceu em Garanhuns em 1889. Ingressou voluntariamente na Força Policial do Estado de Pernambuco em 01 de dezembro de 1909, destacando no 2º Batalhão. Em 25 de novembro de 1911 foi promovido a Aspençado (antiga graduação entre cabo e soldado), e em 27 de novembro do mesmo ano, a Cabo de Esquadra.

José Pedro de Abreu e Lima

O Dr. Abreu e Lima absolvido pelo Superior Tribunal de Justiça, no dia 21 de maio de 1919 abordo do navio Hapura seguiu com a sua família para o Rio de Janeiro onde fixou residência, exerceu a função de advogado, falecendo segundo nota do Diário de Notícias daquele Estado em 24 de março de 1949.

Promoções recebidas pela guarda da cadeia de Garanhuns, através do comandante da Força Pública, coronel José Novaes.

Militar	***Batalhão***	***Promoção 17/01/1917***
Antônio Pedro de Souza (Cobrinha) ***Destacamento Garanhuns***	*2º Batalhão*	*2º Sargento*
Ezequiel Cabral de Souza ***Destacamento Garanhuns***	*2º Batalhão*	*Cabo de Esquadra*
Francisco Maciel Pinto ***Destacamento Garanhuns***	*2º Batalhão*	*Cabo de Esquadra*
Pedro Antônio Dias ***Destacamento Garanhuns***	*2º Batalhão*	*Cabo de Esquadra*
Manoel João de Oliveira ***Destacamento Bom Conselho***	*3º Batalhão*	*Cabo de Esquadra*
Militar	***Batalhão***	***Promoção 19/01/1917***
Sargento Pedro Cavalcanti Malta ***Destacamento Bom Conselho***	*3º Batalhão*	*Alferes*

Patente	***Brigada***	***Batalhão***
Júlio Eutímio da Silva Brasileiro ***Tenente-Coronel***	*38ª Brigada de Infantaria*	*112º Batalhão*
Manoel Antônio de Azevedo Jardim ***Coronel***	*38ª Brigada de Infantaria*	*112º Batalhão*
Francisco Veloso da Silveira ***Tenente-Coronel***	*38ª Brigada de Infantaria*	*112º Batalhão*
Argemiro Tavares de Miranda ***Tenente-Coronel***	*38ª Brigada de Infantaria*	*112º Batalhão*
Júlio Tavares de Miranda ***Coronel***	*38ª Brigada de Infantaria*	*112º Batalhão*
Sátiro Ivo da Silva ***Major***	*38ª Brigada de Infantaria*	*112º Batalhão*
Francisco Sales Vila Nova e Melo ***Capitão***	*38ª Brigada de Infantaria*	*113º Batalhão*

Patentes das lideranças políticas de Garanhuns a época da Hecatombe de Garanhuns

Antônio Baio

No dia 04 de agosto de 1917, em nota publicada no Jornal A Província, o célebre criminoso Antônio Baio foi surpreendido no lugar Ladeira Grande nas proximidades de Garanhuns pela força do Tenente José Caetano de Melo. Antônio Baio diante da voz de prisão dada pelo comandante da força empreendeu fuga, tentando escapar ao cerco policial embrenhando-se na mata. O Tenente José Caetando e os soldados cercaram o criminoso, mas se conservando a distância, pois Antônio Baio armado com punhal e pistola, não permitia aproximação, entrincheirado queimava cartucho em cima do positivo, quando já se esgotava a munição, tentou escapar de qualquer jeito, o Tenente José Caetano e os soldados ao perceberem que o criminoso deixava a trincheira tentando escapar ao cerco avançaram corajosamente sobre Antônio Baio, fuzilando o foragido que tombou no chão sem vida.

Antônio de Paula Pimentel de Meira Lima

O Tenente Antônio Pimentel de Meira Lima, absolvido pelo Superior Tribunal de Justiça, tendo como penalidade a exoneração do emprego na Polícia Militar, faleceu no dia 18 de setembro de 1930. A família publicou uma nota no Diário de Pernambuco de 19 de setembro de 1930 sobre o seu falecimento: Em consequência de antigos padecimentos, faleceu ontem ás 4h50, em sua residência á Rua da Conceição nº 93, torres, o Sr. Antônio Pimentel de Meira Lima, que já pertenceu a Força Policial deste Estado, na qualidade de 1º Tenente. O extindo era casado, contava 47 anos de idade, tendo deixado 8 filhos menores, dentre os quais o jovem Carlos Pimentel Meira Lima, funcionário da Repartição do Saneamento. O Seu enterramento realizou-se ontem mesmo ás 16 horas no Cemitério de Santo Amaro.

Eutíquio da Silva Brasileiro

Em 27 de fevereiro de 1920 o Jornal a Província notíciou a absolvição do Capitão Eutíquio Brasileiro pelo Superior Tribunal de Justiça, relata o noticioso que após uma longa discussão, votaram pelo recebimento os desembargadores João Batista, Antônio Guimarães e Belarmino Gondim e contra os desembargadores Silva Rego, Samuel Martins e H. Capitulino, sendo absolvido pelo voto de minerva proferido pelo Desembargador Argemiro Galvão, presidente da sessão.

Eutíquio Brasileiro estava recolhido ao Quartel Central há três anos, um mês e 11 dias.

Em 30 de abril de 1965, aos 79 anos, Eutíquio da Silva Brasileiro faleceu na Avenida Herculano Bandeira nº 434, no bairro do Pina em Recife. De acordo com o laudo do Dr. Antônio Lucas a causa da morte foi carcinoma do intestino, sendo enterrado no Cemitério de Santo Amaro.

Alfredo Brasileiro Viana (Doca Viana)

Alfredo Brasileiro Viana em 1921 foi transferido para o presídio de Fernando de Noronha, retornando a Casa de Detenção em 16 de fevereiro de 1923. Em 01 de agosto de 1923 o Jornal do Recife noticiava a sua morte, que abaixo transcrevemos:

Ontem, pelas 9 horas da manhã, faleceu no Hospital Pedro II, onde se achava em tratamento de pertinaz moléstia, o Sr. Alfredo Brasileiro Viana, um dos responsáveis por aquela tragédia.

Condenado pelo Superior Tribunal de Justiça do Estado, a pena de 30 anos de prisão, fôra em 16 de junho do corrente ano removido da Penitenciária para aquele estabelecimento de caridade, onde veio a falecer do mal que o vinha torturando.

Contava com 29 anos de idade, sendo casado com D. Joana da Silva Brasileiro.

Por dois guardas da Detenção, foi no Hospital reconhecido a identidade do paciente, de acordo com as formalidades da polícia.

Tenente Antônio Padilha

Na mesma página do jornal é publicada uma nota com o título "Teve um excesso de loucura". A nota relata que o Tenente Antônio Padilha recolhido também no Estado Maior do Quartel Central, ao receber a notícia da liberdade do Capitão Eutíquio Brasileiro, teve um excesso de loucura e se não fosse às imediatas providências, talvez tivesse praticado algum desatino. O Tenente Reformado do Exército Antônio Padilha foi transferido para a Casa de Detenção do Recife em 1922, onde veio a falecer no dia 19 de março de 1928, aos 56 anos de idade, sendo enterrado no Cemitério de Santo Amaro.

Martiniano Esteves dos Santos

O Diário de Pernambuco em reportagem de 11 de setembro de 1920 noticiava a morte do detento Martiniano Esteves dos Santos na enfermaria da Casa de Detenção, um dos principais invasores da cadeia.

Joaquim Rodrigues da Silva (Joaquim Pai d´égua)

A nota oficial da Polícia Militar da manhã de 07 de março de 1922 informava que o detento Joaquim Rodrigues da Silva, um dos envolvidos na Hecatombe de Garanhuns havia sido encontrado enforcado dentro da cela no presídio de Fernando de Noronha onde pagava a pena de 30 anos.

Balthazar Camilo e Manoel Rosa

Em 02 de outubro de 1920 foram extraditados do Estado de São Paulo a pedido do Desembargador Argemiro Galvão ao Governador daquele Estado, os criminosos Balthazar Camilo de Souza, que usava o nome de Eliseu e Manoel Rosa, que estava trabalhando no Superior Tribunal de Justiça de São Paulo. Depois de julgados pelos crimes da hecatombe de Garanhuns, foram condenados a 30 anos de prisão.

João Faustino de Carvalho e Antônio Ferreira de Melo (Antônio Chicuca)

Em 15 de fevereiro de 1921 mais dois criminosos da Hecatombe de Garanhuns, foram julgados e condenados pelo Superior Tribunal de Justiça de Pernambuco, sendo eles: João Faustino de Carvalho e Antônio Ferreira de Melo, Antônio Chicuca.

José Correia Paes da Rocha

A nota do Jornal Pequeno de 02 de setembro de 1922 noticiava a morte de José Correia Paes da Rocha, ocorrida na enfermaria da Casa de Detenção em Recife, á 1 hora da manhã. O Capitão José Correia Paes da Rocha foi vítima da Influenza Espanhola, sendo sepultado no cemitério de Santo Amaro.

Francisco Teles e Antônio Severo de Lima

Em 1929 na sessão das Câmaras Reunidas foram condenados pelos crimes de Garanhuns, Francisco Teles e Antônio Severo de Lima.

João José de Figueiredo

No início de 1932 é capturado o criminoso João José de Figueiredo, ocorrendo o seu julgamento em nota publicada pelo Diário de Pernambuco em 03 de março de 1932, sendo os seus advogados de defesa João Pais e Artur Moura e, na acusação o Dr. Brito Alves. Após a Hecatombe de Garanhuns João Figueiredo fugiu de Garanhuns para o Juazeiro, passando mais de dois anos foragido. Depois seguiu para o Acre, embarcou para Portugal, e voltando ao Brasil internou-se pelo interior de Goiás, onde viveu alguns anos.

Realizando uma viagem ao norte, teve a bordo como companheiro de beliche, Carlos Guilherme de Miranda, filho de Júlio Miranda, que o reconhecendo denunciou a polícia do Ceará, primeiro Porto onde ambos saltaram, dando-se a sua prisão.

João Figueiredo acabou sendo abolvido pelo Tribunal por unanimidade de votos.

Antônio Rosa Filho

Longe das suspeitas dos familiares das vítimas e da Justiça, o principal comandante daquela horrenda chacina, o Capitão Antônio Rosa Filho, encontrava-se homiziado na cidade de Propriá no Estado de Sergipe. Morava em uma casa próximo da Rua da Matriz, viúvo, convivia com três filhas e uma criada.

Corria o mês de janeiro de 1968, já com idade muito avançada, Antônio Rosa, procurou ocultar todos os crimes que praticara no passado. Há dias estava enfermo, bastante debilitado, se movia com pouca mobilidade. Naquele início de janeiro, no final da tarde e início da noite, o capitão sentado em uma cadeira de balanço na sala, escutou baterem palmas à porta, a criada não demorou a vir atender, Antônio Rosa, despreocupado, procurava ajeitasse na cadeira, procurando uma melhor posição, apurando os ouvidos para reconhecer a voz dos

visitantes. A criada ao aproximar-se da porta se deparou com dois homens e uma mulher que suplicou:

__ Uma sede de água, minha filha.

__ Aguarde um tiquinho que eu já trago. Respondeu a moça, virando as costas indo à direção da cozinha onde estava a jarra de barro, sendo interrompida no trajeto por Antônio Rosa que indagou:

__ Quem é essa gente?

__ Parece que são uns ciganos. Respondeu a criada sem interromper os passos.

O velho Antônio Rosa com muito esforço se levantou da cadeira, caminhando até a porta, visivelmente cansado nos olhos, no andar e nos gestos, mesmo com a visão embaçada, procurava reconhecê-los, ao se aproximar da porta um dos homens retirou do coxinho um rifle efetuando um disparo. Da cozinha a criada escutou o estampido do tiro, que atingiu de cheio o peito de Antônio Rosa que caiu fulminado pelo tiro, na mesma hora expirou. A notícia logo se espalhou, sendo o crime atribuído aos ciganos.

Era muito comum na época os pistoleiros de mando andar com o coxinho de cigano sobre o ombro, colocando de um lado o cano do rifle e do outro a coronha, montando a arma na hora de uma execução.

Álvaro Brasileiro Viana

Em 04 de agosto de 1956 no Diário de Pernambuco é publicada a nota da missa de sétimo dia de Álvaro Brasileiro Viana. Sua morte ocorreu no dia 01 de agosto de 1956.

Capitão Thomaz da Silva Maia

O Capitão Thomaz da Silva Maia nasceu em Garanhuns em 1874. Era casado com Maria Campelo da Silva Maia, sendo

filhos do casal: Deusdedit Maia, Eulalia, Lindaura Pedro Maia, Euridice, Nilza, Olga, Letice e Maria de Lourdes.

O Capitão Thomaz da Silva Maia acabou preso preventivamente, em pleno exercício de Prefeito de Garanhuns, como consta nos autos de inquérito do juiz José Francisco Ribeiro Pessoa, sob a acusação de ter fornecido gasolina do seu cinema para que os sicários incendiassem as casas comerciais das vítimas da hecatombe. Impetrado uma ordem de habeas-corpus e provada a sua não culpacidade nos fatos pelo seu advogado Virginio Marques Carneiro Leão, foi posto em liberdade em 08 de dezembro de 1917, o mesmo ocorrendo com o comerciante Nicolau Diletieri, que também fôra acusado pelo mesmo crime, mas conseguiu provar a sua inocência.

Em Garanhuns participou de várias sociedades recreativas e culturais. Em sua mansão acontecia várias reuniões sociais e esportivas, numas dessas reuniões recebeu a embaixada da Associação Atlética do Recife, cujo presidente era o festejado poeta Pernambucano Osvaldo Santiago.

Destacou-se como Presidente do Banco de Garanhuns e da Associação Garanhuense de Atletismo (AGA).

O Capitão Thomaz Maia foi eleito prefeito de Garanhuns, tomando posse em 20 de agosto de 1936 no Grupo Escolar Nilo Peçanha (atual prefeitura), transmitindo-lhe o cargo o seu antecessor Dr. Mario Matos. Capitão Thomaz Maia faleceu em 04 de setembro de 1946, sendo nesse dia decretado luto oficial pelo Prefeito Antônio Cesário da Silva Brasileiro.

Francisco Sales Vila Nova e Melo

Após ganhar a liberdade, Capitão Sales Vila Nova retornou a Garanhuns, não gostava de recordar os acontecimentos de 14 de janeiro de 1917. Nas raras vezes que falava sobre o fato dizia que era o único responsável pela morte do Coronel Júlio Brasileiro, que os amigos haviam morrido

inocentes. A cada 15 de janeiro, data do hediondo crime, Sales recolhia-se em sua casa, passando ali todo o dia. Mas, como cidadão que sempre foi voltado para os mais pobres, continuou com seu trabalho social, realizando todos os anos o Natal das Crianças Pobres, onde presenteava as meninas com brinquedos e guloseimas. Seu nome chegou a ser citado na revista The Missionary Survey, nos Estados Unidos, como um homem muito caridoso de Garanhuns que todos os anos fazia uma festa de Natal para as crianças pobres. Foi administrador do açougue público municipal até 22 de março de 1949 quando pelo Ato nº 1161 foi aposentado.

Como já citamos o Capitão Sales Vila Nova nasceu em Bonito no dia 31 de março de 1872, era filho de João Candido de Melo e Ana Hortência Vila Nova. Aos dois anos foi trazido pelos pais para Garanhuns. Do seu matrimônio com D. Francsica Primitiva Azevedo nasceram oito filhos: Aurora, Abel, Aurina, Agnaldo, Zélia, Plínio, Mario e Zara.

Francisco Sales Vila Nova faleceu em 07 de julho de 1959, aos 87 anos, sendo enterrado no município de Jupi. Em 28 de outubro de 1960 pela lei Nº 317, foi homenageado pela Câmara de Vereadores de Garanhuns com o nome de uma Rua, transversal entre a Rua Augusto Calheiros e Salatiel Pessoa, no Bairro da Boa Vista. (Livro de Resoluções da Câmara de Vereadores de Garanhuns página 130).

Em 10 de setembro de 1953 o repórter Afonso Ligório do Jornal Pequeno tentou entrevistar o Capitão Sales Vila Nova, mas não obteve êxito em sua entrevista. Destacamos o texto do repórter do jornal Pequeno, cujo título assim saiu publicado: **Ainda Vive em Garanhuns o "pivot" da Hecatombe de Garanhuns**. A matéria é a última aparição do Capitão Sales Vila Nova num Jornal da Capital.

Sentando á porta de um bar com os olhos fitos num comício público que se desenrolava na Praça Santo Antônio

contra a emancipação do distrito de São João, fomos encontrar a figura central da terrível chacina que se desenrolou naquela cidade, nos idos de 1917. O velho Vila Nova desviou da palestra amigável e trancou-se em copas, contou-nos que não fazia revelação alguma, que não triscássemos no assunto. Tratava-se de um período negro de sua vida e por hipótese alguma desejaria relembrar, preferindo ele levar para o túmulo as suas amarguras. Até mesmo a fotografia que Pero Vaz conseguiu, num rápido explodir de magnésio, causou cólera no velho Sales Vila Nova.

O repórter Afonso Ligório concluiu a matéria dizendo: Hoje Sales Vila Nova é um pacato cidadão, querido e estimado por todos, vivendo o resto de vida que ainda lhe sobra a praticar caridades.

Dr. José da Rocha Carvalho

Nasceu no dia 19 de março de 1879 na cidade de Piaçabuçu, Estado de Alagoas. Era formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Ao terminar o curso, escolheu Garanhuns para iniciar as suas atividades profissionais. Não demorou a conquistar a população e por ela ser bastante estimado, por atender a todos com cordialidade e sem distinção. Era médico residente do Hotel Mota, prestando serviços médicos aos hóspedes.

Em 1916 foi escolhido pelos oposicionistas para disputar as eleições como candidato a prefeito, tendo como companheiro o colega Dr. Borba Junior. Apesar das expectativas de uma vitória, acabou sendo derrotado pelo Coronel Júlio Brasileiro em 10 de julho de 1916. Anulada esta eleição e marcada uma nova disputa para 07 de janeiro de 1917, Dr. Rocha Carvalho desistiu da candidatura.

No dia 14 de janeiro de 1917, na noite do assassinato do Coronel Júlio Brasileiro, Dr. Rocha Carvalho foi procurado pelo

Capitão Sales Vila Nova no Hotel Luzitano (Recife), mas naquele momento o médico se encontrava na casa do Dr. Souto Filho atendendo a sua esposa Chiquita Souto. Talvez se o encontro tivesse acontecido, poderia ter mudado os rumos da história.

Durante o processo da Hecatombe de Garanhuns, foi acusado pelos seus adversários de fornecer a arma ao Capitão Sales Vila Nova para cometer o crime do Café Chile, mas acabou inocentado da acusação. Devido às perseguições por parte de Ana Duperron no final de 1917 decidiu residir em Algodões, sertão de Pernambuco, onde construiu duas casas, uma para a sua residência e a outra para ser a casa de saúde, a primeira do Sertão Pernambucano. Dr. Rocha Carvalho também ajudou na construção da Igreja de São Sebastião, inaugurada em 1922.

Incansável no desempenho de suas tarefas exerceu a medicina como sacerdócio e não como profissão, muitas vezes dispensando o pagamento dos honorários quando os clientes não tinham condições de pagarem.

Faleceu em dia 27 de março de 1925 aos 46 anos, no distrito de Algodões, Pernambuco, após contrair tuberculose dos pacientes que não se negava em atender, sendo sepultado no Cemitério Parque das Lágrimas, em Algodões.

Benigno Carlos Pereira de Lira

O Cônego Benigno Lira havia comprado à fazenda Barra do Farias, no município do Brejo da Madre de Deus, para servir de lenitivo, recreio de férias e repouso aos irmãos sacerdotes, em seus anos finais. Dedicava-se também a criação de gado e cultivo de cereais.

No início de agosto de 1941 o cônego foi procurado por Leopoldino Florentino, filho de Joaquim Florentino, o qual acompanhado de esposa e dois filhos menores lhe solicitou amparo e hospedagem, sendo acolhido pelo religioso, que lhe deu uma casa para morar e trabalho para ganhar o seu sustento.

Passado alguns dias um dos filhos de Leopoldino adoeceu e o cônego que dispunha de uma pequena farmácia á pedido da esposa do morador lhe deu alguns medicamentos para ser aplicada a criança.

Como a criança não melhorava, na manhã de 28 de agosto de 1941, a mulher de Leopoldino procurou novamente o Cônego Lira solicitando outro medicamento, pois o primeiro não havia produzido efeito. Impaciente com a insistência da mulher declarou não dispor de outro remédio, apontando-lhes as portas da rua e pegando-a levemente pelo braço, logo após ouvir da mesma que os remédios que ele estava dando a filha terminariam matando-a.

Irritada a mulher contou ao marido que o religioso havia lhe agredido. Sem motivo algum que pudesse justificar o seu impulso de ódio, Leopoldino foi à procura do Cônego Lira, encontrando-o à porta de casa, maltrando o morador ao cônego com grosserias, dizendo o padre a Leopoldino: __ Então é assim que você vem me pagar os benefícios que lhe fiz? Inopinadamente Leopoldino respondeu com um golpe de peixeira, enquanto o sacerdote, indefeso, sem pensar em semelhante cena de sangue, procurou evadir-se do criminoso, sendo perseguido pelo facínora. Na tentativa de subir os degraus da casa, já combalido pela facada tropeçou. Gravemente ferido o Cônego Lira gritou para que não lhe matasse, mas Leopoldino, colérico, golpeou mais doze vezes. Antes de falecer as últimas palavras do cônego foi chamar o assassino de ingrato.

Após golpear mortalmente o cônego, o criminoso foi enfrentado pelo governante da fazenda, que recebeu ligeiros ferimentos nos dedos, na fuga dois vigias que foram atraídos pelos gritos do Cônego Lira tentaram capturá-lo mais também receberam pequenos golpes.

Livre da perseguição dos vigias, Leopoldino saltou um muro e empreendeu fuga em direção ao município de Taquaretinga.

Segundo o Diário de Pernambuco Leopoldino era branco, de baixa estatura, 24 anos e nasceu no povoado de Salgadinho.

Desde que acolheu a família de Leopoldino, o Cônego Lira, vinha fornecendo gratuitamente leite para a alimentação dos seus filhos.

Na manhã seguinte próximo ao Sítio Catolé, perto do povoado de Mandaçaia umas das turmas da polícia, expedida em seu encalço, comandadas pelo inspetor Cândido, conseguiram prendê-lo, sem que o criminoso oferecesse qualquer resistência.

O Cônego Benigno Lira foi velado na matriz de Santo Antônio em Recife e enterrado no cemitério de Santo Amaro. Nascido em 12 de abril de 1883, no engenho Monte Alegre, Timbaúba, Macaparana, Conêgo Benigno Lira faleceu aos 58 anos. Foi o fundador do Colégio Diocesano de Garanhuns. Poeta deixou dos livros publicados: Almas Simples e Rosa de Todo Ano.

Pedro Cavalcanti Malta

O Sargento Pedro Cavalcanti Malta, faleceu em 01 de fevereiro de 1961, ocupando o posto de Coronel da Polícia Militar de Pernambuco.

Theotônio Souto de Miranda

O menor Theotonio Souto de Miranda, sobrevivente da Hecatombe de Garanhuns, casou-se no Recife com Clarice do Carmo Almeida, em 21 de setembro de 1926, filha do alto comerciante Manoel do Carmo Almeida, do casal nasceu Lucia de Almeida Miranda. Theotonio Souto Miranda faleceu de infarto do miocárdio em sua residência na Rua Amélia nº 514, bairro dos Aflitos, em 05 de fevereiro de 1958. O atestado de óbito firmado

pelo Dr. Gonçalo de Melo, sendo o corpo sepultado no cemitério de Santo Amaro.

Vítimas da Hecatombe que foram prefeitos de Garanhuns

Coronel Manoel Antônio de Azevedo Jardim

Nasceu em Garanhuns no ano de 1867. Filho do Professor Luís Ignácio de Oliveira Jardim e Felismina Lins de Azevêdo Jardim. Sua família chegou a Garanhuns na metade do século XVIII provenientes da cidade de Flores. Casou-se com Angélica Aurora de Miranda Jardim, carinhosamente chamada de Senhora, desse matrimônio nasceram Maria das Dores, Maria do Carmo e Luís Inácio de Miranda Jardim, que se tornaria um dos mais célebres escritores do país. Sua residência ficava na atual Praça Jardim.

Recebeu a sua patente da Guarda Nacional em 1893.

Com o apoio do seu irmão Luís Afonso de Oliveira Jardim, Juiz de Direito e Chefe Político da Região foi eleito o 2º prefeito de Garanhuns, obtendo na eleição 631 votos. Na sua administração que se estendeu de 1895 a 1898 criou a primeira escola pública estadual feminina para o curso primário, sendo a primeira professora dona Maria Jardim.

Na eleição para o mandato de 1901 a 1904 foi novamente eleito prefeito de Garanhuns. As principais realizações do seu segundo governo foi à compra de um prédio que servia de armazém ao Sr. Belarmino da Costa Dourado, a finalidade era reconstruir o Paço Municipal, em virtude, do edifício do Paço da Câmara encontrar-se em estado ruinoso. O prédio ficava localizado no edifício do antigo Fórum e depois Associação Comercial de Garanhuns, na Avenida Santo Antônio. Outros Atos do seu governo foram à criação da segunda escola estadual de

curso primário masculino e a inauguração do primeiro serviço de iluminação pública, composta aproximadamente de 40 lampiões a querosene, afixados nas esquinas das ruas e becos da cidade.

Com a morte do Dr. Luís Afonso de Oliveira Jardim, em 12 de junho de 1905, torna-se o chefe político do munícipio obtendo sucessivas disputas eleitorais.

Manoel Jardim em sua trajetória política foi concomitante prefeito de Garanhuns e Canhotinho. Foi eleito Deputado do Congresso Legislativo do Estado em seis mandatos consecutivos: 1º 1895 á 1897 obtendo 17.482 votos, 2º 1897 á 1900, 3º 1900 á 1903 eleito com 22.276 votos, 4º 1903 á 1906, 5º 1906 a 1909, 6º 1909 á 1912 obtendo em seu útimo mandato 12.087 votos.

Em 1913 foi comandante da 24ª Brigada.

Era proprietário da Fazenda Mulungu, onde se dedicou a criação de gado. A fazenda fica na cidade de Capoeiras.

Também exerceu durante muitos anos a profissão de professor se destacando pela sapiência e amor a educação. Amante da literatura e das artes era sempre noticiada nos jornais da Capital a sua presença nas sociedades culturais e apresentações artísticas de Garanhuns.

Tenente-Coronel Francisco Veloso da Silveira

Nasceu em 1862. Era casado com Alexandrina Jardim Veloso da Silveira, Xandu, o casal não deixou filhos.

Apesar de alguns livros mencionarem seu sobrenome Veloso da Silveira, o seu nome era Francisco Veloso da Silveira Sett, pois descendia de famílias italianas e espanholas (Veloso Espanha e Sett Itália).

O Tenente-Coronel Francisco Veloso da Silveira era proprietário de farmácia em Garanhuns e dono de fazenda de Café na época localizada em São João. Sua residência ficava

localizada na Rua da Imperatriz, atual Santos Dumont, também possuía residência na Vila Regina.

Exerceu o cargo de Promotor Publico em Canhotinho em 1895.

Sua patente da Guarda Nacional foi recebida em setembro de 1897.

Foi eleito prefeito de Garanhuns em 10 de setembro de 1898 obtendo 558 votos, enquanto o seu adversário o Alferes Joaquim Correia Brasil Junior obteve 131 votos. Seu mandato foi concluído em 1901. Durante a sua administração foram realizados melhoramentos urbanos, calçando algumas ruas da cidade.

Em 10 de julho 1904 voltou a concorrer ao cargo de prefeito do município sendo novamente eleito. No seu segundo mandato a sua visão política concentrou-se no sentido de melhorar a iluminação pública, substituindo a iluminação de lampiões de querosene por carbureto em postes de madeira. A atual Avenida Santo Antônio foi servida por oito desses postes. Devido às enxurradas que causaram vários estragos nas ruas da cidade foram feitos reparos nos locais prejudicados, e para evitar novos estragos providenciou os calçamentos dessas ruas. Devido ao estado contristador do prédio em que funcionava a cadeia pública de Garanhuns. O Prefeito Francisco Veloso em parceira com o Governo do Estado construiu em 1904 a nova cadeia.

Concorreu na eleição de 10 de julho de 1907 ao cargo de Conselheiro Municipal sendo eleito com 636 votos.

Tenente-Coronel Argemiro Tavares de Miranda

Nasceu em Garanhuns no ano de 1869, sua família era oriunda do município de Panelas, que se chamava na época em que povoaram a região Panelas dos Mirandas. Eram seus pais: Theotônio Tavares de Miranda e Maria Laurinda Tavares de Miranda, carinhosamente chamada de Dona Mira. Era Fazendeiro

de Café e proprietário do principal armazém de Garanhuns, A Bela Aurora ou Armazém das 12 Portas, fundada em 1888, tendo como sócio o seu irmão Júlio Tavares de Miranda.

Argemiro Miranda era casado com Mirandolina Souto de Miranda, formam a sua prole: Arnaldo, Argemiro e Theotônio. Sua residência ficava na Rua do Jatobá, precisamente onde está instalada a agência dos Correios.

Argemiro Tavares de Miranda se destacou como comerciante em Garanhuns e Recife. Na capital era sócio da Firma Prudêncio Pio & Cia. Na sociedade garanhuense contribuiu enormemente para a sua cultura, fundando em 1905 o primeiro jornal da cidade, chamado O Garanhuns, sendo colaboradores Antônio Souto Filho, Arthur Brasiliense Maia e Tomás Vila Nova. Argemiro Miranda também foi fundador de várias sociedades culturais na cidade, possuindo admirável dom artístico para a pintura. Foi Argemiro Miranda quem ensinou ao sobrinho e futuro escritor Luís Jardim os primeiros traços da arte de desenhar. Em 19 de novembro de 1903 juntamente com Belarmino da Costa Dourado e Vitorino Alves Monteiro fundaram a Loja Maçônica Mensageiros do Bem, que pouco tempo depois criou a Escola Sete de Setembro para alfabetização de adultos e crianças e a Biblioteca Manoel Arão. Argemiro Miranda também foi sócio fundador em 01 de agosto de 1909 da União Comercial de Garanhuns, com o objetivo de defender o comércio, a indústria e a agricultura. Nesse período a União Comercial comprou um sítio localizado no Mundaú e fundaram uma escola de cultura agrícola, diplomando vários alunos.

O Tenente-Coronel Argemiro Miranda foi eleito prefeito de Garanhuns em 22 de março de 1911, após haver uma nova eleição para preenchimento do cargo do executivo, em virtude, da renuncia do prefeito Antônio Isaac de Macedo. Devido a perseguições políticas e restrições financeiras impostas pelo

governador General Dantas Barreto, o Tenente-Coronel Argemiro Miranda renunciou ao cargo em fevereiro de 1912.

Apesar do curto período do seu governo, Argemiro Tavares de Miranda fez uma profícua administração. A iluminação pública foi restaurada com a substituição do carbureto por lâmpadas a álcool e com novos postes. Limpou a cidade do mato que crescia nas ruas e fez aplainamento das mesmas, aterrando os fossos causados pela erosão pluvial. Deu início ao alargamento das calçadas e o seu nivelamento, padronizando também as larguras por dois ou três metros, conforme as ruas.

Em homenagem a Argemiro e Júlio Miranda a antiga Praça da Independência passou a se chamar até os dias atuais de Praça Irmãos Miranda.

Sucessão Municipal

Dias depois da anulação da eleição de julho de 1916, o Governador Manoel Borba veio a Garanhuns anunciar a impugnação da eleição de Júlio Brasileiro e nomeação do Capitão Thomaz Maia para o cargo de prefeito, á noite, para comemorar a determinação do Governador do Estado houve na mansão da Vila Maria, de propriedade do Capitão Thomaz da Silva Maia, um requintado sarau, enquanto nas ruas de Garanhuns, os correligionários de Júlio Brasileiro perseguiam e espancavam os eleitores da ala Jardinista. Clima que foi apaziguado após a resolução do Governador Manoel Borba decretando uma nova eleição para 07 de janeiro de 1917.

A posse do Capitão Thomaz Maia aconteceu no dia 15 de janeiro de 1916, substituindo o Coronel Francisco Vieira dos Santos, solenidade que foi realizada no Paço Municipal (38). O Capitão Thomaz Maia permaneceria no cargo até 15 de fevereiro de 1917, quando o Coronel Júlio Brasileiro eleito em 07 de janeiro tomaria posse. Com o assassinato do Coronel Júlio Brasileiro,

continuou como chefe do Poder Executivo, mas no dia 03 de março de 1917, foi preso preventivamente por mandado expedido pelo Juiz José Francisco Ribeiro Pessoa, antes da nova posse que aconteceria no dia 15 de março. O Coronel Jacome Coelho de Matos Sampaio, Presidente do Conselho Municipal assumiria o cargo de Prefeito, mas também foi preso no mesmo dia da prisão do Capitão Thomaz Maia. Diante da situação o Cônego Benigno Lira é nomeado pelo Governador Manoel Borba como Chefe Político de Garanhuns e mais sete municípios que formavam um núcleo político de um único bloco eleitoral, sendo designado para organizar a sucessão do governo municipal. O Coronel Joaquim Alves Barreto Coelho, Presidente do Conselho Municipal, foi empossado em 30 de março de 1917 e uma nova eleição para prefeito foi marcada para 15 de fevereiro de 1918, desta vez sem contar com oposição, foi eleito o Capitão Pedro Ivo da Silva. Em 12 de julho de 1919 aconteram as eleições municipais, sendo eleito Prefeito de Garanhuns, o próspero comerciante e empresário Coronel José de Almeida Filho, proprietário da Empresa de Melhoramentos de Garanhuns e antigo partidário dos Jardins. José de Almeida Filho e seu Subprefeito, José Pereira de Souza Leão, obtiveram 660 votos cada um.

(38) Diário de Pernambuco, Ano 92, Nº 316 de 16 de novembro de 1916 e Ano 95, Nº 187 de 13 de julho de 1919.

Carta anônima de uma testemunha da Hecatombe de Garanhuns

A pobre e amargurada Garanhuns, mergulhada no pranto e na desolação, recolhida na imensidade de sua dor. Suplica á justiça dos homens, implora á justiça de Deus, a punição do crime hediondo.

Leitora! Mãe! Esposa ou filha! Pensai na desdita de tantas mães, de tantas esposas, de tantos órfãos inocentes, mergulhados na viuvez mais dolorosa, na mais dura, na mais triste orfandade!

Pensai um instante e repetireis comigo: A voz augusta de Deus clama até o fim dos séculos se esse crime ficar impune!

Justiça! Jornal Pequeno – 23 de janeiro de 1917.

Casos Forenses

O advogado criminalista Brito Alves publicou em 09 de setembro de 1941, uma crônica sobre a Hecatombe de Garanhuns. Em janeiro de 1950, o Jornal do Commercio lembrava o acontecimento reproduzindo à crônica que transcrevemos na integra:

Em 15 de janeiro de 1917, na cidade de Garanhuns, dentro de um departamento da cadeia para onde tinham sido conduzidos, a título de garantia, foram, bárbara e covardemente assassinados diversos chefes de famílias e elementos de elevada distinção social, chorados aqueles por 22 órfãos.

O maior crime, pelo número de vítimas e de cenas de barbaridade de todo o Nordeste. Passou a história do sangue derramado com o nome de Hecatombe de Garanhuns. E para que a Hecatombe ficasse elaborada, no cérebro do ódio e da vingança, com pluralidade de delinquentes e delitos, com todos os requisitos de uma monstruosidade, um rapazinho de 18 anos, que acompanhara o pai "ao açougue humano" é assassinado lentamente, a punhal, com secção da carótida e, em altos brados, suplica aos bandidos que o matassem logo, "por amor de Deus"! Estranha tese de eutanásia, reclamada por uma boca de jovem, caído sobre cadáveres!

Arrepiante pedido de uma vítima, inocente, à generosidade dos algozes, para que a sua morte fosse executada sem demora, em nome de Deus– do Deus que em seus

mandamentos- código de Direito, de Moral e Justiça – estituiu para todos os homens – Não matarás!

E para que a peregrinação histórica, verdadeira, da saída, nas trevas de uma noite, do Palácio de Pilatos para o Calvário, se repetisse, com as diferenças necessárias de tempo, motivo e personagem, um médico, em plena mocidade, bondoso, caritativo, "alma de moça", é arrastado pelas ruas da cidade, com um ferimento ensanguentando o rosto, levando à cabeça uma caçarola como coroa – pilhéria macabra de um bando de homens que, na Idade Média, seriam apontados como gerados pelo Diabo! E para que a covardia passasse a ser a maior de todas, a esposa de uma das vítimas, senhora da sociedade, descalça, cabelos em desalinho, com sinais de loucura, é ridicularizada ao cobrir de beijos o cadáver mutilado do marido! E para que, finalmente, no epílogo mais espantoso das memórias forenses, a justiça da Terra mentisse a sua missão, os maiores responsáveis, os organizadores diretos da Hecatombe, foram absolvidos, não pelo infamado Tribunal do Júri, mas por cidadãos de beca que julgam de fato e de Direito – do fato esquecido e do Direito também assassinado!

Nunca me foi possível esquecer daquela constituinte, (Mirandolina Souto de Miranda) residente à rua Velha, que, todas as manhãs de verão e inverno, luto fechado nas vestes e no coração, sempre chorosa e com suspiros,ia, em companhia do filho, à matriz da Boa Vista assistir a todas as missas que no templo se celebrasse e que ela as ouvia em prol da alma do esposo, um dos trucidados no departamento da cadeia de Garanhuns!

E se um dia, no enfraquecimento da lembrança, pelo avançar da idade e de outras impressões da vida, a recordação da visita diária dessa mártir à casa de Deus se esvair, o que nunca esquecerei, pela profundeza de raízes da cena, é a caixa forrada de seda roxa que a esposa, ainda hoje coberta de preto e residindo

em São Paulo, fabricara com as suas próprias mãos para encerrar, em carinhoso jazigo de afetos, a roupa, com buracos de balas e manchada de sangue, que o marido vestia ao ser morto!

O que não esquecerei, ainda, nunca, é o encontro, cessado o tiroteio, por duas faces, contra a cadeia, das vítimas, umas mortas, outras agonizantes, e todas recebendo dos invasores ferimentos a arma branca e coronhadas nas faces, rostos e cabeças, deformando-lhes as fisonomias, de modo a quase se desconhecê-los a simples inspeção ocular!

E como prova de que a imaginação de Hoffman e Poe ficou muito aquém de cousas de horror verdadeiro, ao cair a cidade em um ambiente de frio e tristeza, em silêncio e espanto, foi visto um homem gordo e baixo, com um rifle ao ombro, em passos medidos de sentinela, a andar da extremidade a outra da calçada da cadeia, montando guarda aos cadaváres nela encerrados, uns caídos sobre os outros e o rapazinho abraçado ao corpo do homem que o adotara como filho. Depois, às primeiras horas da noite, uma carroça da Prefeitura Municipal parou à porta da cadeia, a receber cadáveres que foram depositados na Matriz e em cuja porta muitos cangaceiros ficaram postados, com ordem de ninguém ali penetrar, mesmo para uma prece. Dizem que durante a hecatombe todos os poderes públicos de auxílio e defesa individuais desapareceram de Garanhuns, por estar ao lado dos criminosos, direta ou indiretamente, ou com a cumplicidade do silêncio, da inação. Não penso assim. Um cabo de polícia, Antônio Pedro de Souza, conhecido entre os companheiros pela alcunha de “Cobrinha”, apesar de não ser juiz, delegado ou cidadão de alta sociedade, foi na simplicidade do posto, as duas fitas de flanela do braço, do seu organismo franzino de sertanejo desnutrido, o herói humilde na epopéia da bravura que, em 15 de janeiro de 1917, postado à porta da cadeia, de carabina assestada, representou a majestade da Lei que ele defendeu e fez respeitar até cair morto, abraçado à arma que é

um auxílio às determinações do Direito. E foi para a cova, com o capim nascido ao alto à custa do adubo da putrefação do corpo, sem uma simples capela ou coroa, mesmo de folhas de papel ordinário, em nome de uma sociedade que o esqueceu, que não honrou a memória do único defensor da Lei! Nem ao menos, para auxílio econômico à família que deixou, os seus superiores de farda tiveram a lembrança de promovê-los, por ato de bravura, ao posto de terceiro sargento. A gratidão e a recompensa da sociedade são assim.

CAPITULO VIII

Centenário da Hecatombe de Garanhuns

Em 25 de novembro de 2015, ocupando o cargo de Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, acompanhado pelo Vice-Presidente, Audálio Ramos Machado Filho e os diretores Maxwell Bento, José de Anchieta Gueiros Viana de Barros, e os senhores Fernando Monteiro e Jackson Fitipaldi, apresentamos ao Secretário de Articulações Políticas e de Governo, Wanderley Gomes o Projeto do Centário da Hecatombe de Garanhuns. Após avaliação do Governo Municipal, o Prefeito Izaías Régis Neto, sancionou o Decreto nº 095 de 21 de dezembro de 2015 criando a Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe de Garanhuns, o Decreto seria republicado por incorreção em 05 de janeiro de 2016, e assinado pela Prefeita em Exercício, Aparecida Roseane Queiroz Quidute. No dia 10 de março de 2016, Dia de Garanhuns, em Sessão Magna no Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, são designados através da Portaria Nº 476/2016 os membros que formariam a Comissão do Memorial do Centenario da Hecatombe de Garanhuns, sendo eles: representante da Prefeitura de Garanhuns, Wilza Alexandra de Carvalho Rodrigues, José Cláudio Gonçalves de Lima, representante do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, Vereador Audálio Ramos Machado Filho, representante da Diocese de Garanhuns, Tenente Moab Teles Rocha, representante do 9º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco, Antônio Vilela de Souza, representante da Câmara de Vereadores de Garanhuns, Anselmo Fábio Barbosa Batista, representante da Câmara de Diretores Lojistas de Garanhuns, Ivanilce Rodrigues Leite, representante da Igreja Presbiteriana Central, Glauco Brasileiro de Lima, representante da Família

Brasileiro, Alba Regina de Medeiros Duarte, representante da família Ivo e Luís Afonso de Oliveira Jardim, representante da família Jardim.

Os trabalhos da Comissão iniciaram no dia 16 de abril de 2016, sendo o autor deste livro escolhido pelos membros para ser o Presidente da Comissão, nas seis reuniões que aconteceram posteriormente, várias atividades foram delineadas, sendo realizada a cerimônia de entrega dos quadros dos Ex-Prefeitos vítimas na Hecatombe, e que passaram a fazer parte da galeria dos Ex-Prefeitos na Prefeitura de Garanhuns, Palácio Celso Galvão, exposições e visitas as famílias. No dia 11 de outubro foi aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado, o requerimento Nº 2387 de autoria do Deputado Claudiano Martins Filho, que requereu a Mesa do Plenário uma Sessão Solene pelo registro do Centenário da Hecatombe de Garanhuns. A Sessão Solene não aconteceu, mas ficou registrado nos Anais da Assembleia Legislativa do Estado, A Hecatombe de Garanhuns como um dos fatos históricos de maior repercussão do interior de Pernambuco.

Em 10 de janeiro de 2017 a Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe inícou a programação do Centenário da Hecatombe. As palestras aconteceram no Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, sendo ministradas pelo Vereador Audálio Ramos Machado Filho, escritor Antônio Vilela de Souza, escritor José Claúdio Gonçalves de Lima e o escritor Geraldo Ferraz de Sá Torres Filho, neto do Tenente Theophanes Ferraz Torres. O 9º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco com sede em Garanhuns homenageou o Cabo Cobrinha, os soldados mortos, o Sargento Pedro Cavalcanti Malta e o Tenente Theophanes Torres, solenidade que aconteceu na noite em que o escritor Geraldo Ferraz realizou a sua palestra.

No dia 15 de janeiro, data do Centenário da Hecatombe de Garanhuns, ás 07 horas, em memória as vítimas da Hecatombe de Garanhuns, na Praça em frente ao Palácio Celso Galvão, a

bandeira do Município foi hasteada a meio mastro, ato que se repetirá a cada 15 de janeiro pelo Poder Executivo e demais Repartições Públicas da cidade, de acordo com o Projeto de Lei N° 126 de 23 de novembro de 2016 de autoria do Vereador Audálio Ramos Machado Filho, aprovada pela Câmara de Vereadores de Garanhuns e Sancionada pela Lei Nº 4352 de 05 de janeiro de 2017 pelo Prefeito de Izaías Régis Neto. A programação teve como segundo evento a Caminhada da Paz, que saiu do Parque Euclides Dourado e seguiu pelas ruas de Garanhuns até a Praça Irmaõs Miranda, no centro da cidade. Na loja de Atendimento da Compesa, prédio da antiga cadeia. O radialista Fernando Monteiro Sobral cerimonialista da solenidade explicou inicialmente os objetivos do evento, em seguida fizeram uso da palavra à senhora Ivone Batista Xavier, Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, o Presidente da Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe, José Cláudio Gonçalves de Lima, Dr. Igor de Oliveira Galindo, Gerente da Unidade de Negócio da Compesa do Agreste Meridional, Vereador Audálio Ramos Machado Filho e o Prefeito em Exercício, Haroldo Vicente. Antes do descerramento da placa e pronunciamentos foi executado o Hino de Garanhuns e o toque de silêncio. Na sequência foi descerrada a placa pelo Gerente da Compesa, Presidente da Comissão e Prefeito em Exercício. Duas integrantes dos Amigos Caminhantes do Parque plantaram duas mudas no jardim da antiga cadeia. Terminada a cerimônia, a Câmara de Diretores Lojistas ofertou um café da manhã a todos os presentes. Ás 10 horas foi realizado o culto na Igreja Presbiteriana Central pelo Pastor José Hugo Oliveira do Carmo e ás 19h30 a programação foi encerrada com a missa na Catedral de Santo Antônio celebrada pelo Padre Roberto Bezerra da Rocha Junior.

Através do requerimento nº 015/1º de 01 de fevereiro de 2107 de autoria do Vereador Audálio Ramos Machado Filho, sub escrito pelos vereadores (a): Afra Betânia de Oliveira

Monteiro, José Ary Souto Leal Junior e Zaquel Naum Lins, foi consignado nos anais do Poder Legislativo Muncicipal, Voto de Aplausos á Comissão do Memorial da Hecatombe, pelos relevantes serviços prestados ao resgate da História de Garanhuns e aprovado pelos demais vereadores: Presidente Carla Patrícia Gomes de Oliveira, Luzia Cordeiro da Silva Souza, Gerson José de Carvalho Souza Fiho, Mário dos Santos Campos Junior, Cláudio Humberto Bispo Triunfo, Alcindo de Melo Correia, Givanildo da Silva de Lima, Daniel da Silva e Antônio Ferreira da Silva.

No dia 08 de fevereiro, ás 16 horas, em Sessão Ordinária, no Plenário da Câmara de Vereadores de Garanhuns, a Presidente da Casa Raimundo de Morais, Vereadora Carla Patrícia Gomes de Oliveira, atendendo a solicitação do Vereador Audálio Ramos concedeu espaço para o registro dos trabalhos realizados pela Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe de Garanhuns. Representando a Comissão, o autor deste livro, ressaltou na Tribuna do Plenário Álvaro Brasileiro Vila Nova os eventos realizados pela Comissão, historiou a vida dos principais personagens políticos envolvidos no episódio da Hecatombe e suas contribuições para o desenvolvimento econômico, político e social de Garanhuns. Enfatizou a resistência heroica do Cabo Cobrinha, Sargento Pedro Malta e dos soldados na defesa da cadeia, como também a atuação do bravo Tenente Theophanes Torres em pacificar a cidade, evitando o incêndio das casas comerciais dos adversários de Júlio Brasileiro e sendo implacável na prisão de vários criminosos que atacaram a cadeia. Finalizamos a oratória com o texto: “Uma Invasão de Amor e Paz”.

UMA INVASÃO DE AMOR E PAZ

Há cem anos uma caminhada comandada por homens que não nutriam em seus corações os sentimentos de amor, perdão e piedade, eram passos ferozes em direção a cadeia pública de Garanhuns. Local onde seis personalidades políticas e um jovem estavam sobre proteção policial em um quarto, seis personalidades do 2º escalão nos corredores, três presos comuns em uma das celas, em outra cela, uma semente ardilosa que foi plantada, uma criança que passeava inocentemente pelos corredores para abraçar o pai e mais seis militares, homens que não eram juízes, delegados ou oficiais do Exército, mas que ali estavam para honrar a sua missão e fitas. Todos ali confiantes nas palavras de um delegado, que em épocas diferentes, agiu igualmente em seu tempo como Judas na Última Ceia, abandonou seus companheiros de fardas e tudo que lhe foi ensinado. Um Cabo destemido que dá a sua vida pelo próximo, sons explosivos, que não anunciam uma data festiva, um Cônego que surge com um crucifixo, mas as suas sementes caem em rochas, lágrimas mirins, adultas e idosas que molham o verde vale. Um trem que entra na estação, um Tenente que comanda uma pequena força, seu nome é coragem, seu sobrenome bravura.

Noite de Luto, rostos e corações de luto.
Oh! Garanhuns, mães de todos.
Enlutaste-te também.
E choraste com a tua fina garoa
Os filhos que já não tens.

Cem anos depois uma caminhada, comandada por conterrâneos e abraçada por filhos e filhas de cidades amigas. Um século e uma nova invasão aquela edificação, desta vez, uma invasão de amor, de respeito á memória, de solidariedade e celebração da paz.

Brasileiro, Miranda, Ivo, Veloso, Borba, Souza, Maciel, Oliveira, Dias, Cabral. Famílias que fizeram história e com as novas gerações farão sempre florescer, pois nela existe Jardim.

Autor: José Cláudio Gonçalves de Lima

Texto lido na Palestra: Hecatombe de Garanhuns – Interpretação Baseada na Política Salvacionista, ocorrida no Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns no dia 12 de janeiro de 2017.

Considerações Finais

A Hecatombe de Garanhuns, um dos fatos mais marcantes da historiografia garanhuense e pernambucana, têm sido alvo de constantes debates em diferentes vertentes históricas, obras publicadas em determinada tendência historiográfica buscam elucidar e fundamentar as razões que desencadearam uma das maiores tragédias políticas do interior de Pernambuco.

A Hecatombe de Garanhuns já foi analisada sobre os aspectos econômicos, políticos e sociais, a qual apresenta como resposta a luta de uma oligarquia conservadora rural contra uma oligarquia progressista, representada pelos principais comerciantes da cidade.

Durante mais de uma década de pesquisas, reconhecendo que a História e os historiadores analisam, interpretam e apresentam novas perspectivas e versões de um fato histórico, os estudos que realizei sobre o tema, buscando encontrar o móvel para os trágicos acontecimentos em Garanhuns em janeiro de 1917, as pesquisas me apontaram para uma leitura das mudanças na política nacional, embora essas mudanças não tenham alterado o domínio das oligarquias, havendo apenas a troca nos Estados de uma oligarquia reinante por outra, o que consequentemente nessa conjuntura política as cidades interioranas também tiveram a chefia de novos grupos políticos.

A Política das Salvações implantada pelo presidente Hermes da Fonseca, tendo como principal objetivo a substituição de várias oligarquias estaduais e a centralização do poder central, trará um novo cenário para Pernambuco com a derrubada do Senador Rosa e Silva, que embora vença as eleições em 1911, o General Emídio Dantas Barreto com o apoio do Presidente, do Exército e de grupos populares é reconhecido Governador de

Pernambuco pela Assembleia Legislativa, após a anulação de diversas urnas e inversão do número de votos.

Nesse período o domínio político de Garanhuns estava centralizado nas mãos dos Jardinistas, tendo como chefe político Manoel Antônio de Azevedo Jardim, que elegera em 10 de julho de 1910 para prefeito Antônio Isaac de Macedo, que renunciou pouco depois de ter assumido, sendo realizada nova eleição em 22 de março de 1911, quando foi eleito sem oposição Argemiro Tavares de Miranda.

A eleição para governador que aconteceria em novembro de 1911 e que trazia o enfrentamento nas urnas entre os Dantistas e Rosistas, oportuniza o fortalecimento da oposição em Garanhuns, enquanto os Jardins apoiavam o senador Rosa e Silva, a oposição tendo como principais representantes, Antônio Isaac de Macedo, Thomaz da Silva Maia, Jácome de Matos Coelho Sampaio, Júlio Eutímio da Silva Brasileiro e Antônio Souto Filho faziam campanha para o General Dantas Barreto.

A vitória do General Dantas Barreto consolida a derrubada da oligarquia Rosa e Silva em Pernambuco, consequentemente torna inevitável a queda do Jardinismo em Garanhuns, fato que ocorre com a renúncia de Argemiro Tavares de Miranda em fevereiro de 1912, motivada por perseguições políticas. A sua renúncia estabelece uma nova ordem política em Garanhuns, tendo como chefe político o Coronel Júlio Brasileiro, que contando com o apoio do Dr. Antônio Souto Filho, oficial de gabinete do Governador do Estado, vence o Coronel Hemetério da Silva Souto, partidário dos Jardins, na eleição de 30 de março de 1912.

Os Jardinistas conhecedores do poder instituído, e de possíveis retaliações, podendo ocorrer situações mais graves, inclusive mortes, decidem estrategicamente recuarem e observarem esse novo cenário político.

A oposição Jardinista a chefia e orientação política do Coronel Júlio Brasileiro ressurge no governo de Manoel Antônio Pereira Borba, denúncias dos desmandos dos seus parentes e correligionários chegam aos noticiários da imprensa escrita. Diante da ruptura entre o governador Manoel Borba e Dantas Barreto, os Jardins deslumbram a oportunidade de um retorno ao poder na eleição de 1916, fato já narrado no livro e que colocam nessa disputa eleitoral novamente Julistas e Jardinistas.

O papel do Capitão Francisco Sales Vila Nova na eleição de 1916 ganha destaque pela oposição ferrenha e denúncias contra os Julistas, embora, essa oposição tenha iniciado desde que os Julistas assumem o poder político em Garanhuns. Capitão Sales Vila Nova depois do crime do Café Chile passa a ser considerado o pivô da Hecatombe de Garanhuns, mas, considerar a morte de Júlio Brasileiro o estopim para a tragédia que aconteceu no dia 15 de janeiro em Garanhuns, seria desconsiderar os fatores que desde 1911 foram decisivos no redirecionamento da política e da chefia política do município.

A eleição de julho de 1916 em Garanhuns coloca frente a frente duas forças antagônicas e uma ameaça à dominação Julista, a campanha dá o tom de como a situação não aceitaria uma derrota, o que poderia ter acontecido com a ascensão de Júlio Brasileiro em 1912, e que seus partidários concretizariam após o seu assassinato. O que estava em disputa naquela eleição era a manutenção de um controle político, embora, as manobras políticas do Governador Manoel Borba conseguiram assegurar a candidatura de Júlio Brasileiro, naquele momento inelegível, e sua vitória em 07 de janeiro de 1917 também contestada por irregularidades.

O assassinato do Coronel Júlio Brasileiro, é visto pelos Julistas como um complô político dos Jardinistas, e a vingança é urdida na concepção de uma trama realizada pelos adversários políticos, o que representava para ala Julista o retorno do

Jardinismo. A vingança acontece num contexto histórico em que o mandonismo político tem um aparato jurídico, policial e subserviência de agregados e jagunços, seguidores de uma chefia política. Diante da morte do seu chefe político, os autores intelectuais da Hecatombe de Garanhuns tem todo um contingente para acobertá-los e cumprir as suas ordens.

Nos estudos da Hecatombe de Garanhuns analisei o fato por um viés histórico, a conjuntura política nacional e sua influência nas mudanças na política local. Analisando o fator econômico me deparei, embora, em anos diferentes, com duas alas políticas dominantes, os Jardinistas e os Julistas, tendo como chefes políticos grandes proprietários de terras e empreendedores da atividade comercial, assim como os seus partidários. Essas duas representações políticas também estiveram inseridas numa estrutura política peculiar da República Velha, o coronelismo, porém, podemos dizer que o coronelismo garanhuense não foi propriamente o rural, pois o desenvolvimento econômico de Garanhuns e seu destaque cultural, influênciava os seus chefes políticos, mas como ocorria no coronelismo, à força do mandonismo ecoava em certas situações em que o controle político é ameaçado seja no município ou cidades da região onde estavam formadas alianças políticas.

A luta de uma classe comercial emergente, os Jardins, e a elite rural conservadora, Julistas, já foi analisada numa versão Marxista, a qual considero uma vertente meritória, porém, o historiador sempre interpretará um fato a partir de sua tendência historiográfica, direcionando a interpretação dos fatos históricos sobre determinada ótica de uma conjuntura e sua estruturação política, econômica e social. Sendo assim, analisando a composição política de Garanhuns durante o domínio político dos Jardins e Brasileiros, existe um poderio econômico que equiparam as duas facções políticas, e que não é fator decisivo

para estabelecer o domínio de uma ala ou outra, o que consolida a ascensão de uma direção e chefia política de um município estava estritamente vinculada ao apadrinhamento político e as alianças, foram esses os fatores determinantes para a queda do Jardinismo.

No campo cultural os principais chefes políticos Jardinistas tiveram um destaque, são notórias as participações dos chefes políticos das duas facções nas agremiações literárias, musicais, teatro, jornais e cinema, como por exemplo, Manuel Jardim e Júlio Brasileiro eram apreciadores das artes e envolvidos nas atividades culturais. Esse é mais um dos fatores que mostra que as alas políticas divergentes vivenciavam as manifestações artísticas da Belle Époque, que ambos os lados conviviam nesse ambiente de ideias, mas diferentes nas ideologias e no fazer político, no âmbito de um contexto histórico em que as oligarquias estaduais e locais presavam pela sua extensão no poder. Como foi citada em várias notas jornalísticas sobre a política de Garanhuns, era uma política de aldeia, frase que definia a briga pelo poder político do município.

A Hecatombe de Garanhuns é um fato histórico inesgotável de debates, interpretações e estudos, por ser um dos acontecimentos mais trágicos da República das Oligarquias Rurais, revelando a sua face mais truculenta. Por esta razão teve uma enorme repercussão nacional, todavia, se deu num momento de ascensão econômica e cultural de Garanhuns, onde os principais políticos responsáveis pelo seu progresso tombaram vítimas de uma estrutura política, oriunda da República das Oligarquias, a qual o Brasil no contexto da Nova Ordem Mundial, exercia um papel econômico agroexportador sob influência do imperialismo inglês, portando, é as oligarquias rurais que nesse cenário são detentoras do poder econômico e político. A política, a cultura e a economia de Garanhuns está inserida nesse contexto histórico e geográfico, e a Hecatombe de Garanhuns é o resultado

do fenômeno criado dentro de uma estrutura politica denominada Coronelismo.

A Hecatombe de Garanhuns é um dos fatos mais marcantes da República Velha, por mostrar a face do Coronelismo, revelando o mandonismo político, as formas de dominação do curral eleitoral, o apadrinhamento e as disputas pelo poder político. É um fato histórico singular em relação a Canudos e a Revolta do Contestado, mas faz parte de um contexto de um período histórico do Brasil, marcado pelo domínio das oligarquias e pelo poder dos coronéis.

O autor.

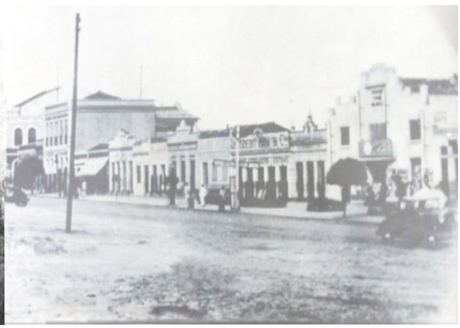
Caderno Iconográfico

Rua Larga ou Rua de Terra, atual Avenida Santo Antônio.









Estação Great Western









Juiz de direito Luiz Afonso de Oliveira Jardim Secunda Ferraz Jardim





Coronel Antônio Cesário da Silva Brasileiro e esposa Maria Pinheiro da Silva Brasileiro

Candidatos das eleições a prefeito e subprefeitos de Garanhuns em de 1916



Coronel Júlio Brasileiro (Prefeito)



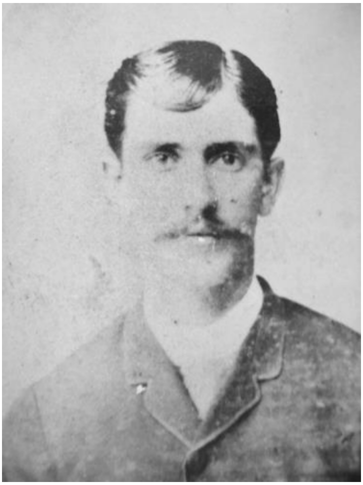
Thomaz da Silva Maia (Subprefeito)



Dr. José da Rocha Carvalho (Prefeito)

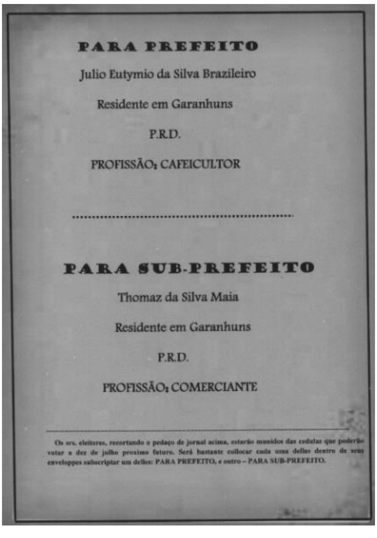


Dr. Antônio Borba Junior (Subprefeito)





Júlio Brasileiro. *Cartaz do Coronel Júlio Brasileiro*



PARA PREFEITO

Julio Eutymio da Silva Brazileiro

Residente em Garanhuns

P.R.D.

PROFISSÃO: CAFEICULTOR

PARA SUB-PREFEITO

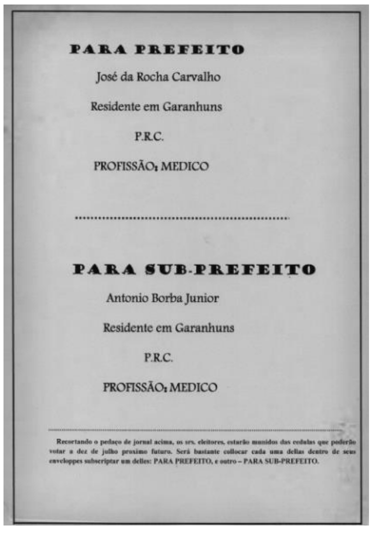
Thomaz da Silva Maia

Residente em Garanhuns

P.R.D.

PROFISSÃO: COMERCIANTE

Os srs. eleitores, recortando o pedaço de jornal acima, estarão munidos das cedulas que poderão votar a dez de julho proximo futuro. Será bastante collocar cada uma dellas dentro de seus enveloppes subscriptar um delles: PARA PREFEITO, e outro – PARA SUB-PREFEITO.



PARA PREFEITO

José da Rocha Carvalho

Residente em Garanhuns

P.R.C.

PROFISSÃO: MEDICO

PARA SUB-PREFEITO

Antonio Borba Junior

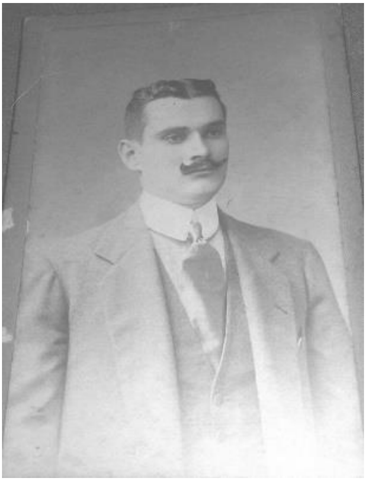
Residente em Garanhuns

P.R.C.

PROFISSÃO: MEDICO

Recortando o pedaço de jornal acima, os srs. eleitores, estarão munidos das cedulas que poderão votar a dez de julho proximo futuro. Será bastante collocar cada uma dellas dentro de seus enveloppes subscriptar um delles: PARA PREFEITO, e outro – PARA SUB-PREFEITO.

Cédulas eleitorais para eleição de 10 de julho de 1916 em Garanhuns, publicadas no Jornal do Recife nos dias 9 e 12 de junho de 1916.

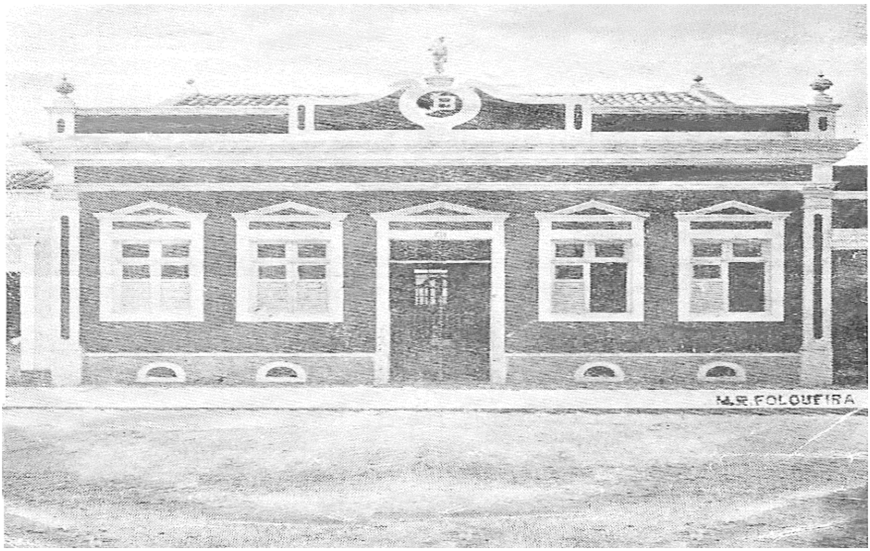
Eutíquio Brasileiro Capitão Sales Vila Nova e Melo.

Major Sátiro Ivo *Tenente-Coronel Francisco Veloso*



Fazenda Brasileiro em Brejão no ano de 1915.



Residência de Júlio Brasleiro, atuais prédio da Narciso e Pastelo



Capitão Sales Vila Nova, D. Francisca Primitiva e Família.



Praça da Independência no Recife onde aconteceu o crime do Café Chile



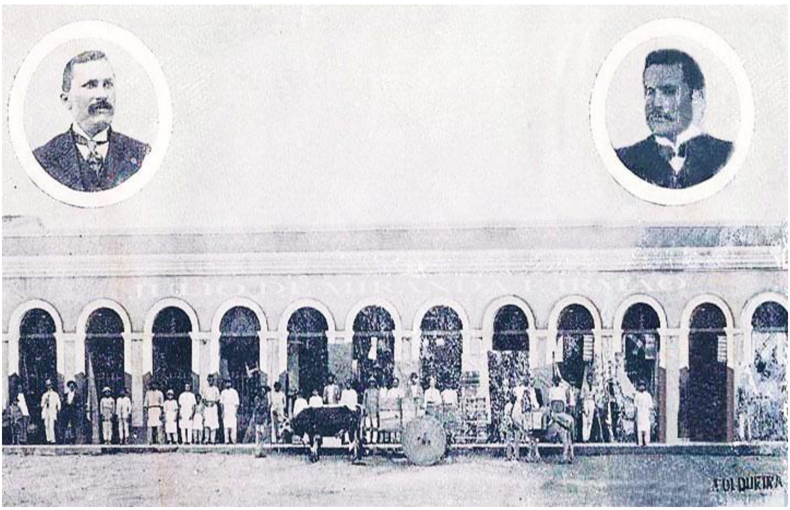
Gravura artista plástico Espedito Dias



Coronel Júlio Brasileiro no necrotério do cemitério de Santo Amaro em Recife



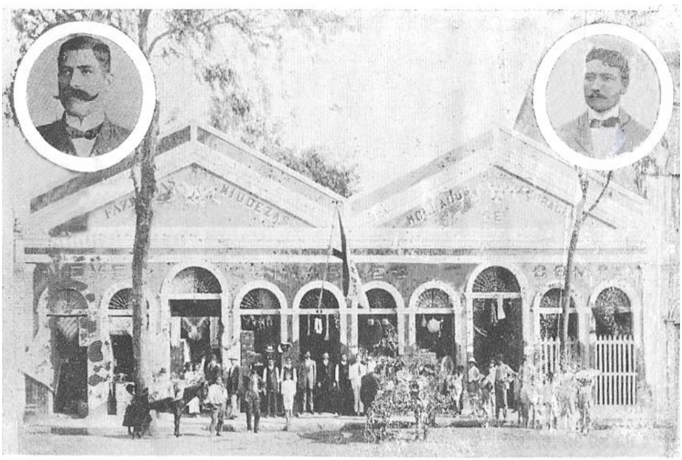
Revista O Malho – Ano XVI – Rio de Janeiro - Edição de 20 de janeiro de 1917, nº 749, página 20.



Casa Bela Aurora dos irmãos Júlio e Argemiro Miranda.



Capitão Sales Vila Nova fotografado na prisão, deixando ver as equimoses produzidas no braço e cintura devido à surra que levou em Garanhuns.



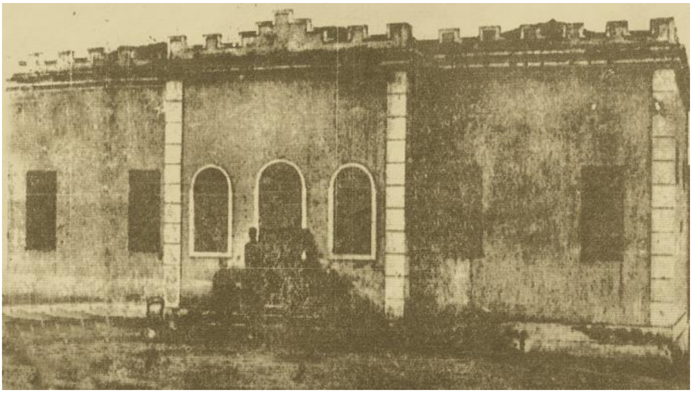
Armazém das Dez Portas, de Neves Guimarães & Cia. À direita Thomaz Neves Zuzart e a esquerda Bernardino Ferreira, sócios da firma.

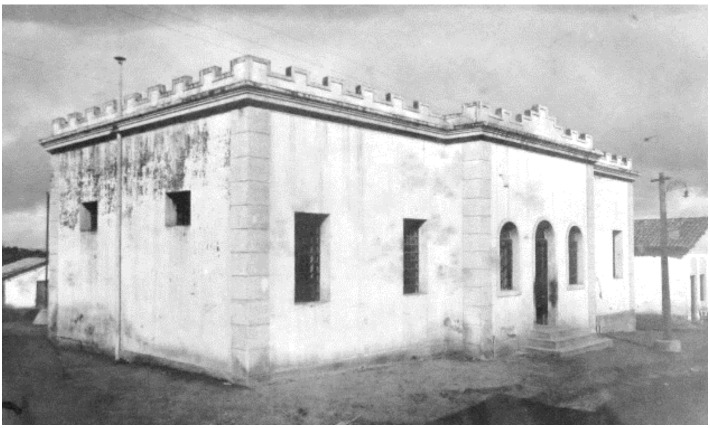


Rua do Jatobá (Praça Jardim) onde ficava a casa de Argemiro Miranda, última à direita.



Hotel Mota. O seu proprietário era Vicente Dantas Filho, neste hotel o Dr. Rocha Carvalho residia e atendia os hóspedes (atual Praça Dom Moura).

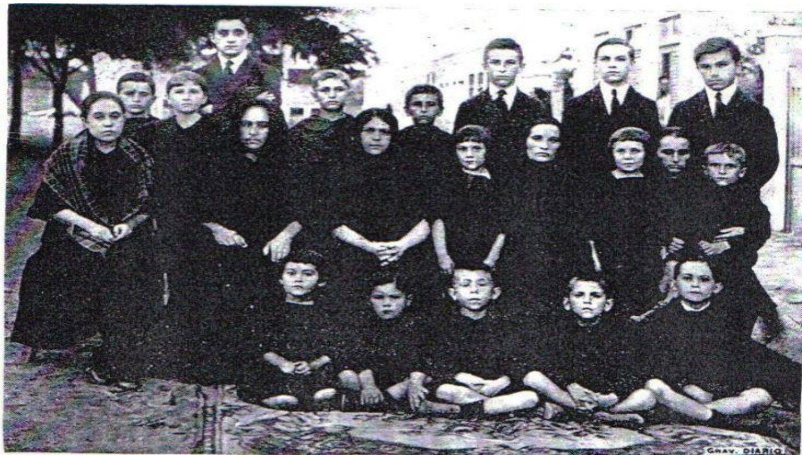




Cadeia de Garanhuns que ficou conhecida na Hecatombe de Garanhuns como o Matadouro e o Pelourinho da Vingança (prédio da Compesa na atual á Praça Irmãos Miranda). Foi construída em 1904 na gestão do prefeito Francisco Veloso da Silveira e desativada em 1923.



Vítimas da Hecatombe de Garanhuns (foto da missa de 30º dia publicada no Diário de Pernambuco).



Primeiro Plano (Sentados): *Maria do Carmo Ivo, Nizan de Oliveira Ivo, Arnaldo de Miranda, Argemiro de Miranda Filho e Sátiro Ivo Junior.*

Segundo Plano: *Senhorita Maria do Carmo Jardim, D. Angélica Jardim (Viúva do Coronel Manuel Jardim), D. Mirandolina de Miranda (Viúva de Argemiro Miranda), Inayá de Oliveira Ivo, D. Maria Clotilde de Oliveira Ivo (Viúva do Major Sátiro Ivo), Alba Ivo, D. Ignez Guilherme de Miranda (Viúva do Capitão Júlio de Miranda) e Delmiro Guilherme de Miranda.*

Terceiro plano (em pé): *Luiz Guilherme de Miranda, Maria José de Miranda, Luiz Ignácio de Miranda Jardim, Theotonio de Miranda, João Guilherme de Miranda, Pedro Guilherme de Miranda, José Guilherme de Miranda, Carlos Guilherme de Miranda.*

Faltou à viúva do Tenente-Coronel Francisco Veloso, Alexandrina Jardim.

Revista O Malho – Ano XVI – Rio de Janeiro - Edição de 26 de fevereiro de 1917, nº 750, página 44.

Coronel Manuel Jardim e sua esposa Angélica Aurora de Miranda



Maria do Carmo Jardim



Clotilde Ivo e Major Sátiro Ivo

ESTUDANTES DA BAHIA



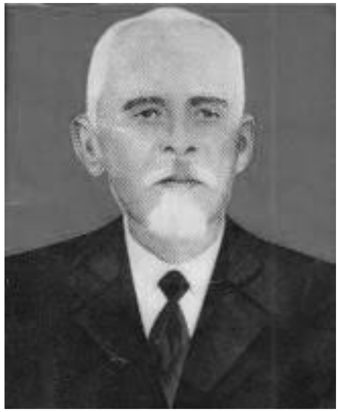
Alumnos do V anno medico da Faculdade de Medicina da Bahia: — Antonio Borba Junior, José Carlos Primo, Francisco Nogueira Filho e Annibal M. Silvany.

Dr. Borba Junior o primeiro sentado a esquerda. Revista O Malho 24/08/1912.



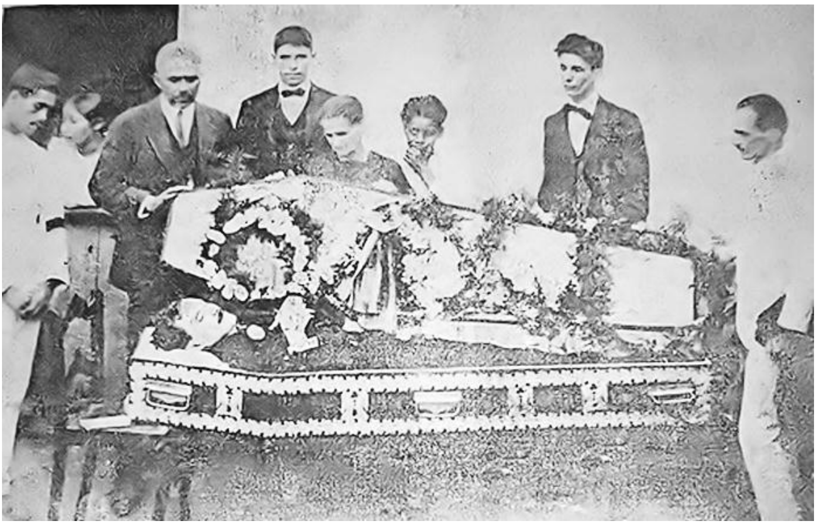
Cônego Benigno Lira





Comandante José Novaes

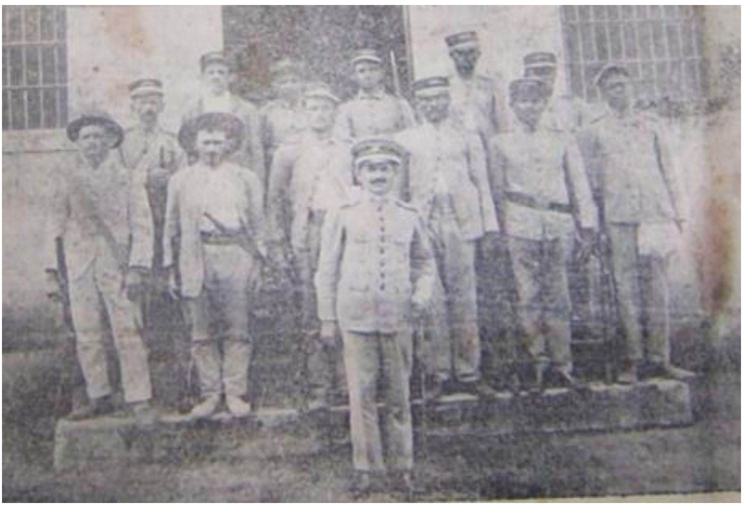
Capitão Américo Ferreira de Melo



Funeral do Doutor Borba Junior, ao lado do caixão, Doutor Rocha Carvalho, sua tia e dos dois primos.



Criminosos que invadiram a cadeia presos pelo Tenente Theophanes Torres.



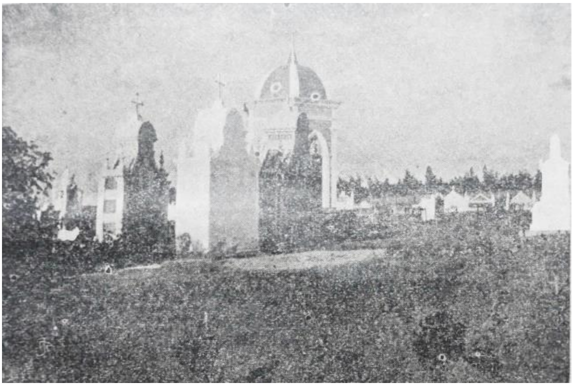
Tenente Eulino Serafim de Mendonça e força policial que matou o jagunço Caju.



Jagunço Caju morto pela força do Tenente Eulino Mendonça.



Ao centro do Dr. José Francisco Ribeiro Pessoa, a direita Dr. Severino Tavares Pragana, Promotor Público e a esquerda o Dr. João Paulo Nunes de Mello, Escrivão da Repartição Central da polícia.



Cemitério onde foi enterrado o Coronel Júlio Brasileiro, as vítimas da hecatombe, os soldados e jagunços.

Sobreviventes do ataque à cadeia



Theotônio Tavares de Miranda (Bibi)



Sargento Pedro Cavalcanti Malta

Jesuíno Veras



Jesuíno Veras



Soldado Pedro Antônio Dias.
Foto Tirada no Hospital Pedro II em Recife.



Soldado Manoel João de Oliveira
Foto tirada no Hospital Pedro II.



Antônio de Melo Dantas



Coronel Vicente Dantas



Juiz Abreu e Lima





Leopoldo Lins e esposa Hermínia Lins (irmã de Júlio Brasileiro)



Juiz Paulo Tacio Silva



Tenente Theophanes Torre





Dr. Brito Alves *Manoel Henrique Wanderley*



Comissão Pró-flagelados da seca de 1915 em frente ao Paço Municipal. 2ª fila após as mulheres, cônego Benigno Lira e ao seu lado Capitão Sales Vila Nova. Revista O Malho, Ano XIV, nº 680, 25 de setembro de 1915. Rio de Janeiro.



Capitão Sales Vila Nova, em pé a direita de branco, anos depois da Hecatombe de Garanhuns.



Jornal Pequeno, 10 de setembro de 1953. Última entrevista do Capitão Sales Vila Nova

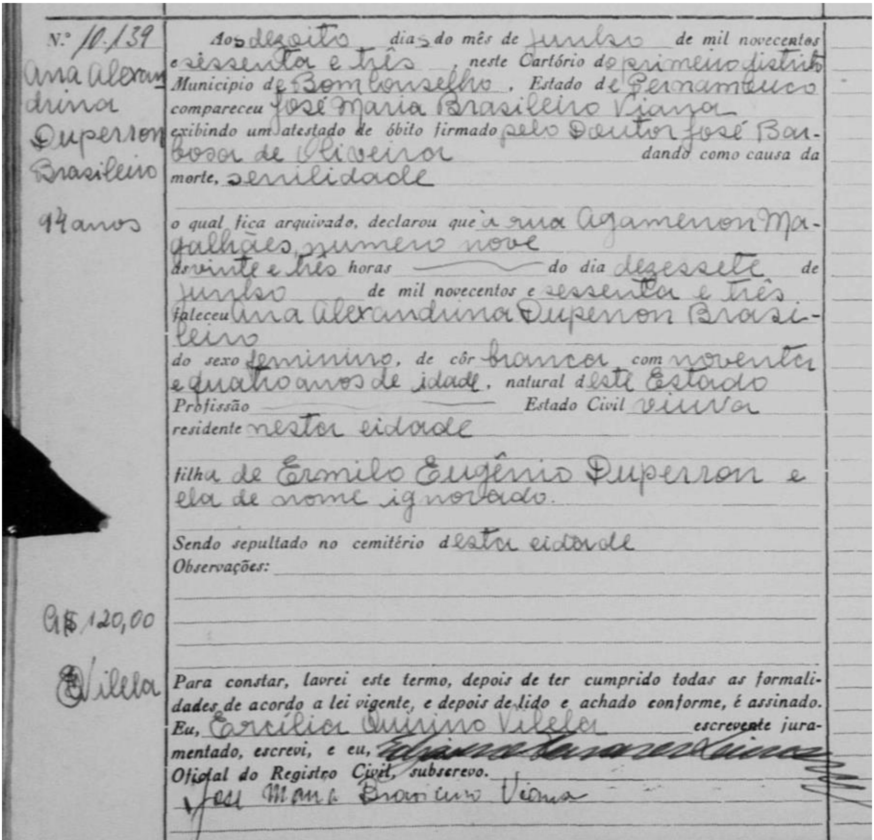


Ismênia de Barros Calado



Coronel Hemetério Souto e esposa Elvira Souto

Certidão de óbito de Ana Alexandrina Duperron Brasileiro (18 de junho de 1963 - Cartório Civil de Bom Conselho/Pernambuco)



N.º 10.139

Ana Alexandrina Duperron Brasileiro

94 anos

Aos dezoito dias do mês de junho de mil novecentos e sessenta e três, neste Cartório do primeiro distrito Município de Bom Conselho, Estado de Pernambuco compareceu José Maria Brasileiro Viana exibindo um atestado de óbito firmado pelo Doutor José Barbosa de Oliveira dando como causa da morte, senilidade

o qual fica arquivado, declarou que à rua Agamenon Magalhães, numero nove às vinte e três horas do dia dezessete de junho de mil novecentos e sessenta e três faleceu Ana Alexandrina Duperron Brasileiro do sexo feminino, de côr branca com noventa e quatro anos de idade, natural deste Estado Profissão — Estado Civil viuva residente nesta cidade

filha de Ermilo Eugênio Duperron e ela de nome ignorado.

Sendo sepultado no cemitério desta cidade

Observações:

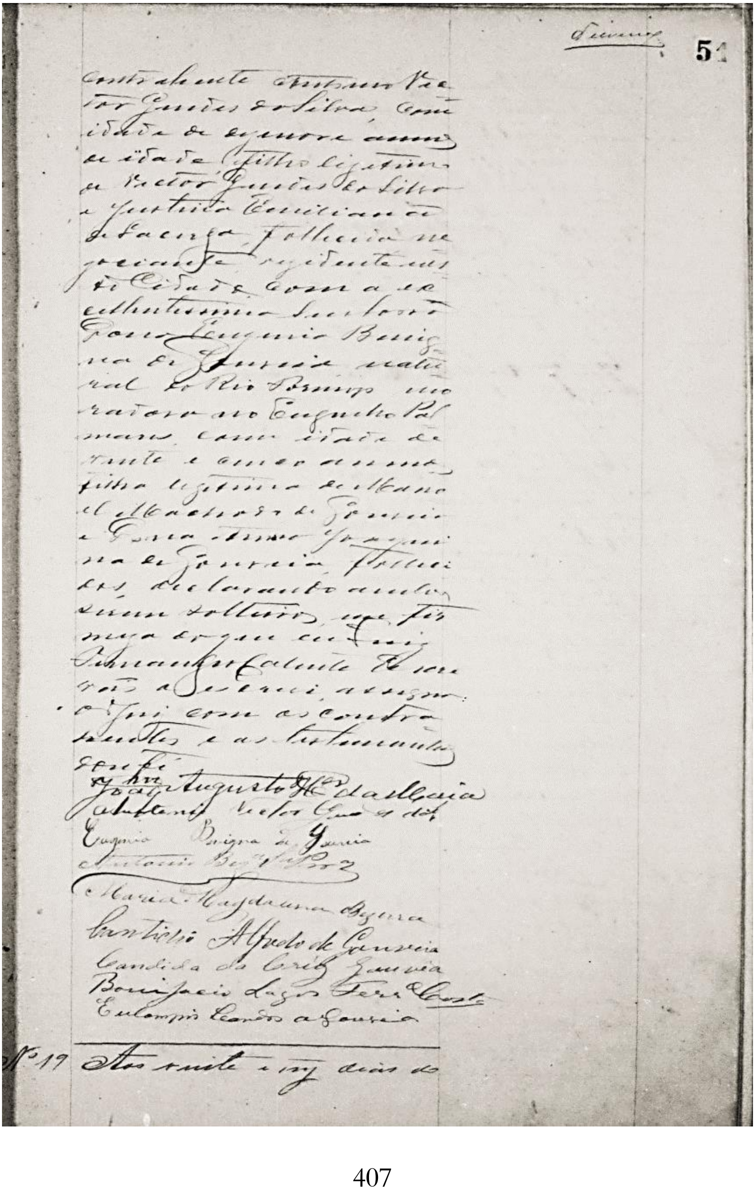
Cr$ 120,00

E. Vilela

Para constar, lavrei este termo, depois de ter cumprido todas as formalidades de acordo a lei vigente, e depois de lido e achado conforme, é assinado. Eu, Emilia Quirino Vilela escrevente juramentado, escrevi, e eu, [assinatura] Oficial do Registro Civil, subscrevo.

José Maria Brasileiro Viana

Certidão de Casamento do Coronel Júlio Euthymio da Silva Brasileiro e Anna da Franca Duperron (23 de maio de 1891- Cartório Civil de Palmares/Pernambuco)



51

contrahente Antonio Vic
tor Guedes da Silva com
idade de dezenove annos
de idade, filho legitimo
de Victor Guedes da Silva
e Justina Emiliana da
da França, fallecida, ne
gociante residente nes
ta Cidade, com a ex
cellentissima senhora
Dona Eugenia Benig
na de Gouveia natu
ral do Rio Formoso mo
radora no Engenho Pal
mares, com idade de
vinte e um annos,
filha legitima de Manu
el Machado de Gouveia
e Dona Anna Joaqui
na de Gouveia, falleci
dos, declarando ambos
serem solteiros, que fir
ma [illegible]
[illegible]
[illegible], assigno
o Juiz com os contra
hentes e as testemunhas
...

João Augusto H. da Maia
Antonio Victor Guedes da Silva
Eugenia Benigna de Gouveia
Antonio Bez. [illegible]
Maria Magdalena Bezerra Cavalcanti
Alfredo de Gouveia
Candida da Cruz Gouveia
Bonifacio Lagos Ferr. Costa
Eulampio Leandro de Gouveia

Nº 19 Aos vinte e tres dias do

mez de Maio de mil e
oito centos e noventa e
um, nesta Cidade de
Palmares, freguezia de
Nossa Senhora dos Mon
tes, pelas seis horas da
tarde, á Rua da Boa
Vista na Caza nume
ro vinte e nove, de
propriedade do Tenente
Coronel Joaquim Lucio
Monteiro da Franca
onde achamado foi
vindo o primeiro Juiz
de Paz deste primeiro Dis
tricto Capitão Joaquim
Augusto Xavier de Maci
[illegible] Escrivão abai
xo nomeado, ahi pre
sentes as testemunhas
deste acto o Capitão José
David Madeira e sua
Excellentissima Senhora
Dona Maria Ruperciana
Madeira, receberão se
em matrimonio os con
trahentes Julio Euthimio
da Silva Brazileiro, com vin
te e cinco annos de idade,
natural deste Estado, ne
gociante residente na
Comarca de Garanhuns,
filho legitimo do Tenente
Coronel Antonio Cezario
da Silva Brazileiro e sua
mulher Maria Piedade
da Silva Brazileiro, mora
dor nesta Cidade e a
segunda Felicidade com
a Excellentissima Senhora

Leivinjo

52

Dona Anna de França Duperron, com vinte e tres annos de idade natural deste Estado filha legitima de Manuello Benjamin Luiz Duperron e Anna de França Duperron fallecidos declarou mais ambos serem solteiros, sem filhos. Em firmeza do que Eu Luiz Fernandes Colinto escrevi o Registro para este acto que vai pelo Juiz assignado com os contrahentes e testemunhas a tudo presentes.

João Augto. Nunes da Maia
Julio Eutholemio da Sa. Brasileiro.
Anna de França Duperron.
João David Mad
Maria Duperron Madeira.
Severiano do Rego Chaves Pizol
Antonio Cesario da Sa.
João Cancio Ferreira de Sa.
Jose Manl. do Ferreira
Jose Mariano Cavalcante
Joaquim Leciliano da Sa. Barros
Affonso Mariano Cavalcante.
Florencio de Sa.



Comissão do Memorial do Centenário da Hecatombe
Da esquerda para direita: Antônio Vilela, Audálio Ramos, Cláudio Gonçalves, Dr. Luís Afonso Jardim, Dra. Alba Regina, Wilza Alexandra, Ivanilce Rodrigues, Glauco Brasileiro e Tenente Moab Teles.



Claudio Gonçalves, escritor Geraldo Ferraz e o Presidente do IHGG, Anchieta Gueiros



Pronunciamento do autor no descerramento da Placa



Descerramento da Placa (Dr. Igor Galindo, à esquerda, gerente dna loja de Atendimento da Compesa (antiga cadeia), Cláudio Gonçalves, centro, e o prefeito em Exercício, Haroldo Vicente, a direita).



Descerramento da Placa



Placa do Centenário da Hecatombe



Culto na Igreja Presbiteriana Central



Missa na Catedral de Santo Antôni

Bibliografia

Processos:

Ribeiro Pessoa, José Francisco. Relatório nos autos do inquérito sobre a Hecatombe de Garanhuns Ocorrido no dia 15 de janeiro de 1917, confeccionado e apresentado ao Superior Tribunal do Estado de PE, perante o qual corre sumário da culpa dos responsáveis, pelos crimes ali praticados. Imprensa Industrial. Recife – 1917.

Oliveira, Abdias de. A Hecatombe de Garanhuns. Relatório apresentado pelo Desembargador ao Superior Tribunal de Justiça e taquigrafado pelo representante do "Jornal do Recife". Pernambuco, 1918, 32 págs. in 12º. Tipografia do "Jornal do Recife". Tipografia do Jornal do Recife. Recife – 1918.

Casa de Detenção do Recife – Arquivo Público do Estado de Pernambuco (1916 – 1926)

Promotoria Pública da Comarca de Madre de Deus/PE – Relatório nos autos do inquérito sobre a morte do Cônego Benigno Lira no dia 28 de agosto de 1941.

Revistas:

Álbum de Garanhuns (1923)
Almanaque de Garanhuns (1937)
O Malho (1917)
JORNAIS:
Jornal A Província
Jornal do Recife
Jornal Pequeno
Jornal Diário de Pernambuco
Jornal a Noite
Jornal O Monitor (Garanhuns).

Outras Publicações:

Garanhuns – Ad Altiore Tendere – Prefeitura Municipal de Garanhuns – 1979.
Diário de Pernambuco (Caderno Especial) – "Crimes que abalaram Pernambuco" – O sangue começou a correr na Praça da Independência. Recife 25 de junho de 2001.
Folha de Pernambuco (Caderno Especial) – "Os crimes mais pavorosos do passado". Recife, 30 de setembro de 2001.
Jornal do Commércio (Caderno Especial). Pernambuco Imortal – Personagens. Brasil 500 anos. Os Anos 20. Número 13. 2000.
Diário de Pernambuco (Caderno Especial) Pernambuco são outros 500. Fascículo l3, "Pernambuco". São outros 500. 2000.

Depoimentos:
Lanuza Ivo Ubirajara.
Luis Afonso de Oliveira Jardim
José Maria Brasileiro Viana
Muze Alves Bittencont
Paulo Ubiratã Alves
José Batista dos Santos
Maria Iza Calado dos Santos
Ismênia de Barros Calado
Geruza Deletieri Mota Lessa
Mons. José da Silva Aragão.
Mons. Adelmar da Mota Valença. CD "Com a palavra Monsenhor Adelmar". Setembro/2002.
Luis Dourado Brasileiro
Luisa Gomes Brasileiro
José Rodrigues de Freitas
Jornalista Ulisses Pinto
Jornalista Humberto de Morais

Asnar da Mota Valença
José Tiburcio da Silva (Gravação feita pelo seu neto Elias Fidelix)
Hermilo Brasileiro, bisneto de Ana Duperron.

Livros:

Santos, Mário Márcio de Almeida "Anatomia de uma Tragédia: A Hecatombe de Garanhuns". Recife; CEPE, 1992.
Cavalcante, Alfredo Leite. História de Garanhuns. Recife. Centro de Estudos de História Municipal 1983.
Costa Porto, José da. Os tempos de Dantas Barreto. Recife. Universidade Federal, 1973.
Oliveira Dias, João de Deus. A Terra dos Garanhuns. Garanhuns – PE, 1954.
Silva Rego, Alberto da. Os Aldeões de Garanhuns. Recife. Centro de Estudos de História Municipal,1987.
Álbum de Garanhuns, obra de iniciativa exclusivamente particular por Abdisio Vespasiano e Álvaro Lemos – 1923.
Souto Malheiros. Gerusa. Memórias de Amor. Recife. Composto e impresso na escola D. Bosco de Artes e Ofício.
Vieira, Alfredo. Garanhuns do meu Tempo. Recife. Gráfica Recife Editora, 1981.
Ferreira, Pinto. Os Pinto Ferreira de Portugal, Os Lins de Rio Formoso e os Brasileiros de Garanhuns. Edição da Academia Pernambucana de Letras. Recife 1979.
Blake Sacramento, Augusto Victorino. Diccionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1895. Dr. Hermillo Duperron, página 242.
Silva Aragão da. Mons. José. Flor de Martírio. Serviços técnicos Ltda. Recife, 1999. Reverencial a Memória do cônego Benigno Lira, no 50º aniversario do seu nascimento.
Jardim, Luiz – Meu pequeno Mundo (Memórias). RJ. Livraria Editora José Olympo.

Batista, Helio – Recife Sangrento. Recife/PE . Gráfica Recife Editora, 1953.
Helio, Mario e Bruscky, Paulo. Vida, arte, palavra, perfis de Luiz Jardim. Recife. FUNDARPE, 1998
Decca de Maria Auxiliadora Guzzo. Indústria, trabalho e cotidiano, Brasil l880 a 1930. SP. Atual, 1991.
Fonseca, Idelfonso. Antonio Souto Filho. "A essência do político no frasquinho de veneno". Recife. Perfil parlamentar século XX. Vol. 3 – 200l. Assembléia Legislativa de Pernambuco.
Dourado Souto. Garanhuns ano 100. Coleção Depoimentos. Vol. 17, Editora do Escritor. SP.
Ferraz de Sá Torres Filho, Geraldo. Pernambuco no Tempo do Cangaço (Antônio Silvino – Sinhô Pereira – Virgulino Ferreira "Lampião". Theophanes Ferraz Torres um Bravo Militar- 1894 – 1925 – Coleção Tempo Municipal –21. Centro de Estudos de História Municipal- Vol.1 – Recife 2003.
Gueiros Vieira, David. Trajetória de uma Família: História da Família Gueiros – Brasília, 1ª edição, 2008. Editora Nossa Livraria.
Mello, Frederico Pernambuco, Guerreiros do Sol; o banditismo no Nordeste do Brasil- Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985.
José de Siqueira Rocha, Cândido, Algodões: Seu Povo e Sua História, Sertânia-Pernambuco, Êxodus Gráfica e Editora, 2016.
LITERATURA DE CORDEL: A História da Hecatombe de Garanhuns. Gonzaga de Garanhuns- 1992

Acervo iconográfico:

Jornalista e escritor Jodeval Duarte
Luis Afonso de Oliveira Jardim
Ulisses Viana de Barros Neto (Capitão Pedro Américo)
Jornal do Recife
Revista Humorística O Malho

Acervo Hemeroteca:
Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Recife/PE.
Arquivo Público Municipal de Garanhuns.